



Julia QUINN

*Uma Noite
Como Esta*



Star Books Digital





Dedicatória

Para Iana, uma das pessoas mais fortes que eu conheço.

*E também para Paul, mesmo que eu
não entenda por que alguém
precisa de sete sacos de dormir.*

Prólogo



— Winstead, seu trapaceiro maldito!

Daniel Smythe-Smith piscou. Estava um pouco bêbado, mas achou que alguém tinha acabado de acusá-lo de trapacear nas cartas. Levou-lhe um momento para ter certeza; ele tem sido o Conde de Winstead só por um ano e, às vezes, ainda se esquecia de fazer a conexão quando alguém o chamava por seu título.

Mas não, ele era Winstead, ou melhor, Winstead era ele, e... Sua cabeça balançou. Em que estava pensando? Ah, certo.

—Não. — Ele disse lentamente, ainda bastante intrigado com a coisa toda. Levantou a mão para protestar, porque estava bem certo de não ter estado trapaceando. Na verdade, a única coisa que tinha certeza de ter feito foi a de acabar com a última garrafa de vinho. Mas não conseguiu dizer nada. Na verdade, mal foi capaz de sair do caminho quando a mesa desabou em sua direção.

A mesa? Mas que inferno, quão bêbado estava?

Com certeza a mesa já estava de lado, as cartas no chão e Hugh Prentice gritando como um lunático com ele.

Hugh devia ter bebido também.

—Não trapaceei. — Disse Daniel. Ergueu as sobrancelhas e piscou, como se o movimento pudesse remover a camada transparente de intoxicação que parecia encobrir, bem, tudo. Ele olhou para Marcus Holroyd, seu melhor amigo, e encolheu os ombros. — Não trapaceio.

Todo mundo sabia que ele não trapaceava.

Mas Hugh tinha claramente perdido a cabeça e Daniel apenas pode olhá-lo enquanto ele se levantava, acenando os braços e elevando a voz. Lembrava um chimpanzé, pensou com curiosidade. Menos a pele do animal.

—O que ele está falando? — Perguntou, para ninguém em particular.

—Sem chance de você ter tirado um Às. — Hugh protestou e cambaleou em sua direção, um de seus braços estendidos em uma acusação instável. —O Às devia ter acabado... acabado... — Ele balançou a mão em algum lugar perto de onde a mesa estava. —Bem, você não devia ter tirado um. — murmurou.

—Mas eu tirei. — disse Daniel. Não com raiva, nem mesmo defensivamente. Apenas prático, com um encolher de ombros do tipo *o-que-mais-se-tem-para-dizer?*

—Não podia ter tirado. — Hugh disse novamente. — Conheço cada carta do baralho.

Era verdade. Hugh conhecia cada carta do baralho. Sua mente era assustadoramente nítida dessa maneira. Ele podia fazer matemática em sua cabeça, também. Do tipo complicado, com mais de três dígitos e empréstimos, os livros e toda a podridão que foi forçado a praticar incessantemente na escola.

Em retrospecto, Daniel provavelmente não deveria tê-lo desafiado para um jogo. Mas ele foi à procura de diversão e, honestamente, esperava perder.

Ninguém nunca ganhou um jogo de cartas contra Hugh Prentice. Exceto, aparentemente, ele.

—Notável. — Daniel murmurou, olhando para as cartas. É verdade que agora estavam espalhadas pelo chão, mas sabia o que eram. Ele ficou tão surpreso quanto qualquer outra pessoa ficaria quando previu a mão vencedora. — Ganhei. — Anunciou, mesmo com a sensação de já ter dito isso. Ele se voltou para Marcus. — Bizarro isso.

—Você o está ouvindo?— Marcus sussurrou. Ele bateu as mãos na frente do rosto de Daniel. —Acorde!

Daniel fez uma careta, franzindo o nariz para o zumbido nos ouvidos. Realmente, foi desnecessário.

—Estou acordado. — Disse.

—Quero uma satisfação. — Hugh rosnou. Daniel olhou-o com surpresa.

—O que?

—Nomeie seus segundos.

—Você está me desafiando para um duelo? — Porque era o que parecia. Mas, novamente, ele estava bêbado. E pensou que Prentice também estava.

—Daniel. — Marcus se queixou.

Daniel se virou. —Acho que ele está me desafiando para um duelo.

—Daniel, cale a boca.

—Pfft. — Daniel fez um gesto de desdém com um aceno de sua mão. Ele o amava como a um irmão, mas podia ser tão indigesto às vezes. —Hugh. — Disse Daniel ao homem furioso na frente dele. — Não seja idiota.

Hugh avançou em sua direção.

Daniel tentou se desvencilhar, mas não foi rápido o suficiente, ambos caíram no chão. Daniel era maior que Hugh, que estava com raiva, enquanto Daniel só sentia perplexidade. Hugh deu pelo menos quatro socos antes de Daniel conseguir dar seu primeiro.

Que não conseguiu chegar ao seu destino, pois Marcus e outras poucas pessoas se interpuseram entre eles separando-os.

—Você é um maldito trapaceiro. — Hugh murmurou, lutando contra os dois homens segurando-o.

—Você é um idiota.

O rosto de Hugh escureceu. —Vou ter a minha reparação.

—Oh, não, você não vai. — Daniel cuspiu. Em algum momento, provavelmente quando Hugh bateu com o punho em seu queixo, Daniel deu lugar à fúria. —*Eu* terei a reparação.

Marcus gemeu.

—Na parte verde?— Hugh disse friamente, referindo-se ao lugar isolado no Hyde Park, onde os homens resolviam suas diferenças.

Os olhos de Daniel estavam fixos. —Ao amanhecer.

Houve um silêncio abafado enquanto todos esperavam que um ou outro recuperasse o bom senso.

Mas não recuperaram. É claro que não.

O canto da boca de Hugh inclinou-se. —Assim seja.

—Oh, droga. — Daniel gemeu. —Minha cabeça dói.

—Realmente. — Marcus disse sarcasticamente. —Nem imagino o motivo.

Daniel engoliu em seco e esfregou o olho bom. Hugh não o tinha arroxado. —O sarcasmo não fica bem em você.

Marcus ignorou. —Você ainda pode colocar um fim nisso.

Daniel olhou ao redor, as árvores ao redor da clareira, a grama verde, que se espalhava pela frente até Hugh Prentice e o homem ao lado dele, inspecionando sua arma. O sol saiu apenas dez minutos mais cedo, e o orvalho da manhã ainda se agarrava ao fôlego de cada superfície. —É um pouco tarde para isso, você não acha?

—Daniel, isso é idiotice. Você não tem que disparar nenhuma pistola. Provavelmente está ainda sentido os efeitos da noite passada. —Marcus olhou para Hugh com uma expressão alarmada. —Ele também.

—Ele me chamou de fraude.

—Não vale a pena morrer por isso.

Daniel revirou os olhos. —Oh, pelo amor de Deus, Marcus. Ele não vai realmente me matar.

Mais uma vez, Marcus olhou para Hugh com preocupação. — Não teria tanta certeza disso.

Daniel rejeitou suas preocupações com outro rolar de seus olhos. —Ele vai errar. Marcus balançou a cabeça e caminhou para encontrar o segundo de Hugh, no meio da clareira. Daniel viu como eles inspecionavam as armas e falavam com o médico.

Quem diabos pensou em levar um médico? Ninguém realmente deveria precisar de

um ali.

Marcus voltou sua expressão sombria, e entregou sua arma a Daniel. —Tente não se matar. — Ele murmurou. —Ou a ele.

—Sei o que fazer. — Disse Daniel, mantendo sua voz apenas desenvolva o suficiente para irritar Marcus como o inferno. Ele foi para sua marca, levantou o braço, e esperou a contagem de três.

Um.

Dois. Tr-

—Maldição, você atirou em mim! — Daniel gritou, olhando para Hugh com choque furioso. Ele olhou para o ombro, agora escorrendo sangue. Era apenas um ferimento muscular, mas por Deus, como doía. E foi em seu braço. —O que diabos você estava pensando? — Ele gritou.

Hugh ficou parado olhando para ele como um idiota, como se não tivesse percebido que uma bala poderia tirar sangue.

—Você é um idiota. — Daniel resmungou, levantando sua arma para atirar de volta. Ele apontou para o lado onde havia uma árvore, grossa que poderia levar um tiro, mas, em seguida, o médico chegou correndo, falando sobre alguma coisa, e quando Daniel se virou para ele, deslizou na umidade da grama e sem querer apertou o gatilho, atirando antes do que pretendia.

Droga, ele recuou ferido. — Estúpido. Hugh gritou.

A pele de Daniel se transformou em gelo, e com crescente horror, ergueu os olhos para o local onde Hugh esteve uma vez.

—Oh, meu Deus.

Marcus já estava correndo junto com o médico. Havia sangue por toda parte, muito do que Daniel podia ver, escorria pela grama, mesmo do outro lado da clareira. Sua arma escorregou de seus dedos e ele deu um passo adiante, em transe.

Meu Deus, ele tinha acabado de matar um homem?

—Traga-me minha bolsa!— O médico gritou, e Daniel deu mais um passo para frente. O que ele deveria fazer? Ajudar? Marcus já estava fazendo isso, junto com o segundo de Hugh, e além disso, não havia Daniel atirado nele?

Era isso o que um cavalheiro deveria fazer? Ajudar um homem depois de colocar uma bala nele?

—Espere Prentice! — Alguém estava pedindo, e Daniel deu mais um passo, e outro, até que o mau cheiro acobreado de sangue o assaltou como um golpe.

—Amarre apertado. — Disse alguém.

—Ele vai perder a perna.

—Melhor do que a vida.

—Temos que parar o sangramento.

—Pressione mais forte.

—Acorde Hugh!

—Ele ainda está sangrando!

Daniel escutou. Não sabia quem estava dizendo o quê, e isso não importava. Hugh estava morrendo, ali mesmo na grama, e ele fez isso.

Foi um acidente. Hugh tinha atirado nele. E a grama estava molhada. Ele escorregou. Bom Deus, eles sabiam que tinha escorregado?

—Eu... Eu... —Ele tentou falar, mas não tinha palavras, e de qualquer maneira, apenas Marcus ouviu.

—É melhor ficar para trás. — Disse Marcus severamente.

—Ele está... —Daniel tentou perguntar a única questão que importava, mas engasgou.

E então desmaiou.

Quando voltou a si, estava na cama de Marcus, um curativo enrolado ao redor de seu braço. Marcus estava sentado em uma cadeira próxima, olhando pela janela, que brilhava com o sol do meio-dia. Com o gemido de Daniel, virou-se bruscamente em direção a seu amigo.

—Hugh?— Daniel perguntou com voz rouca.

—Ele está vivo. Ou pelo menos estava da última vez que o vi. Daniel fechou os olhos. —O que eu fiz?— Ele sussurrou.

—A perna dele está uma bagunça. — Disse Marcus. —Você acertou uma artéria.

—Eu não queria. — Soou patético, mas era verdade.

—Eu sei. — Marcus virou-se para a janela. —Você tem uma mira terrível.

—Escorreguei. A grama estava molhada. — Ele não sabia por que estava dizendo isso. Não importava. Não se Hugh morresse.

Maldição, eles eram amigos. Essa era a parte mais estúpida de tudo. Eles eram amigos, ele e Hugh. Eles se conheciam há anos, desde o seu primeiro ano em Eton.

Mas tinha bebido, Hugh havia bebido, todos tinham bebido, exceto Marcus, que nunca tomava mais que um copo.

—Como está o seu braço? — Marcus perguntou.

—Dói.

Marcus assentiu.

—É bom que doa. — Disse Daniel, olhando para longe. Marcus provavelmente assentiu novamente.

—A minha família sabe?

—Não sei. — respondeu Marcus. —Se não sabem, em breve saberão.

Daniel engoliu o ar. Independente do que aconteceu, seria considerado um pária, e isso iria passar para sua família. Suas irmãs mais velhas eram casadas, mas Honoria acabava de fazer sua estreia. Quem iria querê-la agora?

E ele nem sequer queria pensar no que sua mãe faria.

—Vou ter que deixar o país. — Disse Daniel secamente.

—Ele não está morto.

Daniel virou-se para ele, incapaz de acreditar na simplicidade da declaração.

—Se ele viver, você não terá que ir. — Disse Marcus.

Era verdade, mas Daniel não podia imaginar Hugh sobrevivendo. Ele tinha visto o sangue. Ele viu o ferimento. Inferno, ele viu o osso, exposto para que todos pudessem ver.

Ninguém sobrevive a tal ferimento. Se a perda de sangue não o matasse, a infecção o faria.

— Deveria ir vê-lo. — Daniel finalmente decidiu, empurrando-se para trás contra a cama. Ele balançou as pernas para o lado e quase tocou o chão no momento em que Marcus chegou a ele.

—Isso não é uma boa ideia. — Advertiu Marcus.

—Preciso dizer que não quis fazer isso.

As sobrancelhas de Marcus levantaram-se. —Não acho que isso vai ser importante.

—É importante para mim.

—O magistrado pode muito bem estar lá.

—Se o juiz me quisesse, já teria me encontrado aqui.

Marcus considerou e finalmente se afastou dizendo. —Você está certo. — Ele estendeu o braço e Daniel segurou-o para se firmar.

—Joguei carteadado. — Daniel disse em uma voz oca. — Porque é isso que um cavalheiro faz. E quando ele me chamou de trapaceiro, eu o chamei para fora, porque é isso que faz um cavalheiro.

—Não faça isso com você. — Disse Marcus.

—Não. — Daniel disse sombriamente. Ele iria terminar. Havia algumas coisas que tinham que ser ditas. Ele se voltou para Marcus com os olhos piscando. —Atirei para o lado, porque é isso que um cavalheiro faz. — Disse ele furiosamente. —*E eu falhei*. Falhei e o acertei e agora vou fazer o que um maldito *homem* faz, vou ao seu encontro e dizer que sinto muito.

— Vou te levar até lá. — Disse Marcus. Era tudo o que havia para dizer.

Hugh era o segundo filho do Marquês de Ramsgate e foi levado para a casa de seu pai, em St. James. Não demorou muito para Daniel perceber que não era bem-vindo.

—Você! — Trovejou lorde Ramsgate, esticando um braço para apontar para Daniel como se identificasse o próprio diabo. —Como você se atreve a mostrar sua cara aqui?

Daniel manteve-se no lugar. Ramsgate tinha o direito de estar com raiva. Ele estava em choque. Ele estava de luto. —Eu vim para...

—Trazer seus respeitos?— Lorde Ramsgate cortou ironicamente. —Eu tenho certeza de que é muito ouvir que é um pouco cedo para isso.

Daniel se permitiu um vislumbre de esperança. —Então ele não morreu?

—Está mal.

—Eu gostaria de pedir desculpas. — Disse Daniel secamente. Ramsgate com os olhos arregalados tornou-se incrivelmente enorme.

—Pedir desculpas? Sério? Você acha que um pedido de desculpas vai te salvar da forca se meu filho morrer?

—Não vim por isso.

—Vou te ver na forca. Não pense que não vou. Daniel não duvidou por um segundo.

—Foi Hugh que lançou o desafio. — Disse Marcus calmamente.

—Não me importo com quem lançou o desafio. — Ramsgate estalou. —Meu filho fez o que deveria fazer. Apontou o dedo para ele. —Mas você... —Ele se virou para Daniel, derramando veneno e tristeza. —Você atirou nele. Por que faria isso?

—Eu não queria.

Por um momento Ramsgate não fez nada, senão olhar.

—Você não queria. *Essa* é a sua explicação?

Daniel não disse nada. Parecia fraco para seus próprios ouvidos também. Mas era a verdade. E foi horrível.

Ele olhou para Marcus, esperando por algum tipo de conselho em silêncio, algo para indicar o que dizer ou como proceder. Mas Marcus parecia perdido também e Daniel pensou que deveria de ter pedido desculpas mais uma vez e partir, quando o mordomo entrou na sala para anunciar que o médico havia saído do lado da cama de Hugh.

—Como ele está?— Ramsgate exigiu.

—Ele vai viver. — O médico confirmou. — Desde que evite a infecção.

—E a perna?

—Vai mantê-la. Novamente, se evitar a infecção. Mas vai mancar e pode muito bem ficar coxo. O osso foi estilhaçado. Eu reconstruí da melhor maneira possível... —O médico encolheu os ombros. —Não há muito que possa fazer.

—Quando você vai saber se ele escapou da infecção?— Daniel perguntou. Tinha que saber.

O médico se voltou.

—Quem é você?

—O diabo que atirou no meu filho. — Ramsgate assobiou.

O médico recuou em estado de choque e logo em autopreservação quando Ramsgate atravessou a sala.

—Escute-me. — Disse ele malevolamente, avançando até que ele e Daniel ficaram quase nariz com nariz. —Você vai pagar por isso. Você arruinou meu filho. Mesmo que ele viva, estará arruinado, com uma perna em ruínas e uma vida arruinada.

Um nó frio de desconforto rodou no peito de Daniel. Ele sabia, Ramsgate estava irritado, tinha todo o direito de estar. Mas algo mais estava envolvido ali. O marquês parecia desequilibrado, possuído.

—Se ele morrer. — Ramsgate sussurrou. — Você vai pagar. E se ele não morrer e de alguma maneira escapar da punição, vou te matar.

Eles estavam tão perto um do outro que Daniel podia sentir o ar úmido que escapou da boca de Ramsgate com cada palavra. E quando ele olhou para o homem mais velho de brilhantes olhos verdes, ele soube o que significava ter medo.

Lorde Ramsgate iria matá-lo. Era só uma questão de tempo.

—Senhor. — Daniel começou, porque ele tinha que dizer alguma coisa. Não podia ficar ali quieto. —Devo dizer-lhe...

—Não, eu estou dizendo a você. — Ramsgate cuspiu. —Eu não me importo com quem você é, ou qual título seu maldito pai passou para você. Você vai morrer, me entende?

—Eu acho que é hora de sairmos. — Marcus interveio. Ele colocou o braço entre os dois homens e, cuidadosamente, ampliou o espaço entre eles. —Doutor. — Disse ele, apontando para o médico enquanto conduzia Daniel. —Lorde Ramsgate.

—Conte seus dias Winstead. — Lorde Ramsgate advertiu. —Ou, melhor ainda, as horas.

—Senhor. — Disse Daniel novamente, tentando mostrar respeito ao homem mais velho. Queria fazer isso direito. Precisava tentar. —Devo dizer-lhe...

—Não fale comigo. — Ramsgate o interrompeu. — Não há nada que você possa dizer que te salvará agora. Não há lugar em que será capaz de se esconder.

—Se matá-lo, também vai cair. — Disse Marcus. —E se a vida de Hugh continuar, ele vai precisar de você.

Ramsgate olhou para Marcus como se ele fosse um idiota.

—Você acha que vou fazer eu mesmo? É algo fácil contratar um assassino. O preço de uma vida é baixo, de fato. —Ele balançou a cabeça na direção de Daniel. —Até mesmo a sua.

—Eu devo ir. — Disse o médico. E assim fugiu.

—Lembre-se de uma coisa, Winstead. — Lorde Ramsgate disse, pousou os olhos sobre Daniel com desdém venenoso. —Você pode correr e tentar se esconder, mas os meus homens irão encontrá-lo. E você não vai saber quem eles são, nunca os verá chegando.

Essas foram às palavras que assombraram Daniel pelos próximos três anos. Da Inglaterra para a França, da França para a Prússia, e da Prússia para a Itália. Ouviu-as em seu sonho, no farfalhar das árvores, e em cada passo que chegava por trás. Ele aprendeu a ficar de costas para as paredes, não confiar em ninguém, nem mesmo nas mulheres com quem ele ocasionalmente tomava seu prazer. E ele aceitou o fato de que nunca mais pisaria em solo inglês ou veria sua família, até que um dia, para sua grande surpresa, Hugh Prentice chegou mancando em direção a ele em um pequeno vilarejo na Itália.

Ele sabia que Hugh sobreviveu. Recebia cartas ocasionais de casa. Mas ele não esperava vê-lo novamente, certamente não ali, com o sol do Mediterrâneo batendo na praça da cidade antiga e gritos de *arrivederci*^[1] e de *buongiorno*^[2] pelo ar.

—Eu o encontrei. — Disse Hugh, estendendo a mão. —Sinto muito.

E então pronunciou as palavras que Daniel nunca pensou que ouviria.

—Você pode vir para casa agora, prometo.

Capítulo 1



Para uma dama que passou os últimos oito anos tentando não ser notada, Anne Wynter estava em uma posição desconfortável.

Em cerca de um minuto, seria obrigada a andar em um palco improvisado, onde estavam pelo menos 80 membros *da crème de la crème*^[3] da sociedade londrina, e se sentaria em um piano, para tocar.

Que ela fosse dividir o palco com outras três jovens mulheres, era de algum consolo. Eram membros do infame quarteto Smythe-Smith, que tocavam instrumentos de cordas e teriam que enfrentar o público. Anne, pelo menos, poderia bater as teclas de marfim e manter a cabeça baixa. Com alguma sorte, o público estaria concentrado na horrível música para prestar qualquer atenção à mulher de cabelos escuros, que foi forçada a intervir no último minuto para tomar o lugar da pianista, que tinha (como sua mãe declarou para quem quisesse ouvir) terrível e catastroficamente ficado doente.

Anne não acreditou nem por um minuto que Lady Sarah Pleinsworth estivesse doente, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso, se ela queria manter sua posição como governanta das três irmãs mais novas de Lady Sarah.

Mas Lady Sarah *convenceu* sua mãe, e esta decidiu pelo prosseguimento do show, que após contar uma história incrivelmente detalhada dos dezessete anos do musical Smythe-Smith, declarou que Anne tomaria o lugar de sua filha.

—Você me disse uma vez que tocava peças de Mozart no piano em Quarteto não? — Lady Pleinsworth lembrou.

Anne agora lamentava este fato, profundamente.

Não parecia importar que Anne não tocava a peça em questão há mais de oito anos, ou que nunca a tinha tocado completamente. Lady Pleinsworth não aceitaria argumentos. Anne foi transportada para a casa da irmã de Lady Pleinsworth, onde o show seria realizado e ensaiado por oito horas para a prática.

Era ridículo.

A única graça era que o resto do quarteto era tão ruim que os erros de Anne eram quase imperceptíveis. Na verdade, seu único objetivo na noite era não ser perceptível. Porque realmente não queria ser notada. Por uma série de razões.

—Está quase na hora. — Daisy Smythe-Smith sussurrou animadamente.

Anne deu-lhe um pequeno sorriso. Daisy parecia não ter a percepção de que sua música era terrível.

—Sorte a minha. — Disse a voz estridente da irmã de Daisy, Iris, que tinha essa percepção.

—Vamos. — Disse Lady Honoria Smythe-Smith, sua prima. —Será uma maravilha. Somos uma família.

—Bem, não ela. — Destacou Margarida, apontando a cabeça para Anne.

—Ela é, hoje à noite. — Declarou Honoria. — E mais uma vez, obrigada, Senhorita Wynter. Você realmente salvou o dia.

Anne murmurou algumas palavras sem sentido, já que não podia levantar-se e dizer que não queria participar, ou que isso seria prazeroso. Gostava de Lady Honoria. Ao contrário de Daisy, *sabia* o quão terrível elas eram, mas ao contrário de Iris, queria terminar com isso. Era tudo sobre a família, Honoria insistiu. Família e tradição. Dezesete grupos de primas Smythe-Smith as precederam, e se Honoria saísse com a sua; mais dezesete viriam a seguir. Não importava como a música soava.

—Oh, não importa. — Iris murmurou.

Honoria cravou sua prima levemente com seu arco de violino.

—Família e tradição. — Ela lembrou. —*Isso é o que importa.*

Família e tradição. Anne não teria se importado com nada disso. Embora, na verdade, não tivesse ido tão bem para ela na primeira vez.

—Você pode ver alguma coisa?— Daisy perguntou. Estava pulando de um pé para o outro com certo frenesi, e Anne já havia se afastado duas vezes, só para preservar os dedos.

Honoria, que estava mais perto do ponto de onde iriam fazer a sua entrada, acenou com a cabeça.

—Há alguns assentos vazios, mas não muitos. Iris gemeu.

—É assim todos os anos?— Anne não conseguia deixar de perguntar.

—Como o quê?— Honoria respondeu.

—Bom, er... —Há algumas coisas que simplesmente não se dizem para as sobrinhas do seu patrão. Como, por exemplo, fazer qualquer tipo de comentário explícito sobre a falta de habilidades musicais da jovem. Ou perguntar em voz alta se os concertos eram sempre terríveis ou se este ano era particularmente ruim. E definitivamente não deveria perguntar; *se os concertos são sempre tão horríveis, por que as pessoas continuavam assistindo?*

Harriet Pleinsworth, só então com quinze anos de idade, chegou derrapando através de uma porta lateral.

—Senhorita Wynter!

Anne virou-se, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Harriet anunciou.

—Estou aqui para virar as páginas.

—Obrigada, Harriet. Isso vai ser muito útil.

Harriet sorriu para Daisy, que lançou a ela um olhar de desdém.

Anne virou-se para que ninguém a visse rolar os olhos. Aquelas duas nunca haviam se dado bem. Daisy levava tudo muito a sério, e Harriet não levava nada a sério.

—É hora! — Honoria anunciou.

Subiram no palco e entraram, e depois de uma breve introdução, começaram a tocar.

Anne, por outro lado, começou a rezar.

Querido Deus, nunca se dedicou tanto em sua vida. Seus dedos correram pelas teclas, tentando desesperadamente manter-se com Daisy, que tocava violino como se estivesse em uma corrida.

Isso é ridículo, ridículo, ridículo, Anne cantava a musica em sua mente. Isso era estranho, mas a única maneira de ficar calma era continuar conversando consigo mesma. Era uma peça musical incrivelmente difícil, mesmo para tocadores habilidosos.

Ridículo, ridículo - Ack! C- sustenido! Anne estendeu seu dedo mindinho direito e pressionou a tecla na hora certa. O que era para dizer, dois segundos mais tarde do que deveria ter sido.

Ela lançou um rápido olhar para a plateia. Uma mulher na primeira fila parecia doente.

Volte ao trabalho, volte ao trabalho. Oh deus, uma nota errada. Não importava. Ninguém iria notar, nem mesmo Daisy.

E ela tocou, querendo saber se deveria recuperar seu papel. Ela não poderia deixar a música pior. Daisy estava voando através de sua seção, seu volume de modulação entre alto e extremamente alto; Honoria foi se arrastando, cada nota com um passo determinado, e Iris...

Bem, Iris era realmente *boa*. Não que isso importasse.

Anne respirou, esticando os dedos durante uma breve pausa no piano. Em seguida, ela estava de volta às teclas e...

Vire a página, Harriet. Vire a página, Harriet.

—Vire a página, Harriet! — Ela sussurrou. Harriet virou a página.

Anne atingiu o primeiro acorde, então percebeu que Iris e Honoria já estavam duas notas à frente. Daisy estava, nossa senhora, não tinha ideia de onde estava Daisy.

Anne saltou algumas notas esperando chegar onde o resto delas estivesse. No mínimo, ela estaria em algum lugar no meio disso.

—Você perdeu algumas notas. — Harriet sussurrou.

—Não importa.

E realmente, não importava.

E então, finalmente, *oh, finalmente*, chegaram a um ponto em que Anne não tinha que tocar por três páginas inteiras. Ela se sentou, soltou a respiração que estava segurando por, oh, parecia por dez minutos, e...

Viu alguém.

Ela congelou. Alguém estava a observando da sala. A porta por onde haviam entrado e a qual Anne estava certa de que fechou com um clique, agora estava levemente entreaberta. E porque ela era a mais próxima da porta, para não mencionar que era a única que não estava de costas a ela, pôde ver uma parte do rosto de um homem olhando através da sala.

Pânico.

Percorreu seu corpo, comprimindo os pulmões, disparando por sua pele. Ela conhecia este sentimento. Não o sentia, muitas vezes, graças a Deus, mas era o suficiente. Toda vez que via alguém, alguém que não deveria ser...

Pare.

Obrigou-se a respirar. Ela estava na casa da condessa viúva de Winstead. Era tão segura como poderia ser. O que ela precisava fazer era...

—Senhorita Wynter! — Sibilou Harriet.

Anne saltou ante a chamada.

—Você perdeu a sua entrada.

—Onde estamos agora? — Anne perguntou freneticamente.

—Não sei. Não sei ler música.

Apesar da situação em que se encontrava, Anne olhou para cima.

—Mas você toca violino.

—Eu sei. — Disse Harriet miseravelmente.

Anne examinou as notas na página o mais rápido que pode, com os olhos saltando rapidamente de nota em nota.

—Daisy está olhando para nós. — Harriet sussurrou.

—Shhh. — Anne precisava se concentrar. Ela virou a página, teve seu melhor palpite, e levou os dedos para baixo em sol menor.

E então deslizou sobre sol maior. Parecia melhor. *Melhor* era um termo relativo.

Pelo resto da apresentação ela manteve a cabeça baixa. Não olhou para cima, e nem para o público, nem para o homem observando-a da sala dos fundos. Ela bateu as notas com tanta delicadeza como o resto das Smythe-Smith, e quando elas terminaram, ela se levantou e fez uma reverência com a cabeça ainda baixa, murmurou algo para Harriet sobre a necessidade de atender a si mesma, e fugiu.

Daniel Smythe-Smith não tinha planejado voltar a Londres no dia do musical anual de sua família, e de fato, suas orelhas estavam poderosamente desejando que não tivesse,

mas o seu coração... Bem, isso era outra história.

Era bom estar em casa. Mesmo com a cacofonia.

Especialmente com a cacofonia. Nada como a palavra, casa, para um homem Smythe-Smith, como a música mal tocada.

Ele não queria que ninguém o visse antes da apresentação, ele esteve fora por três anos e sabia que seu retorno iria ofuscar o desempenho. O público provavelmente o teria agradecido, mas a última coisa que ele queria era cumprimentar sua família na frente de uma multidão de lordes e damas, a maioria que provavelmente pensava que ele deveria ter permanecido no exílio.

Mas queria ver sua família, e assim, logo que ouviu a música começar, rastejou silenciosamente para a sala de ensaio, na ponta dos pés até a porta, e abriu apenas uma fresta.

Ele sorriu. Havia Honoria, com esse grande sorriso enquanto atacava seu violino com seu arco. Ela não tinha ideia de que não podia tocar, coitada. Suas outras irmãs eram a mesma coisa. Mas ele as amava por tentarem.

No outro violino era, santo céu, era Daisy? Ela não estava mais na escola? Não, ele supôs que ela deveria ter dezesseis anos agora, ainda não tinha sido apresentada a sociedade, mas não era mais criança.

E havia Iris no violoncelo, atuando miseravelmente. E no piano...

Ele fez uma pausa. Quem diabos estava no piano? Ele se inclinou um pouco mais perto. Sua cabeça estava para baixo, e ele não conseguia ver muito de seu rosto, mas uma coisa era certa, ela definitivamente não era sua prima.

Bem, agora, *isto* era um mistério. Ele sabia de um fato (porque sua mãe lhe disse muitas vezes) que o quarteto Smythe-Smith era composto por jovens damas solteiras Smythe-Smith e ninguém mais. A família era muito orgulhosa disso, de produzir tantas primas com inclinação musical (palavras de sua mãe, não dele). Quando uma se casava, havia sempre outra, esperando para tomar seu lugar. Eles nunca precisaram de uma pessoa de fora para entrar em cena

Mas, além disso, quem de fora *gostaria* de entrar?

Uma de suas primas deve ter adoecido. Isso poderia ser a única explicação. Ele tentou se lembrar de quem deveria estar ao piano. Marigold? Não, ela estava casada agora. Viola? Ele pensou que tinha recebido uma carta dizendo que ela tinha se casado, também. Sarah? Deveria ser Sarah.

Ele balançou a cabeça. Ele tinha muitas primas do sexo feminino.

Ele observou a dama ao piano com algum interesse. Ela estava trabalhando muito duro para manter o ritmo. Sua cabeça estava balançando para cima e para baixo enquanto ela olhava para a música, e de vez em quando estremecia. Harriet estava ao lado dela, virando as páginas em todos os momentos errados.

Daniel riu. Quem quer que fosse a pobre menina, esperava que sua família estivesse pagando bem.

E então, finalmente, ela levantou os dedos das teclas quando Daisy começou seu doloroso solo de violino. Ele a observou expirar, esticando os dedos, e então...

Ela olhou para cima.

O tempo parou. Ele simplesmente parou. Era a maneira mais piegas e clichê de descrever isso, mas aqueles poucos segundos quando seu rosto se levantou em sua direção... O tempo se esticou e puxou, derretendo na eternidade.

Ela era linda. Mas isso não explicava. Ele tinha visto mulheres bonitas antes. Ele dormiu com muitas delas, mesmo. Mas esta... Ela... Ela...

Até mesmo seus pensamentos estavam sem palavras.

Seu cabelo era lustroso escuro e grosso, e não importava que estivesse puxado para trás em um coque útil. Ela não precisava de pinças onduladas ou fitas de veludo. Ela poderia ter puxado o cabelo para trás como uma bailarina, ou raspado tudo, e ela ainda seria a criatura mais requintada que ele já viu.

Era o rosto, tinha que ser. Em forma de coração e pálido, com as mais incríveis escuras sobrancelhas levantadas. À luz escura, ele não poderia dizer que cor eram os olhos dela, o que parecia uma tragédia. Mas seus lábios...

Ele esperava que essa mulher não fosse casada, porque ele iria beijá-la. A única questão era quando.

Então, ele soube o instante em que aconteceu, ela o viu. Seu rosto se virou com um suspiro pequeno, e ela congelou os olhos arregalados de alarme. Ele sorriu com ironia, balançando a cabeça. Será que ela achava que ele era um louco, furtivo na casa Winstead para espionar o concerto?

Bem, supostamente fazia sentido tal pensamento. Ele passou tempo suficiente sendo cauteloso com estranhos para reconhecer o traço em outra pessoa. Ela não sabia quem ele era, e certamente era para não ter ninguém no quarto dos fundos durante a apresentação.

O mais incrível foi que ela não desviou o olhar. Seus olhos tinham prendido os dele, e ele não se mexeu, nem mesmo respirou até que o momento foi rompido por sua prima Harriet, apontando para a mulher de cabelos escuros e, presumivelmente, informando-lhe que ela tinha perdido sua entrada.

Ela não olhou para cima novamente.

Mas Daniel a observava. Ele observou-a através de cada virada da página, cada acorde *fortíssimo*. Ele observou-a tão intensamente que, em algum momento, até deixou de ouvir a música. Sua mente desempenhou a sua própria sinfonia, exuberante e cheia, percorrendo-o como um clímax perfeito, inevitável.

Que nunca chegou. O encanto foi rompido quando o quarteto tocou as suas notas finais e as quatro damas se levantaram para fazer suas reverências. A beleza de cabelos escuros disse algo para Harriet, que estava sorrindo para os aplausos, como se tivesse tocado também, e então saiu tão rapidamente, que Daniel ficou surpreso por ela não ter deixado marcas no chão.

Não importava. Iria encontrá-la.

Ele moveu-se rapidamente pelo corredor de volta a casa Winstead. Esgueirou-se muitas vezes por ali quando era um jovem, sabia exatamente qual rota alguém usaria para escapar sem ser detectado. E com certeza, ele a cortou pela direita antes de ela virar a esquina em direção à última entrada de serviço. Ela não o viu imediatamente, não o viu até...

—Aí está. — Disse ele, sorrindo como se cumprimentasse um amigo há muito perdido. Não há nada como um sorriso inesperado para deixar alguém fora de equilíbrio.

Ela cambaleou com o choque e um grito saiu de seus lábios.

—Bom Deus. — Disse Daniel, apertando a mão sobre sua boca. —Não faça isso. Alguém vai te ouvir.

Ele a puxou contra ele, era a única maneira de manter um controle firme sobre sua boca. Seu corpo era pequeno e leve contra o seu, e estava tremendo como uma folha. Ela estava apavorada.

—Não vou te machucar. — Disse ele. —Eu só quero saber o que você está fazendo aqui. — Ele esperou por um momento, então ajustando sua posição para que pudesse ver seu rosto mais diretamente. Seus olhos se encontraram, escuros e alarmados.

—Agora, — Ele disse. — Se eu deixar você ir, vai ficar quieta? Ela assentiu com a cabeça.

Ele considerou isso.

—Você está mentindo.

Ela revirou os olhos, como se dissesse, *o que você esperava*, e ele riu.

—Quem é você? — Ele meditou.

E então a coisa mais estranha aconteceu. Ela relaxou em seus braços. Um pouco, de qualquer maneira. Ele sentiu um pouco da elevada tensão ir, sentiu sua respiração quando ela suspirou em sua mão.

Interessante. Ela não tinha medo de que ele não soubesse quem ela era. Estava preocupada que ele *soubesse*.

Lentamente, e com deliberação o suficiente para ter certeza que ela sabia que ele poderia mudar de ideia a qualquer momento, levantou a mão da boca. Ele não tirou o braço de sua cintura, no entanto. Egoísta, ele sabia, mas não conseguia deixá-la ir.

—Quem é você? — Ele murmurou suas palavras em seu ouvido.

—Quem é *você*?— Ela voltou à pergunta. Ele sorriu.

—Eu perguntei primeiro.

—Eu não falo com estranhos.

Ele riu, então girou com ela em seus braços, de modo a ficarem frente a frente. Ele sabia que estava se comportando abominavelmente, abordando a pobre. Ela não estava nada mal. Tocava no quarteto de sua família, pelo amor de Deus. Ele *deveria* agradecê-la.

Mas sentia-se tonto, quase como possuído. Algo nesta mulher fazia o sangue ferver

em suas veias, e ele já estava um pouco tonto por ter finalmente chegado à casa Winstead depois de semanas de viagem.

Ele estava em casa. *Casa*. E havia uma bela mulher em seus braços que tinha certeza de *não* estar planejando matá-lo.

Já fazia algum tempo desde que saboreou esta sensação particular.

—Eu acho... — Disse ele pensativo. — Acho que preciso te beijar.

Ela o empurrou para trás, seu olhar assustado com precisão, mas também um tanto intrigado. Ou talvez com questionamento.

Mulher inteligente. Ele soava como um louco.

—Só um momento. — Assegurou a ela. — Eu só preciso me lembrar...

Ela ficou em silêncio, e então, como se não pudesse ajudar a si mesma, perguntou.

—De que?

Ele sorriu. Gostava de sua voz. Era reconfortante e redonda, como um bom uísque. Ou um dia de verão.

—Do que é bom. — Disse e tocou-lhe o queixo, inclinando o rosto em sua direção. Sua respiração ficou presa, ele podia ouvir o grosso ar correndo sobre os lábios, mas ela não resistiu. Ele esperou apenas um momento, para que ela lutasse contra, sabendo que teria que deixá-la ir. Mas ela não fez isso. Seus olhos encontraram o seu, como hipnotizados pelo momento, como ele.

Então a beijou. Timidamente, em primeiro lugar, quase com medo que ela desaparecesse em seus braços. Mas não foi o suficiente. Paixão cobrou vida dentro dele e a puxou para mais perto, deleitando-se com a suavidade de seu corpo contra o dele.

Ela era pequena, pequena da forma que faz um homem querer matar dragões. Mas a sentia como uma mulher, quente e exuberante em todos os lugares certos. Sua mão doía por se fechar ao redor de seu seio, ou para embalar a curva perfeita de sua parte inferior. Mas, mesmo ele não seria tão ousado, não com uma dama desconhecida na casa de sua mãe.

Ainda assim, ele não estava pronto para deixá-la ir. Ela cheirava como a Inglaterra, chuva fina e beijos de sol nos prados. E sentia-se como o melhor tipo de céu. Ele queria envolver-se ao redor dela, enterrar-se dentro dela, e ficar lá por todos seus dias. Ele não bebeu uma gota em três anos, mas estava embriagado agora, borbulhando com uma leveza que nunca pensou sentir novamente.

Era uma loucura. Tinha que ser.

—Qual é seu nome? — Ele sussurrou. Ele queria saber. Ele queria saber dela.

Mas ela não respondeu. Ela poderia tê-lo feito, se tivesse mais tempo ele tinha certeza de que poderia ter provocado isso nela. Mas ambos ouviram alguém descendo as escadas, no final do corredor do local onde eles ainda estavam abraçados.

Ela balançou a cabeça, os olhos arregalados com cautela.

—Eu não posso ser vista assim. — Ela sussurrou urgentemente.

Ele a deixou ir, mas não porque ela lhe pediu. Em vez disso, ele viu quem estava descendo as escadas e o que estavam fazendo, e ele esqueceu tudo sobre sua megera de cabelos escuros.

Um grito furioso subiu de sua garganta, e ele saiu do corredor como um louco.

Capítulo 2



Quinze minutos mais tarde, Anne estava no mesmo local que se encontrava há quinze minutos, quando correu para o corredor e entrou pela primeira porta destrancada que achou. Sua sorte era terrível, ela acabou em uma espécie de sala de armazenamento escura e sem janelas. A exploração breve, cega revelou um violoncelo, três clarinetes e, possivelmente, um trombone.

Havia algo de irônico nisto. Ela foi para a sala onde os instrumentos musicais Smythe-Smith ficavam guardados. Estava presa ali, pelo menos até que a insanidade no corredor tivesse acabado. Não tinha ideia do que estava acontecendo lá fora, exceto que havia uma grande quantidade de gritos envolvidos, quando grunhidos, e alguns ruídos soavam como punhos na carne.

Ela não conseguia encontrar um lugar para se sentar, salvo o chão, então sentou-se na fria madeira sem carpete, inclinou-se contra um remendo nu de parede perto da porta e se preparou para esperar a briga. Seja o que for que estava acontecendo, Anne não queria fazer parte disso, mas o mais importante, queria estar em outro lugar e não perto deles quando fossem descobertos. O que certamente seria logo, dado o barulho que estavam fazendo.

Homens. Eram idiotas, todos eles.

Embora não parecia ser uma mulher lá fora, ouviu uma gritar. Anne pensou ter ouvido o nome de Daniel, e então possivelmente Marcus, o que percebeu que tinha que ser o Conde de Chatteris, a quem conheceu no início da noite. Ele estava muito obcecado com Lady Honoria...

Pensando sobre isso, soou um pouco como Lady Honoria gritando.

Anne balançou a cabeça. Isso não era problema seu. Ninguém iria culpá-la por ficar fora do caminho. Ninguém.

Alguém bateu na parede logo atrás dela, sacudindo uns bons dois centímetros no chão. Ela gemeu e deixou seu rosto cair em suas mãos. Ela nunca iria sair dali. Eles a encontrariam em anos e seu corpo estaria seco e sem vida entre uma tuba, duas flautas fazendo o sinal da cruz.

Ela negou com a cabeça. Tinha que parar de ler os melodramas de Harriet antes de se deitar. Sua parte jovem imaginava-se como uma escritora, e suas histórias iam aumentando e ficando mais espantosa cada dia.

Finalmente o barulho no corredor parou, e os homens escorregaram até o chão (ela sentia isso, à direita através da parede). Um deles estava diretamente atrás dela, ele teria caído em cima dela, se não fosse à parede entre eles. Ela podia ouvi-los respirando com dificuldade, depois de falarem, em frases curtas e concisas. Ela não queria escutar, mas não tinha como evitar, estava presa.

E foi então que descobriu.

O homem que a tinha beijado era o irmão mais velho de Lady Honoria, o Conde de Winstead! Ela viu seu retrato antes, deveria tê-lo reconhecido. Ou talvez não. A pintura tinha conseguido o básico do seu cabelo cor de café e finamente a boca fina, mas não o captava verdadeiramente. Ele era muito bonito, não havia como negar isso, mas a pintura ou pincelada não poderia transmitir a confiança, fácil e elegante de um homem que conhecia o seu lugar no mundo e se encontrava bastante satisfeito.

Oh, céus, ela estava em confusão agora. Beijou o infame Daniel Smythe-Smith. Anne sabia tudo sobre ele, todo mundo sabia. Ele duelou vários anos antes e foi expulso do país pelo pai de seu oponente. Mas chegaram a algum tipo de trégua, aparentemente. Lady Pleinsworth mencionou que o conde finalmente chegaria em casa e Harriet encheu Anne com todas as fofocas.

Harriet foi muito útil dessa forma.

Mas se Lady Pleinsworth descobrisse o que havia acontecido naquela noite... Bem, isso seria o fim do cargo de governanta de Anne com as meninas Pleinsworth ou qualquer outra. Anne teve muita dificuldade para conseguir esta posição, ninguém iria contratá-la se saísse com a sua com um conde. Mamães ansiosas geralmente não contratavam governantas de retidão moral questionável.

E não era culpa dela. Desta vez, absolutamente não era.

Ela suspirou. Estava tranquilo no corredor. Será que finalmente tinham partido? Ela ouviu passos, mas era difícil dizer quantos conjuntos de pés haviam sido incluídos nisso. Esperou mais alguns minutos, e então, uma vez que teve certeza de que não encontraria nada além de silêncio para cumprimentá-la, ela virou a maçaneta da porta e, cuidadosamente, saiu para o corredor.

—Aí está. — Disse ele. Pela segunda vez naquela noite.

Ela deve ter pulado. Não porque Lorde Winstead a surpreendeu, embora ele o tivesse feito. Em vez disso, ela ficou surpresa por ele permanecer na sala por tanto tempo em completo silêncio. Na verdade, ela não tinha ouvido nada.

Mas isso não foi o que a fez cair o queixo.

—Você parece horrível. — Disse antes de poder se conter. Ele estava sozinho, sentado no chão com as pernas longas estendidas por todo o salão. Anne não tinha pensado que uma pessoa podia parecer tão instável sentado, mas estava certa de que o conde teria caído se não tivesse encostado à parede.

Ele levantou uma mão em uma saudação.

—Marcus parece pior.

Ela olhou seu olho, que estava ficando roxo, e sua camisa, que estava manchada de sangue até Deus sabia onde.

—Não estou certa de como isso pode ser possível. Lorde Winstead soltou um suspiro.

—Ele estava beijando a minha irmã.

Anne esperou por mais, mas ele claramente considerava que isto era explicação suficiente.

—Ehrm... — Ela parou, porque não havia livro de etiqueta com instruções para uma noite como esta. No final, ela decidiu que sua melhor aposta seria saber sobre a conclusão da briga, em vez do que ocorreu para causar isso.

—Isso tudo funcionou, então?

Seu queixo mergulhou em uma inclinação magnânima.

—Em breve estarei recebendo parabéns.

—Ah. Bem. Isso é muito bom. —Ela sorriu, depois acenou com a cabeça, em seguida, juntou as mãos na frente, na tentativa de se manter quieta. Isso tudo era muito estranho. O que supunha que tinha que fazer com um conde ferido? Que tinha acabado de voltar de três anos de exílio? E tinha a reputação de impertinente antes de ter sido expulso do país.

Sem mencionar o negócio todo de beijar, alguns minutos mais cedo.

—Você conhece a minha irmã? — Ele perguntou, parecendo muito cansado. —Ah, é claro que sim. Você estava tocando com ela.

—Sua irmã é Lady Honoria? — Parecia prudente verificar. Ele acenou com a cabeça.

—Sou Winstead.

—Sim, é claro. Fui informada de seu retorno. —Ela soltou outro sorriso desajeitado, mas fez pouco para ficar à vontade. —Lady Honoria é muito amável e gentil. Estou muito feliz por ela.

—Ela é horrível como música

—Ela foi a melhor violinista no palco. — Disse Anne com toda a honestidade. Ele riu alto com isso.

—Você ficaria bem como diplomata, Senhorita... —Ele fez uma pausa, esperou, e então apontou para fora, — Você nunca me disse o seu nome.

Ela hesitou, porque sempre hesitava quando questionada assim, mas depois se lembrou de que ele era o Conde de Winstead e, assim, o sobrinho de seu empregador. Ela não tinha nada a temer dele. Pelo menos não se ninguém os visse juntos.

—Sou a senhorita Wynter. — Disse. —Governanta de suas primas.

—Quais? As Pleinsworths? Ela assentiu com a cabeça.

Ele olhou diretamente nos olhos.

—Ah, coitadinha, pobre.

—Pare! Elas são adoráveis! — Ela protestou. Adorava suas três pupilas. Harriet, Elizabeth e Frances podiam ser mais animadas que as moças mais jovens, mas tinham corações bondosos. E sempre queriam o bem.

Suas sobrancelhas se levantaram.

—Adoráveis, sim. Bem comportadas, nem tanto.

Havia alguma verdade nisso e Anne não pode reprimir um pequeno sorriso.

—Estou certa de que elas amadureceram muito desde que estive em sua companhia.
— Disse com exatidão.

Ele lançou-lhe um olhar duvidoso, então, perguntou.

—Como você chegou tocar o piano?

—Lady Sarah ficou doente.

—Ah. — Havia muitos significados nesse “ah”. —Faça chegar meus votos de uma rápida recuperação.

Anne tinha certeza que Lady Sarah começou a se sentir melhor no momento em que sua mãe a havia dispensado do concerto, mas apenas balançou a cabeça e disse que iria transmitir o recado. Mesmo que não fizesse isso. Não havia nenhuma maneira dela dizer a ninguém que encontrou o Conde de Winstead.

—A sua família sabe que você voltou?— Ela perguntou. Olhando-o um pouco mais de perto. Ele realmente parecia muito com sua irmã. Ela se perguntou se ele tinha o mesmo notável olhos de um azul-pálido vívido, quase lavanda. Era impossível dizer com certeza, na penumbra do corredor. Sem mencionar que um de seus olhos rapidamente inchava e fechava. —Diferente de Lady Honoria, é claro. — Acrescentou.

—Ainda não. — Ele olhou para a área pública da casa e fez uma careta. —Por mais que eu adore cada pessoa que assistiu ao concerto, prefiro não fazer tal regresso a casa na frente de tal público. — Ele olhou para o seu estado desganhado. — Especialmente dessa forma.

—Claro que não. — Disse ela rapidamente. Não podia sequer começar a imaginar a comoção que ele causaria aparecendo na recepção pós-musical machucado e sangrando.

Ele soltou um pequeno gemido quando mudou de posição no chão, em seguida, murmurou algo sob sua respiração que Anne estava bastante certa de que não era para ela ouvir.

—Eu deveria ir. — Ela deixou escapar. —Sinto muito, e... ehm...

Ela disse a si mesma para se mover, ela realmente disse. Todos os cantos de seu cérebro estavam gritando com ela para atender a seus sentidos e sair de lá antes que alguém os visse juntos, mas tudo o que podia pensar era que ele defendeu sua irmã.

Como poderia abandonar um homem que fazia isso?

—Deixe-me ajudá-lo. — Disse contra seu melhor juízo. Ele sorriu fracamente.

—Se você não se importar.

Ela se agachou para olhar melhor seus ferimentos. Ela tinha tratado sua parcela de cortes e arranhões, mas nunca nada como isto.

—Onde você está ferido? — Perguntou. Limpou a garganta. —Além dos pontos óbvios.

—Óbvios?

—Bem... —Ela apontou cautelosamente em direção a seu olho. —Você tem uma contusão aí. E ali... — Acrescentou, apontando para o lado esquerdo de sua mandíbula antes de passar para o ombro, o que era visível através de sua camisa rasgada e sangrando. —... e ali.

—Marcus parece pior. — Lorde Winstead disse.

—Sim. — Respondeu Anne, mordendo um sorriso. —Você tinha mencionado.

—É um detalhe importante. — Ele deu um sorriso maluco, então fez uma careta e levou a mão ao rosto.

—Seus dentes? — Ela perguntou, preocupada.

—Eles parecem estar todos no lugar. — Ele murmurou. Abriu a boca, como se testando o mecanismo de articulação, em seguida, fechou-a com um gemido. —Eu acho.

—Há alguém que eu possa chamar para você?— Ela perguntou. Suas sobrancelhas se levantaram.

—Você gostaria que alguém soubesse que você esteve aqui sozinha comigo?

—Ah. Claro que não. Não estava pensando claramente.

Ele sorriu de novo, aquele sorriso meio seco que a fez se sentir um pouco intranquila.

—Tenho esse efeito sobre as mulheres.

Vários número de réplicas veio à mente, mas Anne mordeu-as todas.

—Poderia ajudá-lo a se levantar. — Ela sugeriu. Ele inclinou a cabeça para o lado.

—Ou você pode sentar e conversar comigo. Ela olhou para ele.

Mais uma vez, aquele meio sorriso.

—Foi apenas uma ideia. — Disse ele.

Uma ideia imprudente, pensou imediatamente. Ela tinha acabado de beijá-lo, pelo amor de Deus. Não deveria ficar perto dele, certamente não ao lado dele no chão, onde seria tão fácil se virar para ele, e inclinar o rosto em sua direção...

—Talvez pudesse encontrar alguma água. — Ela deixou escapar suas palavras tão rapidamente que quase teve de tossir. —Você tem um lenço? Vai querer limpar seu rosto, eu acho.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um quadrado de pano amassado.

—A melhor roupa italiana. — Brincou com a voz cansada. Ele franziu a testa. — Ou pelo menos foi uma vez.

—Tenho certeza que será perfeito. — Disse ela, pegando e dobrando o lenço. Ela estendeu a mão e enxugou seu rosto. —Será que isso dói?

Ele balançou a cabeça.

—Quisera eu ter um pouco de água. O sangue já secou. —Ela franziu o cenho. — Tem algum conhaque? Em um frasco, talvez? — Os homens muitas vezes levavam garrafas consigo. O pai dela levava. Raramente saía de casa sem ela.

Mas Lorde Winstead disse.

—Eu não bebo álcool.

Algo em seu tom a assustou e ela olhou para cima. Seus olhos estavam nos dela, e ela prendeu a respiração. Não percebeu o quão perto ela se inclinou para ele, apenas seus lábios se separavam. E ela queria...

Muito. Ela sempre quis muito.

Ela afastou-se, inquieta com a facilidade com que balançou em direção a ele. Era um homem que sorria facilmente, e muitas vezes. Não demorou mais do que alguns minutos em sua companhia para saber isso. Era por isso que a ponta afiada e grave na sua voz a tinha paralisado.

—Mas provavelmente você pode encontrar alguns no corredor. — Disse ele, de repente, o feitiço, estranho cativante foi quebrado. — A terceira porta à direita. É usado para ser o escritório do meu pai.

—Na parte de trás da casa?— Parecia um lugar improvável.

—Há duas entradas. O outro lado abre-se para o salão principal. Não deve haver ninguém lá, mas você vai querer ter cuidado quando entrar.

Anne levantou-se e seguiu suas instruções para o estúdio. Luar se filtrava através da janela, e ela facilmente encontrou um decantador. Ela levou a coisa toda de volta com ela, com cuidado de fechar a porta atrás de si.

—Na prateleira da janela?— Lorde Winstead murmurou.

—Sim.

Ele sorriu um pouco.

—Algumas coisas nunca mudam.

Anne tirou a tampa e colocou o lenço sobre a abertura da garrafa, derramando uma dose saudável de conhaque sobre o pano. O cheiro dele foi instantâneo e forte.

—Isso te incomoda?— Ela perguntou com preocupação súbita. —O cheiro?— Em seu último trabalho antes de ir para os Pleinsworths, o tio de sua pupila bebia demais e depois parava. Era monstruosamente difícil ficar perto dele. Seu temperamento ficava ainda pior sem o álcool, e com a ingestão da bebida quase enlouquecia.

Anne teve que sair. Por essa e outras razões. Mas Lorde Winstead apenas balançou a cabeça.

—Não é que eu *não possa* beber bebidas alcoólicas. Escolhi não fazer isso. Sua

confusão deve ter aparecido em seu rosto, porque ele acrescentou.

—Não tenho desejo pela bebida, apenas desprezo.

—Eu vejo. — Ela murmurou. Ele tinha seus próprios segredos, aparentemente. — Isso provavelmente vai doer. — Alertou ela.

—Isso vai *certamente* do-eu!

—Sinto muito. — Ela murmurou, esfregando o lenço levemente na ferida.

—Espero que eles *derramem* isso sobre Marcus. — Ele murmurou.

—Bem, ele parece pior do que você. — Ela comentou.

Ele olhou para cima, confuso, e então um lento sorriso apareceu em seu rosto.

—Na verdade, ele está mesmo.

Ela se moveu para os arranhões em seus dedos, murmurando.

—Tenho-o em um melhor conceito.

Ele riu, mas ela não olhou para cima. Havia algo tão íntimo nisso, inclinada sobre sua mão, limpando suas feridas. Ela não sabia quem era este homem, na verdade, e ainda assim estava relutante em deixá-lo ir neste momento. Não era por ser *ele*, disse a si mesma. Era apenas isso... Fazia tanto tempo...

Estava sozinha. Sabia disso. Não era nenhuma grande surpresa.

Ela apontou para o corte em seu ombro e estendeu o lenço. Seu rosto e mãos eram uma coisa, mas não poderia tocar em seu corpo.

—Talvez você deva...

—Oh, não, não me deixe pará-la. Estou desfrutando muito de suas atenções. Ela deu-lhe um olhar.

—O sarcasmo não combina com você.

—Não. — Ele disse com um sorriso divertido. —Nunca combinou.— Ele viu como derramava mais conhaque sobre o lenço. —E de qualquer maneira, não estava sendo sarcástico.

Essa foi uma declaração que ela não podia permitir-se examinar, de modo que pressionou o pano molhado em seu ombro e disse rapidamente. —Isto vai certamente doer.

—Aaaaah-aaaaaaaah. — Ele cantou e ela teve que rir. Ele soou como uma cantora de ópera ruim ou um daqueles bobos em um show de Punch e Judy^[4].

—Você deveria fazer isso mais vezes. — Disse ele. —Rir, quero dizer.

—Eu sei.— Mas isso parecia triste, e ela não queria ficar triste, então acrescentou.

—Não costumo torturar homens adultos.

—Sério?— Ele murmurou. —Acho que você faz isso o tempo todo. Ela olhou para ele.

—Quando você entra em um lugar. — Ele disse suavemente. — O ar muda.

Sua mão ficou imóvel, pairando alguns centímetros ou assim acima de sua pele. Ela olhou para seu rosto, não se conteve e viu o desejo em seus olhos. Ele a queria. Ele queria que ela se inclinasse para frente e tocasse seus lábios nos dele. Seria tão fácil, ela só precisava inclinar-se. Ela poderia dizer a si mesma que não tinha a intenção de fazê-lo. Ela perdeu o equilíbrio, isso era tudo.

Mas ela devia saber. Este não era o seu momento. E não era o seu mundo. Ele era um conde, e ela era... Bem, ela era o que fez de si mesma e era alguém que não se consorciava com condes, especialmente aqueles que tinham em seu passado uma grinalda de escândalo.

A carga de atenção estava prestes a cair sobre ele, e Anne não queria estar perto dele quando isso acontecesse.

—Realmente tenho que ir agora. — Disse a ele.

—Ir para onde?

—Casa.— E então, porque parecia que deveria dizer algo mais, acrescentou. — Estou muito cansada. Foi um longo dia.

—Vou acompanhá-la. — Disse a ela.

—Isso não é necessário.

Ele olhou para ela e empurrou contra a parede, estremecendo enquanto ficava de pé.

—Como você pretende ir? Era uma pergunta?

—Vou a pé.

—Para Pleinsworth?

—Não é tão longe. Ele franziu o cenho.

—É muito longe para uma dama sem escolta.

—Sou uma *governanta*.

Isto pareceu diverte-lo.

—Governanta não é uma dama?

Ela soltou um suspiro de frustração indisfarçável.

—Vou ficar perfeitamente segura. — Assegurou ela. — A rua é bem iluminada durante todo o caminho de volta. Provavelmente haverá carruagens ao longo do caminho inteiro.

—E ainda assim não alivia a minha mente. Ah, mas ele era teimoso.

—Foi uma honra conhecê-lo. — Disse ela com firmeza. — Tenho certeza de que sua família está mais ansiosa para vê-lo novamente.

Sua mão se fechou em seu pulso.

—Não posso permitir que você vá a pé para casa sem escolta.

Anne ficou com os lábios entreabertos. Sua pele estava quente, e agora ela estava quente, onde ele a tocou. Algo estranho e vagamente familiar borbulhou dentro dela, e com uma pontada de choque ela percebeu que era empolgação.

—Certamente você entende. — Ele murmurou, e ela quase aceitou. Ela queria, a menina que ela costumava ser desesperadamente queria, e isso foi há muito tempo, desde que abriu o coração o suficiente para deixar que a menina fosse embora.

—Você não pode ir a qualquer lugar do jeito que está. — Disse ela. Era verdade. Ele parecia que tinha escapado da prisão. Ou possivelmente do inferno.

Ele encolheu os ombros.

—O melhor para ir despercebido.

—Lorde...

—Daniel. — Ele corrigiu.

Seus olhos se arregalaram com o choque.

—O que?

—Meu nome é Daniel.

—*Eu sei*. Mas não vou usá-lo.

—Bem, isso é uma pena. Ainda assim, valia a pena tentar. Vamos. —Ele estendeu o braço, que ela não tomou. —Vamos sair?

—Não vou com você.

Ele sorriu elegantemente. Mesmo com um lado da boca inchada e vermelha, parecia um demônio.

—Isso significa que você vai *ficar* comigo?

—Você foi atingido na cabeça. — Disse ela. — É a única explicação. Ele riu, então totalmente.

—Você tem um casaco?

—Sim, mas eu deixei-o na sala de ensaio. Eu... não tente mudar de assunto!

—Hmmm?

—Estou indo embora. — Ela declarou, levantando a mão. —Você vai ficar.

Mas ele a bloqueou. Seu braço saiu em uma linha rígida e horizontal, com a mão plana na parede.

—Eu não poderia ter deixado mais claro. — Disse ele, e naquele momento ela percebeu que o tinha subestimado. Despreocupado ele poderia ser, mas isso era tudo o que ele não era, e agora, estava muito sério. Sua voz era baixa e fixa, quando ele disse.

—Há algumas coisas que não vou comprometer. A segurança de uma dama é uma delas.

E foi isso. Ele não se mexeu. Assim, com uma admoestação que deviam permanecer

nas sombras e becos onde não seriam vistos, ela permitiu que ele a acompanhasse à entrada de serviço de Pleinsworth. Ele beijou-lhe a mão e ela tentou fingir que não gostou do gesto.

Ela poderia tê-lo enganado, mas certamente não enganava a si mesma.

—Vou procurá-la amanhã. — Disse ele, ainda segurando a mão dela na sua.

—O quê? Não! —Anne puxou sua mão de volta. —Você não pode.

—Não posso?

—Não. Sou uma governanta. Não posso ter homens me visitando. Vou perder meu emprego.

Ele sorriu como se a solução não pudesse ser mais fácil.

—Vou visitar minhas primas, então.

Era ele completamente ignorante do bom comportamento? Ou meramente egoísta?

—Eu não vou estar em casa. — Ela respondeu, sua voz firme.

—Eu vou voltar novamente.

—Eu não vou estar em casa novamente.

—Tal evasão escolar. Quem irá instruir minhas primas?

—Não serei *eu*, se ficar ao meu redor. Sua tia me demitirá, com certeza.

—Demitir?— Ele riu. —Parece tão macabro.

—É.— Bom Deus, ela tinha que fazê-lo entender. Não importava quem ele era ou como ele a fazia se sentir. A emoção da noite... o beijo que tinham compartilhado... eram coisas fugazes.

O que importava era ter um teto sobre sua cabeça. E alimentos. Pão, queijo e manteiga e açúcar e todas aquelas coisas lindas que ela tinha todos os dias em sua infância. Ela os tinha agora, com os Pleinsworths, junto com a estabilidade, posição e amor próprio.

Não perderia essas coisas por ele.

Ela olhou para Lorde Winstead. Ele a estava observando de perto, como se achasse que podia ver em sua alma.

Mas não a conhecia. Ninguém conhecia. E assim, usando formalidade como um manto, Anne recuou a mão e fez uma reverência.

—Obrigada por sua escolta, milorde. Eu aprecio sua preocupação com a minha segurança. — Ela virou-se de costas para ele e foi-se pela porta traseira.

Demorou pouco de tempo para resolver as coisas uma vez que ela entrou. Os Pleinsworths voltaram poucos minutos depois que ela, por isso havia desculpas a serem dadas, ela explicou que esteve a ponto de enviar uma nota explicando sua saída do musical. Harriet não poderia deixar de falar sobre a emoção da noite, aparentemente, Lorde Chatteris e Lady Honoria tinha de fato ficado noivos, da forma mais emocionante

possível, e então Elizabeth Frances veio correndo das escadas, porque não era como se uma delas estivesse dormindo.

Passaram-se duas horas antes de Anne finalmente ir para seu próprio quarto, vestir a camisola e se arrastar para a cama. E passaram-se mais duas horas antes que pudesse tentar dormir. Tudo o que podia fazer era olhar para o teto, pensar, e se perguntar em sussurro.

—Annelise Sophronia Shawcross. — Finalmente disse a si mesma. — *O que* você tem na cabeça?

Capítulo 3



Na tarde seguinte, apesar da condessa viúva Winstead, não querer deixar o recém-chegado filho fora de sua vista, Daniel fez o seu caminho para Pleinsworth. Ele não disse a sua mãe *onde* estava indo, certamente teria insistido em acompanhá-lo. Em vez disso, disse a ela que tinha assuntos legais para atender, o que era verdade. Um cavalheiro não poderia voltar de uma viagem de três anos no exterior sem visitar pelo menos um advogado. Mas isso só aconteceu por que o escritório de advocacia de Streatham e Ponce ficavam a apenas dois quilômetros na direção oposta de Pleinsworth. Uma bagatela, realmente, e quem poderia dizer que ele não iria de repente visitar suas primas mais jovens? Era uma ideia que facilmente um homem poderia ter em um carro, passeando pela cidade, como em qualquer outro lugar.

Perto da porta de Pleinsworths, por exemplo. Ou o tempo todo que ele andou até a casa.

Ou na cama. Ele tinha ficado acordado meia noite pensando na misteriosa senhorita Wynter, a curva de sua bochecha, o cheiro de sua pele. Ele estava enfeitiçado, admitiu livremente, e disse a si mesmo que era porque estava feliz de estar em casa. Fazia sentido ele sentir-se encantado com um exemplo tão encantador de feminilidade inglesa.

E assim, após um encontro cansativo de duas horas com os Srs. Streatham, Ponce, e Beaufort graves (que aparentemente não tinha conseguido muito em seu nome até o momento), Daniel dirigiu seu motorista para Pleinsworth. Queria ver suas primas.

Ele só queria ver sua governanta novamente

Sua tia não estava em casa, mas sua prima Sarah estava e ela cumprimentou-o com um grito de satisfação e um abraço caloroso.

—Por que ninguém me disse que voltou?— Ela exigiu. Recuou, piscando enquanto dava uma boa olhada em seu rosto. —E o que aconteceu com você?

Ele abriu a boca para responder, mas ela cortou-o.

—E não me diga que foi atacado por ladrões, porque eu ouvi tudo sobre os olhos enegrecidos de Marcus noite passada.

—Ele parece pior do que eu. — Daniel confirmou. —E sua família não disse que eu estava de volta, porque não sabiam. Eu não queria que a minha chegada interrompesse a apresentação.

—Muito atencioso da sua parte. — Disse ela com ironia.

Olhou para ela com carinho. Era da mesma idade de sua irmã e estava crescendo, muitas vezes parecia que tinha passado tanto tempo em sua casa como na própria.

—De fato. — Ele murmurou. —Eu assisti da sala de ensaio. Imagine minha surpresa ao ver uma estranha ao piano.

Ela colocou uma mão em seu coração.

—Eu estava doente.

—Estou aliviado ao ver que você teve uma rápida recuperação das portas da morte.

—Eu mal podia permanecer de pé ontem. — Ela insistiu.

—Realmente.

—Oh, é verdade. A vertigem, você sabe. —Ela balançou a mão no ar, como se afastando de suas palavras. —É um fardo terrível.

—Tenho certeza que as pessoas que sofrem com isso acham que sim. Ela apertou os lábios por um momento, então disse.

— Tivemos o suficiente de mim. Eu suponho que você ouviu a notícia esplêndida de Honoria?

Ele a seguiu até a sala e sentou-se.

—Que ela está prestes a ser Lady Chatteris? De fato.

—Bem, estou feliz por ela, mesmo que você não esteja. — Disse Sarah com uma fungada. —E não diga que você esta, porque seus ferimentos dizem o contrário.

—Estou muito feliz pelos dois. — Disse ele firmemente. —Isso. — Sua mão girou ante sua face. — Foi apenas um mal-entendido.

Ela deu-lhe um olhar dubio, mas tudo o que ela disse foi.

—Chá?

—Ficaria encantado. — Ele se levantou como ela. —Diga-me, suas irmãs estão em casa?

—Estão na sala de aula. Você gostaria de vê-las?

—É claro. — Disse ele imediatamente. —Elas devem ter crescido tanto na minha ausência.

—Elas estarão aqui em breve. — Disse Sarah, voltando para o sofá. —Harriet tem espiões por toda a casa. Alguém vai alertá-las de sua chegada, tenho certeza.

—Diga-me. — Disse ele, sentando-se em uma posição casual. — Quem era aquela ao piano na noite passada?

Ela o olhou com curiosidade.

—Em seu lugar. — Acrescentou desnecessariamente. —Porque você estava doente.

—Essa era a senhorita Wynter. — Ela respondeu. Seus olhos se estreitaram com

desconfiança. —Ela é governanta de minhas irmãs.

—Que sorte ela poder tocar.

—Um acidente feliz mesmo. — Disse Sarah. —Eu temia que o concerto fosse cancelado.

—Suas primas teriam ficado tão decepcionadas. — Ele murmurou. —Mas esta... qual o nome dela? Wynter certo?

—Sim.

—Ela conhecia a peça?

Sarah nivelou um olhar franco em sua direção.

—Aparentemente, sim. Ele acenou com a cabeça.

—Diria que a família deve a talentosa senhorita Wynter uma rodada empolgante de graças.

—Ela certamente ganhou a gratidão de minha mãe.

—Ela é governanta de suas irmãs há muito tempo?

—Cerca de um ano. Por que você pergunta?

—Nenhuma razão. Apenas curiosidade.

—Engraçado. — Ela disse lentamente. — Você nunca foi curioso sobre minhas irmãs antes.

—Isso certamente não é verdade. — Ele tentou demonstrar que estava afrontado com tal comentário. —Elas são minhas primas.

—Você tem uma abundância de primas.

—Todas que eu perdi contato no estrangeiro. Ausência de fato, faz o coração ficar mais afeiçoado.

—Oh, pare. — Sarah finalmente disse, olhando como se gostasse de jogar as mãos para cima em desgosto. —Você não está enganando ninguém.

—Como?— Daniel murmurou, mesmo que tivesse a sensação de ter sido pego no flagra.

Sarah revirou os olhos.

—Você acha que é a primeira pessoa a perceber que nossa governanta é absurdamente linda?

Ele estava prestes a pensar em alguma resposta seca, mas podia ver que Sarah estava prestes a dizer *E não diga que não notou...* Então ao invés disso, falou de forma muito clara.

—Não.

Porque realmente não tinha ganho algum dizer o contrário. A senhorita Wynter tinha o tipo de beleza que parava os homens em seus caminhos. Não era tranquila, como sua

irmã ou Sarah, nesse assunto. Ambas eram perfeitamente adoráveis, mas realmente não chamavam atenção até que as conhecessem. A senhorita Wynter, por outro lado...

Um homem teria que estar morto para não notá-la. Mais do que morto, se tal coisa fosse possível.

Sarah suspirou, com partes iguais de exasperação e resignação.

—Seria mais cansativo se não fosse tão boa.

—A beleza não tem de ser acompanhada por um mau caráter. Ela bufou.

—Alguém exercitou bastante filosofia, enquanto estive no Continente.

—Bem, você sabe, os gregos e romanos transmitem o conhecimento para você. Sarah riu.

—Oh, Daniel, você quer me perguntar sobre a senhorita Wynter? Porque se você quer, é só dizer.

Ele se inclinou para frente.

—Conte-me sobre a senhorita Wynter.

—Bem. — Sarah se inclinou para frente. —Não há muito a dizer.

—Posso estrangular você. — Ele disse suavemente.

—Não, é verdade. Sei muito pouco sobre ela. Ela não é minha governanta, depois de tudo. Acho que ela pode ser de algum lugar do norte. Ela veio com uma referência de uma família em Shropshire. E outro da Ilha de Man.

—A Ilha de Man. — Ele perguntou incrédulo. Não achava que conhecia alguém que viu a Ilha de Man. Era um local diabolicamente remoto, difícil de chegar e com muito mau tempo. Ou isso foi o que disseram a ele.

—Eu perguntei a ela sobre isso uma vez. — Disse Sarah com um encolher de ombros. —Ela me disse que estava muito triste.

—Eu imagino.

—Ela não fala sobre sua família, embora acho que ouvi falar de uma irmã uma vez.

—Será que ela recebe correspondência? Sarah balançou a cabeça.

—Não que eu saiba. E se ela posta qualquer uma, não faz isso daqui. Ele olhou para ela com um pouco de surpresa.

—Bem, eu teria notado em algum momento. — Disse ela na defensiva. —De qualquer forma, não vou permitir que incomode a senhorita Wynter.

—Não vou incomodá-la.

—Oh, você vai. Vejo isso nos seus olhos. Ele se inclinou para frente.

—Você é muito dramática para alguém que evita o palco. Seus olhos se estreitaram com suspeita.

—O que você quer dizer com isso?

—Apenas que você é o retrato da saúde. Ela soltou um suspiro elegante.

—Você acha que pode me chantagear? Desejo-lhe sorte com isso. Ninguém acredita que eu estava doente, de qualquer maneira.

—Mesmo a sua mãe? Sarah recuou.

Xeque-mate.

—O que você quer?— Perguntou ela.

Daniel fez uma pausa, para aproveitar melhor a situação. Sarah estava esplendidamente de dentes cerrados, e ele, pensou que se esperasse tempo suficiente, o vapor poderia sair de suas orelhas.

—Daniel... — Ela disse.

Ele inclinou a cabeça, como se ponderando o ponto.

—Tia Charlotte ficaria tão desapontada ao pensar que a filha estava se esquivando de seus deveres musicais.

—Eu já pedi a você. Oh, não importa. — Ela revirou os olhos, balançando a cabeça como se estivesse prestes a pacificar um menino de três anos de idade. —Eu poderia ter ouvido a senhorita Wynter esta manhã, planejando levar Harriet, Elizabeth, e Frances para um passeio em Hyde Park.

Ele sorriu.

—Já te disse, recentemente, que você é uma das minhas primas favorita?

—Estamos quites agora. — Alertou a ele. —Se você disser uma palavra a minha mãe...

—Não sonharia com isso.

—Ela já ameaçou me levar para o interior por uma semana. Para descanso e recuperação.

Ele engoliu uma risada.

—Ela está preocupada com você.

—Suponho que poderia ser pior. — Disse Sarah com um suspiro. —Realmente prefiro o interior, mas ela diz que tenho que ir todo o caminho para Dorset no carro, então realmente ficaria doente.

Sarah não viajava bem. Nunca.

—Qual é o nome de batismo da Srta. Wynter?— Daniel perguntou. Parecia notável que ele não soubesse.

—Você pode descobrir por si mesmo. — Respondeu Sarah.

Ele decidiu permitir que ela ganhasse essa, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Sarah virou a cabeça bruscamente para a porta.

—Ah bem na hora. — Disse ela, cortando suas palavras. —Acredito que ouvi alguém descer as escadas. Quem poderia possivelmente ser, eu me pergunto.

Daniel sabia.

—Minhas queridas jovens primas, eu tenho certeza. — Ele esperou até que viu alguém passar pela porta aberta, em seguida, gritou. —Oh, Harriet! Elizabeth! Frances!

—Não se esqueça da senhorita Wynter. — Sarah murmurou.

A que tinha passado a porta e olhou para dentro foi Frances, mas ela não o reconheceu.

Daniel sentiu uma pontada no peito. Não esperava isso. Se tivesse, não teria pensado que isso o faria se sentir tão melancólico.

Mas Harriet era mais velha. Ela tinha doze anos quando ele partiu para o Continente e quando ela enfiou a cabeça na sala de visitas gritou o nome dele e correu para dentro.

— Daniel. — Ela disse novamente. —Você está de volta! Oh, você está de volta, você está de volta, você está de volta.

—Estou de volta. — Confirmou ele.

—Oh, é tão bom ver você. Frances é o primo Daniel. Você se lembra dele? Frances, que parecia ter uns dez anos agora, soltou um tardio.

—Ooooooh. Você parece muito diferente.

—Não, ele não está. — Comentou Elizabeth, que entrava na sala atrás deles.

—Estou tentando ser educada. — Disse Frances com o canto de sua boca. Daniel riu.

—Bem, você está diferente, isso é certo. — Ele abaixou-se e deu-lhe um toque amigável no queixo. —Você está muito crescida.

—Oh, bem, não diria isso. — Disse Frances modestamente.

—Ela vai dizer todo o resto, tenho certeza. — Disse Elizabeth. Frances rapidamente voltou a cabeça.

—Pare com isso!

—O que aconteceu com seu rosto?— Harriet perguntou.

—Foi um mal-entendido. — Daniel disse suavemente, imaginando quanto tempo poderia levar para suas contusões se curarem. Ele não se achava particularmente vaidoso, mas as perguntas foram aumentando de forma cansativa.

—Um mal-entendido?— Elizabeth ecoou. —Com uma bigorna?

—Oh, pare. —Advertiu Harriet. —Acho que ele está muito elegante.

—Como se ele tivesse corrido para uma bigorna.

—Não lhe dê atenção. — Harriet disse a ele. —Ela não tem imaginação.

—Onde está a senhorita Wynter?— Sarah perguntou em voz alta. Daniel deu a ela um sorriso. Boa Sarah.

—Eu não sei. — Harriet disse, olhando primeiro sobre um ombro e depois o outro. —Ela estava bem atrás de nós nas escadas.

—Uma de vocês deve buscá-la. — Disse Sarah. —Ela vai querer saber por que vocês estão atrasadas.

—Vá em frente, Frances. — Disse Elizabeth.

—Por que eu tenho que ir?

—Porque sim.

Frances pisou, resmungando poderosamente.

—Eu quero ouvir tudo sobre a Itália. — Disse Harriet, com os olhos brilhando de entusiasmo juvenil. —Foi muito romântico? Você ouviu todo mundo dizer que a torre vai cair?^[5]

Ele sorriu.

—Não, eu vi, mas me disseram que é mais estável do que parece.

—E a França? Você esteve em Paris? — Harriet soltou um suspiro sonhador. — Eu adoraria ver Paris.

—Eu adoraria fazer compras em Paris. — Disse Elizabeth.

—Oh, sim. — Harriet olhou como se ela fosse desmaiar com a perspectiva. —Os vestidos.

—Eu não estava em Paris. — Disse-lhes. Não há necessidade de acrescentar que ele não poderia ter ido para Paris. Lorde Ramsgate tinha muitos amigos lá.

—Talvez não tenhamos que ir para a nossa caminhada agora. — Harriet disse, esperançosa. —Prefiro ficar aqui com o primo Daniel.

—Ah, mas eu prefiro aproveitar o sol. — Disse ele. —Talvez eu acompanhe-lhes no passeio pelo parque.

Sarah bufou. Ele olhou.

—Algo em sua garganta, Sarah? Seus olhos eram puro sarcasmo.

—Tenho certeza que está relacionado com o que me aconteceu ontem.

—A senhorita Wynter disse que vai esperar por nós nas cavalariças. — Frances anunciou, trotando de volta para a sala.

—Nas cavalariças?— Elizabeth ecoou. —Nós não vamos montar. Frances encolheu os ombros.

—Ela disse nas cavalariças.

Harriet soltou um suspiro satisfeito.

—Talvez ela goste de algum dos cavalariços.

—Oh, pelo amor de Deus. — Elizabeth zombou. —Um dos cavalariços? Sério.

—Bem, você tem que admitir, seria muito interessante se ela tivesse.

—Para quem? Não para ela. Não acho que nenhum deles sequer sabe ler.

—O amor é cego. — Harriet brincou.

—Mas não analfabeto!— Elizabeth retrucou. Daniel sufocou uma risada apesar de si mesmo.

—Vamos para fora? — Ele perguntou, dando as meninas uma reverência educada. Ele estendeu o braço para Frances, que o pegou com um olhar dirigido a suas irmãs.

—Tenham um passeio alegre!— Sarah disse. Sinceramente.

—O que há de errado com ela?— Elizabeth perguntou a Harriet enquanto se dirigiam para as cavalariças.

—Acho que ela ainda está chateada por ter perdido a apresentação. — Respondeu Harriet. Ela olhou para Daniel. —Você ouviu que Sarah perdeu o musical?

—Sim. — Ele confirmou. —Vertigem, foi?

—Pensei que era uma dor de cabeça. — Disse Frances.

—Doença de estômago. — Disse Harriet com certeza. —Mas não é um assunto a se comentar. A Srta. Wynter. — Ela se virou para Daniel. — É a nossa governanta. — Acrescentou ela, com a cabeça balançando de volta para suas irmãs. — É brilhante.

—Ela participou no lugar de Sarah. — Disse Frances.

—Não acho que ela queria. — Acrescentou Elizabeth. —Mamãe teve que ser muito enérgica.

—Bobagem. — Cortou Harriet. — A senhorita Wynter foi heroica desde o início. E fez um trabalho muito bom. Ela perdeu uma de suas entradas, mas apesar disso, foi excelente.

Soberba? Daniel se permitiu um suspiro mental. Havia muitos adjetivos para descrever as habilidades da Srta. Wynter no piano, mas excelente não era uma delas. E se Harriet pensava assim...

Bem, ela ia se encaixar bem quando chegasse a hora para ela tocar no quarteto.

—Eu me pergunto o que ela está fazendo nas cavalariças?— Harriet disse quando saíram atrás da casa. —Vá buscá-la, Frances.

Frances soltou um sopro de ar indignado.

—Por que eu tenho que fazer tudo?

—Porque sim.

Daniel soltou o braço de Frances. Ele não iria discutir com Harriet, não tinha certeza de que pudesse falar com rapidez suficiente para ganhar. —Vou esperar aqui, Frances. — Ele disse a ela.

Frances foi, só para voltar, um minuto depois, sozinha. Daniel franziu o cenho. Isso não esperava.

—Ela disse que iria estar conosco em um momento. — Frances informou.

—Você disse a ela que o primo Daniel vai se juntar a nós?— Harriet perguntou.

—Não, eu esqueci. — Ela encolheu os ombros. — Ela não vai se importar.

Daniel não tinha tanta certeza sobre isso. Ele estava bastante certo de que a Srta. Wynter sabia que ele estava na sala de visita (daí seu voo rápido às cavalariças), mas não achou que ela percebeu que tinha a intenção de acompanhá-las ao parque.

Este seria um passeio encantador. Excelente, mesmo.

—O que você acha que está levando tanto tempo?— Elizabeth perguntou.

—Ela só pediu um minuto. — Respondeu Harriet.

—Bem, agora, isso não é verdade. Ela estava lá pelo menos cinco minutos antes de chegarmos.

—Dez. — Frances replicou.

—Dez?— Daniel ecoou. Elas estavam o deixando tonto.

—Minutos. — Explicou Frances.

—Não era dez anos.

Ele não tinha certeza de que tinha falado isso.

—Bem, ela não tem cinco anos. Não mesmo.

—Nós podemos dizer oito, mas eu acho que é impreciso.

—Por que você fala tão rápido?— Daniel tinha que perguntar.

Eles fizeram uma pausa, todas as três, e olhou para ele com expressões e olhos arregalados.

—Nós não estamos falando rápido. — Disse Elizabeth. Adicionou Harriet.

—Nós sempre falamos desta maneira.

E então, finalmente Frances informou a ele.

—Todos nos entendem.

Era notável, Daniel pensou como três meninas poderiam reduzi-lo a mudez.

—Eu me pergunto o que está tomando tanto tempo da Srta. Wynter. — Harriet refletiu.

—Vou ver neste momento. — Declarou Elizabeth, lançando um olhar para Frances que disse que ela era ineficaz ao extremo.

Frances apenas encolheu os ombros.

Mas, assim que Elizabeth chegou à entrada das cavalariças, saiu à senhorita em questão, parecendo muito com uma governanta em seu prático vestido de dia cinza e capuz combinando. Ela estava puxando suas luvas, franzindo a testa para que Daniel só pudesse imaginar ser um buraco na costura.

—Esta deve ser a senhorita Wynter. — Ele disse em voz alta, antes que ela o visse.

Ela olhou para cima, mas rapidamente mascarou seu alarme.

—Eu ouvi coisas tão maravilhosas sobre a senhorita. — Ele disse em uma voz grave, um passo à frente para oferecer-lhe o braço. Quando ela o olhou com relutância, ele inclinou-se e murmurou, de modo que só ela pudesse ouvir. —Surpresa?

Capítulo 4



Não estava surpresa.

Por que iria se surpreender? Ele disse que estaria ali, mesmo quando ela disse que não estaria em casa quando ele fosse até lá. Ainda sim disse que estaria lá novamente, mesmo quando ela lhe disse *novamente* que não estaria em casa.

Novamente.

Ele era o Conde de Winstead. Homens de sua posição faziam o que queriam. Quando se tratava de mulheres, ela pensou irritada, os homens *de* sua posição faziam o que queriam.

Ele não era um homem malicioso, nem verdadeiramente egoísta. Anne gostava de pensar que tinha se tornado uma boa avaliadora de caráter ao longo dos anos, certamente melhor do que foi aos dezesseis. Lorde Winstead não iria seduzir alguém que não sabia o que estava fazendo e não iria arruiná-la, ameaçá-la ou chantageá-la ou qualquer uma dessas coisas, pelo menos não de propósito.

Se ela encontrou sua vida abalada por este homem, não era porque ele queria fazer isso. Era simplesmente porque ele gostava dela e queria que ela gostasse dele. E nunca lhe ocorreu que não deveria permitir-se a persegui-la.

Permitia-se fazer qualquer outra coisa. Por que não isso?

—Você não deveria ter vindo. — Ela disse em voz baixa, enquanto caminhavam para o parque, as três filhas de Pleinsworth vários metros à frente deles.

—Gostaria de ver minhas primas. — Respondeu, todo inocência. Olhou para ele de lado.

—Então por que está ao meu lado?

—Olhe para elas. — Disse ele, apontando com a mão. —Gostaria de ter que empurrar uma delas para a rua?

Era verdade. Harriet, Elizabeth, e Frances estavam andando lado a lado ao longo da calçada, da mais velha a mais nova, da maneira como sua mãe gostava que elas passeassem. Anne não podia acreditar que escolheu esse dia finalmente para seguir as instruções.

—Como está o seu olho? — Perguntou. Parecia pior na luz do dia, quase como se o

machucado estivesse se espalhando para a ponte de seu nariz. Mas pelo menos agora sabia que a cor de seus olhos era de um azul brilhante. Era quase absurdo o quanto tinha se perguntado sobre isso.

—Não está tão ruim, desde que não toque. — Disse a ela. —Se você se esforçar para não jogar pedras na minha cara, ficaria muito grato.

—Todos os meus planos para a tarde. — Ela brincou. —Arruinados. Só isso.

Ele riu e Anne foi sacudida pela lembrança. Não de nada específico, mas de si mesma, e quão adorável se sentiu ao flertar, rir e aquecer-se com a consideração de um cavalheiro.

O flerte era encantador. Mas não as consequências. Ainda estava pagando por elas.

—O tempo está bom. — Disse ela depois de um momento.

—Será que já vai dizer essas coisas?

Sua voz era leve e provocante, e quando se virou para roubar um olhar do rosto dele, o viu olhando para frente, com um sorriso pequeno e secreto tocando seus lábios.

—O clima é muito bom. — Emendou.

Seu sorriso se aprofundou. Assim fez o dela.

—Vamos para a lagoa?— Harriet perguntou na frente deles.

—Qualquer lugar que desejar. — Disse Daniel com indulgência.

—Rotten Row^[6]. — Anne corrigiu. Quando ele a olhou com as sobrancelhas levantadas, ela disse. —Ainda estou no comando delas, não?

Ele saudou com um aceno de cabeça, em seguida, gritou.

—Em qualquer lugar que desejar a Srta. Wynter.

—Nós não estamos fazendo matemática de novo?— Harriet lamentou. Lorde Winstead olhou para Anne com curiosidade indisfarçável.

—Matemática? Em Rotten Row?

—Estamos estudando medidas. — Informou ela. — Já mediram o comprimento médio dos passos delas. Agora vão contar os passos e calcular a distância do caminho.

—Muito bom. — Ele disse com aprovação. —E isso as mantém ocupadas e tranquilas enquanto contam.

—Você não as ouviu contando. — Disse Anne. Ele se virou para ela com algum alarme.

—Não diga que não sabem contar?

— Claro que não. — Ela sorriu, não se conteve. Ele parecia tão ridículo com seu único olho aberto. O outro ainda estava muito inchado para registrar muito de qualquer emoção. —Suas primas fazem tudo com muita elegância. — Disse ela. —Até contar.

Ele considerou. —Então o que você está dizendo é que, em cinco anos ou mais, quando os Pleinsworths tomarem conta do quarteto Smythe-Smith, deveria estar muito,

muito longe?

—Nunca deveria dizer uma coisa dessas. — Respondeu ela. —Mas vou dizer-lhe o seguinte, Frances decidiu romper com a tradição e assumir o contra fagote^[7].

Ele piscou.

—Verdade.

E então riram juntos. Ambos. Era um som maravilhoso.

—Ah, meninas!— Anne chamou, porque não pode resistir. —Lorde Winstead vai se juntar a vocês.

—Vou?

—Ele vai. — Anne confirmou, quando as meninas chegaram trotando. —Ele mesmo me disse que está muito interessado em seus estudos.

—Mentirosa. — Ele murmurou.

Ela ignorou o escárnio, mas se permitiu tolamente um meio sorriso.

—Aqui está o que devemos fazer. — Disse ela. —Vocês devem medir o comprimento do caminho, como combinamos, multiplicando o número de seus passos pelo comprimento do caminho.

—Mas o primo Daniel não sabe o tamanho do seu passo.

—Precisamente. Isso é o que faz a lição muito melhor. Depois de terem determinado a distância, devem voltar para determinar o comprimento do passo dele.

—*Em nossas cabeças?*

Ela poderia muito bem ter dito que deviam aprender a lutar uma guerra.

—É a única maneira de aprender como fazer isso. — Ela disse.

—Tenho um grande amor por penas e tintas. — Lorde Winstead comentou.

—Não deem ouvidos a ele, meninas. É extremamente útil ser capaz de fazer somas e tabelas em sua cabeça. Basta pensar nas aplicações.

Eles apenas olharam para ela, todos os quatro. Aplicações, aparentemente, não saltaram à mente.

—Compras. — Disse Anne, esperando apelar para as meninas. —A matemática é de grande ajuda quando se vai às compras. Você não leva pena e papel com você quando vai à modista, leva?

Ainda assim, a olharam. Anne tinha um sentimento de que nunca sequer se perguntaram sobre o preço na modista, ou qualquer em estabelecimento relacionado a esse assunto.

—Serve para os jogos. — Ela tentou. —Se você afiar suas habilidades aritméticas, não há como dizer que vai perder em um jogo de cartas.

—Você não tem ideia. — Lorde Winstead murmurou.

—Não acho que nossa mãe vá querer que você nos ensine a jogar. — Disse Elizabeth. Anne podia ouvir o conde rindo divertido ao lado dela.

—Como você pretende verificar os resultados?— Harriet queria saber.

—Essa é uma pergunta muito boa. — Anne respondeu. — E uma que vou responder amanhã. — Ela parou precisamente por um segundo, —Quando descobrir como farei.

Todas as três meninas riram, o que foi sua intenção. Não há nada como um pouco de humor autodepreciativo para recuperar o controle da conversa.

—Vou ter que voltar para ver os resultados. — Comentou Lorde Winstead.

—Não há necessidade para isso. — Disse Anne rapidamente. —Podemos enviá-los através de um laçao.

—Ou poderíamos caminhar. — Frances sugeriu. Ela se virou para Lorde Winstead com olhos esperançosos. —Não é muito longe até a Casa Winstead e a senhorita Wynter ama nos fazer passear.

—Caminhar é saudável para o corpo e para a mente. — Disse Anne afetadamente.

—Mas muito mais agradável quando se tem companhia. — Lorde Winstead disse.

Anne respirou para segurar uma réplica e se virou para as meninas.

—Vamos começar. — Disse rapidamente, direcionando-os para a parte superior do caminho. —Comecem por lá e, em seguida, façam seus caminhos. Vou esperar ali naquele banco.

—Você não vem?— Frances perguntou dando a Anne o tipo de olhar normalmente reservado para os culpados de alta traição.

—Não gostaria de ficar no meio do caminho. — Anne objetou.

—Ah, mas você não *ficaria* no meio do caminho, senhorita Wynter. — Disse Lorde Winstead. —O caminho é muito grande.

—Nem tanto.

—Nem tanto? — Ele repetiu. Ela acenou rápido.

—Difícilmente uma réplica digna das melhores governantas de Londres.

—Um elogio adorável esse, com certeza. — Ela respondeu. — Mas improvável de me estimular para a batalha.

Ele deu um passo em sua direção, murmurando.

—Covarde.

—Difícilmente. — Ela retornou, conseguindo responder, mesmo sem mover os lábios. E então, com um sorriso brilhante. —Vamos, meninas, vamos começar. Vou ficar aqui por um momento para ajudar vocês a começarem.

—Não preciso de ajuda. — Frances resmungou. —Só preciso não ter que fazer isso.

Anne apenas sorriu. Sabia que Frances estaria se gabando de seus passos e cálculos

mais tarde naquela noite.

—Você, também, Lorde Winstead. — Anne olhou para ele com sua expressão mais benigna. As meninas já estavam avançando, infelizmente, em velocidades diferentes, o que significava uma cacofonia de números enchendo o ar.

—Ah, mas não posso. — Disse ele. Uma de suas mãos agitou-se para descansar sobre seu coração.

—Por que não?— Harriet perguntou ao mesmo tempo em que Anne disse. —É claro que pode.

—Eu me sinto tonto. — Disse ele, e foi um fingimento óbvio que Anne não pode deixar de revirar os olhos. —É verdade. — Insistiu ele. —Eu me sinto... Oh, o que foi que aconteceu à pobre Sarah... a vertigem.

—Era uma doença de estômago. — Corrigiu Harriet, e ela deu um passo para trás discreto.

—Você não parecia tonto antes. — Disse Frances.

—Bem, isso era porque não estava fechando meu olho. *Isso* silenciou todas elas.

E então, finalmente.

—Desculpe, não entendi? — Anne realmente queria saber o que fechar os olhos tinha a ver com nada.

—Sempre fecho meus olhos quando conto. — Disse a ela. Com um rosto completamente impassível.

—Você sempre... Espere um momento. — Disse Anne, desconfiada. —Você fecha *um* de seus olhos quando conta?

—Bem, não poderia fechar os dois.

—Por que não?— Frances perguntou.

—Não seria capaz de ver. — Disse ele, como se a resposta fosse clara como o dia.

—Você não precisa ser capaz de ver para contar. — Respondeu Frances.

—Preciso.

Ele estava mentindo. Anne não podia acreditar que as meninas não estavam uivando em protesto. Mas não estavam. Na verdade, Elizabeth parecia totalmente fascinada.

—Qual olho? — Ela perguntou.

Ele limpou a garganta, e Anne estava bastante certa de que o viu piscar cada um de seus olhos, como para lembrar qual era a parte lesada. — O olho direito. — Ele finalmente decidiu.

—É claro. — Disse Harriet. Anne olhou para ela.

—O que?

—Bem, ele é destro, não é?— Harriet olhou para seu primo. —Você não é?

—Eu sou. — Ele confirmou.

Anne olhou de Lorde Winstead para Harriet e de volta.

—E isso é relevante porque...?

Lorde Winstead encolheu os ombros, salvo de ter que responder por que Harriet disse.

—porque é relevante.

—Tenho certeza de que poderei participar do desafio da próxima semana. — Lorde Winstead disse. — Uma vez que meu olho esteja curado. Não sei por que não me ocorreu que iria perder meu senso de equilíbrio com apenas um olho para olhar.

Os de Anne se estreitaram.

—Pensei que o seu equilíbrio foi afetado pela audição. Frances engasgou.

—Não me diga que ele está ficando *surdo*?

—Ele não está ficando surdo. — Respondeu Anne. —Embora pudesse, se você gritar assim novamente. Agora, comecem a contar e continuem seus trabalhos. Vou me sentar.

—Como eu. — Disse alegremente Lorde Winstead. —Mas estarei com vocês três em espírito.

As meninas voltaram para a contagem e Anne caminhou até o banco. Lorde Winstead estava bem atrás dela, e quando se sentaram, ela disse. — Não posso acreditar que elas acreditaram no absurdo sobre seu olho.

—Ah, não acredito nisso. — Disse ele calmamente. —Eu disse a elas que daria um presente para cada uma se fossem esforçadas em nos dar alguns momentos sozinhos.

—O que?— Anne gritou. Ele se dobrou de rir.

—É claro que não fiz isso. Bom Deus, acha que sou um burro completo? Não, não responda.

Ela balançou a cabeça, irritada consigo mesma por ter sido uma presa fácil. Ainda assim, não poderia ficar com raiva, sua risada era muito bem-humorada.

—Estou surpresa que ninguém tenha vindo cumprimentá-lo. — Disse. O parque não estava mais lotado do que o normal nesta hora do dia, mas não eram as únicas pessoas em uma caminhada. Anne sabia que Lorde Winstead era um cavalheiro extremamente popular quando morava em Londres, era difícil acreditar que ninguém notou sua presença em Hyde Park.

—Não acho que era de conhecimento comum que eu planejava voltar. — Disse.

—As pessoas veem o que elas esperam ver e ninguém no parque espera me ver. — Ele deu um meio sorriso triste e olhou para cima e para a esquerda, como se apontando para o olho inchado. —Especialmente nesta condição.

—E não comigo. — Acrescentou.

—Quem é você, eu me pergunto? Ela se virou, bruscamente.

—Isso é uma reação bem considerável para uma pergunta tão básica. — murmurou.

—Sou Anne Wynter. —disse uniformemente. —Governanta de suas primas.

—Anne. —disse suavemente e ela percebeu que ele estava saboreando seu nome como um prêmio. Ele inclinou a cabeça para o lado. —É Wynter com um i ou um y?

—Y. Por quê? —E então não pode deixar de rir quando falou.

—Por nada. — Respondeu ele. —Só a minha curiosidade natural. — Ele ficou em silêncio por um pouco mais, em seguida, disse. —Não combina com você.

—Desculpe?

—Seu nome. Wynter. Não combina com você. Mesmo com y.

—Estamos raramente dados à escolha de nossos nomes. — Ressaltou.

—É verdade, mas ainda assim, sempre achei interessante o quão bem, alguns se adequam a eles.

Ela não conseguiu esconder um sorriso travesso.

—O que, então, significa ser um Smythe-Smith? Ele suspirou, talvez com drama *demais*.

—Acho que estamos condenados a realizar mais e mais e mais musicais... Ele parecia tão desanimado que teve que rir.

—O que quer dizer com isso?

—É um pouco repetitivo, não acha?

—Smythe-Smith? Acho que há algo amigável nele.

—Difícilmente. Alguém poderia pensar que se um Smythe se casou com uma Smith, poderiam ser capazes de resolver suas diferenças e escolher um nome, em vez de sobrecarregar o resto de nós com os dois.

Anne riu.

—Há quanto tempo existe o nome com hífen?

—Várias centenas de anos. — Ele virou-se, e por um momento ela esqueceu seus arranhões e suas contusões. Viu só a ele, olhando para ela como se fosse à única mulher no mundo.

Ela tossiu, usando-o para mascarar seu movimento minúsculo longe dele no banco. Ele era perigoso, este homem. Mesmo quando estavam sentados em um parque público, falando sobre nada de grande importância, sentia isso.

Algo dentro dela foi despertado, e precisava desesperadamente desligá-lo e recuar.

—Eu já ouvi histórias conflitantes. — Disse ele, aparentemente ignorando a sua confusão. —Os Smythes tinham o dinheiro e os Smiths tinham a posição. Ou a versão romântica. Os Smythes tinham o dinheiro *e* a posição, mas os Smiths tinham a bela filha.

—Com o cabelo de fios de ouro e olhos de azul como céu? Isto soa como uma lenda do rei Artur.

—Difícilmente. A bela filha acabou por ser uma megera. — Ele inclinou a cabeça para ela com um sorriso seco. —Que não envelheceu bem.

Anne riu.

—Por que a família não abandona o nome então, e voltar a ser Smythe?

—Não tenho ideia. Talvez eles assinaram um contrato. Ou alguém achava que soava mais digno, com uma sílaba extra. De qualquer forma, não sei mesmo se a história é verdadeira.

Ela riu de novo, olhando para o parque para ver as garotas. Harriet e Elizabeth estavam disputando alguma coisa, provavelmente nada mais do que uma folha de grama, e Frances dava passos de gigante que iriam arruinar seus resultados. Anne sabia que deveria ir corrigi-la, mas era tão agradável sentar-se no banco com o conde.

—Você gosta de ser uma governanta?— Questionou.

—Se gosto disso?— Ela olhou para ele com a testa franzida. —Que pergunta estranha.

—Não consigo pensar em nada menos estranho, considerando a sua profissão. O que mostrou o quanto ele sabia sobre ter um emprego.

—Ninguém pergunta a uma governanta se ela gosta do que faz. — Disse ela. — Ninguém pergunta isso a ninguém.

Ela pensou que seria o fim de tudo, mas quando olhou para o rosto dele, estava olhando para ela com uma curiosidade verdadeira e honesta.

—Você já perguntou a um laçao se ele gosta de ser um? — Ela ressaltou. —Ou a uma empregada doméstica?

—Governanta não é um laçao ou uma empregada.

—Estamos mais perto do que você pensa. Se paga um salário, vive-se na casa de alguém, um passo em falso e pode ser jogada na rua. —E enquanto ele estava pensando, ela virou a mesa e perguntou. — Você gosta de ser um conde?

Ele pensou por um momento.

—Não tenho ideia. — No seu olhar de surpresa, ele acrescentou. —Não tive muita chance de saber o que significa. Segurei o título por apenas um ano antes de sair da Inglaterra, e tenho vergonha de dizer que não fiz muito com ele durante esse tempo. Se o condado está prosperando, é devido a excelente administração de meu pai, e sua previsão na nomeação de vários gestores capazes.

Ainda assim, ela insistiu. —Mas você ainda é o conde. Não importa em que lugar esteja. Quando conhece alguém, você diz “Sou Winstead” e não “Sr. Winstead”.

Ele olhou para ela francamente.

—Fiz muitas poucas amizades, enquanto estive no exterior.

—Ah. — Foi uma declaração extremamente estranha, e ela não sabia como responder. Ele não disse mais nada, e ela pensou que não poderia suportar o toque de

melancolia que havia descido sobre eles, então disse. —Gosto de ser uma governanta. Para elas, pelo menos. — Esclareceu, sorrindo e acenando para as meninas.

—Acredito que este não é seu primeiro trabalho. — Ele supôs.

—Não. Meu terceiro. Também servi como dama de companhia. — Ela não sabia por que estava dizendo tudo isso a ele. Era mais de si mesma do que geralmente compartilhava. Mas não era nada que ele não pudesse descobrir interrogando a sua tia. Todas as suas posições anteriores foram divulgadas quando Anne respondeu ao anúncio para ensinar as filhas de Pleinsworth, mesmo àquela que não terminou bem. Anne lutava pela honestidade sempre que possível, provavelmente porque muitas vezes não era possível. E ela era muito grata por Lady Pleinsworth não ter pensado menos dela por ter saído de uma posição onde todos os dias tinha que colocar uma barricada contra a porta para evitar os estudantes do seu pai.

Lorde Winstead a olhou de forma estranha e penetrante, então finalmente disse.

—Eu ainda não acho que você seja uma Wynter. — Disse ele.

Era estranho que ele parecesse tão preso a ideia. Ainda assim, ela encolheu os ombros.

—Não há muito que eu possa fazer sobre isso. A menos que eu me case. O que, como ambos sabemos, é uma perspectiva improvável. — Governantas raramente tinham a oportunidade de conhecer cavalheiros elegíveis de sua própria posição. E Anne não queria se casar, de qualquer maneira. Era difícil imaginar qualquer homem tendo total controle sobre sua vida e seu corpo.

—Olhe para aquela senhora, por exemplo. — Disse ele, apontando com a cabeça para uma mulher que estava com desdém se esquivando de Frances e Elizabeth quando saltavam em todo o caminho. —Ela parece uma Wynter. Loira gelada, fria de caráter.

—Como você pode julgar seu caráter?

—Algumas dissimulações da minha parte. — Ele admitiu. — Eu a conheço. Anne não queria nem pensar sobre o que isso significava.

—Acho que você é o outono. — Ele meditou.

—Prefiro ser primavera. — Disse ela suavemente. Para si mesma.

Ele não perguntou por quê. Ela nem sequer pensou no seu silêncio, até mais tarde, quando estava em seu pequeno quarto, lembrando os detalhes do dia. Era o tipo de declaração que pedia explicação, mas ele não tinha pedido. Ele sabia.

Ela desejou que tivesse pedido. Ela não teria gostado dele tanto se tivesse questionado o porquê de sua declaração.

E ela teve a sensação de que gostar de Daniel Smythe-Smith, o conde famoso e infame de Winstead, só podiam levar à queda.

Quando Daniel voltou para casa naquela noite, depois de ter parado na casa de Marcus para transmitir seu formal desejo de parabéns, percebeu que não conseguia se lembrar da última vez que gostou tanto de uma tarde.

Ele supôs que isso não era uma conquista difícil, havia passado os últimos três anos de sua vida no exílio, depois de tudo, muitas vezes fugindo de assassinos contratados por Lorde Ramsgate. Não foi uma existência que se prestava a passeios preguiçosos e conversas agradáveis.

Mas isso era o que a tarde tinha acabado de ser. Enquanto as meninas contavam seus passos ao longo de Rotten Row, ele e a senhorita Wynter se sentaram e conversaram, falando muito pouco, em particular. E o tempo todo ele não conseguia parar de pensar no quanto queria pegar a mão dela.

Isso era tudo. Apenas a mão dela.

Ele iria levá-la aos lábios, e abaixar a cabeça em saudação. E ele teria sabido que aquele beijo, simples cavalheiresco seria o início de algo incrível.

Era por isso que seria suficiente. Porque seria uma promessa.

Agora que ele estava sozinho com seus pensamentos, sua mente vagava a tudo que representava essa promessa. A curva do pescoço dela, a intimidade exuberante de seu cabelo desfeito. Não conseguia se lembrar de querer uma mulher dessa maneira. Ia além de mero desejo. Sua necessidade por ela era mais profundo do que o seu corpo. Ele queria adorá-la para sempre.

O golpe veio do nada, abaixo da orelha, fazendo-o cair de volta contra um poste.

—Que diabos?— Ele grunhiu, olhando-se apenas a tempo de ver dois homens se lançando em direção a ele.

—Sim, é um bom homem. — Disse um deles, e enquanto se movia como uma cobra no ar enevoado, Daniel viu o brilho de uma faca, piscando sob a luz do poste.

Ramsgate.

Eram os seus homens. Tinha que ser.

Maldição, Hugh jurou a ele que era seguro voltar. Daniel foi um tolo por acreditar, tão desesperado estava para voltar para a casa que não foi capaz de ver a verdade?

Daniel aprendeu a lutar, jogar sujo nos últimos três anos e meio, e enquanto o primeiro atacante se enrolou na calçada por causa de um chute na virilha, o outro foi forçado a lutar pelo domínio da faca.

—Quem te enviou?— Daniel rosnou. Eles estavam cara a cara, quase nariz com nariz, seus braços esticados para cima, pois ambos lutavam pela arma.

—Uma brincadeira em troca de uma moeda. — Disse o rufião. Ele sorriu, e seus olhos tinham um brilho reluzente de crueldade. —Entregue para mim o seu dinheiro que tudo se resolve.

Estava mentindo. Daniel sabia, assim como sabia como respirar. Se ele soltasse os pulsos do homem, mesmo que por um momento, a faca seria mergulhada entre suas costelas. Do jeito que estava, sabia que tinha apenas alguns momentos antes do homem no chão recuperar seu equilíbrio.

—Ei! O que está acontecendo aqui?

Daniel passou seus olhos para rua, tempo suficiente para ver dois homens saindo correndo de uma casa pública. O atacante viu também, e com um movimento de seus pulsos, jogou a faca na rua. Torcendo e puxando as mãos, se libertou das garras de Daniel e correu, seu amigo atrás dele.

Daniel correu atrás deles, determinado a capturar pelo menos um. Seria a única maneira de conseguir qualquer resposta. Mas antes de chegar à esquina, um dos homens do pub abordou-o, confundindo-o com um dos criminosos.

—Droga. — Daniel resmungou. Mas não havia sentido em amaldiçoar o homem. Sabia que poderia estar morto se não fosse por sua intervenção.

Se ele quisesse respostas, teria que encontrar Hugh Prentice. Agora.

Capítulo 5



Hugh vivia em um pequeno conjunto de apartamentos em O'Albany, um elegante edifício que atendia cavalheiros de meios excepcionais e nascimento modesto. Hugh certamente poderia ter permanecido na mansão enorme de seu pai, e de fato Lorde Ramsgate havia tentado de tudo, até chantagem para forçá-lo a ficar, mas como Hugh disse a Daniel durante a longa viagem da Itália para casa, ele não falava mais com seu pai.

Seu pai, infelizmente, ainda falava com ele.

Hugh não estava em casa quando Daniel chegou, mas seu criado mostrou a sala de estar, garantindo-lhe que Hugh retornaria em breve.

Por quase uma hora Daniel passeou pelo lugar, observando todos os detalhes do ataque. Não era a melhor iluminação das ruas de Londres, mas certamente não era considerada uma das mais perigosas. Então, novamente, se um ladrão quisesse capturar uma bolsa pesada, ele teria de se aventurar além das colônias de St. Giles e Nichol. Daniel não teria sido o primeiro cavalheiro a ser roubado tão perto de Mayfair e St. James.

Poderia ter sido um simples assalto. Não poderia? Eles disseram que queriam o seu dinheiro. Poderia ser verdade.

Mas Daniel tinha passado muito tempo olhando por cima do ombro para aceitar uma explicação simples por qualquer coisa. E assim, quando Hugh finalmente entrou, Daniel estava esperando por ele.

—Winstead. — Hugh disse imediatamente. Não parecia surpreso, mas, novamente, Daniel não achou que já o tinha visto surpreso. Sempre teve o rosto mais notavelmente inexpressivo. Era uma das razões por ser tão imbatível nas cartas. Isso e sua bizarra aptidão para os números.

—O que está fazendo aqui?— Hugh perguntou. Ele fechou a porta atrás de si e mancou, apoiando-se em sua bengala. Daniel forçou-se a ver o seu progresso. Quando eles se encontraram pela primeira vez na Itália, foi difícil para Daniel ver a marcha dolorosa de Hugh, sabendo que deu causa a isso. Agora ele testemunhava como uma espécie de penitência, embora depois do que tinha acontecido com ele naquela mesma noite, não estava certo de que ser uma penitência que merecia.

—Eu fui atacado. — Disse Daniel secamente.

Hugh ficou imóvel. Lentamente, ele se virou, seus olhos cuidadosamente varrendo o

rosto de Daniel até seus pés, e de volta.

—Sente-se. — Disse ele abruptamente e apontou para uma cadeira. O sangue de Daniel estava correndo rápido demais para sentar.

—Prefiro ficar de pé.

—Desculpe-me então, se eu me sentar. — Disse Hugh com um toque autodepreciativo em seus lábios. Ele fez o seu caminho ao longo de uma cadeira, meio sem jeito, e depois se abaixou. Quando finalmente tirou o peso de sua perna ruim, ele suspirou um alívio audível.

Isso, ele não estava fingindo. Ele poderia ter mentindo sobre outras coisas, mas não isso. Daniel viu a perna de Hugh. Estava torcida e enrugada, sua própria existência uma façanha improvável da medicina. Que ele poderia colocar qualquer peso sobre ela era um milagre.

—Você se importa se eu beber?— Hugh perguntou. Ele descansou a bengala na mesa e começou a massagear os músculos da perna. Ele não se preocupou em esconder a dor de seu rosto. —É ali. — Ele estremeceu, sacudindo a cabeça em direção a um armário.

Daniel atravessou a sala e tirou uma garrafa de conhaque.

—Dois dedos? — Ele perguntou.

—Três. Por favor. Foi um longo dia.

Daniel derramou a bebida e entregou-a. Ele não tinha tocado em álcool desde aquela fatídica noite que ficou bêbado, mas, novamente, ele não tinha uma perna machucada que precisava de entorpecente.

—Obrigado. — Hugh disse, sua voz em algum lugar entre um gemido e um sussurro. Tomou um longo gole, e depois outro, fechando os olhos quando o fogo desceu por sua garganta. —Não. — Disse ele, vez que recuperou a compostura. Colocou o copo na mesa e olhou para cima. —Disseram-me que seus ferimentos vieram pelas mãos de Lorde Chatteris.

—Isso foi outra coisa. — Daniel disse com desdém. —Fui atacado por dois homens quando estava voltando para casa esta noite.

Hugh endireitou seus olhos sérios.

—Eles disseram alguma coisa?

—Exigiram dinheiro.

—Mas sabiam o seu nome? Daniel balançou a cabeça.

—Eles não o disseram.

Hugh ficou em silêncio por um longo momento, então disse.

—É possível que fossem ladrões comuns. Daniel cruzou os braços e olhou para ele.

—Eu disse a você que fiz meu pai prometer. — Hugh disse calmamente. —Ele não vai tocá-lo.

Daniel queria acreditar nele. Na verdade, acreditava. Hugh nunca foi um mentiroso. Também não possuía uma natureza vingativa. Mas era possível Hugh tê-lo enganado?

—Como sei que seu pai pode ser confiável?— Daniel perguntou. —Ele passou os últimos três anos em busca da minha morte.

—E eu passei os últimos três anos convencendo-o de que isto, — Hugh enrolou seu lábio e acenou com a mão sobre sua perna arruinada. — Foi tanto minha culpa como sua.

—Ele nunca iria acreditar.

—Não. — Hugh concordou. —Ele é um burro teimoso. Sempre foi.

Não foi a primeira vez que Daniel ouviu Hugh referir-se a seu pai, em tais termos, mas ainda assim, foi pego de surpresa. Havia algo sobre a clareza do tom de Hugh que era enervante.

—Como sei que vai ser seguro?— Daniel exigiu. —Voltei para a Inglaterra com a força de sua palavra, na crença de que seu pai iria honrar sua promessa. Se algo me acontecer, ou se, Deus te ajude, qualquer membro da minha família, vou te caçar até os confins da terra.

Hugh não precisou salientar que, se Daniel fosse morto, não haveria caça a ser feita.

—Meu pai assinou um contrato. — Disse Hugh. —Você já o viu.

Daniel ainda possuía uma cópia. Assim fez Hugh e Lorde Ramsgate. O procurador de Hugh estava com instruções estritas para mantê-lo sob sete chaves. Mas, ainda assim...

—Ele não seria o primeiro homem a desconsiderar um documento assinado. — Disse Daniel em voz baixa.

—Verdade. — O rosto de Hugh se torceu e houve um longo olhar para as sombras sob seus olhos. —Mas ele não vai ignorar este. Tenho certeza disso.

Daniel pensou em sua família, em sua irmã e mãe, em suas divertidas e risonhas primas Pleinsworth, que estava apenas começando a conhecer novamente. E pensou na senhorita Wynter, o rosto surgindo à frente de sua mente. Se algo acontecesse com ele antes que tivesse a chance de conhecê-la...

Se algo acontecesse com ela...

—Preciso saber como pode estar tão certo. — Disse Daniel, sua voz caindo em um silêncio furioso.

—Bem... —Hugh levou o copo aos lábios e tomou algo mais longo do que um gole. —Se quer saber, eu lhe disse que se alguma coisa acontecesse com você, iria me matar.

Se Daniel estivesse segurando alguma coisa, qualquer coisa, teria soltado no chão. Foi notável ele não ter caído no chão.

—Meu pai me conhece bem o suficiente para saber que não digo uma coisa dessas de forma leviana. — Disse Hugh, brincando.

Daniel não podia falar.

—Então, se você morrer... —Hugh tomou outro gole, desta vez quase sem tocar seus

lábios com o líquido. — Apreciaria se você se esforçasse para não se matar em um acidente infeliz. Tenho certeza de que a culpa cairia em meu pai, e, honestamente, prefiro não me matar desnecessariamente.

—Você é louco. — Daniel sussurrou.

Hugh encolheu os ombros. —Às vezes acho que sim. Meu pai certamente concordaria.

—Por que faria uma coisa dessas?— Daniel não poderia imaginar qualquer outra pessoa, nem mesmo Marcus, que era verdadeiramente um irmão para ele, fazer o mesmo tipo de ameaça.

Hugh ficou em silêncio por um tempo muito longo, o olhar sem foco de seus olhos quebrados apenas pelo piscar ocasional. Finalmente, apenas quando Daniel tinha certeza de que nunca iria responder, ele se virou e disse.

—Fui estúpido quando te chamei de trapaceiro. Estava bêbado. E creio que você estava bêbado também. Não acreditei que você tivesse a capacidade de me superar no jogo.

—Não tinha. — Disse Daniel. —Tudo o que eu tive foi sorte.

—Sim. — Concordou Hugh. —Mas não acredito em sorte. Nunca acreditei. Creio na habilidade, e ainda mais no julgamento, mas não tive juízo naquela noite. Nem com as cartas e nem com as pessoas.

Hugh olhou para o copo, que estava vazio. Daniel pensou em se oferecer para recarregá-lo, em seguida, decidiu que Hugh é quem deveria pedir, se esse fosse o seu desejo.

—Foi minha culpa você ter deixado o país. — Hugh disse, colocando o copo sobre a mesa ao lado dele. —Eu não poderia viver comigo mesmo por mais tempo, sabendo que tinha arruinado sua vida.

—Mas eu também arruinei a sua. — Daniel disse calmamente. Hugh sorriu, mas apenas com a boca, e não com os olhos.

—É apenas uma perna.

Daniel não acreditou nele. E não achava que Hugh acreditava nisso também.

—Vou ver meu pai. — Disse Hugh, trazendo uma vivacidade em seu tom que demonstrou que a conversa estava chegando ao fim. —Não acredito que ele seria tolo o suficiente para ter sido o responsável pelo que aconteceu com você esta noite, mas apenas no caso, vou lembrá-lo de minha ameaça.

—Você vai me informar do resultado da reunião?

—É claro.

Daniel fez o seu caminho para a porta, e quando virou-se para dizer adeus, viu que Hugh estava lutando para ficar em pé. Sua língua tocou a parte superior de sua boca, pronto a dizer. Não, engoliu a palavra. Todo homem precisava de seu orgulho.

Hugh estendeu a mão e agarrou sua bengala, em seguida, fez o seu progresso

dolorosamente lento em toda a sala para ver Daniel sair.

—Obrigado por ter vindo esta noite. — Disse Hugh. Ele estendeu a mão e Daniel pegou.

—Tenho orgulho de chamá-lo de meu amigo. — Disse Daniel. Ele saiu em seguida, mas não antes de ver Hugh transformar-se rapidamente, com os olhos molhados de lágrimas.

Na tarde seguinte, depois de passar a manhã em Hyde Park fazendo três novas medições em Rotten Row, Anne sentou-se à mesa de trabalho na sala de aula Pleinsworth enquanto considerava itens para colocar em sua lista. Era sua tarde livre e esteve ansiosa toda a semana para fazer seus recados e compras. Não que ela tivesse muito para comprar, mas sim ir de loja em loja. Era adorável ter alguns momentos em que não tinha a responsabilidade por ninguém, a não ser por si mesma.

Sua preparação, no entanto, foi interrompida pela chegada de Lady Pleinsworth, que entrou no quarto em um farfalhar de musselina verde pálido.

—Sairemos amanhã! — Ela anunciou.

Anne olhou para cima, completamente confusa, então se levantou.

—Desculpe?

—Não podemos ficar em Londres. — Disse Lady Pleinsworth. —Rumores estão voando.

Eles estavam? Sobre o quê?

—Margaret me disse que ouviu rumores de que Sarah não estava realmente mal na noite do musical e que foi uma tentativa de estragar a apresentação.

Anne não sabia quem era Margaret, mas não podia negar que a senhora estava bem informada.

—Como se Sarah fizesse uma coisa dessas. — Lady Pleinsworth continuou. —Ela é uma música tão superiora. E uma filha obediente. Ela aguarda pelo musical todo o ano.

Não tinha comentário para Anne poder fazer sobre isso, mas felizmente para ela, Lady Pleinsworth não parecia exigir uma resposta.

—Há apenas uma maneira de combater essas mentiras cruéis. — Ela continuou.

—Deixar a cidade.

—Sair da cidade?— Anne ecoou. Parecia extremo. A temporada estava começando e pensou que o principal objetivo de Lady Pleinsworth era o de encontrar um marido para Lady Sarah. O que era improvável de acontecer se voltassem para Dorset, onde os Pleinsworths viviam por sete gerações.

—É verdade. — Lady Pleinsworth soltou um suspiro rápido. —Eu sei que Sarah melhorou. Mas, para o resto do mundo, ela deve estar às portas da morte.

Anne piscou, tentando seguir a lógica da condessa.

—Não necessita dos serviços de um médico? Lady Pleinsworth acenou isto.

—Não, apenas ar saudável. Todo mundo sabe que não se pode convalescer propriamente na cidade.

Anne assentiu secretamente aliviada. Ela preferia a vida no interior. Ela não tinha conexões no sudoeste da Inglaterra, e gostava dessa maneira. Além disso, havia a complicação de sua paixão por Lorde Winstead. Convinha-lhe beliscar a realidade e duzentas milhas de campo entre os dois parecia a melhor maneira de se beliscar. Deixando sua pena, perguntou a Lady Pleinsworth. — Quanto tempo vamos ficar em Dorset?

—Oh, não vamos para Dorset. E graças a Deus por isso. É uma viagem cansativa. Nós teríamos que ficar pelo menos duas semanas para que ninguém pensasse que Sarah teve pouca pausa e descanso.

—Então pa...

—Vamos para Colina Whipple. — Lady Pleinsworth anunciou. —É bem perto de Windsor. Nem sequer exige um dia inteiro para chegar lá.

Colina Whipple? Por que isso soa familiar?

—Lorde Winstead sugeriu.

Anne, de repente, começou a tossir.

Lady Pleinsworth a olhou com certa preocupação.

—Você está bem, senhorita Wynter?

—Er... Alguma... ehm ehm...poeira na minha garganta. Eu acho.

—Bem, sente-se, se acha que isso vai ajudar. Não há necessidade de fazer cerimônia comigo, pelo menos não no momento.

Anne assentiu com gratidão e retomou a seu assento. Lorde Winstead. Deveria ter adivinhado.

—É uma solução ideal para todos nós. — Lady Pleinsworth continuou. —Lorde Winstead quer deixar Londres também. A notoriedade, você sabe. Assim que se espalhar que ele voltou, vai ser inundado com perguntas. Quem pode culpar o homem por desejar uma reunião pacífica com a sua família?

—Então ele vai nos acompanhar?— Anne perguntou cuidadosamente.

—É claro. É sua propriedade. Parece estranho viajar para lá sem ele, mesmo que eu seja sua tia favorita. Acredito que sua irmã e mãe virão também, embora não tenha certeza. —Lady Pleinsworth fez uma pausa para respirar, parecendo bastante satisfeita com a recente virada de eventos. —Babá Flandres irá supervisionar a bagagem das meninas, uma vez que é a sua tarde livre. Mas se puder olhar tudo quando voltar, ficaria muito grata. A babá é muito querida, mas ela está envelhecendo.

—É claro. — Anne murmurou. Ela adorava a babá, mas há muito tinha ficado um pouco surda. Anne sempre admirou Lady Pleinsworth por mantê-la, ela foi a babá de Lady Pleinsworth quando criança, e da mãe dela.

—Vamos ficar fora por uma semana. — Lady Pleinsworth continuou. —Por favor, certifique-se de embalar lições suficientes para manter as meninas ocupadas.

Uma semana? Na casa de Lorde Winstead? Com Lorde Winstead na residência? O coração de Anne se afundou e aumentou, ao mesmo tempo.

—Tem certeza de que está tudo bem?— Lady Pleinsworth perguntou. —Você está terrivelmente pálida. Espero que não tenha pegado a doença de Sarah.

—Não, não. — Anne assegurou. —Isso teria sido impossível. Lady Pleinsworth olhou para ela.

—O que quero dizer é que não tenho estado em contato com Lady Sarah. — Anne disse apressadamente. —Estou perfeitamente bem. Preciso apenas de um pouco de ar fresco. É como disse. Ele cura tudo.

Se Lady Pleinsworth descobriu que estava fingindo, não disse nada.

—Bem, então, é boa hora para você ter a tarde para si mesma. Pretende sair?

—Sim, obrigada. — Anne se levantou e se apressou para a porta. —Tenho que ir, tenho muitos recados para atender. —Ela fez uma reverência rápida, em seguida, correu de volta ao quarto para recolher suas coisas, um xale, no caso de esfriar, sua bolsa com um pouco de dinheiro. Abriu a gaveta e deslizou sua mão sob a pilha de roupas escassas, lá estava ele. Cuidadosamente selado e pronto para ser enviado. Anne gastou uma coroa e meia em sua última carta, de modo que estava confiante de Charlotte ser capaz de pagar o selo, quando esta carta chegasse. O único truque era ter certeza de que ninguém mais percebesse que ela tinha realmente enviado a carta.

Anne engoliu em seco, surpresa com o nó na garganta. Alguém poderia pensar que ela estava acostumada a fazer isso, assinando um nome falso em suas cartas à sua irmã, mas era o único jeito. Duplamente falsa, na verdade. Ela nem sequer assinava como Anne Wynter, que supostamente era seu nome tanto quanto Annelise Shawcross era.

Cuidadosamente, colocou a carta em sua bolsa e desceu as escadas. Ela se perguntou se o resto de sua família já tinha visto suas missivas, e se assim fosse, quem achavam que era Mary Philpott. Charlotte teria que ter uma boa história para isso.

Era um belo dia de primavera, com brisa suficiente para fazê-la desejar que a touca estivesse mais apertada. Desceu passando a Berkeley Square em direção a Piccadilly, onde havia uma casa fora da estrada principal, onde gostava de postar suas cartas. Não era o mais próximo ponto de Pleinsworth, mas a área era mais agitada, e preferia o profundo manto do anonimato oferecido. Além disso, gostava de andar, e era sempre um prazer andar em seu próprio ritmo.

Piccadilly estava tão cheia como sempre, ela virou a leste, passando por várias lojas antes de levantar a barra de sua saia alguns centímetros, a fim de atravessar a rua. Uma meia dúzia de carros passou, mas nenhum rapidamente. Ela facilmente escolheu caminhar pela calçada de pedras e...

Oh, meu Deus.

Era ele...? Não, não podia ser. Ele não ia a Londres. Ou pelo menos nunca foi. Pelo que sabia, não ia, e...

O coração de Anne bateu em seu peito, e por um momento sentiu as bordas de sua

visão começa a escurecer e enrolar. Ela forçou o ar em seus pulmões. Pense. Ela tinha que pensar.

O cabelo acobreado loiro, o mesmo perfil devastadoramente bonito. Sua aparência sempre foi única, era difícil imaginar que ele tinha um irmão gêmeo desconhecido na capital, vagando em Piccadilly.

Anne sentiu as lágrimas, quente e furiosamente, queimando atrás de seus olhos. Isso não era justo. Ela fez tudo o que era esperado dela. Ela havia cortado os laços com tudo e todos que conhecia. Mudou o nome e foi embora e prometeu que ela nunca, jamais, falaria do que tinha acontecido em Northumberland muito tempo atrás.

Mas George Chervil não manteve sua parte do trato. E se esse era realmente ele, do lado de fora da mercearia de Burnell...

Ela não podia ficar ali como um alvo e esperar para descobrir. Com um grito sufocado de frustração, virou-se e correu para a primeira loja que viu na sua frente.

Capítulo 6



Oito anos antes...

Esta noite, Annelise pensou com excitação crescente. Esta noite seria a noite.

Seria um pouco escandaloso ela ficar comprometida antes de qualquer uma de suas irmãs mais velhas, mas não seria totalmente inesperado. Charlotte nunca demonstrou grande interesse na sociedade local e Marabeth sempre parecia tão tensa e com raiva que era difícil imaginar alguém querendo se casar com ela.

Porém, Marabeth teria um ataque, e os seus pais certamente a consolariam, mas desta vez não forçariam sua filha mais nova a dar um prêmio. Quando se casasse com George Chervil, os Shawcrosses ficariam para sempre ligados à família mais importante de Northumberland. Mesmo Marabeth acabaria por perceber que o casamento de Annelise era de seu melhor interesse.

A crescente onda de fato levantou todos os barcos, mesmo os mais espinhosos nomeados Marabeth.

—Você se parece com o gato que comeu o rato. — Charlotte disse, observando Annelise enquanto ela se examinava no espelho, testando um conjunto de brincos contra o outro. Pertenciam ao colar, é claro, as joias da família Shawcross pertencia a sua mãe, e tudo o que tinha além de sua aliança de casamento era um pequeno broche, com três pequenos diamantes e um topázio grande. Não era mesmo muito bonita.

—Acho que George vai me pedir para casar com ele. — Annelise sussurrou. Ela nunca poderia manter segredos de sua irmã. Pelo menos não até recentemente. Charlotte sabia a maioria dos detalhes do namoro secreto de um mês de sua irmã, mas não todos eles.

—Não diga! — Charlotte engasgou de prazer e apertou as mãos de sua irmã na dela. —Estou tão feliz por você.

—Eu sei, eu sei. — Annelise não podia se impedir de sorrir. Suas bochechas ficariam doloridas até o final da noite, tinha certeza. Mas estava tão feliz. George era tudo o que sempre quis em um marido. Era tudo o que qualquer menina sempre quis, bonito, atlético, elegante. Sem mencionar suas incríveis conexões sociais. Como Sra. George Chervil, Annelise iria viver na melhor casa. Seus convites seriam cobiçados, sua amizade desejada. Talvez eles até mesmo fossem a Londres para a temporada. Annelise sabia que essas viagens eram caras, mas George um dia seria um baronete. Em algum momento ele teria

seu lugar na sociedade, não é?

—Ele foi dando dicas?— Charlotte queria saber. —Dando presentes?

Annelise inclinou a cabeça para o lado. Gostava do jeito que a luz batia em sua pele pálida.

—Ele não fez nada de tão óbvio. Mas existe essa história sobre o baile de verão. Sabia que os pais dele ficaram noivos nesse mesmo evento? E agora que George fez vinte e cinco anos... —Ela se virou para sua irmã com olhos arregalados e excitados. — Ouvi seu pai dizer que era hora dele se casar.

—Oh, Annie. — Charlotte suspirou. —É tão romântico. — O baile de verão da família Chervil era o evento do ano, todo ano. Se tivesse um momento em que o solteiro mais cobiçado da aldeia pudesse anunciar seu noivado, seria esse.

—Qual deles? — Annelise perguntou, segurando os dois conjuntos de brincos.

—Oh, o azul, definitivamente. — Charlotte disse antes de sorrir. —Porque eu preciso do verde para combinar com os meus olhos.

Annelise riu e abraçou-a.

— Estou muito feliz agora. — Disse ela. Apertou os olhos com força, como se não pudesse manter seus sentimentos contidos. Sua felicidade parecia uma coisa viva, pulando dentro dela. Conhecia George há anos, e como toda garota que conhecia, tinha secretamente desejado que ele a olhasse de forma especial. E então ele olhou! Naquela primavera, ela o pegou olhando para ela de forma diferente, e no verão, secretamente a cortejou. Abrindo os olhos, olhou para a irmã e sorriu. —Não acho que é possível ser tão feliz.

—E isso só vai ficar melhor. — Charlotte previu. Elas estavam de mãos dadas, e caminharam até a porta. —Uma vez que George te peça em casamento, sua felicidade não conhecerá limites.

Annelise riu enquanto saíam. Seu futuro estava esperando e ela não podia esperar para chegar até ele.

Annelise viu George no instante em que chegou. Ele era o tipo de homem que não se podia deixar de ver, brilhantemente bonito com um sorriso que derretia uma garota de dentro para fora. Todas estavam apaixonadas por ele. Todas as meninas sempre foram apaixonadas por ele.

Annelise sorriu secretamente quando entrou salão. As outras meninas podiam estar apaixonadas por ele, mas ela era a única que era amada.

Ele disse isso a ela.

Mas depois de uma hora de vê-lo cumprimentar os convidados de sua família, estava ficando impaciente. Ela dançou com outros três cavalheiros e dois deles muito qualificados e George não tinha uma vez tentado interromper. Não que ela tivesse feito isso para fazer-lhe ciúmes, bem, talvez um pouco. Mas ela sempre aceitou convites para dançar.

Ela sabia que era linda. Teria sido impossível crescer com tantas pessoas dizendo isso

a cada dia e não saber. Annelise era algum tipo de retrocesso, as pessoas diziam. Seu cabelo escuro brilhante parecia ser o resultado de um antigo invasor galês. O cabelo de seu pai também era escuro, quando ele tinha cabelo, mas todos diziam que não eram como os dela, com brilho, vivacidade e cheios de cachos suaves.

Marabeth sempre foi ciumenta. Marabeth, que realmente se parecia com Annelise, mas nem... tanto. Sua pele não era tão pálida, os olhos não tão azuis. Marabeth estava sempre pintando Annelise como uma megera mimada, e talvez tenha sido por essa razão que Annelise decidiu, em sua primeira incursão na sociedade local, que iria dançar com cada homem que a convidasse. Ninguém iria acusá-la de nada, ela seria bela e de bom coração, todos a amariam.

Agora, é claro, todo homem pediu, porque qual homem não queria dançar com a garota mais bonita da festa? Especialmente sem risco de ser rejeitado.

Deveria ser por isso que George não estava mostrando sinais de ciúme, Annelise decidiu. Ele sabia que ela tinha um bom coração. Ele sabia que suas danças com os outros rapazes não significavam nada para ela. Ninguém jamais poderia tocar seu coração do jeito que ele tocava.

—Por que não me pediu para dançar?— sussurrou para Charlotte. —Vou morrer de ansiedade, você sabe que vou.

—É a festa de seus pais. — Charlotte disse suavemente. —Ele tem responsabilidades como anfitrião.

—Eu sei. Eu sei. Eu só... *Eu o amo tanto!*

Annelise tossiu, sentindo suas bochechas arder de mortificação. Tinha saído mais alto do que pretendia, mas felizmente ninguém parecia ter notado.

—Venha. — Disse Charlotte com a determinação rápida de quem acaba de ter um plano. —Vamos dar uma volta ao redor da sala. Vamos nos aproximar do Sr. Chervil, talvez ele queira sair e pegar a sua mão.

Annelise riu e segurou o braço de Charlotte.

—Você é a melhor das irmãs. — Disse ela, muito a sério. Charlotte apenas afagou lhe a mão.

—Sorria agora. — Ela sussurrou. —Ele pode ver você.

Annelise olhou para cima, e de fato, ele estava olhando para ela, seus olhos verde-cinza ardentes de desejo.

—Oh, meu Deus. — Disse Charlotte. —Basta olhar como ele olha pra você.

—Isso me faz tremer. — Annelise admitiu.

—Vamos nos aproximar mais. — Charlotte decidiu e assim fizeram, até não haver maneira alguma de não ser notada por George e seus pais.

—Boa noite. — Seu pai disse jovialmente. —Se não é a adorável senhorita Shawcross. E outra adorável senhorita Shawcross. —Ele deu a cada, uma leve reverência, recebendo outra em troca.

—Sir Charles. — Annelise murmurou ansiosa para ele vê-la como uma dama educada e obediente que daria uma excelente nora. Ela se virou para a mãe de George com a mesma deferência. —Lady Chervil.

—Onde está à *outra* adorável senhorita Shawcross? — Sir Charles perguntou.

—Não vejo Marabeth há algum tempo. — Respondeu Charlotte, assim que George perguntou. —Acredito que ela está lá, pelas portas do jardim.

Annelise aproveitou e disse.

— Sr. Chervil. —Ele pegou sua mão e beijou-a, e ela não achou que tivesse sido sua imaginação dizendo que ele demorou mais tempo do que precisava.

—Está encantadora como sempre, senhorita Shawcross. — Ele soltou sua mão, então se endireitou. —Estou enfeitiçado.

Annelise tentou falar, mas não conseguiu. Estava quente e trêmula, seus pulmões pareciam pesados, como se não houvesse ar suficiente no mundo para enchê-los.

—Lady Chervil. — Charlotte disse. —Estou tão apaixonada por essa decoração. Diga-me, como você e Sir Charles encontraram a cor certa de amarelo para simbolizar o verão?

Foi a mais fútil das perguntas, mas Annelise a adorou por isso. Os pais de George imediatamente começaram a conversar com Charlotte e ela e George foram capazes de se afastarem um pouco.

—Eu não vi você à noite toda. — Annelise disse sem fôlego. Só de estar perto dele a fazia tremer com antecipação. Quando eles se viram três noites atrás, ele a tinha beijado com tanta paixão. Queimou em sua lembrança, deixando-a ansiosa por mais.

O que ele tinha feito após o beijo não foi tão agradável, mas ainda foi emocionante. Saber que ela o afetou tão profundamente, que poderia fazê-lo perder o controle...

Foi inebriante. Ela nunca conheceu esse poder.

—Tenho estado muito ocupado com meus pais. — Disse George, mas seus olhos lhe disseram que preferia estar com ela.

—Sinto falta de você. — Disse ela ousadamente. Seu comportamento era escandaloso, mas sentia-se escandalosa, como se pudesse tomar as rédeas de sua vida e traçar seu próprio destino. O que era uma coisa grandiosa ao ser jovem e apaixonada. O mundo seria deles. Eles só tinham de alcançar e agarrar.

Os olhos de George queimavam com desejo e ele olhou furtivamente por cima do ombro.

— O quarto de costura de minha mãe. Você sabe onde é? Annelise assentiu.

—Encontre-me lá em um quarto de hora. Não seja vista.

Ele saiu para dançar com outra, desviando qualquer especulação sobre sua conversa tranquila. Annelise encontrou Charlotte, que finalmente terminou sua discussão de todas as coisas amarelas, verde e ouro.

—Vou me encontrar com ele em dez minutos. — Ela sussurrou. —Você pode ter certeza de que ninguém pergunte onde eu estou?

Charlotte assentiu, deu-lhe um aperto de mão, em seguida, fez um sinal com a cabeça em direção à porta. Ninguém estava olhando. Era o momento perfeito para sair.

Demorou mais tempo para chegar à sala da Lady Chervil do que Annelise esperava. Estava claro em todo o prédio, provavelmente por isso que George havia escolhido aquele lugar. E ela tinha de tomar um caminho tortuoso para evitar outros foliões que também tinham escolhido fazer suas festas privadas. Quando ela entrou na câmara escura, George já estava lá, esperando por ela.

Ele estava em cima dela antes que pudesse falar, beijando-a loucamente, as mãos alcançando seu traseiro e apertando com intimidade.

—Oh, Annie. — Ele gemeu, — Você é incrível. Vir aqui bem no meio da festa. Tão impertinente.

—George. — Ela murmurou. Seus beijos eram adoráveis e era emocionante que ele a desejasse com tal desespero, mas não tinha certeza de que gostava de ser chamada de impertinente. Isso não era o que ela era, era?

—George. — Ela disse novamente, desta vez uma pergunta.

Mas ele não respondeu. Ele estava respirando com dificuldade, tentando levantar as saias enquanto a conduzia a um divã próximo.

—George!— Foi difícil, porque ela também estava animada, mas firmou as mãos entre eles e empurrou-o.

—O que?— Ele exigiu, olhando para ela com desconfiança. E outra coisa. Raiva?

—Não vim aqui para isso. — Disse ela. Ele riu.

—O que você achou que iria acontecer?— Ele deu um passo em direção a ela novamente, seus olhos ferozes e predatórios. —Estou duro por você já há alguns dias.

Ela corou furiosamente, porque agora sabia o que significava. E ao mesmo tempo que era emocionante, também era desconcertante. Ela não tinha certeza de que, ou por que, mas já não estava tão certa de que queria estar ali com ele, em um quarto escuro e isolado.

Ele agarrou a mão dela e puxou-a para ele com bastante força que a fez tropeçar.

—Vamos ao ponto, Annie. — Ele murmurou. —Você sabe que quer.

—Não, eu... eu... — Ela tentou se afastar, mas ele não a deixou ir. —É o Baile de Verão. Pensei... —Sua voz sumiu. Ela não podia dizer isso. Ela não podia dizer isso porque um olhar para o rosto dele disse-lhe que ele nunca teve a intenção de pedir-lhe para se casar com ele. Ele beijou-a, em seguida, a seduziu, levando a uma coisa que deveria ter sido entregue a seu marido e ele pensou que poderia tê-la novamente?

— Oh, meu Deus. — Disse ele, olhando como se pudesse rir. —Você pensou que eu fosse me casar com você. — E então ele riu e Annelise teve certeza de que algo dentro dela morreu.

—Você é linda. — Disse ironicamente. — Garanto isso. E eu passei um *bom*

momento entre suas coxas, mas vamos, Annie, você não tem dinheiro para começar, e sua família certamente não vai melhorar a minha.

Ela queria dizer alguma coisa. Ela queria bater nele. Mas só podia ficar ali em crescente horror, incapaz de acreditar nas palavras que pingavam de seus lábios.

—Além disso. — Ele disse com um sorriso cruel. — Eu já tenho uma noiva. Annelise sentiu os joelhos fracos debaixo dela e pegou a quina da mesa de sua mãe para se apoiar.

—Quem?— Ela conseguiu sussurrar.

—Fiona Beckwith. —disse a ela. —A filha de Lorde Hanley. Eu a pedi em casamento noite passada.

—Ela aceitou? — Annelise sussurrou. Ele riu. Alto.

—É claro que ela aceitou. E seu pai, o visconde, declarou-se encantado. Ela é a caçula dele, mas a sua favorita, e eu não tenho dúvida de que ele irá nos dar um dote generoso.

Annelise engoliu. Estava ficando difícil respirar. Ela precisava sair da sala, sair de casa.

—Ela é muito atraente, também. — Disse George, mais perto dela. Ele sorriu e isso virou seu estômago por ver que era o mesmo sorriso que ele tinha usado quando a seduziu antes. Ele era um bonito bastardo e sabia disso. — Mas duvido. — Ele murmurou, deixando um de seus dedos fazer cócegas abaixo do comprimento de seu rosto. — Que ela seja tão imoral quanto você em uma brincadeira como esta.

—Não. — Ela tentou dizer, mas sua boca estava sobre a dela novamente e suas mãos estavam por toda parte. Ela tentou lutar, mas parecia apenas diverti-lo. —Oh, você gosta de se fazer de difícil, não é?— Disse ele com uma risada. Ele a beliscou e Annelise saudou a dor. Ela acordou de qualquer choque cheio de estupor que estava e gritou, empurrando-o para longe dela.

—Fique longe de mim!— Ela gritou, mas ele apenas riu. Em desespero, agarrou a única arma que poderia encontrar, um abridor de cartas antigo, na mesa de Lady Chervil. Agitando-o no ar, ela advertiu. —Não se aproxime de mim. Estou avisando!

—Oh, Annie. — Disse ele com condescendência e deu um passo adiante justamente quando ela moveu o braço com o abridor.

—Sua vagabunda! — Ele gritou, apertando seu rosto. —Você me cortou.

—Oh, meu Deus. Oh, meu Deus. Eu não queria. —A arma caiu de suas mãos e ela recuou todo o caminho até a parede, quase como se estivesse tentando fugir de si mesma. —Eu não quis. — Disse ela novamente.

Mas talvez tivesse querido.

—Vou matar você. — Ele assobiou. O sangue escorria por entre os dedos, manchando a brancura de sua camisa. —Você pode me ouvir? — Ele gritou. —Vou te ver no inferno!

Annelise o empurrou passando por ele e correu.

Três dias depois, Annelise estava diante de seu pai, o pai de George, os ouvindo concordar em vários pontos.

Ela era uma prostituta.

Poderia ter arruinado a vida de George.

Poderia muito bem ainda arruinar a vida de suas irmãs.

Se ela ficasse grávida era por sua própria culpa e George não tinha qualquer obrigação de se casar com ela.

Como se ele devesse ter de se casar com a garota que o tinha arruinado.

Annelise ainda se sentia doente com isso. Não para se defender. Ninguém parecia concordar com ela sobre isso, no entanto. Todos pareciam sentir que se ela se entregou a ele uma vez, estavam certos em acreditar que ela faria isso de novo.

Mas ela ainda podia sentir o choque terrível da resistência, da lâmina mergulhando em sua carne. Não tinha esperado por isso. Ela só quis acenar a coisa no ar, para assustá-lo.

—Está resolvido. — Seu pai falou. — E você deve ficar de joelhos para agradecer a Sir Charles por ele ter sido tão generoso.

—Você vai deixar esta cidade. — Sir Charles disse bruscamente. — E nunca vai voltar. Você não terá contato com meu filho ou qualquer membro de minha família. Você não terá nenhum contato com sua família. Será como se você nunca existisse. Entendeu?

Ela balançou a cabeça em descrença lentamente. Ela não entendia. Ela nunca poderia entender isso. Sir Charles, talvez, mas de sua própria família? Renegando-a completamente?

—Nós encontramos um lugar para você. — Disse seu pai, sua voz curta e baixa com nojo. —A irmã da esposa do primo de sua mãe precisa de uma dama de companhia.

Quem? Annelise balançou a cabeça, tentando desesperadamente seguir. De quem ele estava falando?

—Ela vive na Ilha de Man.

—O quê? Não! —Anne cambaleou para frente, tentando tirar as mãos de seu pai.

—É muito longe. Eu não quero ir.

—Silêncio. — Ele rugiu, e as costas de sua mão chegaram duramente em sua bochecha. Annelise cambaleou para trás, o choque de seu ataque muito mais agudo do que a dor. Seu pai nunca lhe bateu em seus dezesseis anos de idade. Ele nunca levantou a mão para ela, até agora...

—Você já está arruinada, aos olhos de todos os que conheço. — Ele sussurrou sem piedade. —Se você não fizer o que nós dizemos, vai trazer mais vergonha sobre sua família e destruir a chance que suas irmãs ainda têm de fazer qualquer tipo de casamento.

Annelise pensou em Charlotte, a quem adorava mais do que qualquer outra coisa no

mundo. E Marabeth, a quem nunca foi muito próxima... Mas, ainda assim, era sua irmã. Nada poderia ter sido mais importante.

—Eu vou. — Ela sussurrou. Ela tocou seu rosto. Ele ainda queimava do golpe de seu pai.

—Você deve sair em dois dias. — Disse ele.

—Onde ela está?

Annelise ofegou quando George entrou na sala. Seus olhos estavam selvagens, e sua pele estava coberta com um brilho de suor. Ele estava respirando com dificuldade, deve ter corrido pela casa quando soube que ela estava lá. Um lado de seu rosto estava coberto de ataduras, mas as bordas começavam a murchar e cair. Annelise estava apavorada de simplesmente cair. Ela não queria ver o que havia por baixo.

—Eu vou matar você. — Ele rugiu, arremessando-se na direção dela.

Ela saltou para trás, instintivamente correndo para seu pai para proteção. E ele deve ter sentido algum pingo de amor em seu coração, porque ficou na frente dela, segurando um braço para bloquear George quando avançou até Sir Charles.

—Você vai pagar por isso. — Criticou George. —Olha o que você fez. Olhe para isso! —Ele rasgou as ligaduras do rosto, e Annelise estremeceu com a visão de sua ferida, irritada e vermelha, uma barra diagonal ao longo da bochecha ao queixo.

Não iria se curar de forma limpa. Mesmo ela poderia ver isso.

—Pare. — Sir Charles ordenou. —Controle-se. Mas George não quis ouvir.

—Você vai pagar por isso. Você pode me ouvir? Eu vou chamar o magistrado e...

—Cale-se. — Seu pai retrucou. —Você não vai fazer isso. Se chamar o magistrado a história vai vazar fazendo com que a menina Hanley desmanche o compromisso o mais rápido possível.

—Oh. —George rosnou, acenando com a mão ante seu rosto em um gesto de desgosto grande. — E você não acha que a história vai sair quando as pessoas verem isso?

—Haverá rumores. Especialmente quando ela sair da cidade. —Sir Charles disparou outro olhar mordaz para Annelise. —Mas serão apenas rumores. Trazer um magistrado fará você colocar toda a confusão sórdida no papel.

Por vários momentos Annelise achou que George não iria recuar. Mas, então, ele finalmente afastou o olhar, puxando a cabeça tão rápido que a ferida começou a sangrar novamente. Ele tocou seu rosto, em seguida, olhou para o sangue em seus dedos.

—Você vai pagar por isso. — Disse ele, caminhando lentamente em direção a Annelise. —Talvez não hoje, mas vai pagar.

Ele tocou os dedos em seu rosto, lentamente desenhando uma barra de sangue em uma diagonal, de bochecha ao queixo.

—Vou encontrar você. — Disse ele, e nesse momento ele quase parecia feliz. —E vai ser um belo dia quando isso acontecer.

Capítulo 7



Daniel não se considerava um dândi, ou até mesmo um coríntio, mas tinha de ser dito, não havia nada como um par perfeito de botas.

O entardecer trouxe uma missiva de Hugh:

Winstead,

Como prometido, visitei meu pai esta manhã. Minha opinião é que ele estava realmente surpreso, tanto em me ver quanto ao saber sobre seu infortúnio ontem. Em suma, não acredito que ele tenha a responsabilidade por seu ataque.

E conclui a entrevista com uma reiteração da minha ameaça. É sempre bom ser lembrado das consequências das ações de uma pessoa, mas talvez mais pertinente foi o meu prazer em ver o sangue drenar de seu rosto.

Seu e etc.,

H. Prentice (tão vivo quanto você).

E assim, sentindo a segurança que supôs nunca sentir de novo, Daniel foi para o Hoby de St. James, onde seu pé e perna foram medidos com uma precisão que teria impressionado até o próprio Galileu.

—Não se mova. — Disse Hoby.

—Não estou me movendo.

—Na verdade você está.

Daniel olhou para seu pé, que não estava se movendo. O rosto do Sr. Hoby se contraiu com desdém.

—Sua graça o duque de Wellington pode ficar horas sem mover sequer um músculo.

—Ele respira pelo menos? — Daniel murmurou. O Sr. Hoby não se preocupou em olhar para cima.

—Não somos divertidos.

Daniel não podia deixar de se perguntar se o “nós” se referia ao Sr. Hoby e ao duque ou se o famoso sapateiro tinha uma grande autoestima e o costume de falar de si mesmo no plural.

—Precisamos que fique quieto. — O Sr. Hoby rosnou.

Era o último caso. Um hábito irritante, independente de quão nobre fosse a pessoa, mas Daniel estava inclinado a tolerar, dada a perfeição das botas do Sr. Hoby.

—Eu me esforçarei para fazer sua vontade. — Disse Daniel em sua mais alegre voz.

O Sr. Hoby não mostrou nenhum sinal de diversão, em vez disso gritou para um de seus assistentes para entregar-lhe um lápis para traçar o pé de Lorde Winstead.

Daniel manteve-se completamente imóvel (superando até mesmo o Duque de Wellington, a quem tinha certeza de que respirava enquanto era medido), mas antes que o Sr. Hoby pudesse terminar seus traçados, a porta da loja se abriu, batendo na parede atrás dele com bastante força fazendo chacoalhar o vidro. Daniel saltou, Sr. Hoby praguejou e o assistente do Sr. Hoby se encolheu. Quando Daniel olhou para baixo, o contorno de seu pé ostentava um dedo que se projetava para frente como uma garra de réptil.

Impressionante.

O barulho da porta batendo teria atraído bastante atenção, mas depois ficou claro que era uma mulher que tinha entrado no estabelecimento do sapateiro, uma mulher que parecia estar em perigo, uma mulher que...

— *Srta. Wynter?*

Não poderia ser outra pessoa, não com aqueles cabelos negros como penas de corvo espreitando para fora de seu chapéu ou os cílios incrivelmente longos. Mas mais do que isso... era estranho, mas Daniel pensou que a teria reconhecido pela forma como se movia.

Ela saltou em um pé, provavelmente, tão assustada por sua voz que tropeçou nas prateleiras, a queda que se seguiu de calçados interrompeu apenas o raciocínio rápido do assistente do Sr. Hoby, que saltou por ela para salvar o dia.

—Senhorita Wynter. — Daniel disse novamente, caminhando para o lado dela.

—Vamos, qual é o problema? Parece como se tivesse visto um fantasma.

Ela balançou a cabeça, mas o movimento era muito irregular e muito rápido.

—Não é nada. — Disse ela. —Eu... ah... Havia... —Ela piscou e olhou em volta, como se só agora percebesse que tinha entrado em uma loja de cavalheiros. —Oh. — Ela disse, respirando mais a palavra do que qualquer outra coisa. —Eu sinto muito. Parece que entrei na loja errada. Ehrm...Se todos me dão licença, vou apenas... —Ela olhou para fora da janela da loja antes de colocar a mão na maçaneta. —Vou ir agora. — finalmente terminou.

Ela girou a maçaneta da porta, mas realmente não abriu. A loja ficou em silêncio e todos pareciam estar esperando ela sair, ou falar de novo, ou fazer alguma coisa. Mas ela só ficou lá, não só congelada como paralisada.

Cuidadosamente, Daniel a pegou pelo braço e levou-a para longe da janela.

—Posso ser útil?

Ela se virou e ele percebeu que era a primeira vez que ela olhava diretamente para ele

desde que entrou. Mas a conexão foi fugaz, ela rapidamente voltou sua atenção para a janela da loja, mesmo que seu corpo parecesse encolher instintivamente.

—Vamos ter que continuar outra hora. — Ele gritou para o Sr. Hoby. —Vou levar a senhorita Wynter em casa.

—Foi um rato. — Ela deixou escapar. Bem alto.

—Um rato?— Um dos outros clientes quase gritou. Daniel não conseguia se lembrar do nome dele, mas era o mais exigente, vestia um colete de brocado rosa combinando fivelas em seus sapatos.

—Fora da loja. — A senhorita Wynter disse, estendendo o braço em direção à porta da frente. Seu dedo indicador sacudiu e balançou, como se o aspecto do roedor fosse tão grotesco que ela não poderia identificá-lo diretamente.

Daniel achou isso curioso, mas ninguém pareceu perceber que sua história mudou. Como foi que ela tinha ido para a loja errada se ela estava tentando escapar de um rato?

—Ele passou por cima do meu sapato. — Acrescentou ela e isso foi o suficiente para fazer o homem de rosa olhar para seus pés.

—Permita-me levá-la para casa. — Disse Daniel, e depois mais alto, já que todos estavam os olhando de qualquer maneira. —A pobre dama teve um susto. — Ele considerou ser explicação suficiente, especialmente quando acrescentou que ela estava a serviço de sua tia. Ele rapidamente calçou as botas, em seguida, tentou levar a senhorita Wynter para fora da loja. Mas seus pés pareciam se arrastar, e quando chegaram à porta, inclinou-se e disse, baixinho, para que ninguém pudesse ouvir

—Está tudo bem?

Ela engoliu, seu lindo rosto desenhado, tenso.

—Você tem uma carruagem? Ele acenou com a cabeça.

—É só descer a rua.

—É fechado?

Que pergunta estranha. Não estava chovendo, e nem estava nublado.

—Pode ser.

—Você poderia trazê-lo aqui? Não estou certa de que possa andar.

Ela ainda estava instável a seus pés. Daniel concordou com a cabeça, em seguida, enviou um dos assistentes de Hoby para buscar seu carro. Poucos minutos depois, eles estavam abrigados, os cavalos puxavam devagar. Ele deu-lhe alguns momentos para se recompor, então calmamente perguntou.

—O que realmente aconteceu?

Ela olhou para cima, seus olhos com uma sombra notavelmente escura de azul, com um toque de surpresa.

—Deve ter sido um rato e tanto. — Ele murmurou. —Quase do tamanho da Austrália, eu acho.

Ele não estava tentando fazê-la sorrir, mas ela sorriu de qualquer maneira, um pequeno esticar de lábios. Seu próprio coração esticou, foi difícil entender como uma mudança tão pequena de expressão por parte dela poderia causar uma explosão tão grande de emoção nele.

Ele não tinha gostado de vê-la tão chateada. Ele só estava percebendo o quanto. Observou enquanto ela tentava decidir o que fazer. Ela não tinha certeza se podia confiar nele, podia ver isso em seu rosto. Ela olhou para fora da janela, brevemente, então se acomodou em seu assento, ainda voltada para frente. Seus lábios tremeram, e, finalmente, com uma voz tão calma e parada que quase partiu seu coração, disse.

—Há alguém lá fora... que eu não quero ver.

Nada mais. Nenhuma explicação, nenhuma elaboração, nada além de uma sentença de oito palavras que trouxe milhares de novas perguntas. Ele não fez nenhuma delas, no entanto. Ele faria, apenas ainda não. Ela não teria respondido, de qualquer maneira. Ele ficou tão surpreso quanto ela pela confissão.

—Vamos deixar a área então. —disse e ela balançou a cabeça, agradecida. Eles se dirigiram para o leste em Piccadilly, absolutamente na direção errada, mas, novamente, precisamente a que Daniel tinha instruído o motorista. A senhorita Wynter precisava de tempo para se recompor antes de voltar para Pleinsworth.

E ele não estava pronto para abrir mão de sua companhia.

Anne olhou pela janela enquanto os minutos passavam. Não tinha certeza de onde estavam, e honestamente, não se importava. Lorde Winstead poderia tê-la levado para Dover que não se importaria, contanto que fossem para muito, muito longe de Piccadilly.

Piccadilly e o homem que poderia ser George Chervil.

Sir George Chervil, supôs que assim ele seria atualmente. As cartas de Charlotte não chegavam com a regularidade que desejava Anne, mas eram alegres, cheias de novidades e a única ligação de Anne com sua antiga vida. O pai de George morreu no ano anterior e George herdou o baronato. A notícia deixou Anne gelada. Ela havia desprezado o falecido Sir Charles, mas também precisava dele. Ele era a única coisa que controlava a natureza vingativa de seu filho. Com a morte de Sir Charles, não havia ninguém para falar com George. Mesmo Charlotte havia expressado preocupação, aparentemente George fez um apelo às Shawcrosses no dia depois do funeral de seu pai. Ele tentou pintá-lo como uma chamada tarde de boa vizinhança, mas Charlotte pensou que ele fez perguntas demais sobre Anne.

Annelise.

Às vezes, ela tinha que se lembrar da pessoa que foi uma vez.

Sabia que havia a possibilidade de George estar em Londres. Quando aceitou o trabalho com os Pleinsworths, foi sob a suposição de que permaneceria em Dorset durante todo o ano. Lady Sarah Pleinsworth iria para a cidade para a temporada e as três meninas mais jovens passariam o verão no interior com sua governanta e babá. E o pai, é claro. Lorde Pleinsworth nunca deixava o interior. Ele estava muito mais interessado em seus cães do que em alguma vez nas pessoas, o que era adequado para Anne. Se ele não estava

ausente, estava distraído, e era quase como se ela estivesse trabalhando em uma casa só de mulheres.

O que era *maravilhoso*.

Mas então Lady Pleinsworth decidiu que não poderia ficar sem todas as suas filhas, e enquanto Lorde Pleinsworth ponderava entre seus bassets e sua família, a família fez as malas e partiu para Londres. Anne tinha passado toda a viagem tranquilizando-se de que, mesmo se George estivesse na cidade, nunca iriam se cruzar. Era uma cidade grande. A maior da Europa. Talvez do mundo. George pode ter se casado com a filha de um visconde, mas os Chervil não se moviam nos mesmos círculos nobres que os Pleinsworths ou os Smythe-Smith. E mesmo se realmente se encontrassem no evento, Anne certamente não estaria nele. Ela era apenas a governanta. A governanta invisível.

Ainda assim, era um perigo. Se as fofocas de Charlotte fossem verdadeiras, George recebeu um generoso subsídio do pai de sua esposa. Ele tinha mais do que dinheiro suficiente para pagar por uma temporada na cidade. Talvez até mesmo o suficiente para comprar seu passe em alguns dos círculos superiores sociais.

Ele sempre disse que gostava da excitação da cidade. Ela lembrou isso a respeito dele. Conseguiu esquecer muitas coisas, mas isso se lembrava. Isso, junto com o sonho de uma jovem de passear em Hyde Park de braço dado com seu belo marido.

Ela suspirou, lamentando a jovem, mas não seu sonho tolo. Que idiota foi. Com um juízo abismal de caráter.

—Há algo que eu possa fazer para deixá-la mais confortável?— Lorde Winstead perguntou calmamente. Ele não falava há algum tempo. Gostava disso nele. Ele era um homem afável, fácil de conversar, mas parecia saber quando não falar.

Ela balançou a cabeça, não olhava para ele. Não estava tentando evitá-lo. Bem, não a ele especificamente. Teria evitado qualquer um naquele momento. Mas então ele se moveu. Foi apenas uma pequena aproximação, mas ela sentiu o ajuste do assento sob eles, o suficiente para lembrá-la de que a tinha resgatado esta tarde. Ele viu sua angústia e a salvou sem perguntas até que chegassem ao carro.

Merecia seus agradecimentos. Não importava se suas mãos ainda estavam tremendo ou se sua mente ainda estava agitada com todas as terríveis possibilidades. Lorde Winstead nunca saberia o quanto a ajudou, ou até mesmo o quanto era agradecida, mas ela poderia, pelo menos, dizer obrigada.

Mas quando se virou para olhar para ele, algo totalmente diferente saiu de sua boca. Ela quis dizer *obrigada*, mas em vez disso,

—É uma contusão nova?

Era. Tinha certeza disso. Bem ali na bochecha. Um pouco rosada, não tão escura quanto as perto de seu olho.

—Você se machucou. — Disse ela. —O que aconteceu?

Ele piscou, parecendo um pouco confuso, e uma de suas mãos tocaram seu rosto.

—O outro lado. — Disse e mesmo que soubesse ser terrivelmente arriscado, estendeu

a mão e com os dedos tocou suavemente a bochecha dele. — Não estava aí ontem.

—Você notou. — Ele murmurou, dando-lhe um sorriso.

—Não é um elogio. — Disse a ele, tentando não pensar sobre o que podia significar ter o rosto dele se tornado tão familiar para ela, a ponto de notar uma mancha nova no meio das outras surgidas pela luta dele com Lorde Chatteris. Era ridículo, realmente. Ele parecia ridículo.

—No entanto, não posso deixar de ficar lisonjeado por você ter notado a mais recente adição à minha coleção. — Disse ele.

Ela revirou os olhos.

—Duvido que ferimentos pessoais sejam coisas dignas de se guardar.

—São todas as governantas tão sarcásticas?

De qualquer outra pessoa, teria tomado como uma crítica, um lembrete para lembrar seu lugar. Mas não era isso que ele estava fazendo. E ele estava sorrindo quando disse isso.

Ela lhe lançou um olhar penetrante.

—Você está evitando a pergunta.

Ela pensou que ele poderia ter parecido um pouco envergonhado. Era difícil dizer, qualquer rubor que pudesse ter tocado seu rosto estava obscurecido pelo tema atual da conversa, ou seja, pelas contusões.

Ele encolheu os ombros.

—Dois bandidos tentaram fugir com a minha carteira na noite passada.

—Oh, não! — Ela disse completamente surpreendendo a si mesma com a força de sua reação. —O que aconteceu? Você está bem?

—Não foi tão ruim quanto poderia ter sido. — Ele hesitou. —Marcus fez mais dano na noite do musical.

—Mas criminosos comuns! Você poderia ter morrido. Ele se inclinou em direção a ela. Só um pouco.

—Será que você sentiria minha falta?

Ela sentiu o rosto arder e levou alguns momentos para reunir uma expressão adequada.

—Você teria feito falta a muitas pessoas. — Disse com firmeza. Inclusive a ela.

—Por onde você estava andando? — Perguntou. *Detalhes*, ela se lembrou. Detalhes são importantes. Detalhes eram rápidos e secos e não tinham nada a ver com emoções ou sentir falta de alguém ou qualquer tipo de preocupação ou cuidado, exceto eram só sobre fatos. —Foi em Mayfair? Não teria pensado que fosse tão perigoso.

—Não foi em Mayfair. — Ele disse. —Mas não muito longe de lá. Estava voltando para casa depois de visitar Chatteris. Já era tarde. Não estava prestando atenção.

Anne não sabia onde o Conde de Chatteris vivia, mas não deveria ser muito longe de Winstead. Todas as famílias nobres viviam próximas em relação a outra. E mesmo se Lorde Chatteris vivesse no limite das áreas, Lorde Winstead dificilmente teria necessitado percorrer favelas para chegar a casa.

—Não sabia que a cidade estava tão perigosa. — Disse. Ela engoliu em seco, imaginando se o ataque a Lorde Winstead poderia ter algo a ver com ela e George Chervil em Piccadilly. Não, como poderia? Ela e Lorde Winstead foram vistos em público juntos apenas uma vez, no dia anterior, em Hyde Park, e que teria sido claro para qualquer observador que ela estava lá como governanta de suas primas mais jovens.

—Acho que deveria agradecer por insistir em me levar para casa na outra noite. — Disse ela.

Ele se virou e a intensidade em seus olhos a deixou sem fôlego.

—Não iria permitir que você caminhasse dois passos sozinha à noite, muito menos aquela distância.

Seus lábios se separaram e ela pensou que ele tivesse a intenção de falar, mas tudo o que fez foi olhar. Seu olhar se fixou nos olhos dele, eram admiráveis, porque não percebeu que a cor deles era de um azul brilhante. Ela viu além das profundezas de... alguma coisa. Ou talvez não fosse isso mesmo. Talvez tenha sido ela quem estava exposta. Talvez ele visse todos os seus segredos, seus medos.

Seus desejos.

Ela respirou e, finalmente, afastou o olhar. O que foi isso? Ou, mais precisamente, quem era ela? Porque não conhecia a mulher que olhava para ele como se olhasse seu próprio futuro. Não era fantasiosa. Não acreditava em destino. E nunca acreditou que os olhos fossem a janela da alma. Não depois da maneira com que George Chervil olhou uma vez para ela.

Ela engoliu, levando um momento para recuperar seu equilíbrio.

—Você diz isso como se agisse assim especialmente comigo. — Disse, satisfeita com a relativa normalidade de sua voz. — Mas eu sei que você insiste em fazer a mesma coisa para qualquer mulher.

Ele deu um sorriso tão coquete, ela devia saber ter imaginado a intensidade de seus olhos apenas alguns momentos antes.

—A maioria das mulheres finge estarem lisonjeadas.

—Acho que essa é a parte em que digo não ser a maioria das mulheres. — Disse secamente.

—Isso certamente flui bem, estávamos no palco.

—Vou ter que informar Harriet. — Anne disse com uma risada. —Ela se imagina uma dramaturga.

—Imagina? Anne assentiu.

—Acredito que ela começou uma obra nova. Parece terrivelmente deprimente. Algo

sobre Henrique VIII.

Ele fez uma careta.

—Isso é triste.

—Ela está tentando me convencer a assumir o papel de Ana Bolena. Ele sufocou uma risada.

—Não há como minha tia estar pagando o suficiente. Anne se recusou a comentar, dizendo em vez disso.

—Eu agradeço a sua preocupação na outra noite. Mas, para estar lisonjeada, fico muito mais impressionada com um cavalheiro que valoriza a segurança de *todas* as mulheres.

Ele levou um momento para refletir sobre isso, então balançou a cabeça, um pouco para o lado. Ele estava desconfortável, Anne percebeu com surpresa. Ele não estava acostumado a ser elogiado por tais coisas.

Ela sorriu para si mesma. Havia algo atrativo vê-lo se ajeitar no assento. Supôs que ele estava acostumado a ser elogiado por seu charme ou sua boa aparência.

Mas, por seu bom comportamento? Ela tinha a sensação de que estava muito atrasada.

—Dói?— Ela perguntou.

—Meu rosto?— Ele balançou a cabeça, em seguida, se contradisse. —Bem, um pouco.

—Mas os ladrões parecem pior do que você?— Ela disse com um sorriso.

—Oh, muito pior. — Disse ele. —Muito, muito pior.

—Essa é a graça de lutar? Certificar-se que o adversário fique em pior estado do que a si mesmo?

—Acho que pode ser assim. Tolo, não é? —Olhou para ela com uma expressão estranha, pesada. —Foi o que me enviou para fora do país.

Ela não sabia de todos os detalhes de seu duelo.

—O que?— Ela perguntou. Porque realmente, até mesmo os homens jovens não poderiam ser tão tolos.

—Bem, não exatamente. — Ele disse. — Mas é o mesmo tipo de idiotice. Alguém me chamou de traidor. E eu quase o matei por isso. —Ele se virou para ela, seus olhos penetrantes. —Por quê? Por que eu faria isso?

Ela não respondeu.

—Não que eu tentasse matá-lo. — Ele se sentou em seu assento, o movimento estranhamente forte e repentino. —Foi um acidente. — Ficou em silêncio por um momento e Anne viu seu rosto. Ele não olhou para ela quando acrescentou. —Pensei que você deveria saber.

Ela sabia. Ele nunca poderia ser o tipo de homem que mataria tão trivialmente. Mas poderia dizer que ele não queria dizer mais nada sobre isso. Então, perguntou.

—Onde é que vamos?

Não respondeu imediatamente. Ele piscou, então olhou para fora da janela, em seguida, admitiu.

—Não sei. Disse ao cocheiro para dirigir sem rumo até sentir-se melhor. Pensei que talvez precisasse de mais alguns minutos antes de voltar para Pleinsworth.

Ela assentiu com a cabeça.

—É minha tarde livre. Não sou esperada em breve.

—Tem recados que precisa despachar?

—Não, sim! — Exclamou ela. Deus do céu, como esqueceu? — Sim, tenho. A cabeça inclinada em direção a ela.

—Ficaria feliz em ir até onde precisa.

Ela agarrou sua bolsa, encontrando conforto no som enrugado e tranquilo do papel.

—Não é nada, apenas uma carta que tem de ser enviada.

—Devo franquear? Nunca consegui tomar o meu lugar na Câmara dos Lordes, mas suponho que possuem privilégios de franquia. Meu pai certamente usou a seu...

—Não. — Ela disse rapidamente, mesmo que isso a salvasse de uma viagem. Sem mencionar a despesa para Charlotte. Mas se os seus pais vissem a carta, franqueada pelo conde de Winstead...

Sua curiosidade não teria limites.

—Isso é muito gentil da sua parte. — Anne disse. — Mas não poderia aceitar a sua generosidade.

—Não é a minha generosidade. Você pode agradecer ao Correio Royal.

—Ainda assim, não poderia abusar da sua franquia postal dessa forma. Se apenas me levar a um lugar onde possa postar essa carta—Ela olhou para fora da janela, para determinar o seu paradeiro exato. —Acredito que há uma em Tottenham Court Road. Ou se não estiver lá, então... Ah, não percebi que estávamos tão longe para o leste. Devemos ir a High Holborn. Pouco antes de Kingsway.

Houve uma pausa.

—Você conhece bem esses lugares de Londres. — Disse ele.

—Ah. Bem. Não é verdade. —Ela se deu um chute mental em seu cérebro por uma desculpa apropriada. —É só que sou fascinada pelo sistema postal. É realmente muito maravilhoso.

Ele a olhou com curiosidade, e ela não poderia dizer se acreditou. Felizmente para ela, era a verdade, mesmo que o dissesse para encobrir uma mentira. Ela achava o Correio Royal muito interessante. Era incrível como rapidamente se podia enviar uma mensagem

para todo o país. Três dias de Londres para Northumberland. Parecia um milagre, realmente.

—Gostaria de seguir uma carta um dia. — Disse ela. — Só para ver aonde vai.

—Para o endereço do destinatário, imagino. — Disse ele.

Ela apertou os lábios para não rir ante a sua ironia e depois disse.

—Mas como? Esse é o milagre. Ele sorriu um pouco.

—Devo confessar, não tinha pensado no sistema postal em tais termos bíblicos, mas estou sempre feliz em ser educado.

—É difícil imaginar uma carta viajando mais rápido do que hoje. — Disse alegremente. — A menos que aprender a voar.

—Há sempre pombos. — Disse ele. Ela riu.

—Você pode imaginar um rebanho inteiro, voando pelo céu para entregar as nossas cartas?

—É uma perspectiva aterrorizante. Especialmente para aqueles que andam embaixo deles.

Isso trouxe outra gargalhada. Anne não conseguia se lembrar da última vez que se sentiu tão feliz.

—Para High Holborn, então. —disse. — Já que nunca permitiria que você confiasse sua missiva aos pombos de Londres. — Ele se inclinou para frente para abrir a tampa em cima do carro, deu as instruções ao motorista, em seguida, sentou-se novamente. —Há mais alguma coisa em que possa ajudá-la, senhorita Wynter? Estou inteiramente a sua disposição.

—Não, obrigada. Pode apenas me levar para Pleinsworth.

—Tão cedo? Em seu dia de folga?

—Há muito a ser feito esta noite. — Disse a ele. —Nós vamos para... Oh, mas é claro que você sabe. Vamos amanhã para Berkshire, para...

—Colina Whipple. — Ele ofereceu.

—Sim. Sua sugestão, acredito.

—Parecia mais sensato do que a sua viagem até a Dorset.

—Mas você. — Ela parou, depois desviou o olhar. —Não importa.

—Você está se perguntando se eu já tinha a intenção de ir?— Ele esperou um momento, e então disse. —Não tinha.

A ponta de sua língua saiu para umedecer os lábios, mas ainda assim, não olhou para ele. Seria muito perigoso. Ela não devia desejar coisas que estavam fora de seu alcance. Não podia. Tentou isso uma vez e estava pagando por isso desde então.

E Lorde Winstead era muito possivelmente o sonho mais impossível de todos. Se ela se permitisse sonhar, seria destruída.

Mas, oh, como queria.

—Senhorita Wynter?— Sua voz filtrou-se sobre ela como uma brisa quente.

—Isso é. — Ela limpou a garganta, tentando encontrar sua voz, conforme parecia. — Isso é muito gentil da sua parte, ajustar sua agenda para sua tia.

—Não fiz isso por minha tia. —disse suavemente. —Mas espero que você saiba disso.

—Por quê?— Ela perguntou em voz baixa. Sabia que não teria que explicar a pergunta, ele sabia o que ela queria dizer.

Não por que ele fez isso. Por que ela?

Mas ele não respondeu. Pelo menos não imediatamente. E então, finalmente, apenas quando ela pensou que poderia ter que olhar para cima e encarar seu rosto, ele disse.

—Não sei.

Ela se virou. Sua resposta foi tão franca e inesperada que não pode deixar de olhá-lo. Ela virou o rosto para ele e quando o fez, foi tomada por um estranho e intenso anseio de simplesmente chegar e tocar-lhe a mão. De alguma forma, se conectar.

Mas não fez isso. Não podia.

Capítulo 8



Na noite seguinte, Anne desceu do carro dos Pleinsworths e olhou para cima, tendo como sua primeira olhada a colina Whipple. Era uma casa linda, sólida e imponente, situada entre colinas suaves que descia até um grande lago arborizado. Havia algo de muito caseiro nisso, Anne pensou, o que lhe pareceu interessante, uma vez que era a propriedade ancestral dos Condes de Winstead. Não que ela estivesse muito familiarizada com as grandes casas da aristocracia, mas aquelas em que viu eram sempre muito ornamentadas e imperiosas.

O sol já tinha se posto, mas o brilho alaranjado do crepúsculo ainda pairava no ar, dando apenas um toque de calor à noite que se aproximava rapidamente. Anne estava ansiosa para encontrar seu quarto e, talvez, uma tigela de sopa quente para jantar, mas na noite antes de sua partida, a babá Flandres ficou doente do estômago. Com a babá em Londres, Anne estava pressionada a uma dupla função, servindo como babá e governanta, o que significava que seria necessária para colocar as meninas em seu quarto antes que pudesse atender as suas próprias necessidades. Lady Pleinsworth havia prometido uma tarde extra a mais, enquanto estivessem no campo, mas ela não foi específica sobre quando, e Anne temia que tal promessa ficasse completamente esquecida em sua mente.

—Vamos, meninas. — disse rapidamente. Harriet corria à frente de uma das outras carruagens com Sarah e Lady Pleinsworth e Elizabeth corria de volta para a outra. Embora ela estivesse falando com os cozinheiros, Anne não conseguia ouvir.

—Estou aqui. — Disse Frances corajosamente.

—Então você esta. — Respondeu Anne. — Estrela de ouro para você.

—É realmente muito ruim você não ter estrelas douradas *reais*. Eu não deveria ter que usar o meu dinheiro a cada semana.

—Se eu tivesse estrelas douradas reais. — Anne respondeu com uma peculiaridade sua. — Não seria sua governanta.

—Touché. — Disse Frances com admiração.

Anne deu-lhe uma piscadela. Era algo satisfatório ganhar o respeito de uma criança de dez anos de idade.

—Onde estão suas irmãs?— Ela murmurou, então chamou. — Harriet! Elizabeth! Harriet aproximou-se.

—Mamãe disse para comer com os adultos, enquanto estivermos aqui.

—Ooooh, Elizabeth não vai ficar feliz com isso. — Frances preuiu.

—Não vai ficar feliz com o que?— Elizabeth perguntou. —E você não iria acreditar no que Peggy me disse.

Peggy era empregada de Sarah. Anne gostava bastante dela, embora ela fosse uma fofqueira terrível.

—O que ela disse?— Frances perguntou. —E Harriet vai comer com os adultos, enquanto nós estivermos aqui.

Elizabeth ofegou uma indignação.

—Isso é obviamente injusto. E Peggy disse que Sarah disse que Daniel disse que a senhorita Wynter é para comer com a família também.

—Isso não vai acontecer. — Anne disse com firmeza. Seria muito fora do comum, uma governanta geralmente só se juntava a família quando era necessária para reforçar os números, mas, além disso, tinha trabalho a fazer. Passou a mão levemente sobre a cabeça de Frances. —Vou comer com você.

A bênção inesperada de a babá Flandres ter ficado doente. Anne não podia imaginar o que Lorde Winstead estava pensando, pedindo que ela se juntasse à família nas refeições. Se alguma vez houve um movimento destinado a colocá-la em uma posição desconfortável, era esse. O senhor da casa pedindo para jantar com a governanta? Ele podia muito bem chegar e dizer que estava tentando levá-la para sua cama.

E tinha a sensação de que estava. Não seria a primeira vez que ela teria que afastar os avanços indesejados de seus empregadores.

Mas seria a primeira vez que uma parte dela não queria fazer isso.

—Boa noite!— Lorde Winstead saiu para o pátio para cumprimentá-las.

—Daniel!— Frances gritou. Ela fez um giro de cento e oitenta graus, levantando poeira em todas as irmãs e correndo em direção a ele, praticamente derrubando-o quando se lançou em seus braços.

—Frances!— Lady Pleinsworth repreendeu. —Você está velha demais para pular em seu primo.

—Não me importo. — Lorde Winstead disse com uma risada. Ele mexeu nos cabelos de Frances, que lhe valeu um sorriso largo.

Frances virou a cabeça para trás para perguntar à mãe.

—Se estou velha demais para saltar sobre Daniel, isso significa que sou velha o suficiente para comer com os adultos?

—Nem perto disso. — Lady Pleinsworth respondeu audaciosamente.

—Mas Harriet...

—É cinco anos mais velha.

—Vamos nos divertir no berçário. — Anne anunciou, caminhando até arrancar sua carga de lorde Winstead. Ele se virou para ela, seus olhos queimando com uma familiaridade que fez sua pele esquentar. Ela poderia dizer que ele estava prestes a dizer algo sobre ela se juntar a família para o jantar, então ela rapidamente acrescentou, com uma voz que todos pudessem ouvir. — Normalmente levo meu jantar para o quarto, mas com a babá Flandres doente, fico mais do que feliz em tomar o lugar dela com Isabel e Frances no berçário.

—Mais uma vez, você é a nossa salvadora, senhorita Wynter. — Opinou Lady Pleinsworth. —Não sei o que faria sem você.

—Primeiro o musical e agora isso. — Disse Lorde Winstead em aprovação.

Anne olhou para ele, tentando discernir o motivo para dizer uma coisa dessas, mas ele já tinha virado a sua atenção de volta para Frances.

—Talvez tenhamos um concerto enquanto estivermos aqui. — Elizabeth sugeriu.

—Seria muito divertido.

Era difícil dizer, no crepúsculo, mas Anne pensou que podia ter visto Lorde Winstead empalidecer.

—Não trouxe o seu violoncelo. — Ela disse rapidamente. —Nem o violino de Harriet.

—E...

—Nenhum dos instrumentos, também. — Disse Anne a Frances antes que ela pudesse perguntar.

—Ah, mas isso é a Colina Whipple. — Lady Pleinsworth disse. —Nenhuma casa Smythe-Smith estaria completa sem uma generosa variedade de instrumentos musicais.

—Mesmo um dos meus?— Frances perguntou esperançosamente. Lorde Winstead parecia duvidoso, mas ele disse.

—Eu suponho que você pode olhar.

—Eu vou! Senhorita Wynter, você vai me ajudar?

—É claro. — Anne murmurou. Parecia tão bom quanto qualquer outra iniciativa, mantê-la fora do caminho da família.

—Com Sarah sentindo-se muito melhor, você não vai ter que tocar piano desta vez. — Elizabeth apontou.

Foi uma boa coisa Lady Sarah já ter entrado na casa, Anne pensou, porque teria uma recaída com o plano elaborado ali mesmo.

—Vamos todos entrar. — Lorde Winstead disse. —Não há necessidade de mudar as suas roupas de viagem. A Sra. Barnaby preparou um jantar informal para que possamos participar, com Elizabeth e Frances inclusas.

E com você, também, senhorita Wynter.

Ele não disse isso. Nem sequer olhou para ela, no entanto, Anne sentiu as palavras.

—Se vai ser um jantar *em família*. — Disse Anne a lady Pleinsworth, —Eu deveria agradecer e me retirar para o meu quarto. Encontro-me cansada da viagem.

—Claro, minha querida. Você vai precisar reservar a sua energia para esta semana. Receio termos de trabalhar até o osso. Pobre babá.

—Não quer dizer pobre senhorita Wynter?— Frances perguntou. Anne sorriu da brincadeira. De fato.

—Não tenha medo, senhorita Wynter. — Disse Elizabeth. —Vamos pegar leve com você.

—Oh, vão?

Elizabeth assumiu um semblante inocente.

—Estou disposta a abrir mão de toda a matemática. Lorde Winstead riu, em seguida, virou-se para Anne.

—Vou pedir que lhe mostrem seu quarto.

—Obrigada, meu senhor.

—Venha comigo. Vamos ver isso. —Ele virou-se para sua tia e primos. —O resto de vocês pode ir para a sala de estar, temos um café esperando. A Sra. Barnaby tem os lacaios aqueitando o jantar, já que seria informal esta noite.

Anne não teve escolha a não ser segui-lo através do salão principal e, em seguida, a uma galeria de retratos de família. Ela parecia estar no lado inicial, pensou, a julgar pelo rufo elisabetano no homem bastante corpulento olhando para ela. Ela olhou em volta buscando uma criada ou um lacaio, ou quem quer que fosse que ele tenha chamado para lhe mostrar o quarto, mas estavam sozinhos.

Com exceção de duas dezenas de ancestrais Winsteds.

Ela se levantou e apertou as mãos, afetadamente, na frente dele.

—Tenho certeza de que você deseja se juntar a sua família. Talvez uma criada...

—Que tipo de anfitrião eu seria? — Ele perguntou suavemente. —Abandonando a bagagem.

—Desculpe? — Anne murmurou com algum alarme. Certamente ele não poderia dizer...

Ele sorriu. Como um lobo.

—Eu vou te levar ao seu quarto sozinho.

Daniel não sabia que tipo de diabo tinha acontecido com ele, mas a senhorita Wynter parecia tão insuportavelmente atraente quando olhava para o terceiro conde de Winstead (com pernas de peru compartilhadas com Henrique VIII, isso estava claro). Ele tinha planejado chamar uma empregada para mostrar o quarto dela, realmente tinha, mas, aparentemente, não poderia resistir à ruga delicada de seu nariz.

—Lorde Winstead. — Ela começou. — Certamente reconhece a impropriedade de tal... tal...

—Oh, não se preocupe. — Disse ele, feliz por salvá-la de suas dificuldades de articulação. —Sua virtude está segura comigo.

—Mas não a minha reputação! Ela tinha um ponto.

—Eu vou ser rápido como um... —Ele fez uma pausa. —Bem, com qualquer coisa que seja rápida e não terrivelmente desagradável.

Ela olhou para ele como se nele tivesse brotado chifres. Chifres pouco atraentes. Ele sorriu corajosamente.

—Vou descer para o jantar tão rapidamente que ninguém perceberá que eu fui com você.

—Esse não é o ponto.

—Não é? Você disse que estava preocupada com sua reputação.

—Eu estou, mas—

—Muito rápido. —interrompeu, pondo fim a qualquer forma de protesto que ela tivesse. —Quase não tenho tempo para arrebatá-lo mesmo que isso *fosse* a minha intenção.

Ela engasgou.

—Lorde Winstead!

Coisa errada a se dizer. Mas tão terrivelmente divertido.

—Era brincadeira. —disse a ela. Ela o olhou.

—Verbalizar isso é a brincadeira. — Ele explicou rapidamente. —Não o sentimento.

Ainda assim, ela não disse nada. E, em seguida.

—Acho que ficou louco.

—É certamente uma possibilidade. — Disse ele agradavelmente. Ele apontou para o corredor que levava para a escada oeste. —Aqui, vamos. — Ele esperou por um momento, depois acrescentou. —Não é como se você tivesse uma escolha.

Ela endureceu e ele percebeu que disse algo terrivelmente errado. Errado por causa de algo que aconteceu em seu passado, em outra ocasião quando ela não teve escolhas.

Mas talvez também errado simplesmente porque estar errado, independente da história dela. Não seduzia criadas ou meninas inocentes. Sempre tentou tratar as mulheres com respeito. Não havia justificativa para a oferta de seduzir Wynter sem escolha.

—Desculpe. — Disse ele, inclinando a cabeça em estima. —Eu me comportei mal. Seus lábios se separaram e ela piscou várias vezes em rápida sucessão. Não sabia se acreditava nele, e percebeu em silêncio atordoado que sua indecisão era desoladora.

—Meu pedido de desculpas é genuíno. — Disse.

—É claro. — Disse a ele, quem pensou que ela quis dizer isso mesmo. Esperava que sim. Ela teria dito o mesmo, mesmo que não quisesse, apenas para ser educada.

—Gostaria de explicar. — disse a ela. — que eu disse sobre você não ter escolha

nenhuma não por causa de seu emprego com minha tia, mas sim porque você simplesmente não conhece a casa.

—É claro. — Disse ela novamente.

Mas ele se sentiu compelido a dizer mais, por que... Por que... Porque ele não podia suportar que ela pensasse mal dele.

—Qualquer visitante teria ficado na mesma posição. — Disse ele, esperando que não soasse na defensiva.

Ela começou a dizer algo, então parou, provavelmente porque teria sido outro, “*é claro*”. Ele esperou pacientemente, ela ainda estava de pé sobre a pintura do terceiro conde, apenas olhando-o quando finalmente disse.

—Obrigada.

Ele acenou com a cabeça. Foi um movimento gracioso, elegante e urbano, o mesmo tipo de reconhecimento que fez milhares de vezes. Mas por dentro ele foi varrido por uma onda de alívio. Foi humilhante. Ou, mais ao ponto, enervante.

—Você não é o tipo de homem que tira proveito. — Disse ela, e nesse momento ele soube.

Alguém a tinha machucado. Anne Wynter sabia o que significava estar à mercê de alguém mais forte e mais poderoso.

Daniel sentiu algo dentro dele se endurecer com fúria. Ou talvez tristeza. Ou lamento.

Ele não sabia o que sentia. Pela primeira vez em sua vida, seus pensamentos eram uma confusão, davam voltas e se colocavam um sobre o outro, como uma história sem edição. A única certeza era de que ele estava usando toda a sua força de vontade para não diminuir a distância entre eles e puxá-la para si. Seu corpo se lembrou dela, seu cheiro, suas curvas, até mesmo a temperatura precisa de sua pele contra a dele.

Ele a queria. Queria tudo.

Mas sua família o estava esperando no jantar e seus ancestrais estavam olhando para ele dos quadros, e *ela*, a mulher em questão, estava observando-o com uma cautela que partia seu coração.

—Se você esperar aqui. — Ele disse em voz baixa. — Vou buscar uma criada para lhe mostrar seu quarto.

—Obrigada. — Disse ela, fazendo uma reverência pequena.

Ele começou a andar até o final da galeria, mas depois de alguns passos, parou. Quando se virou, ela estava exatamente onde ele a deixou.

—Há algo errado? — Ela perguntou.

—Só quero que você saiba. — Ele disse abruptamente.

O quê? O que ele queria que ela soubesse? Ele nem sabia por que falou isso.

Era um tolo. Mas já sabia disso. Ele foi um idiota desde o momento em que a conheceu.

—Lorde Winstead? — Ela perguntou depois que um minuto se passou sem ele ter terminado sua declaração.

—Não é nada. — Ele murmurou, e se virou novamente, esperando seus pés levá-lo para fora da galeria. Mas não fizeram isso. Ele ficou sem fôlego, ainda assim, de costas para ela enquanto sua mente gritava para ele apenas... se mover. Dar um passo. Vamos!

Mas em vez disso ele se virou, uma parte traidora ainda desesperada por uma última olhar para ela.

—Como você quiser. — Disse ela calmamente.

E então, antes que ele tivesse a oportunidade de considerar suas ações, encontrou-se a passos largos de volta para ela.

—Precisamente. — Disse ele.

—Desculpe? — Seus olhos se nublaram com a confusão. Confusão misturada com inquietação.

—Como eu desejo. — Repetiu ele. —Isso foi o que você disse.

—Lorde Winstead, eu não acho—

Ele chegou a um impasse a três metros de distância dela. Além do comprimento de seus braços. Ele confiava em si mesmo, mas não completamente.

—Você não deve fazer isso. — Ela sussurrou. Mas ele estava muito longe.

—Eu *desejo* beijar você. Isso é o que eu queria que você soubesse. Porque se eu não fizer isso, e parece que não vou, é porque não é o que você quer, pelo menos não agora... mas queria que você soubesse que eu quero. —Ele fez uma pausa, olhando para sua boca, seus lábios, cheios e trêmulos. —Ainda quero.

Ele ouviu uma rajada de ar como um suspiro em seus lábios, mas quando olhou em seus olhos, azuis como meia-noite que poderiam muito bem ser pretos, ele soube que ela o queria. Ele chocou-a, isso era óbvio, mas ainda assim, ela o queria.

Ele não iria beijá-la agora, já percebeu que não era o momento certo. Mas tinha que deixá-la saber. Ela tinha que saber exatamente o que era que ele queria.

O que ela queria também, caso se permitisse.

—Esse beijo. — Disse ele, sua voz ardendo de desejo cuidadosamente guardado.

—Esse beijo... Eu o desejo com um fervor que estremece minha alma. Não tenho ideia do por que o desejo, só que senti isso no momento em que a vi no piano, e isso se intensificou desde então nos dias seguintes.

Ela engoliu em seco e a luz das velas dançou no pescoço delicado. Mas ela não disse nada. Tudo bem, ele não esperava nada dela.

—Eu quero o beijo. — Disse ele com voz rouca. — E então quero mais. Quero coisas que você pode nem sequer conhecer.

Eles ficaram em silêncio, olhos presos um no outro.

—Mas acima de tudo. — Ele sussurrou. — Quero te beijar.

E então, com uma voz tão suave que era pouco mais do que um fôlego, ela disse.

—Quero isso também.

Capítulo 9



Eu quero isso também.

Ela enlouqueceu.

Não podia haver outra explicação. Ela passou os últimos dois dias dizendo a si mesma, todas as razões pelas quais não poderia se permitir querer este homem, e agora, no primeiro momento, quando estavam realmente sozinhos e isolados, ela dizia isso?

Sua mão voou para cobrir sua boca e não tinha ideia se era de choque ou porque as pontas dos dedos tinham mais sentido do que o resto e estavam tentando impedi-la de cometer um erro enorme, enorme.

—Anne. — Ele sussurrou, olhando para ela com intimidade.

Não senhorita Wynter. *Anne*. Ele estava tomando liberdades, ela não havia lhe dado permissão para usar seu nome de batismo. Mas não podia convocar a indignação que sabia que deveria sentir. Porque quando ele a chamou de Anne, foi a primeira vez que sentiu que o nome era realmente dela. Durante oito anos, chamava-se Anne Wynter, mas para o resto do mundo sempre foi a Senhorita Wynter. Não havia ninguém em sua vida que a chamasse de Anne. Nem uma única pessoa.

Ela não tinha certeza de que sequer percebeu isso até este momento.

Ela sempre pensou que queria ser Annelise novamente, para voltar a uma vida em que sua maior preocupação diária era qual vestido devia usar, mas agora, ao ouvir Lorde Winstead sussurrar o nome dela, percebeu que gostava da mulher que se tornou. Ela poderia não gostar dos eventos que a levaram a este ponto, ou o medo ainda presente de que George Chervil algum dia a encontrasse e tentasse destruí-la, mas gostava de si mesma.

Era um pensamento incrível.

—Você pode me beijar só uma vez? — Ela sussurrou. Porque queria. Ela queria um sabor de perfeição, mesmo sabendo que poderia ir mais longe. —Você pode me beijar uma vez e depois nunca mais fazer isso de novo?

Seus olhos se nublaram e por um momento pensou que ele não falaria nada. Ele estava segurando-se com tanta força que seu queixo tremia, e o único ruído era o som de sua respiração forte.

Decepção a percorreu. Ela não sabia o que estava pensando ao pedir tal coisa. Um beijo, e nada mais? Um beijo, quando ela também sabia que queria muito mais? Ela foi...

—Eu não sei. — Disse ele abruptamente.

Seus olhos, que foram para seus pés, voaram de volta para seu rosto. Ele ainda estava olhando para ela com intensidade inabalável, olhando como se ela pudesse ser sua salvação. Seu rosto não estava curado, tinha cortes e arranhões em sua pele, com o azul-arroxeadado dos hematomas ao redor do olho, mas naquele momento ele era a coisa mais linda que já tinha visto.

—Não acho que uma vez será o suficiente. — Disse ele.

Suas palavras foram emocionantes. Que mulher não gostaria de ser tão desejada? Mas sua parte cuidadosa, sua parte sensível, percebeu que ela estava trilhando um caminho perigoso. Ela fez isso uma vez antes, permitiu-se cair por um homem que nunca se casaria com ela. A única diferença era que desta vez ela entendia. Lorde Winstead era um conde recentemente caído em desgraça, era verdade, mas ainda um conde, e com sua aparência e charme, logo a sociedade reabriria seus braços para ele.

E ela era... O que? A governanta? Uma governanta falsa cuja história de vida começou em 1816, quando saiu da balsa, enjoada e petrificada, e colocou os pés no solo rochoso da Ilha de Man.

Anne Wynter nasceu naquele dia, e Annelise Shawcross...

Ela desapareceu. Foi-se em um sopro como as ondas do oceano ao seu redor. Mas, realmente, não importava quem ela era. Anne Wynter... Annelise Shawcross... Nenhuma delas era apropriada para Daniel Smythe-Smith, Conde de Winstead, Visconde Streathmore, e Barão Touchton de Stoke.

Ele tinha mais nomes do que ela. Era quase engraçado.

Mas não era verdade. Os deles eram de verdade. Ele tinha que manter todos eles. Eram um emblema de sua posição, de todas as razões pelas quais ela não deveria estar ali com ele, inclinando o rosto para o seu.

Mas, ainda assim, ela queria este momento. Ela queria beijá-lo, sentir seus braços ao redor dela, perder-se em seu abraço, perder-se na noite que os rodeava. Suave e misteriosa, dor de promessas...

O que havia em uma noite como esta?

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela, e ela deixou. Seus dedos envolveram os dela, e mesmo ele não a puxando em sua direção, ela sentiu o puxão, quente e pulsante, aproximando-a dele. Seu corpo sabia o que fazer. Ele sabia o que queria.

Teria sido tão fácil negar se não fosse o que seu coração também queria.

—Não posso fazer essa promessa. — Ele disse suavemente. — Mas vou dizer-lhe isso. Mesmo se não te beijar agora, se dou a volta e me afasto para ir jantar e fingir que nada disso tivesse acontecido, não poderia prometer nunca te beijar de novo. —Ele ergueu a mão à boca. Ela tirou as luvas na carruagem, e sua pele nua se arrepiou e dançou com o desejo quando seus lábios a tocaram.

Ela engoliu em seco. Não sabia o que dizer.

—Eu posso te beijar agora. — Disse ele. — Sem promessas. Ou podemos não fazer nada, também sem promessas. A escolha é sua.

Se ele soasse confiante, ela teria encontrado forças para se afastar. Se sua postura fosse de arrogância, ou se houvesse algo na sua voz que falava de sedução, teria sido diferente.

Mas ele não estava fazendo ameaças. Ele não estava nem fazendo promessas. Ele estava simplesmente dizendo a verdade.

E dando-lhe uma escolha.

Ela respirou. Inclinou o rosto na direção dele. E sussurrou.

—Beije-me.

Ela iria se arrepender amanhã. Ou talvez não. Mas agora não se importava. O espaço entre eles desapareceu e os seus braços, tão fortes e seguros ficaram ao redor dela. E quando seus lábios tocaram os dela, ela pensou que o ouviu dizer seu nome.

—Anne.

Foi um suspiro. Um apelo. Uma bênção.

Sem hesitar, ela estendeu a mão para tocá-lo, seus dedos se afundaram suavemente em seu cabelo escuro. Agora que ela realmente fez isso, pediu para beijá-la, queria tudo. Ela queria tomar o controle de sua vida, ou pelo menos neste momento.

—Diga meu nome. — Ele murmurou em seus lábios, se movendo ao longo de sua bochecha para sua orelha. Sua voz era quente contra seu ouvido, penetrando em sua pele como um bálsamo.

Mas ela não podia. Era muito íntimo. Por que era assim não tinha ideia, já que havia se emocionado ao som de seu nome em seus lábios, e mais ainda, ela estava em seus braços e queria desesperadamente ficar ali para sempre.

Mas ela não estava completamente pronta para chamá-lo de Daniel.

Em vez disso, ela soltou um pequeno suspiro, ou talvez fosse um pequeno gemido e deixou-se inclinar mais fortemente contra ele. Seu corpo estava quente e o dela estava tão quente que pensou poder ficar em chamas.

As mãos dele deslizaram por suas costas, uma se firmando ali enquanto a outra descia para tocar em seu traseiro. Ela sentiu-se levantar, ele a apertou com força contra a evidência de sua necessidade por ela. E, embora ela soubesse que deveria estar chocada, ou, pelo menos se lembrar de que não deveria estar ali sozinha com ele, só pode estremecer de prazer.

Era tão maravilhoso ser tão desejada. Ter alguém tão desesperadamente por ela. Ela. Não uma governanta. Não a companheira de uma senhora cujo sobrinho pensava que deveria ser grata pela atenção.

Nem mesmo a alguma jovem que era realmente apenas um alvo fácil.

Lorde Winstead a queria. Ele a queria antes mesmo de saber quem ela era. Naquela noite, na casa dos Winstead, quando a beijou... Pelo que sabia, ela poderia ser a filha de um duque, com quem seria obrigado a se casar apenas por estar com ela em um corredor escuro. E talvez aquilo não fosse tão significativo, porque não era como se tivessem compartilhado mais do que algumas frases, mas ele ainda a queria, e ela não achava que era só porque ele pensava que poderia tirar proveito dela.

Mas, finalmente, a realidade caiu sobre ela, ou talvez fosse simplesmente o espectro da realidade, e ela se forçou a afastar de seu beijo.

—Você precisa voltar. — Disse, desejando que sua voz estivesse um pouco mais firme. —Eles estão esperando por você.

Ele acenou com a cabeça, seus olhos pareciam um pouco selvagens, como se não soubessem bem o que tinha acontecido dentro dele.

Anne compreendeu. Sentia-se precisamente da mesma maneira.

—Fique aqui. — Ele finalmente disse. —Vou mandar uma criada para lhe mostrar o seu quarto.

Ela assentiu com a cabeça, vendo como ele atravessava a galeria, o seu caminhar não tão intencional quanto estava acostumada a ver nele.

—Mas. — Ele disse, virando-se com um braço estendido. — Isto não terminou. — E então, com uma voz de desejo e determinação, e mais do que um pouco de confusão, acrescentou. —Não pode ter terminado.

Desta vez, ela não concordou. Um deles tinha que ser sensato. Terminado era a única coisa que *poderia* ser.

O tempo inglês não tinha muito a seu favor, mas quando o sol e o ar estavam bons, não havia lugar mais perfeito, especialmente de manhã, quando a luz ainda estava inclinada e rosa e o capim coberto de orvalho pela brisa.

Daniel estava se sentindo particularmente bem enquanto descia para o café da manhã. O sol da manhã estava fluindo por todas as janelas, banhando a casa em um fulgor celeste, o aroma de bacon flutuava ao seu nariz, e não que houvesse *muito* motivo para isso, na noite anterior sugeriu que Elizabeth e Frances tomassem café com o resto da família, em vez de no berçário.

Era uma bobagem elas comerem separadas. Era um trabalho extra para todos os envolvidos, e é claro que ele não queria ser privado de sua companhia. Ele tinha apenas retornado ao país depois de três longos anos de distância. Agora, pensava, era tempo de estar com sua família, especialmente suas primas mais jovens, que tinham mudado tanto em sua ausência.

Sarah poderia ter dado a ele um olhar sarcástico quando disse isso, e sua tia deve ter se perguntado em voz alta por que motivo, então, ele não estava com sua mãe e irmã. Mas ele era excelente em ignorar suas relações femininas quando lhe convinha, e, além disso, não poderia ter respondido as perguntas das duas mais jovens Pleinsworths.

Assim foi resolvido. Elizabeth e Frances não tomaria o café da manhã no berçário,

desceriam com o resto da família. E se as meninas desciam então a senhorita Wynter também desceria, e o café da manhã seria lindo, de fato.

Meio torpe ele abriu caminho através do salão principal para a sala de café da manhã, parando apenas para espreitar através da sala de estar junto à janela grande, que algum lacaios deixou aberta para deixar entrar o ar quente. Que dia, que dia. Pássaros cantavam, o céu estava azul, a grama verde (como sempre, mas ainda era uma coisa excelente), e ele tinha beijado a senhorita Wynter.

Ele quase estremeceu sobre seus pés, só de pensar nisso.

Foi esplêndido. Maravilhoso. Um beijo para negar todos os beijos anteriores. Realmente, ele não sabia o que estava fazendo com todas as outras mulheres, porque o que tinha acontecido quando seus lábios tocaram os dela, aquilo não foi apenas um beijo.

Não como na noite passada.

Quando ele chegou à sala de café da manhã, ficou encantado ao ver a senhorita Wynter de pé no aparador. Mas qualquer pensamento de flerte foi destruído quando também viu Frances, que colocava mais comida no prato.

—Mas não gosto de arenque. — Disse Frances.

—Você não tem que comer. — a senhorita Wynter respondeu com grande paciência. —Mas você não vai sobreviver para jantar com apenas um pedaço de bacon no seu prato. Coma alguns ovos.

—Eu não gosto deles assim.

—Desde quando?— A Senhorita Wynter perguntou, soando um tanto desconfiada. Ou talvez apenas exasperada.

Frances franziu o nariz e inclinou-se sobre o prato.

—Eles parecem muito líquido.

—O que pode ser corrigido imediatamente. — Anunciou Daniel, decidindo que era um momento tão bom quanto qualquer outro para fazer com que notassem sua presença.

—Daniel! — Frances exclamou, seus olhos brilhando de alegria.

Ele deu uma olhada na Senhorita Wynter, ainda não pensava muito nela como Anne, exceto, ao que parecia, quando ele a tinha em seus braços. Sua reação não foi tão efusiva, mas suas bochechas ficaram de uma cor vermelha muito atraente.

—Eu vou pedir à cozinheira para preparar uma porção fresca. — Disse ele a Frances, chegando a despentear seu cabelo.

—Não vai fazer tal coisa. — A Senhorita Wynter disse severamente. —Estes ovos são perfeitamente aceitáveis. Seria um desperdício terrível de alimentos, preparar mais.

Ele olhou para Frances, dando-lhe um encolher de ombros simpático.

—Não vou desobedecer a senhorita Wynter, tenho medo. Por que você não encontra algo mais a seu gosto?

—Eu não gosto muito de arenque.

Ele olhou para o prato e fez uma careta.

—Eu também não. Não conheço ninguém que goste, exceto minha irmã, e vou te dizer, ela fica com cheiro de peixe pelo resto do dia.

Frances ofegou com horror alegre. Daniel olhou para a senhorita Wynter.

—Você gosta de arenque? Ela olhou para trás.

—Muito.

—Coitada. — Ele suspirou e virou-se para Frances. —Vou ter que aconselhar o Lorde Chatteris sobre isso agora que ele e Honoria estão para se casar. Eu não posso imaginar que ele vá querer beijar alguém com cheiro de peixe.

Frances colocou a mão sobre sua boca e riu em êxtase. A Senhorita Wynter deu-lhe um olhar extremamente severo e disse.

—Isto não é uma conversa apropriada para crianças. Mas ele simplesmente disse.

—Mas é para os adultos?

Ela quase sorriu. Percebeu o que ele queria. Mas ela disse.

—Não.

Ele deu um aceno de cabeça triste.

—Coitada.

—Vamos brindar. — Frances anunciou. —Com pilhas e pilhas de geleia.

—Não muito, por favor. — A Senhorita Wynter instruiu.

—A babá Flandres me permite comer muito.

—Eu não sou a babá Flandres.

—Que bom que não é — Daniel comentou em voz baixa. A Senhorita Wynter deu-lhe um olhar.

—Na frente da criança, realmente. — Ele repreendeu, murmurando as palavras apenas para ela, de modo que Frances não ouvisse. —Onde está todo mundo? — Ele perguntou em voz alta, pegando um prato e indo direto ao bacon. Tudo era melhor com bacon.

A vida era melhor com bacon.

—Elizabeth e Harriet descerão em breve. — A Senhorita Wynter respondeu. — Não sei sobre Lady Pleinsworth e Lady Sarah. Não estamos perto de seus quartos.

—Sarah odeia levantar-se pela manhã. — Frances disse, olhando para a senhorita Wynter enquanto comia.

A Senhorita Wynter olhou para trás e Frances parou em uma colher, olhando também.

—Sua tia também não levanta cedo. — A Senhorita Wynter disse a Daniel, cuidadosamente enchendo seu próprio prato. Bacon, ovos, torradas, compotas, um pastel Cornish. Ela era muito fã de café da manhã, ele viu.

Uma colher grande de manteiga, uma porção mais moderada de geleia de laranja, e depois...

Não os arenques.

Arenques. Pelo menos três vezes mais do que um ser humano normal deveria consumir.

—Arenque? — Questionou. —Deve?

—Disse que gostava deles.

Ou indo ao ponto, ele disse a ela o quão bem eles serviam como armadura contra um beijo.

—Eles são praticamente a comida nacional da Ilha de Man. — Disse ela, sentando-se com o peixinho viscoso em seu prato.

—Estamos estudando a Ilha de Man em geografia. — Disse Frances melancolicamente. —As pessoas são Manx. Há gatos que são Manx. Essa é a única coisa boa sobre isso. A palavra *Manx*.

Daniel não podia sequer pensar em um comentário.

—Termina em um x. — Explicou Frances, não que esclareceu qualquer coisa. Daniel pigarreou, decidindo não prosseguir com a coisa do x. Deixou a conversa e seguiu a senhorita Wynter de volta para a mesa.

—Não é uma ilha muito grande. — Comentou ele. —Não teria pensado que havia muito a se estudar.

—Pelo contrário. — Ela comentou, tomando um assento diagonal ao de Frances.

—A ilha é muito rica em história.

—E peixes, aparentemente.

—É. — A Senhorita Wynter admitiu, apontando um pedaço de arenque com o garfo. — A única coisa de que sinto falta.

Daniel olhou-a com curiosidade quando se sentou ao seu lado, de frente para Frances. Era uma declaração tão estranha, vinda de uma mulher tão calada sobre seu passado.

Mas Frances interpretou o comentário de uma maneira totalmente diferente. Com a comida pendurada nas pontas dos dedos, ela congelou, olhando para sua governanta com espanto.

—Então por que, — Ela finalmente perguntou. —você está fazendo *a gente* estudar isso?

A Senhorita Wynter olhou para ela com serenidade impressionante.

—Bem, não poderia planejar uma aula sobre a Ilha de Wight. — Ela virou-se para Daniel e disse. —Honestamente, não sei nada sobre ela.

—Ela tem um bom argumento. — Disse Daniel. —Não pode ensinar o que não sabe.

—Mas isso não é desculpa. — Frances protestou. —Pelo menos a Ilha de Wight está

próxima. Nós algum dia poderíamos realmente ir lá. A Ilha de Man é no meio *do nada*.

—No mar da Irlanda, na verdade. — Daniel esclareceu.

—Nunca se sabe aonde a vida vai te levar. — A Senhorita Wynter disse calmamente. —Posso garantir a vocês que quando eu tinha sua idade, tinha certeza de que eu nunca iria pisar na Ilha de Man.

Havia algo em sua voz que apresentava uma expressão solene, e nem Daniel, nem Frances disse uma palavra. Finalmente, a Senhorita Wynter encolheu os ombros, voltou para sua comida, espetou outro pedaço de peixe, e disse.

—Não sei mesmo se poderia tê-la localizado em um mapa.

Mais silêncio, este mais complicado do que o último. Daniel decidiu que era hora de enfrentar o abismo auditivo e disse.

—Bem. — Como de costume, deu-lhe tempo suficiente para pensar em algo marginalmente mais inteligente para dizer.

—Tenho bala de menta em meu escritório.

A Senhorita Wynter se virou. Então piscou. Em seguida, disse.

— Desculpe?

—Brilhante!— Frances disse, a Ilha de Man esquecida completamente. —Eu amo menta.

—E você, Senhorita Wynter? — Questionou.

—Ela gosta. — Disse Frances.

—Talvez possamos caminhar pela a aldeia. — Disse Daniel. — Para comprar algumas.

—Eu pensei que você disse que tinha. — Frances lembrou.

—Eu tenho. — Ele olhou do pedaço de peixe para a senhorita Wynter, suas sobrancelhas subiram em alarme. —Mas eu tenho um sentimento que eu não tenho o suficiente.

—Por favor. — A Senhorita Wynter disse, espetando outro pedaço de peixe com o garfo e deixando-o tremer no ar. —Não por minha causa.

—Ah, eu acho que pode ser por conta de todos nós.

Frances olhou dele para sua governanta e para trás, franzindo a testa poderosamente.

—Não entendo do que está falando. — Ela anunciou.

Daniel sorriu placidamente para a Senhorita Wynter, que optou por não responder.

—Nós faremos nossas lições ao ar livre hoje. — Frances disse. —Você gostaria de nos acompanhar?

—Frances. — A Senhorita Wynter disse rapidamente: — Eu tenho certeza que seu senhorio...

—Gostaria de acompanhá-las. — Disse Daniel com grande talento. —Estava pensando que está um dia maravilhoso lá fora. Tão ensolarado e quente.

—Não era ensolarado e quente na Itália?— Frances perguntou.

—Era, mas não era a mesma coisa. — Ele deu uma mordida grande em seu bacon, que também não era o mesmo na Itália. Todo o resto era bom para comer, mas não o bacon.

—Como?— Frances perguntou. Ele pensou por um momento.

—A resposta óbvia seria a de que muitas vezes era simplesmente muito quente para aproveitar o dia.

—E a resposta menos óbvia?— Senhorita Wynter perguntou.

Ele sorriu absurdamente feliz por ela ter perguntado, para entrar na conversa.

—Eu temo que seja menos óbvio para mim, também, mas se eu tivesse que colocar em palavras, diria que tem algo a ver com a sensação de pertencer. Ou, eu suponho, não pertencer.

Frances assentiu sabiamente.

—Poderia ser um dia lindo. — Continuou Daniel. —Perfeito, realmente, mas nunca poderia ser o mesmo que um belo dia na Inglaterra. Os cheiros eram diferentes, e o ar era mais seco. O cenário era lindo, claro, especialmente à beira-mar, mas...

—Estamos à beira-mar. — Frances interrompeu. — A quanto estamos? Dez milhas de distância aqui na Colina Whipple?

—Um pouco mais do que isso. — Disse Daniel. — Mas você nunca poderia comparar o canal inglês ao mar Tirreno. Um é verde-cinza e selvagem, e o outro azul fosco.

—Eu adoraria ver o azul do oceano. — A Senhorita Wynter disse com um suspiro melancólico.

—É espetacular. — Admitiu. —Mas não é como estar em casa.

—Ah, mas pense em como seria celestial. — Continuou ela. — Estar próximo à água e não ficar violentamente doente.

Ele riu.

—Você é propensa a enjoo, então?

—Terrivelmente sim.

—Nunca enjoo. — Disse Frances.

—Você nunca esteve na água. — A Senhorita Wynter apontou alegremente.

—Mesmo assim, nunca enjoo. — Frances respondeu triunfante. —Ou talvez eu devesse dizer que nunca *fiquei* enjoada.

—Certamente seria mais preciso.

—Você é uma boa governanta. — Daniel disse carinhosamente.

Mas seu rosto assumiu uma expressão estranha, como se talvez ela não quisesse ser lembrada desse fato. Era um sinal claro para mudar de assunto, então ele disse.

—Não consigo me lembrar de como chegamos a discutir o mar Tirreno. Eu estava...

—Foi porque eu perguntei sobre a Itália. — Frances ajudou.

— Ia dizer. — Disse ele sem problemas, uma vez que ficou claro por que eles exatamente estavam discutindo sobre o Mar Tirreno. — Estou muito ansioso para me juntar a vocês em sua lição ao *ar livre*.

—Isso significa do lado de fora da porta. — Disse Frances para a Senhorita Wynter.

—Eu sei. — Ela murmurou.

—Eu sei que você sabe. — Respondeu Frances. —Eu só queria ter certeza de que você sabia.

Elizabeth chegou em seguida e enquanto Frances foi verificar se ela sabia o que era ao ar livre, Daniel voltou-se para a Senhorita Wynter e disse.

—Espero não me intrometer nesta tarde se acompanhá-la às aulas. Ele sabia muito bem que ela não poderia dizer outra coisa que não.

—Claro que não. — E foi precisamente o que ela disse. Mas parecia uma frase tão boa quanto qualquer outra para começar uma conversa. Ele esperou até ela comer seus ovos, em seguida, acrescentou. —Ficaria feliz em ajudar de qualquer maneira.

Ela passou o guardanapo delicadamente pela boca e disse. — Tenho certeza que as meninas acham muito mais gratificante você participar das aulas.

—E você?— Ele sorriu calorosamente.

—Acharia gratificante também. — Disse com uma pitada de malícia.

—Então é isso que vou fazer. — Ele respondeu grandiosamente. Em seguida, franziu a testa. —Você não planeja qualquer dissecação esta tarde, presumo?

—Nós realizamos a viva dissecação apenas na minha sala de aula. — Disse ela, com um rosto extremamente calmo.

Ele riu alto o suficiente para que Elizabeth, Frances, e Harriet, que também descia, se virassem em sua direção. Foi notável, porque as três realmente não se parecem demasiadamente uma à outra, mas, nesse momento, com os rostos moldados nas expressões exatas de curiosidade, pareciam idênticas.

—Lorde Winstead perguntou sobre o nosso plano de aula para o dia. — A Senhorita Wynter explicou.

Houve um silêncio. Em seguida, elas devem ter decidido que faltou emoção, pois voltaram ao café da manhã.

—O que estudaremos esta tarde?— Daniel perguntou.

—Esta tarde?— Senhorita Wynter ecoou. —Espero todos antes das dez horas.

—Esta manhã, então. — Ele emendou devidamente corrigido.

—Geografia de primeira mão sobre a Ilha de Man. — Ela disse em voz alta, quando três cabeças jovens se viraram furiosamente em sua direção. —Então, um pouco de aritmética, e, finalmente, a literatura.

—Minha favorita!— Harriet disse com entusiasmo, levando o assento ao lado de Frances.

—Eu sei. — A Senhorita Wynter respondeu, dando-lhe um sorriso indulgente. — É por isso que estamos guardando para o último. É a única maneira que eu posso garantir segurar sua atenção durante o dia inteiro.

Harriet sorriu timidamente, então se iluminou subitamente.

—Podemos ler uma das minhas obras?

—Você sabe que nós estamos estudando histórias de Shakespeare. — A Senhorita Wynter disse se desculpando. — E... — Ela parou.

—E o que?— Frances perguntou.

A Senhorita Wynter considerou Harriet. Então considerou Daniel. E então, quando ele começou a se sentir um pouco como um cordeiro indo para o abate, ela virou-se para Harriet e perguntou.

— Você trouxe seus livros com você?

—É claro. Nunca iria a lugar algum sem eles.

—Nunca se sabe quando você pode ter a oportunidade de subir em um palco?— Elizabeth disse um pouco mesquinha.

—Bem, não é isso. — Respondeu Harriet, ignorando a provocação de sua irmã ou o que Daniel pensou ser o mais provável, que ela simplesmente não percebeu. —É o grande medo. — Ela continuou. — É o fogo.

Ele sabia que não deveria perguntar, mas simplesmente não conseguiu parar.

—Fogo?

—Em casa. — Ela confirmou. —E se Pleinsworth House se queimar completamente enquanto estivermos aqui em Berkshire? O trabalho da minha vida se perderá.

Elizabeth bufou.

—Se Pleinsworth se queimar completamente, eu lhe garanto que teremos preocupações muito maiores do que a perda de seus rabiscos.

—Eu temo o granizo também. — Frances anunciou. — E gafanhotos.

—Você já leu uma das peças de sua prima?— A Senhorita Wynter perguntou inocentemente.

Daniel balançou a cabeça.

—Elas são um pouco como esta conversa, na verdade. — Disse ela, e então, enquanto ele estava absorvendo isso, virou-se para elas e anunciou. — Boas notícias a todos! Hoje, em vez de *Júlio César*, vamos estudar uma das peças de Harriet.

—*Estudar?*— Elizabeth perguntou com todo horror.

—Ler. — A Senhorita Wynter corrigiu. Ela virou-se para Harriet. —Você pode escolher qual delas.

—Oh, Meu Deus, vai ser difícil. — Harriet pousou o garfo e colocou a mão sobre o coração enquanto pensava, os dedos se espalhando como uma estrela do mar torta.

—Não poder ser o da rã. — Disse Frances com força. —Porque você sabe que eu tenho que ser a rã.

—Você é uma rã muito boa. — A Senhorita Wynter disse.

Daniel ficou em silêncio, observando o intercâmbio com interesse. E pavor.

—Mas. — Disse Frances com uma fungada.

—Não se preocupe Frances. — Harriet disse, dando-lhe um tapinha na mão. — Não vamos atuar no *Pântano dos Sapos*. Eu o escrevi há anos atrás. Meu trabalho recente é muito mais sutil.

—Quão longe você já foi naquele do Rei Henrique VIII?— A Senhorita Wynter perguntou.

—O que cortava cabeças?— Daniel murmurou. —Ela quis que você fosse a Ana Bolena, quis?

—Ele não está pronto. — Disse Harriet. —Tenho que rever o primeiro ato.

—Eu disse a ela que precisa de um unicórnio. — Disse Frances.

Daniel manteve os olhos sobre as meninas, mas inclinou-se para a Srta. Wynter.

—Vou ter que ser um unicórnio?

—Se tiver sorte.

Ele virou a cabeça para encará-la.

—O que *isso* signif...

—Harriet! — Ela exclamou. —Nós realmente temos que escolher a leitura.

—Muito bem. — Harriet disse, sentando-se excepcionalmente alta em seu assento. —Acho que deveríamos fazer...

Capítulo 10



—*A Tragédia estranha e triste de Lorde Finstead*????

A reação de Daniel podia ser resumida em duas palavras: *Oh* e *não*.

—O final é realmente muito esperançoso. — Harriet disse.

Sua expressão, que ele tinha certeza que pairava em algum lugar entre atônito e espantado, acrescentou dúvida.

—Você tem a palavra tragédia no título. Harriet franziu a testa.

—Poderia mudar isso.

—Não acho que vai funcionar muito bem como *A comédia estranha e triste*. — Disse Frances.

—Não, não. — Harriet pensou. — Eu teria que refazê-la completamente.

—Mas *Finstead*? — Daniel persistiu. — Sério? Harriet olhou para ele.

—Você acha que isso soa muito ruim?

Qualquer que fosse a alegria que a senhorita Wynter estava segurando, espalhou-se em uma explosão de ovos e bacon.

—Oh! — Ela exclamou, e realmente, era difícil convocar qualquer simpatia por sua situação. — Desculpe-me, oh, foi rude. Mas... — Ela poderia ter a intenção de dizer mais. Daniel não poderia dizer, sua risada a pegou novamente, cortando toda a fala inteligível.

—É uma coisa boa que esteja vestindo amarelo. — Elizabeth disse para Frances. Frances olhou para o corpete, encolheu os ombros e levemente usou o seu guardanapo.

—Pena que o tecido não tem ramos pequenos de flores vermelhas. — Acrescentou Elizabeth. — O bacon, você sabe. — Ela virou-se para Daniel como se esperando por algum tipo de confirmação, mas ele não queria fazer parte de qualquer conversa que incluía parcialmente lançar o bacon no ar, então ele se virou para a Senhorita Wynter e disse.

—Ajude-me. Por favor?

Ela deu-lhe um aceno envergonhado, mas não tão envergonhado como deveria e virou-se para Harriet.

—Eu acho que Lorde Winstead se refere às qualidades de rima do título. Harriet piscou algumas vezes.

—Ele não rima.

—Oh, pelo amor de Deus. — Elizabeth explodiu. — *Finstead Winstead*? O suspiro de Harriet quase sugou o ar da sala.

—Eu nunca notei! — Exclamou ela.

—Obviamente. — Sua irmã disse.

—Eu devo ter pensado em você quando escrevi. — Harriet disse a Daniel. Pela sua expressão, ele assumiu que deveria se sentir lisonjeado, por isso tentou sorrir.

—Você tem estado muito em seus pensamentos. — A Senhorita Wynter disse a ele.

—Vamos ter que mudar o nome. — Disse Harriet com um suspiro exausto. — Vai ser um horrível trabalho. Vou ter que copiar novamente o livro inteiro. Lorde Finstead está em quase todas as cenas, você sabe. — Ela virou-se para Daniel. — Ele é o protagonista.

—Eu tinha imaginado. — Disse ele secamente.

—Você vai ter que desempenhar o papel dele. Ele se virou para a Senhorita Wynter.

—Não há como sair disso, há?

Ela parecia totalmente divertida, a moça traidora.

—Temo que não.

—Existe um unicórnio?— Frances perguntou. — Faço um unicórnio excelente.

—Acho que *prefiro* ser o unicórnio. — Daniel disse com tristeza.

—Absurdo!— A Senhorita Wynter disse. — Você deve ser o nosso herói. No que Frances naturalmente respondeu.

—Unicórnios podem ser heróis.

—Chega de unicórnios!— Elizabeth explodiu. Frances mostrou a língua.

—Harriet. — A Senhorita Wynter disse. — Como Lorde Winstead ainda não conhece a sua peça, talvez você possa contar a ele sobre seu caráter.

Harriet se virou para ele com prazer e sem fôlego.

—Oh, você vai adorar ser Lorde Finstead. Ele era muito bonito. Daniel limpou a garganta.

—Era?

—Houve um incêndio. — Explicou Harriet, sua breve frase terminando com a espécie de suspiro triste, que Daniel assumiu ser normalmente reservado para vítimas de incêndios reais.

—Espere um momento. — Disse ele, voltando-se para a Senhorita Wynter com crescente alarme. — O fogo não aconteceu no palco, não é?

—Oh, não. — Harriet respondeu por ela. — Lorde Finstead já está gravemente

desfigurado quando o ato começa. — E então, em uma explosão de prudência que era ao mesmo tempo reconfortante e surpreendente, ela acrescentou. — Seria muito perigoso ter um incêndio no palco.

—Bem, isso...

—Além disso. — Harriet interrompeu. —vai ser muito necessário ajudá-lo com seu personagem. Você já está... — Ela apontou para seu próprio rosto com a mão, agitando-a em um círculo.

Ele não tinha ideia do que estava fazendo.

—Suas contusões. — Frances disse em um sussurro muito alto.

—Ah, sim. — Disse Daniel. —Sim, é claro. Infelizmente, sei um pouco sobre a desfiguração facial no presente.

—Pelo menos você não vai precisar de maquiagem. — Disse Elizabeth. Daniel agradecia a Deus por pequenos favores, mas depois Harriet disse.

—Bem, exceto pela verruga.

A gratidão de Daniel foi rapidamente interrompida.

—Harriet. — Disse ele, olhando-a nos olhos como um adulto. — Eu realmente preciso te dizer, nunca fui um ator dramático.

Harriet acenou como se fosse um mosquito.

—É isso que é tão maravilhoso sobre minhas peças. Qualquer um pode se divertir.

—Não sei. — Disse Frances. —Não gosto de ser aquela rã. Minhas pernas doem no dia seguinte.

—Talvez *devêssemos* escolher o *Pântano dos Sapos*.— A Senhorita Wynter disse inocentemente. —Verde garrafa é a cor das roupas masculinas deste ano. Certamente Lorde Winstead terá algo em seu guarda-roupa desta cor.

—Não vou ser um sapo. — Seus olhos se estreitaram maliciosamente. —A menos que você seja também.

—Há apenas um sapo na peça. — Disse Harriet alegremente.

—Mas não é o título *O Pântano dos Sapos*? — Questionou, mesmo sabendo que era melhor não. —Plural?— Bom Senhor, toda a conversa o estava deixando tonto.

—Essa é a ironia. — Disse Harriet, e Daniel conseguiu deter-se pouco antes de perguntar o que ela queria dizer com isso (porque não combinava com nenhuma definição de ironia que ele já ouviu).

Seu cérebro estava ferido.

—Acho que seria melhor para o primo Daniel ler a peça. — Disse Harriet. Ela olhou para ele. —Vou buscar as páginas logo depois do café. Você pode ler enquanto estudamos geografia e matemática.

Ele tinha a sensação de que preferia geografia e matemática. E ele nem sequer

gostava de geografia. Ou matemática.

—Vou ter que pensar em um novo nome para Lorde Finstead. — Harriet continuou. —Se eu não fizer isso, todo mundo vai assumir que ele é realmente você, Daniel. Que, naturalmente, não é. A menos... —Sua voz sumiu, muito possivelmente com efeito dramático.

—A não ser o quê? — Perguntou ele, mesmo com a certeza de que não queria ouvir a resposta.

—Bem, você nunca montou um garanhão ao contrário, não é?

Ele abriu a boca, mas nenhum som saiu. Com certeza ele seria perdoado por esse déficit, porque, realmente. Um garanhão? Ao contrário?

—Daniel?— Elizabeth cutucou.

—Não. — Ele finalmente conseguiu dizer. —Não, nunca montei. Harriet balançou a cabeça pesarosamente.

—Não acredito.

E Daniel sentiu-se como se de alguma forma ele não estivesse à altura. O que era ridículo. E mortificante.

—Tenho certeza. — Disse ele. — Que nenhum homem neste planeta pode montar um garanhão ao contrário.

—Bem, isso depende, eu acho. — Disse a Senhorita Wynter. Daniel não podia acreditar que ela estava incentivando isso.

—Não posso imaginar no quê depende.

Uma de suas mãos fez um flip no ar até que a palma da mão foi para cima, como se esperasse uma resposta cair do céu. —É o homem sentado no cavalo de costas para ele ou é o cavalo realmente se movendo no sentido inverso?

—Ambos. — Respondeu Harriet.

—Bem, então não acho que isso possa ser feito. — A Senhorita Wynter respondeu e Daniel quase pensou que ela estava levando a conversa a sério. No último momento, ela se virou e ele viu o aperto indicador nos cantos de sua boca enquanto tentava não rir. Ela estava zombando dele, a miserável.

Ah, mas ela escolheu o adversário errado. Ele era um homem com cinco irmãs. Ela não tinha a menor chance.

Ele virou-se para Harriet.

—Que papel vai ter a senhorita Wynter? — Questionou.

—Oh, não vou ter um papel. — A Senhorita Wynter cortou. —Nunca tenho.

—E por quê?

—Eu supervisiono.

—Eu posso fiscalizar. — Disse Frances.

—Oh, não, você não pode. — Disse Elizabeth, com a velocidade e veemência de uma verdadeira irmã mais velha.

—Se alguém vai fiscalizar, deveria ser eu. — Disse Harriet. —Eu escrevi a peça. Daniel descansou um cotovelo na mesa, em seguida, apoiou o queixo na mão e considerou a senhorita Wynter com delicadeza cuidadosamente estudada, mantendo esta posição por apenas o tempo suficiente para fazê-la mover-se nervosamente em seu assento. Finalmente, incapaz de tomar a sua leitura por mais tempo, ela explodiu.

— O que é isso?

—Oh, nada, realmente. — Ele suspirou. —Eu pensei que não fosse uma covarde. As três filhas de Pleinsworth soltaram suspiros idênticos e seus olhos se arregalaram como pratos, observaram a cena, e foram de Daniel para a Senhorita Wynter, como se elas estivessem seguindo uma partida de tênis.

O que ele supôs que elas estariam fazendo. E era definitivamente a vez da senhorita Wynter sacar a bola.

—Não é covardia. — Ela respondeu. —Lady Pleinsworth me contratou para educar estas três jovens para a vida adulta, para que possam juntar-se a companhia de mulheres educadas. — E enquanto Daniel estava tentando seguir a exagerada bobagem, ela acrescentou. —Estou apenas fazendo o trabalho para o qual meus serviços foram contratados.

Os três pares de olhos pousaram sobre a Senhorita Wynter por mais um segundo, em seguida, caiu sobre Daniel.

—Um esforço nobre com certeza. — Ele respondeu. — Mas certamente a sua aprendizagem só pode ser melhorada por ver o seu bom exemplo.

E os olhos estavam de volta na Senhorita Wynter.

—Ah. — Disse ela, e ele estava certo de que ela estava tentando ganhar tempo. — Mas em meus muitos anos como uma governanta, aprendi que meus talentos não tem nada a ver com perseguições dramáticas. Não gostaria de poluir suas mentes com um talento tão triste como a mim mesma.

—Seus talentos dramáticos dificilmente poderiam ser piores dos que os meus.

Seus olhos se estreitaram.

—Isso talvez seja verdade, mas você não é a sua governanta. Seus olhos se estreitaram.

—Isso é certamente verdade, mas pouco relevante.

—*Pelo contrario.* — Ela disse, com satisfação evidente. —Como primo, de você não é esperado dar o exemplo de comportamento elegante.

Ele se inclinou para frente.

—Você está se divertindo, não é? Ela sorriu. Talvez um pouco.

—Sim, muito.

—Acho que isso pode ser melhor do que a peça de Harriet. — Frances disse, seus olhos e de suas irmãs voltando para Daniel.

—Estou escrevendo. — Disse Harriet.

Daniel olhou para ela. Não pode evitar. Ele sabia de fato que o utensílio que ela estava segurando era um garfo.

—Bem, vou decorar as falas para escrever em um momento futuro. — Ela admitiu.

Daniel se voltou para a Senhorita Wynter. Ela parecia terrivelmente correta, sentada em sua cadeira com a postura perfeita. Seu cabelo escuro estava puxado para trás em um coque, cada fio preso meticulosamente no lugar. Não havia nada sobre ela que fosse remotamente fora do comum, e ainda...

Ela estava radiante.

A seus olhos, pelo menos. Provavelmente a cada olhar masculino, na Inglaterra. Se Harriet, Elizabeth, e Frances não podiam ver, era porque elas eram, bom, meninas. E as jovens não a viam como uma rival. Sem restrições dos ciúmes, inveja ou preconceito, a viam como ela queria ser vista, leal, inteligente e com um humor feroz.

E linda, é claro. Era a coisa mais estranha, e ele não tinha ideia de onde a noção tinha vindo, mas tinha a sensação de que a senhorita Wynter gostava de ser linda tanto quanto odiava ser bonita.

E encontrava-a ainda mais fascinante por isso.

—Diga-me, Senhorita Wynter. — Ele finalmente disse, escolhendo as palavras com deliberação. — Você já tentou atuar em uma das peças de Harriet?

Ela apertou os lábios. Foi encurralada por uma questão de sim ou não e não estava feliz com isso.

—Não. — Ela respondeu finalmente.

—Você não acha que está na hora?

—Na verdade, não.

Ele colocou firmemente os olhos nos dela.

—Se vou fazer a peça, você também fará.

—Seria de grande ajuda. — Disse Harriet. — Há 20 personagens, Senhorita Wynter, e sem você, teríamos que interpretar cinco.

—Pode se unir a nós. — Frances acrescentou. — Nós só teremos que fazer quatro cada um.

—Sim. — Elizabeth concluiu, triunfante. — É uma redução de 20 por cento!

Daniel ainda tinha o queixo apoiado na mão, então inclinou a cabeça levemente para dar a impressão de considerar.

—Não há elogios para a excelente aplicação de suas habilidades matemáticas, Senhorita Wynter?

Ela parecia prestes a ferver, não que pudesse culpá-la com todos conspirando contra ela. Mas a governanta dentro dela era completamente incapaz de resistir.

— Eu lhe disse que seria útil ser capaz de fazer somas e tabelas em suas cabeças. Os olhos de Harriet cresceram brilhantes de excitação.

—Então isso significa que você vai se juntar a nós?

Daniel não tinha certeza de como ela chegou a essa interpretação, mas ele não iria deixar passar a oportunidade, então ele imediatamente lançou-se em seu apoio.

—Bom Senhorita Wynter. Todos nós temos que ocasionalmente nos aventurar fora de nossas áreas de conforto. Estou terrivelmente orgulhoso de você.

O olhar que ela deu a ele claramente dizia *que iria estripá-lo, desgraçado pomposo*. Mas é claro que ela nunca poderia proferir tal coisa na frente das crianças, o que significava que ele poderia observar alegremente enquanto fervia.

Xeque-mate!

—Senhorita Wynter, acho que você deveria ser a rainha do mal. — Disse Harriet.

—Há uma rainha malvada?— Daniel ecoou. Com evidente prazer.

—É claro. — Respondeu Harriet. —Cada peça tem uma boa rainha má. Frances realmente levantou a mão.

—E um...

—Não diga isso. — Resmungou Elizabeth.

Frances cruzou os olhos, colocou a faca em sua testa, em uma aproximação de um chifre, e relinchou.

—Esta resolvido, então. — Disse Harriet decisivamente. —Daniel será Lorde Finstead. — Ela levantou a mão. — Com a restrição do nome de Lorde Finstead, mas sim algum outro nome que vou pensar mais tarde, a senhorita Wynter será a rainha má, Elizabeth será... — Ela estreitou os olhos e olhou à sua irmã, que a considerava de volta com suspeita.

—Elizabeth será a linda princesa. — Harriet finalmente anunciou, para grande espanto de Elizabeth.

—E eu?— Frances perguntou.

—O mordomo. — Harriet respondeu, sem sequer um segundo de hesitação. A boca de Frances imediatamente abriu para protestar.

—Não, não. — Disse Harriet. —É o melhor papel, eu juro. Você faz tudo.

—Exceto ser um unicórnio. — Daniel murmurou.

Frances inclinou a cabeça para o lado com uma expressão resignada.

—Na próxima peça. — Harriet finalmente disse. —Vou encontrar uma maneira de incluir um unicórnio.

Frances levantou ambos os punhos no ar.

—Hurrah!

—Mas só se você parar de falar sobre unicórnios agora.

—Concordo. — Elizabeth disse, para ninguém em particular.

—Muito bem. — Frances concordou. —Nada de unicórnios. Pelo menos não onde você possa me ouvir.

Harriet e Elizabeth olharam como se pudessem argumentar, mas a Senhorita Wynter intercedeu, dizendo.

—Acho que é mais do que justo. Você dificilmente pode impedi-la de falar totalmente sobre eles.

—Então está resolvido. — Disse Harriet. —Vamos trabalhar os papéis menores mais tarde.

—E você?— Elizabeth exigiu.

—Ah, eu vou ser a deusa do sol e da lua.

—O conto fica mais estranho. — Disse Daniel.

—Espera-se que atue sete atos. — A Senhorita Wynter disse ele.

—Sete?— Sua cabeça se levantou. —Há sete atos?

—Doze. — Harriet corrigiu. — Mas não se preocupe, você está em apenas onze deles. Agora, então, Senhorita Wynter, quando você propõe que começamos nossos ensaios? E podemos fazê-los do lado de fora? Há um elevado no mirante que seria o ideal.

A Senhorita Wynter virou-se para Daniel para confirmação. Ele apenas encolheu os ombros e disse:

— Harriet é a dramaturga.

Ela assentiu com a cabeça e voltou para as meninas.

—Eu ia dizer que podemos começar após o descanso de nossas lições, mas dado que há doze atos para passar, estou concedendo um feriado de um dia de geografia e matemática.

As meninas vibraram alegremente, e até mesmo Daniel sentiu-se arrastado pela alegria geral.

—Bem. — Disse a Senhorita Wynter. — Não é todo dia que se transforma em um estranho e triste.

—Ou mal. Ele riu.

—Ou mal.— Então ele pensou. Um pensamento estranho, triste. —Não morro no final, não é?

Ela balançou a cabeça.

—Isso é um alívio, devo dizer. Faço um cadáver terrível.

Ela riu, ou melhor, ela segurou os lábios firmemente enquanto tentava não rir. As

meninas estavam conversando loucamente enquanto tomavam o café da manhã e saiam da sala, e então ele ficou sentado ao lado da Senhorita Wynter, apenas os dois e seus pratos de café, o sol da manhã entrando através das janelas.

—Eu me pergunto. — Ele disse em voz alta. — Como conseguimos ser maus? O garfo bateu ruidosamente contra o seu prato.

—Desculpe?

—Triste, estranho e desfigurado tudo bem, mas não gostaria de ser mau. Você gostaria?

Seus lábios se separaram e ele ouviu o pequeno ofegar. O som fez cócegas em sua pele, o fez querer beijá-la.

Mas tudo parecia fazê-lo querer beijá-la. Ele se sentia como um homem jovem novamente, perpetuamente excitado, exceto que este era muito mais específico. De volta à universidade onde flertou com todas as mulheres que conheceu, roubando beijos ou, mais ao ponto, aceitando-os quando eram oferecidos livremente.

Isto era diferente. Ele não queria uma mulher. Ele queria a ela. E ele supôs que se tivesse de passar a tarde como um estranho, triste e desfigurado só para estar em sua companhia, valeria a pena.

Em seguida, lembrou-se da verruga.

Ele se virou para a Senhorita Wynter e disse firmemente.

— Não vou colocar uma verruga.

Realmente, um homem tinha que estabelecer o limite em algum lugar.

Capítulo 11



Seis horas mais tarde, enquanto Anne ajustava a faixa preta destinada a apontá-la como rainha má, teve que admitir que não conseguia se lembrar de uma tarde mais agradável.

Ridículo, sim, completamente sem valor acadêmico, absolutamente. Mas ainda assim, completa e totalmente agradável.

Ela havia se divertido.

Diversão. Ela não conseguia se lembrar da última vez.

Eles ensaiaram todos os dias (não que planejassem realmente atuar *A Triste e Estranha Tragédia do Lorde que não seria mais Finstead* na frente de uma plateia) e ela não poderia contar o número de vezes que teve de parar, para se dobrar de tanto rir.

—Tu nunca ferirás minha filha. — Ela entoou, agitando uma vara através do ar. Elizabeth se abaixou.

—Oh!— Anne estremeceu. —Sinto muito. Você está bem?

—Estou bem. — Elizabeth assegurou. —Eu-...

—Senhorita Wynter, você está atrapalhando o personagem novamente! — Harriet lamentou.

—Eu quase bati em Elizabeth. — Anne explicou.

—Eu não me importo.

Elizabeth exalou um sopro de indignação.

—Eu me importo.

—Talvez você não deva usar um pedaço de pau. — Disse Frances.

Harriet lançou a sua irmã um olhar de desdém antes de voltar para o resto deles.

—Vamos retornar para o script. — Ela disse em uma voz empertigada quase com sarcasmo.

—É claro. — Disse Anne, olhando para seu texto. —Onde estávamos? Ah, sim, não ferir a minha filha e tudo isso.

—*Senhorita Wynter.*

—Oh, não, não estava dizendo a fala. Estava apenas encontrando-a. —Ela limpou a garganta e acenou com a vara no ar, dando a Elizabeth uma grande volta. —Tu nunca ferirás minha filha!

Como ela conseguiu falar sem rir nunca saberia.

—Não quero feri-la. — Disse Lorde Winstead, com drama suficiente para fazer uma audiência Drury Lane chorar. —Quero me casar com ela.

—Nunca.

—Não, não, não, Senhorita Wynter! — Harriet exclamou. —Você não parece irritada.

—Bem, não estou. — Anne admitiu. —A filha é um pouco boba. Eu diria que a rainha má ficaria feliz em se livrar dela.

Harriet suspirou longamente em sofrimento.

—Seja como for, a rainha má não pensa que sua filha é uma tola.

—Acho que ela é uma boba. — Elizabeth concordou.

—Mas *você* é a filha. — Disse Harriet.

—Eu sei! Estive lendo suas falas durante todo o dia. Ela é uma idiota. Enquanto elas brigavam, Lorde Winstead aproximou-se de Anne e disse.

—Eu me sinto um pouco como um homem velho lascivo, tentando me casar com Elizabeth.

Ela riu.

—Suponho que *você* não consideraria trocar de papéis?

—Com *você* ?

Ele fez uma careta.

—Com Elizabeth.

—Depois que *você* disse que sou uma rainha má perfeita? Acho que não. Ele se inclinou um pouco mais perto.

—Não foi assim, acredito que disse que *você* fazia o papel de rainha má perfeitamente mal.

—Oh, sim. Isso é muito melhor. —Anne franziu a testa. —Você já viu Frances? Ele inclinou a cabeça para a direita.

—Eu acredito que ela está sobre os arbustos. Anne seguiu seu olhar inquieto.

—Sobre os arbustos?

—Ela me disse que estava praticando para a próxima peça. Anne piscou para ele, sem entender.

—Para quando ela for um unicórnio.

—Ah, é claro. — Ela riu. —Ela é bastante tenaz.

Lorde Winstead sorriu e o estômago de Anne se sacudiu um pouco. Ele tinha um sorriso tão encantador. Perversamente travesso, mas com... oh, Anne não tinha ideia de como descrever isso, exceto que ele era um homem bom, um homem honrado, que sabia o que era certo e errado, independente de quão impertinentes eram seus sorrisos...

Ela sabia que ele não iria machucá-la.

Até mesmo seu próprio pai não foi tão confiável.

—Você ficou muito séria de repente. — Lorde Winstead disse. Anne piscou e saiu de seu devaneio.

—Oh, não é nada. — Disse rapidamente, esperando não ter corado. Às vezes, tinha que lembrar a si mesma que ele não podia ver diretamente seus pensamentos. Ela olhou para Harriet e Elizabeth, que ainda estavam discutindo, embora até agora elas houvessem mudado o tema sobre a inteligência (ou falta dela) da linda princesa e tinha começado com...

Meu Deus, elas estavam discutindo javalis?

—Eu acho que nós precisamos fazer uma pausa. — Disse ela.

—Eu vou te dizer uma coisa. — Lorde Winstead disse. —Eu não vou ser o javali.

—Eu não acho que você precisa se preocupar quanto a isso. — Disse Anne. — Frances certamente pode ser um.

Ele olhou para ela. Ela olhou para ele. E, juntos, começaram a rir, tanto que até mesmo Harriet e Elizabeth pararam de discutir.

—O que é tão engraçado?— Harriet perguntou, seguida por Elizabeth extremamente suspeita. — Você está rindo de mim?

—Estamos rindo de todos. — Lorde Winstead disse, enxugando as lágrimas de seus olhos. —Até mesmo de nós.

—Estou com fome. — Anunciou Frances, emergindo dos arbustos. Havia algumas folhas coladas em seu vestido e um pequeno bastão que se projetava para fora do lado da cabeça. Anne não achava que era para ser um chifre de unicórnio, mas o efeito era muito charmoso, no entanto.

—Eu estou com fome também. — Harriet disse, com um suspiro.

—Por que uma de vocês não correr de volta para a casa e peça a cozinheira uma cesta de piquenique?— Anne sugeriu. —Todos nós poderíamos comer.

—Eu vou. — Frances se ofereceu.

—Eu vou com você. — Harriet disse. —Eu penso melhor enquanto eu estou andando.

Elizabeth olhou para suas irmãs, em seguida, para os adultos.

—Bem, não vou ficar aqui sozinha. — Disse ela, os adultos, aparentemente tinham companhia e as três meninas foram correndo para a casa.

Anne as viu desaparecerem. Provavelmente não deveria ficar ali sozinha com Lorde

Winstead, mas era difícil arrumar uma objeção. Era meio do dia, estavam do lado de fora, e mais ao ponto, ela se divertiu muito naquela tarde que não achava que conseguiria reunir uma objeção a qualquer coisa naquele momento.

Ela tinha um sorriso no rosto, e estava muito feliz por mantê-lo.

—Eu acho que você poderia remover a faixa. — Lorde Winstead sugeriu. — Ninguém precisa ser mau o tempo todo.

Anne riu, seus dedos deslizando ao longo do comprimento da fita preta.

—Eu não sei. Acho que me divirto sendo má.

—Como assim deveria. Devo confessar, estou com um pouco de ciúmes das suas maldades. Pobre Lorde Finstead, ou qualquer que seja seu nome, poderia usar um pouco mais de maldade. Ele é um sujeito bastante infeliz.

—Ah, mas ele ganha a princesa no final. — Anne lembrou a ele. — A rainha má deve viver o resto de sua vida em um sótão.

—O que levanta a questão. — Disse ele, voltando-se para ela com a testa franzida. — Por que é o conto triste de Lorde Finstead? O parte do “estranho” é muito claro, já que a rainha má acaba no sótão.

—No sótão dele. — Anne interrompeu.

—Ah. — Parecia que ele estava tentando não rir. —Bem, isso muda tudo. E então começaram a rir. A ambos. Juntos.

Novamente.

—Oh, estou com fome também. — Disse Anne, uma vez que sua alegria mudou para um sorriso. —Espero que as meninas não demorem muito tempo.

E então ela sentiu a mão de Lorde Winstead na dela.

—Espero que elas demorem tempo suficiente. — Ele murmurou. Puxou-a para si, e ela o deixou, muito feliz no momento para se lembrar de todas as maneiras que ele certamente romperia seu coração.

—Eu disse que iria beijá-la novamente. — Ele sussurrou.

—Você me disse que iria tentar. Seus lábios tocaram os dela.

—Sabia que seria bem-sucedido.

Ele a beijou novamente e ela se afastou, mas apenas uma polegada. —Você está bastante seguro de si.

—Mmm-hmm. — Seus lábios encontraram o canto de sua boca e então flutuou suavemente ao longo de sua pele até que ela não poder pensar e sua cabeça caiu para trás para permitir-lhe o acesso à curva de seu pescoço.

Seu casaco sumiu, descobrindo mais de sua pele ao ar frio da tarde e ele a beijou, junto à borda de seu corpete, antes de voltar para sua boca.

—Querido Deus, eu a quero tanto. — Disse ele, sua voz nada mais do que um

sussurro. Ele segurou-a com mais força, suas mãos apertavam a parte inferior dela, puxando-a para frente... até que foi tomada por um desejo louco de envolver as pernas ao redor dele. Era o que ele queria, e Deus a ajudasse, era o que ela queria, também.

Graças a Deus por sua saia, o que foi, possivelmente, a única coisa a impedi-la de se comportar com descaramento total. Mas, ainda assim, quando uma de suas mãos passou por seu corpete, ela não recusou. E, quando a palma da mão suavemente roçou seu mamilo, tudo o que ela fez foi gemer.

Isso tinha que parar. Mas não agora.

—Eu sonhei com você na noite passada. — Ele sussurrou contra sua pele. —Você quer saber o que?

Ela balançou a cabeça, mesmo desesperadamente. Mas sabia seus limites. Ela poderia ir por este caminho apenas neste momento. Se ela ouvisse seus sonhos, ouvisse as palavras de seus lábios enquanto chovia suavemente contra ela, ela iria querer tudo o que ele dizia.

E doía muito desejar algo que ela nunca poderia ter.

—O que você sonhou?— Perguntou.

—Eu não sonho. — Ela respondeu.

Ele ficou imóvel, em seguida, afastou-se para que pudesse olhar para ela. Seus olhos azuis incrivelmente brilhantes estavam cheios de curiosidade. E talvez com um toque de tristeza.

—Não sonho. — Disse ela novamente. —Há muitos anos. — Ela disse com um encolher de ombros. Era uma coisa tão normal para ela, não lhe tinha ocorrido até aquele momento como estranho poderia parecer para os outros.

—Mas sonhava quando era criança? — Questionou.

Ela assentiu com a cabeça. Ela não tinha pensado nisso antes, ou talvez simplesmente não queria pensar sobre isso. Mas se ela sonhou desde ter deixado Northumberland oito anos antes, não se lembrava. Todas as manhãs, antes de abrir os olhos, não havia nada, apenas o negro da noite. Um espaço perfeitamente vazio, cheio de vazio absoluto. Não havia esperanças. Nenhum sonho.

Mas tinha pesadelos.

Parecia um pequeno preço a pagar. Ela perdeu muitas horas de vigília se preocupando com George Chervil e sua busca louca por vingança.

—Você não acha isso estranho?— Perguntou.

—Eu não sonhar?— Ela sabia o que ele queria dizer, mas por algum motivo precisava afirmar isso em voz alta.

Ele acenou com a cabeça.

—Não. — A voz dela saiu plana. Mas certo. Talvez fosse estranho, mas era também seguro.

Ele não disse nada, mas seus olhos procuraram os dela com uma intensidade

penetrante, até que ela teve que desviar o olhar. Ele estava vendo demais dela. Em menos de uma semana este homem tinha descoberto mais dela do que tinha revelado a alguém nos últimos oito anos. Era inquietante.

Era perigoso.

Relutante, ela saiu de seu abraço, pisando longe o suficiente para que ele não pudesse chegar até ela. Ela se inclinou para recuperar seu casaco de onde estava na grama e sem falar nada enquanto fechava-o ao redor de seus ombros.

—As meninas estarão de volta em breve. — Disse ela, embora soubesse que não iriam. Passariam pelo menos algumas horas antes que voltassem, provavelmente mais.

—Vamos dar um passeio, então. — ele sugeriu, oferecendo-lhe o braço. Ela olhou para ele com desconfiança.

—Nem tudo o que faço é com intenção lasciva. — Disse ele com uma risada. — Pensei que poderia mostrar-lhe um dos meus lugares favoritos aqui na Colina Whipple. — Quando ela colocou a mão em seu braço, acrescentou. —Nós estamos perto do lago.

—Esta cheio? — Ela perguntou. Não conseguia se lembrar da última vez que foi pescar, mas, oh, como fazia isso quando criança. Ela e Charlotte eram a ruína de sua mãe, que queria que elas exercessem atividades mais femininas. Que elas faziam, eventualmente. Mas mesmo depois de Anne ter ficado obcecada com vestidos e os cavalheiros elegíveis olhassem para ela como uma jovem dama...

Ela ainda gostava de ir pescar. Ela era feliz em até mesmo fazer a limpeza. E, claro, comer. Não se podia subestimar a satisfação de conseguir seu alimento próprio.

—Deve estar cheio. — Lorde Winstead disse. —Sempre estive antes de eu sair, e não acho que o meu mordomo teria motivo para mudar a diretiva. — Seus olhos devem ter brilhado com prazer, pois ele sorriu com indulgência e perguntou. — Você gosta de pescar, então?

—Oh, muito mesmo. — Disse ela com um suspiro melancólico. —Quando eu era criança... —Mas ela não terminou a frase. Ela esqueceu que não falava de sua infância.

Mas se ele estivesse curioso, e ela tinha certeza de que deveria estar, não o demonstrou. Enquanto desciam o declive suave em direção a uma das árvores, ele disse apenas.

— Eu gostava de pescar quando criança, também. Por um tempo com Marcus, Lorde Chatteris. — Acrescentou ele, já que ela não sabia o primeiro nome do conde.

Anne olhou a paisagem ao seu redor. Era um dia de primavera gloriosa, e parecia haver uma centena de diferentes tons de verde ondulando ao longo das folhas e grama. O mundo sentia-se muito novo, e enganosamente esperançoso.

—Lorde Chatteris o visitava muitas vezes quando era criança? — Ela perguntou ansiosa para manter a conversa sobre assuntos benignos.

—Constantemente. — Lorde Winstead respondeu. —Ou pelo menos em todas as férias escolares. Quando tínhamos treze anos, eu não me lembro de voltar para casa sem ele. —Eles andaram um pouco mais, em seguida, estendeu a mão para arrancar uma folha

pendurada. Ele olhou para ela, franziu a testa e, finalmente, lançou-a pelo ar.

Caiu em espiral através do ar, e algo no movimento oscilante que o fazia fascinante, porque ambos pararam de andar para olharem seu caminho para a grama.

E então, como se o momento nunca tivesse acontecido, Lorde Winstead calmamente continuou a conversa de onde tinham deixado.

—Marcus não tem família. Nem irmãos e sua mãe morreu quando ele era muito jovem.

—E seu pai?

—Oh, ele quase não conversava com ele. — Lorde Winstead respondeu. Mas ele o disse com tal indiferença, como se não houvesse nada de peculiar sobre um pai e um filho que não se falarem. Com ele era ao contrário, Anne pensava. Não indiferente, mas... Bem, ela não sabia o que era, exceto que ele a surpreendeu. E então ela ficou surpresa por conhecê-lo bem o suficiente para notar uma coisa dessas.

Surpresa e, talvez, um pouco assustada, porque ela não deveria conhecê-lo tão bem. Não era seu lugar, e tal relação só poderia conduzir a mágoa. Ela sabia isso, mas tinham algo em comum.

—Eles estão afastados? — Ela perguntou ainda curiosa sobre Lorde Chatteris. Ela havia encontrado apenas uma vez o conde, e brevemente, mas parecia que eles tinham algo em comum.

Lorde Winstead balançou a cabeça.

—Não. Prefiro pensar que o velho Lorde Chatteris simplesmente não tinha nada a dizer.

—Para o seu próprio filho? Ele encolheu os ombros.

—Não é tão incomum, realmente. Metade dos meus colegas de escola provavelmente não poderia ter dito a cor dos olhos de seus pais.

—Azul. — Anne sussurrou subitamente tomada por uma onda enorme de nostalgia — E verde. — E os olhos de suas irmãs também eram azuis e verdes, mas ela recuperou a compostura antes que deixasse escapar isso, também.

Ele inclinou a cabeça para ela, mas não perguntou nada, pelo o que ela sentiu-se desesperadamente grata. Em vez disso, ele disse.

— Meu pai tinha os olhos exatamente como os meus.

—E sua mãe?— Anne tinha encontrado sua mãe, mas ela não tinha nenhum motivo para notar seus olhos. E ela queria manter a conversa centrada nele. Tudo era mais fácil assim.

Para não falar que era um tópico em que ela parecia ter grande interesse.

—Os olhos da minha mãe são também azuis. — Disse ele. — Mas um tom mais escuro. Não tão escuro como o seu. — Ele virou a cabeça, olhando-a muito atentamente. —Mas eu tenho que dizer, não sei se já vi olhos como o seus. É quase violeta. —Sua cabeça se inclinou um pouquinho para o lado. —Mas não são. Eles ainda são azuis.

Anne sorriu e olhou para longe. Ela sempre se orgulhou de seus olhos. Era uma vaidade que ela ainda se permitia.

—De longe eles parecem marrons. — Disse ela.

—Mais uma razão para valorizar o tempo que passo próximo. — Ele murmurou.

Sua respiração ficou presa e ela olhou de relance para ele, mas ele não estava mais olhando para ela. Em vez disso ele estava apontando à frente com o braço livre, dizendo.

— Você pode ver o lago? Entre essas árvores.

Anne esticou o pescoço apenas o suficiente para pegar um brilho prateado espreitando entre os troncos das árvores.

—No inverno, você pode vê-lo muito bem, uma vez que as folhas escurecem.

—É lindo. — Disse Anne sinceramente. Mesmo agora, incapaz de ver a maior parte da água, era idílico. —É aquecido o suficiente para nadar?

—Não de propósito, mas cada membro da minha família conseguiu entrar em um momento ao outro.

Anne sentiu uma risada em seus lábios.

—Oh.

—Alguns de nós mais de uma vez. — Lorde Winstead disse timidamente.

Ela olhou para ele, e ele parecia tão adoravelmente infantil que ela simplesmente perdeu o fôlego. Como seria sua vida se ela o tivesse conhecido antes de George Chervils quando tinha dezesseis anos? Ou se não ele (já que ela nunca poderia ter se casado com um conde, como Annelise Shawcross), então alguém como ele. Alguém chamado Daniel Smythe, ou Daniel Smith. Mas ele teria sido Daniel. Seu Daniel.

Ele teria sido herdeiro de um baronato, ou herdeiro de nada, apenas um cidadão comum com uma casa confortável, dez hectares de terra, e uma matilha de cães preguiçosos.

E ela teria adorado. Cada momento passado.

Alguma vez havia realmente desejado excitação? Aos dezesseis anos, ela pensou que queria ir para Londres e ir ao teatro e à ópera, e ir a cada evento que fosse convidada. Queira ser uma jovem arrojada, foi o que ela disse a Charlotte que queria ser.

Mas foi a loucura da juventude. Certamente, mesmo se casasse com um homem que a levaria para a capital e a mergulhasse na vida brilhante da temporada... Certamente ela teria se cansado de tudo e quisesse voltar para Northumberland, onde os relógios pareciam andar mais lentamente, e o ar se ficava cinza com névoa em vez de fuligem.

Todas as coisas que tinha aprendido, ela aprendeu muito tarde.

—Podemos pescar esta semana?— Ele perguntou quando chegaram à margem do lago.

—Oh, eu adoraria acima de todas as coisas. — As palavras correram de seus lábios em uma enxurrada feliz. —Nós vamos ter que levar as meninas, é claro.

—É claro. — Ele murmurou o perfeito cavalheiro.

Por algum tempo eles ficaram em silêncio. Anne poderia ter ficado ali o dia todo, olhando para a água, ainda suave. De vez em quando um peixe aparecia à superfície e mergulhava, enviando ondas pequenas para fora como anéis.

—Se eu fosse um garoto. — Disse Daniel, como paralisado pela água, como ela.

— Eu jogaria uma pedra. Eu teria que fazer isso.

Daniel. Quando tinha começado a pensar nele como tal?

—Se eu fosse uma menina. — Disse ela. — Eu teria que tirar os sapatos e as meias.

Ele acenou com a cabeça, e depois com um meio sorriso engraçado, ele admitiu.

—Eu provavelmente a teria empurrado. Ela manteve os olhos sobre a água.

—Oh, eu o teria levado comigo.

Ele riu, e então caiu para trás em silêncio, feliz só de ver a água, e os peixes, e as folhas presas à superfície perto da costa.

—Este foi um dia perfeito. — Anne disse calmamente.

—Quase. — Daniel sussurrou, e então ela estava em seus braços novamente. Ele a beijou, mas foi diferente desta vez. Menos urgente. Menos fogo. O toque de seus lábios foi dolorosamente suave, e talvez não a fizesse sentir-se enlouquecida, como se quisesse pressionar-se contra ele e tomá-lo dentro dela. Talvez em vez disso ele a fizesse se acalmar, como se ela pudesse tomar sua mão e flutuar, tão longo ele nunca parasse de beijá-la. Seu corpo inteiro formigava, e ela ficou na ponta dos pés, quase esperando o momento dele deixá-la.

E então ele rompeu o beijo, afastando-se apenas o suficiente para descansar sua testa contra a dela.

—Não. — Disse ele, segurando seu rosto entre as mãos. —Agora foi um dia perfeito.

Capítulo 12



Quase exatamente um dia depois, Daniel estava sentado na biblioteca de painéis de madeira de/em Whipple Hill, perguntando-se como esse dia pode ser tão menos perfeito do que o anterior.

Depois de ter beijado a senhorita Wynter no lago, caminharam de volta até a clareira onde o pobre Lorde Finstead namorava a sua princesa linda, mas estúpida, chegando apenas momentos antes de Harriet, Elizabeth, e Frances aparecerem acompanhadas por dois homens com uma cesta de piquenique. Depois de uma refeição saudável, leram a tragédia estranha de Lorde Finstead por várias horas, até Daniel implorar por clemência, alegando que seu estômago doía de tanto rir.

Mesmo Harriet, que tentava lembrá-los de que sua obra-prima não era uma comédia, não se ofendeu.

Voltar para a casa os fizeram descobrir que a mãe e irmã de Daniel tinham chegado. E enquanto todos estavam cumprimentando uns aos outros, como se não tivessem se visto apenas dois dias antes, a Senhorita Wynter fugiu e se retirou para o quarto.

Ele não a viu desde então.

Não no jantar, que ela foi obrigada a passar no berçário com Elizabeth e Frances, e nem no café da manhã, que... Bem, ele não sabia por que ela não desceu para tomar café. Tudo o que sabia era que era ao meio-dia e ele ainda estava desconfortavelmente cheio de permanecer à mesa por duas horas, na esperança de um vislumbre dela.

Ele estava comendo pela segunda vez no café da manhã quando Sarah o informou que Lady Pleinsworth deu à Senhorita Wynter grande parte do dia de folga. Foi um bônus, aparentemente, por todo o trabalho extra que vinha desempenhando. Primeiro o musical, e agora seu dever dobrado como governanta e babá. A Senhorita Wynter tinha mencionado que ela queria ir à aldeia, Sarah lhe disse, e como o sol mais uma vez espreitava por entre as nuvens, parecia um dia ideal para seu passeio.

E assim Daniel tinha a intenção de fazer todas essas coisas que o senhor de um solar deveria fazer quando não estava loucamente apaixonado pela governanta. Ele se reuniu com o mordomo. Olhou para os livros de contas dos últimos três anos, tardiamente lembrando que ele particularmente não gostava de adicionar montantes, e ele nunca gostou disso, de qualquer maneira.

Não deveria ter mil coisas para fazer, e ele estava certo de que havia, mas cada vez

que ele sentava-se para completar uma tarefa, sua mente vagava para ela. Seu sorriso. Sua boca quando estava rindo, com os olhos quando eles estavam tristes.

Anne.

Ele gostava de seu nome. Convinha-lhe, simples e direto. Bonito até os ossos. Aqueles que não a conhecessem bem poderiam pensar que sua beleza exigisse um nome mais dramático, talvez Esmeralda, ou Melissande.

Mas ele a conhecia. Ele não sabia de seu passado e nem de seus segredos, mas *a* conhecia. E ela era uma Anne por completo.

Uma Anne, que estava atualmente em algum lugar que ele não estava.

Deus do céu, isso era ridículo. Era um homem adulto e ali estava ele deprimido em sua casa (embora grande), tudo porque perdeu a companhia da governanta. Ele não podia ficar parado, não podia nem sentar-se para trabalhar. Ele até teve que mudar as cadeiras no salão sul, porque estava de frente para um espelho vendo seu reflexo parecendo tão envergonhado e patético que não foi possível de tolerar.

Finalmente saiu para encontrar alguém com quem pudesse jogar cartas. Honoria gostava de jogar, Sara, também. E se não gostassem, pelo menos poderia ser distraído. Mas quando chegou a sala azul, todas as suas relações femininas (mesmo as crianças), estavam reunidas ao redor de uma mesa, discutindo o casamento próximo de Honoria.

Daniel começou a sair tranquilamente pela porta.

—Oh, Daniel. — Sua mãe exclamou, pegando-o antes que ele pudesse fugir. — Venha se juntar a nós. Estamos tentando decidir se deveria se casar Honoria de lavanda-azul ou azul-lavanda.

Ele abriu a boca para perguntar a diferença, mas decidiu não fazer isso.

—Azul-lavanda. — Disse com firmeza, não tendo a menor ideia sobre o que ele estava falando.

—Você acha?— Sua mãe respondeu, franzindo a testa. —Realmente acho que lavanda-azul seria melhor.

A pergunta óbvia teria sido por que ela pediu sua opinião, em primeiro lugar, mas, de novo, decidiu que um homem sábio não faria isso. Em vez disso, ele fez as senhoras uma educava reverência e informou que iria sair e catalogar as recentes adições à biblioteca.

—A biblioteca?— Honoria perguntou. —Sério?

—Eu gosto de ler. — Disse ele.

—Eu também, mas o que isso tem a ver com a catalogação? Ele se inclinou e sussurrou no seu ouvido.

— É aqui que eu deveria dizer em voz alta que estou tentando escapar de um bando de mulheres?

Ela sorriu, esperou até que ele se endireitasse e respondeu.

—Acredito que este seja o lugar que você estava afastado desde ter lido um livro em

inglês.

—É verdade. — E lá foi ele.

Mas depois de cinco minutos na biblioteca, não conseguiu suportar mais. Não era um homem que gostava de se lamentar, e assim, depois de ter percebido isso descansando sua testa na mesa por pelo menos um minuto, se sentou, considerou todas as razões pelas quais ele poderia precisar ir até a aldeia (isso levou cerca de meio segundo) e decidiu sair.

Era o Conde de Winstead. Esta era sua casa, e ele estava ausente há três anos. Tinha o dever moral de visitar a aldeia. Era seu povo.

Ele lembrou-se de nunca pronunciar essas palavras em voz alta, para que Honoria e Sarah não rissem, e ele vestiu o casaco e saiu para os estábulos. O tempo não estava tão bom como no dia anterior, com mais nuvens no céu. Daniel não achava que iria chover, pelo menos não no futuro imediato, por isso preparou seu cabriolé para a viagem de dois quilômetros. Um cocheiro seria muito ostensivo para uma viagem a aldeia, e parecia não haver razão para não conduzir ele mesmo. Além disso, gostava do toque do vento em seu rosto.

E ele sentia falta de dirigir seu cabriolé. Era um transporte rápido, nem tão arrojado como uma carruagem leve, mas também nem tão instável. Tinha praticado apenas por dois meses antes de ser forçado a deixar o país. Não precisava nem dizer, que cabriolés de dois cavalos não combinavam com jovens ingleses exilados em fuga.

Quando chegou à aldeia, ele entregou as rédeas para um menino na pousada e partiu. Ele precisaria visitar todos os estabelecimentos, para que ninguém se sentisse menosprezado, então começou pelo final da rua principal, na mercearia, e avançou na rua fazendo seu trabalho. A notícia de sua aparição na cidade se espalhou rapidamente e quando Daniel entrou nos Belos Chapéus Percy (apenas sua terceira visita do dia), o Senhor e Senhora Percy já o esperavam na frente da loja com sorrisos largos e idênticos em seus rostos.

—Milorde. — A Sra. Percy disse, caindo em tão profunda reverência quando seu corpo permitia. —Posso ser a primeira a desejar boas vindas a sua casa? Nós dois estamos tão honrados em vê-lo novamente.

Ela limpou a garganta e seu marido disse.

—Certamente.

Daniel deu a ambos um aceno gracioso, olhando o estabelecimento de soslaio procurando por os outros clientes. Ou melhor, por outra cliente. Especificamente.

—Obrigado, Sra. Percy, Sr. Percy. — Disse ele. —Estou muito feliz de estar em casa.

A Sra. Percy assentiu com entusiasmo.

—Nós nunca acreditamos em qualquer das coisas que disseram sobre você. Nenhuma coisa.

O que levou Daniel a se perguntar que tipo de coisas foram ditas. Até onde ele sabia cada conto que havia sido espalhado sobre ele tinha sido verdade. Ele duelou com Hugh Prentice, e atirou na perna. Quanto à sua fuga do país, Daniel não sabia que tipo de

história poderia ter rodado, e sim pensou que os votos loucos de vingança de Lorde Ramsgate teriam sido excitantes o suficiente.

Mas se Daniel não queria debater os méritos de azul-lavanda e lavanda-azul com sua mãe, ele *definitivamente* não queria discutir este assunto com a Sra. Percy.

O conto triste e estranho de Lorde Winstead. Isso é o que seria. Assim, ele simplesmente disse.

—Obrigado. — E moveu-se rapidamente para uma exposição de chapéus, esperando que o seu interesse em sua mercadoria cobrisse o interesse da Sra. Percy por sua vida.

O que funcionou. Ela imediatamente lançou-lhe uma lista das qualidades de seu projeto mais recente, um chapéu alto que, assegurou a ele, caberia sob medida na cabeça dele.

O Sr. Percy disse.

— Certamente.

—Gostaria de experimentar um, milorde? — A Sra. Percy perguntou. —Acho que a curva da borda é mais lisonjeira.

Ele olhou o novo chapéu, estendeu a mão para pegá-lo, mas antes que pudesse colocá-lo em sua cabeça, a porta da loja se abriu, batendo em um pequeno sino que tilintou alegremente pelo ar. Daniel se voltou, mas não teve a necessidade de ver para saber quem era.

Anne.

O ar mudou quando ela entrou.

—Senhorita Wynter. — Ele disse. — Que surpresa adorável.

Ela olhou assustada, mas apenas por um momento, e enquanto a Sra. Percy a olhava com curiosidade óbvia, ela fez uma reverência e disse.

—Lorde Winstead.

—A Senhorita Wynter é governanta de minhas jovens primas. — Disse a Sra. Percy. —Elas estão nos visitando por um curto período.

A Sra. Percy expressou seu prazer em saber e o Sr. Percy emendou:

— Certamente.

Anne foi levada para o lado das senhoras da loja, onde a Sra. Percy tinha um gorro azul escuro com fitas listradas que se adequava a ela *perfeitamente*. Daniel caminhou junto, ainda segurando a cartola preta em suas mãos.

—Oh, vossa senhoria. — A Sra. Percy exclamou, uma vez que ela percebeu que ele a tinha seguido. — Você não vai dizer a senhorita Wynter quão adorável ela está?

Ele a preferia sem gorro, com o sol brilhando em seu cabelo, mas quando ela olhou para ele, seus cílios se enquadravam com o azul escuro de seus olhos e não achou que havia um homem na cristandade que teria discordado com ele quando disse.

— Encantadora, certamente.

—Veja. — Disse a Sra. Percy a Anne com um sorriso encorajador. —Você parece uma visão.

—Eu gostei. — Disse Anne melancolicamente. —Muito. Mas é muito caro. —Ela desamarrou as fitas com os dedos relutantes, puxou-o de sua cabeça, em seguida, olhou para o gorro com desejo óbvio.

—Essa obra custaria o dobro em Londres. — A Sra. Percy lembrou.

—Eu sei. — Disse Anne com um sorriso triste. — Mas governantas não são pagas em dobro lá. Então, raramente tenho dinheiro para chapéus, mesmo os tão lindos quanto os seus.

Daniel de repente sentiu-se como um gigolô, ali de pé com o chapéu na mão, uma cartola que todos sabiam poder ele ter comprado e vendido milhares de vezes, mesmo sem ter nada no bolso.

—Com licença. — Disse ele, limpando a garganta sem jeito. Ele voltou para o lado dos homens da loja, entregou o chapéu para o Sr. Percy, que disse.

— Certamente. — E depois se voltou para as senhoras, que ainda estavam olhando para baixo, para o gorro azul.

—Aqui está. — A Senhorita Wynter disse, finalmente entregando-o de volta para a Sra. Percy. —Certamente direi à Lady Pleinsworth quão encantadores seus gorros são. Tenho certeza de que ela vai querer trazer suas filhas aqui enquanto estiver de visita.

—Filhas?— a Sra. Percy ecoou, iluminando-se com a perspectiva.

—Quatro delas. — Daniel disse amigavelmente. —E minha mãe e irmã estão na colina Whipple também.

Enquanto a Sra. Percy estava se abanando, ruborizada com a emoção de ter sete damas aristocráticas tão perto de sua loja de chapéus, Daniel aproveitou a oportunidade para oferecer o braço para Anne.

—Posso acompanhá-la em sua próxima missão?— Ele perguntou, sabendo muito bem o quão estranho seria para ela recusar na frente da Sra. Percy.

—Estou quase terminando. — Disse a ele. —Tenho apenas que comprar um pouco de cola.

—Bom para você eu saber exatamente onde pode ser comprada.

—Na papelaria, eu imagino.

Meu Deus, ela estava fazendo isso difícil.

—Sim, mas eu sei onde a papelaria *fica*. — Disse ele.

Ela fez sinal com o dedo em algum lugar vago para o oeste.

—Do outro lado da rua, eu acho.

Ele mudou de posição para que o Senhor e a Sra. Percy não pudessem facilmente

ouvir a conversa. Em voz baixa, ele disse.

— Você vai parar de ser tão difícil e deixar-me acompanhá-la a comprar da cola? Sua boca estava bem fechada, o que significava que o bufar de risada que ouviu devia ter vindo através de seu nariz. Ao mesmo tempo, ela ainda parecia muito digna quando disse.

—Bem, se você coloca dessa forma, não vejo como eu poderia recusar.

Ele pensou em várias respostas, mas tinha uma sensação de que não seria tão espirituosas de como eram na sua cabeça, então em vez disso acenou com a cabeça em reconhecimento e estendeu o braço, que ela pegou com um sorriso.

Depois que saíram, no entanto, Anne se virou para ele com os olhos apertados e perguntou, muito claramente.

— Você está me seguindo? Ele tossiu.

—Bem, eu não diria *seguindo*, exatamente.

—Não exatamente?— Seus lábios estavam fazendo um trabalho muito bom para não sorrir, mas seus olhos não.

—Bem. — Disse ele, adotando sua expressão mais inocente. —Eu *estava* na loja de chapéus antes de você. Alguns poderiam até dizer que você estava me seguindo.

—Alguns talvez. — Ela concordou. —Mas não eu. Ou você.

—Não. — Ele disse, mordendo um sorriso de volta. —Definitivamente não.

Eles começaram a andar para cima em direção à papelaria, e mesmo que ela não tivesse pressionado o assunto, ele estava gostando demais da conversa para deixá-la ir, então disse.

— Se quer saber, fui informado de sua possível presença na aldeia.

—Claramente, eu sei. — Ela murmurou.

—E como também me foi requerido poucas incumbências..

—Você?— Ela interrompeu. —Requerido? Ele decidiu ignorar isso.

—*E* como parece que vai chover, pensei ser meu dever de cavalheiro fazer minha viagem para a aldeia hoje, para que não fosse pego pelo tempo inclemente sem um transporte adequado.

Ela ficou em silêncio por tempo suficiente para lançar um olhar dubio em sua direção, então disse (não perguntou, *disse*).

— Sério.

—Não. — Ele admitiu com um sorriso. — Eu vim atrás de você. Mas preciso conversar com todos os lojistas, eventualmente, e eu... —Ele parou, olhou para cima.

—Está chovendo.

Anne estendeu-lhe a mão, e com certeza, uma gota caiu na ponta de seus dedos.

—Bem, suponho que não deve ser uma surpresa. As nuvens estão cinza o dia todo.

—Vamos ver a cola e depois ir embora, então? Vim no meu cabriolé e ficarei mais do que feliz em levá-la para casa.

—Seu cabriolé? — Ela perguntou com as sobrancelhas para cima.

—Você ainda vai se molhar. — E disse. — Mas você vai ficar muito mais elegante ao fazê-lo. — No seu sorriso acrescentou. —E vai voltar para a Colina Whipple mais rápido.

No momento em que cuidou da cola, a chuva caía suave e constantemente. Daniel se ofereceu a esperar no com ela até que diminuísse, mas ela lhe disse que esperava voltar na hora do chá e, além disso, quem diria que a chuva iria parar? As nuvens cobriam o céu como um cobertor grosso, e poderia muito bem chover até a próxima terça.

—E isso porque não está chovendo forte. — Disse ela, franzindo a testa para fora da janela da papelaria.

Era verdade, mas quando chegaram aos Belos Chapéus Belas Percy, ele parou e perguntou a ela. —Você se lembra se vendiam guarda-chuvas?

—Eu acho que sim.

Ele ergueu um dedo, sinalizando para ela esperar, e voltou com um guarda-chuva não levando muito tempo para orientar o Sr. Percy a enviar a fatura para a Colina Whipple.

—Certamente.

—Minha senhora. — Disse Daniel, com galhardia o suficiente para fazê-la sorrir. Ele abriu o guarda-chuva e segurou acima dela quando fizeram seu caminho até a pousada.

—Você deve colocá-lo em cima de você também. — Disse ela, cuidadosamente pisando sobre as poças. A batinha de seu vestido estava molhada, mesmo levantando-a com as mãos.

—Estou. — Ele mentiu. Mas não se importava de se molhar. Seu chapéu iria resistir à chuva muito melhor, em qualquer caso.

A pousada não estava muito longe, mas quando eles chegaram, a chuva caía com força, o que fez Daniel sugerir mais uma vez de esperassem a chuva passar.

—A comida é muito boa aqui. — Ele disse a ela. —Não tem peixe defumado esta hora do dia, mas tenho certeza que podemos encontrar algo do seu agrado.

Ela riu, e para sua grande surpresa disse.

— Estou com fome. Ele olhou para o céu.

—Não acho que você vai estar em casa na hora do chá.

—Está tudo bem. Não posso imaginar que alguém me espere em casa.

—Vou ser completamente honesto. —Disse a ela. —Elas estavam em uma profunda discussão sobre o casamento. Eu sinceramente duvido que alguém tenha notado que você se foi.

Ela sorriu enquanto se dirigiam para dentro da sala de jantar.

—Isso é como deve ser. Sua irmã deve ter o casamento dos seus sonhos. E quais

eram *seus* sonhos?

A questão viajou para a ponta da língua, mas ele segurou-a. Iria deixá-la desconfortável e arruinar a camaradagem adorável que existia entre eles.

E ele duvidava que ela fosse responder.

Ele estava começando a valorizar cada gota de seu passado que deslizava por seus lábios. As cores dos olhos de seus pais, o fato de que ela tinha uma irmã, e adorava pescar... Estas foram às pequenas coisas que ela revelou, e se ela fez por acidente ou de propósito, não podia ter certeza.

Mas ele queria mais. Quando olhou nos olhos dela, quis conhecer tudo, cada momento que a levou a *este* momento. Ele não queria chamar de obsessão, pois parecia muito sombrio para o que sentia.

Uma paixão louca, isso é o que era. Um voo estranho e vertiginoso de fantasia. Certamente não era o primeiro homem a ser tão rapidamente encantado por uma mulher bonita.

Mas, quando se instalaram em seus lugares na sala de jantar da pousada, ele olhou para ela por cima da mesa e não foi sua beleza que ele viu. Foi o seu coração. E sua alma. E ele tinha uma sensação de que sua vida nunca mais seria a mesma.

Capítulo 13



—Oh, meu... — Disse Anne, permitindo-se um arrepio quando se sentou. Ela estava vestindo seu casaco, mas os pulsos não se encaixam bem, e a chuva tinha encolhido suas mangas. Ela já estava encharcada até os cotovelos e congelada. —É difícil imaginar que é quase maio.

—Chá?— Daniel perguntou, sinalizando para o garçom.

—Por favor. Ou qualquer coisa quente. —Ela tirou as luvas, fazendo uma pausa para franzir a testa em um pequeno buraco que crescia na ponta do seu dedo indicador direito. Ela precisava de toda a dignidade que conseguiu reunir nesse dedo. Deus sabia que ela o negava as meninas com frequência.

—Há algo de errado?— Daniel perguntou.

—O que?— Ela olhou para cima e piscou. Ah, ele deve tê-la visto olhando para a luva. —É apenas a minha luva. — Ela ergueu-a. — Um pequeno buraco na costura. Vou ter que repará-lo esta noite. —Ela olhou detalhadamente antes de colocá-la sobre a mesa ao lado dela. Havia mais coisas para consertar na luva, pois estava se aproximando do fim para uso.

Daniel pediu duas xícaras de chá, então se voltou para ela.

—Correndo o risco de revelar-me um completamente ignorante das realidades da vida em serviço, devo dizer que acho difícil acreditar que minha tia não lhe pague o suficiente para comprar um novo par de luvas.

Anne tinha certeza de que ele era, de fato, completamente ignorante das realidades da vida em serviço, mas ela gostava que ele pelo menos reconhecesse isso. Também suspeitava que ele fosse completamente ignorante sobre o custo de um par de luvas, ou apenas sobre qualquer outra coisa, nesse assunto. Ela foi fazer compras com as classes superiores, muitas vezes o suficiente para saber que nunca se preocupavam em perguntar o preço de nada. Se eles gostavam, compravam e a fatura era enviada para suas casas, onde outra pessoa iria cuidar de pagá-las.

—Ela paga. — Ela disse a ele. —Paga-me o suficiente, sim. Mas há virtude na poupança, você não acha?

—Não se isso significa que seus dedos estão congelando. Ela sorriu talvez um pouco condescendente.

—Difícilmente vai chegar a esse ponto. Estas luvas têm, pelo menos, mais um ou dois consertos.

Ele fez uma careta.

—Quantas vezes você já as remendou?

—Oh, Deus, eu não sei. Cinco? Seis?

Sua expressão se voltou para uma indignação leve.

—Isso é totalmente inaceitável. Vou informar a tia Charlotte que ela deve lhe fornecer um guarda-roupa adequado.

—Você não vai fazer tal coisa. — Disse ela com urgência. Deus do céu, ele era louco? Mais uma insinuação de interesse indevido dele e Anne estaria na rua. Já era ruim o suficiente estar sentada com ele na frente de toda a aldeia na pousada, mas pelo menos ela tinha a desculpa do mau tempo. Ela não poderia ser criticada por ter tomado refúgio da chuva.

—Eu garanto a você. — Disse ela, apontando para as luvas. — Estas estão em melhores condições do que da maioria. — Seus olhos caíram para a mesa, onde as luvas, feitas de couro gloriosamente luxuosas, estavam em uma pilha abandonada. Ela limpou a garganta. — E foi um presente.

Ele moveu-se em seu assento.

—É claro que é bem possível que as luvas sejam bem consertadas e remendadas.— Acrescentou ela, sem pensar. —A única diferença é que nem mesmo se nota antes de requerem atenção.

Ele não disse nada, e ela imediatamente se sentiu envergonhada de seu comentário. Esnobismo reverso não era tão ruim quanto a coisa real, mas ainda assim, deveria ser melhor do que isso.

—Desculpe-me. — Disse ela.

Ele olhou para ela por um momento, então, perguntou. — Por que estamos falando de luvas?

—Não tenho absolutamente nenhuma ideia. — Mas isso não era bem verdade. Ele poderia ter sido o único a chegar nessa conversa, mas ela não precisava dar continuidade. Ela quis lembrá-lo da diferença entre eles, percebeu. Ou talvez ela quisesse se lembrar.

—Chega disso. — Disse ela rapidamente, lançando a mão ao ar. Olhou para ele de novo, prestes a dizer algo completamente bom sobre o tempo, mas ele estava sorrindo para ela de uma maneira que fez seus olhos se abrirem.

—Eu acho que você está se curando. — Ouviu-se dizer. Ela não tinha percebido que o inchaço junto com a contusão ao redor de seu olho estava desaparecendo, seu sorriso era diferente. Talvez ainda mais alegre.

Ele tocou seu rosto.

—Meu rosto?

—Não, seu olho. Está ainda um pouco sem cor, mas não parece inchado. —Ela deu-lhe uma espécie de olhar arrependido. —Seu rosto parece muito melhor mesmo.

—Sério?

—Bem, na verdade, pior, me desculpe dizer, mas isso é de se esperar. Essas coisas costumam parecer piores antes de ficarem melhor.

Suas sobrancelhas se levantaram.

—E como é que você transformou-se em uma perita de arranhões e contusões?

—Eu sou uma governanta. — Disse ela. Porque realmente, era uma explicação suficiente.

—Sim, mas você ensina três meninas. Ela riu-se, cortando-o.

—Você acha que as meninas nunca são travessas?

—Oh, eu sei que são. — Ele bateu uma mão contra seu coração. —Cinco irmãs. Você sabia disso? Cinco.

—E isso significa invocar piedade?

—Certamente que sim. — Disse ele. —Mas ainda assim, não me lembro nunca de vê-las golpeadas.

—Metade do tempo Frances pensa que é um unicórnio. — Disse Anne claramente. —Confie em mim quando digo que ela adquire mais do que sua parte justa de solavancos e contusões. E, além disso, ensinei meninos também. Alguém deve dar-lhes instrução antes de ir para a escola.

—Eu acho. — Disse ele, com um encolher de ombros. Então, com uma peculiaridade atrevida de suas sobrancelhas, ele se inclinou para frente e murmurou.

— Seria impróprio de admitir que esteja excessivamente lisonjeado por sua atenção aos detalhes do meu rosto?

Anne bufou uma risada.

—Impróprio e absurdo.

—É verdade que nunca me senti tão colorido. — Disse ele, com um suspiro claramente fingido.

—Você é um verdadeiro arco-íris. — Ela concordou. —Eu vejo vermelho e... bem, não laranja e amarelo, mas certamente verde, azul e violeta.

—Você se esqueceu de índigo.

—Eu não. — Disse ela, com sua voz de governanta. —Eu sempre achei que fosse uma adição tola ao espectro. Alguma vez você já realmente viu um arco-íris?

—Uma ou duas vezes. — Respondeu ele, parecendo um pouco divertido com seu discurso retórico.

—É difícil o suficiente para notar a diferença entre o azul e o violeta, muito menos encontrar o índigo no meio.

Ele parou por um momento, então, os lábios se contorcendo com humor, disse.

— Você pensou muito sobre isso.

Anne apertou seus lábios, tentando não sorrir.

— Certamente. — Ela disse finalmente, depois começou a rir. Foi à conversa mais ridícula e perfeitamente adorável ao mesmo tempo.

Daniel riu com ela, e ambos pararam quando uma criada chegou com duas xícaras de chá fumegante. Anne imediatamente colocou as mãos ao redor da dela e suspirou de prazer quando o calor atravessou sua pele.

Daniel tomou um gole, tremeu quando o líquido quente passou pela sua garganta, em seguida, tomou um gole de novo.

—Eu acho que está bem melhor. — Disse ele. — Apesar de manchado e machucado. Talvez eu deva começar a contar histórias de como eu me feri. Lutar com Marcus não tem emoção.

—Não se esqueça dos ladrões. — Ela lembrou.

—E isso. — Ele respondeu com uma voz seca. — carece de toda dignidade. Ela sorriu. Era um homem raro por zombar de si mesmo.

—O que você acha?— Perguntou ele, voltando-se. —Devo dizer que eu lutei com um javali? Ou talvez com piratas com uma espada?

—Bem, isso depende. — Ela respondeu. —Você tem uma espada ou tem os piratas?

—Ah, os piratas, penso eu. É muito mais impressionante se tomá-los com minhas próprias mãos. —Ele acenou com elas como se praticando alguma técnica milenar oriental.

—Pare. — Disse ela, rindo. —Todo mundo está olhando para você. Ele encolheu os ombros.

—Eles olham, independe. Eu não estive aqui em três anos.

—Sim, mas eles vão pensar que você é louco.

—Ah, mas eu estou autorizado a ser excêntrico. — Ele deu um meio sorriso e deixou as sobrancelhas subirem e descerem. —É uma das vantagens do título.

—Não o dinheiro e o poder?

—Bem, esses também. — Ele admitiu. — Mas agora eu aprecio mais a excentricidade. As contusões ajudam a causa, você não acha?

Ela revirou os olhos, tomando mais um gole de seu chá.

—Talvez uma cicatriz. — Pensou ele, virando-se para mostrar seu rosto. —O que você acha? Bem aqui. Eu poderia...

Mas Anne não ouviu o resto de suas palavras. Ela só viu sua mão, cortando o ar de sua têmpora até o queixo. Uma longa, furiosa diagonal, assim como...

Ela viu o rosto de George quando arrancou as ataduras de sua pele no escritório de

seu pai.

E ela sentiu mergulhar a faca quando esta cortou sua pele.

Ela virou-se rapidamente, tentando respirar. Mas não podia. Era como se seus pulmões se fechassem, um grande peso estivesse preso em seu peito. Ela estava se asfixiando e afogando, ao mesmo tempo, desesperada por ar. Oh, meu Deus, por que esta acontecendo agora? Fazia anos desde que ela tinha sentido esse tipo de terror espontâneo. Ela pensou que era passado.

—Anne? — Daniel disse urgentemente, passando sobre a mesa para pegar a mão dela. —O que está errado?

Era como se seu toque tirasse algum tipo de constrição, porque seu corpo inteiro, de repente se contraiu com uma respiração profunda, convulsiva. As bordas pretas que estavam em sua visão brilharam e se dissolveram, e muito lentamente, ela sentiu seu corpo voltando ao normal.

—Anne? — ele disse de novo, mas ela não o olhou. Não queria ver a preocupação em seu rosto. Ele estava brincando, sabia perfeitamente bem. Como na terra iria explicar tal reação exagerada?

—O chá. — Disse ela, esperando que ele não se lembrasse de que ela já tinha colocado sua caneca na mesa quando ele fez seu comentário. —Eu acho que... — Ela tossiu e estava fingindo. —Acho que entrou pelo lado errado.

Ele olhou seu rosto atentamente. —Tem certeza?

—Ou talvez estivesse muito quente. — Disse ela, seus ombros tremendo em um encolher nervoso. —Mas estou quase me recuperando agora, eu garanto. — Ela sorriu, ou pelo menos tentou. —É terrivelmente embaraçoso, realmente.

—Posso ajudá-la de alguma forma?

—Não, claro que não. — Ela abanou-se. —Meu Deus, eu de repente me sinto muito quente. E você?

Ele balançou a cabeça, seus olhos nunca deixando seu rosto.

—O chá. — Disse ela, tentando soar brilhante e alegre. —Como eu disse, está muito quente.

—Sim.

Ela engoliu em seco. Ele viu através de seu ato, tinha certeza disso. Ele não sabia qual era a verdade, só que ela não estava dizendo-a. E pela primeira vez desde que ela saiu de casa há oito anos, sentiu uma pontada de remorso por seu silêncio. Ela não tinha nenhuma obrigação de compartilhar seus segredos com este homem, e ainda assim, ali estava ela, sentindo-se evasiva e culpada.

—Você acha que o tempo melhorou? — Ela perguntou, virando-se para a janela. Era difícil dizer, o vidro era velho e ondulado e blindado escondendo a chuva.

—Não, ainda não. — Ele respondeu. Ela virou-se, murmurando.

— Não, claro que não. — Ela fixou um sorriso no rosto. —Eu deveria terminar meu

chá, em qualquer caso.

Ele olhou para ela com curiosidade.

—Não está mais quente?

Ela piscou, levando um momento para lembrar que tinha se abanado apenas alguns momentos antes.

—Não. — Ela disse. — Engraçado, isso. — Ela sorriu novamente e levou a xícara aos lábios. Mas ela foi salva de ter que explicar, se descontraindo com um barulho batendo do lado de fora da sala de jantar.

—O que pode ser isso?— Anne perguntou, mas Daniel já estava de pé.

—Fique aqui. — Ele ordenou, e caminhou rapidamente para a porta. Ele parecia tenso, e Anne viu algo familiar em sua postura. Algo que ela via em si mesma, uma e outra vez. Era quase como se ele estivesse esperando problemas. Mas isso não fazia sentido. Ela ouviu falar que o homem que o tinha levado para fora do país desistiu de sua vingança.

Mas ela supunha que os velhos hábitos permaneciam. Se George Chervils de repente se engasgasse com um osso de galinha ou fosse para Índias Orientais, quanto tempo Daniel levaria para parar de olhar por cima do ombro?

—Não foi nada. — Disse, voltando para a mesa. —Só um bêbado que conseguiu causar estragos nos estábulos lá atrás. — Ele pegou sua xícara de chá, tomou um longo gole, em seguida, acrescentou. — Mas a chuva está mais calma. Ainda é garoa, mas eu acho que nós deveríamos sair em breve.

—É claro. — Disse Anne, levantando-se.

—Eu já pedi para trazer a carruagem. — Disse, acompanhando-a até a porta.

Ela deu-lhe um aceno de cabeça e saiu. O ar fresco era estimulante, e ela não se importou com o frio. Havia uma qualidade de limpeza na névoa fria, e isso a fez sentir mais como ela mesma.

E, em seguida pensou que não era uma pessoa tão ruim de ser.

Daniel ainda não tinha ideia do que tinha acontecido a Anne de volta à sala de jantar. Ele supôs que poderia ter sido exatamente o que ela disse, que ela se engasgou com um pouco de chá. Ele fez isso antes, e foi certamente o suficiente para tossir, especialmente quando o chá estava bem quente.

Mas ela parecia terrivelmente pálida, e seus olhos em fração de segundo mudaram. Aterrorizados.

Ele se lembrou de Londres, quando ela entrou na loja do Sr. Hoby, o medo em sua face. Ela disse que tinha visto alguém. Ou melhor, ela disse que havia alguém que ela não queria ver.

Mas foi em Londres. Ali era Berkshire, e mais, eles estavam sentados em uma pousada cheia de aldeões que ele conhecia desde o nascimento. Não havia uma alma na sala que teria tido motivos para prejudicá-la tanto quanto um fio de cabelo na cabeça.

Talvez fosse o chá. Talvez ele tivesse imaginado todo o resto. Anne certamente parecia de volta ao normal agora, sorrindo para ele quando a ajudou a subir na carruagem. A capota foi levantada contra a chuva, mas mesmo assim, ambos estariam completamente gelados no momento em que chegassem a Colina Whipple.

Banho quente para ambos. Ele requisitaria no momento em que chegassem. Embora, infelizmente, não para ser compartilhado.

—Eu nunca andei em um cabriolé. — Disse Anne, sorrindo enquanto apertava as fitas de seu chapéu.

—Não?— Ele não sabia por que isso o surpreendeu. Certamente uma governanta não teria nenhum motivo para andar em um, mas tudo sobre ela falava de um nascimento suave. Em algum ponto de sua vida, ela deve ter sido uma dama elegível, ele não poderia imaginar que ela não tivesse dezenas de cavalheiros implorando por sua companhia em seus cabrios e pequenas carruagens.

—Bem, eu estive em um. — Disse ela. —Minha ex-patroa tinha um e tive que aprender a dirigir. Ela era muito idosa e ninguém confiava nela com as rédeas.

—Na Ilha de Mann — Ele perguntou, mantendo sua voz deliberadamente calma. Era tão raro que ela oferecesse pedaços de seu passado. Ele tinha medo de questionar muito intensamente.

Mas ela não parecia perceber.

—Foi. — Ela confirmou. —Só dirigi uma vez antes disso. Meu pai não teria mantido um cabriolé onde se sentam apenas duas pessoas. Nunca foi um homem de dificuldades práticas.

—Você monta? — Questionou.

—Não. — Ela disse simplesmente.

Outra pista. Se seus pais tivessem um título, ela seria colocada em uma sela de amazona antes que pudesse ler.

—Quanto tempo você morou lá?— Ele perguntou em tom de conversa. —Na Ilha de Man.

Ela não respondeu de imediato, e ele pensou que ela não responderia mesmo, mas, em seguida, com uma voz suave, misturada com lembranças, ela disse.

— Três anos. Três anos e quatro meses.

Mantendo os olhos escrupulosamente na estrada, ele disse.

— Você não soa como se tivesse boas lembranças.

—Não. — Ela estava calma novamente, por pelo menos dez segundos, então disse. —Não foi terrível. Era apenas... Não sei. Era jovem. E não estava em casa.

Casa. Algo que ela quase nunca mencionava. Algo que ele sabia que não devia perguntar, então ao invés, ele disse.

—Você foi companheira de uma senhora?

Ela assentiu com a cabeça. Ele apenas mal viu com o canto do olho, ela parecia ter esquecido que ele estava observando os cavalos e não ela.

—Não era uma posição onerosa. — Disse ela. —Ela gostava que lesse então eu fiz isso. Eu escrevia toda a sua correspondência, também. Suas mãos tremiam um pouco.

—Você a deixou quando morreu, eu presumo.

—Sim. Fiquei muito feliz por ela ter uma sobrinha-neta, perto de Birmingham, que estava precisando de uma governanta. Acho que ela sabia que seu tempo estava próximo, e fez os arranjos para uma nova posição antes. —Anne ficou em silêncio por um momento, então ele a sentiu se endireitar ao lado dele, quase como se estivesse sacudindo o manto nebuloso da lembrança. —Sou governanta desde então.

—Parece ser bom para você.

—Na maioria das vezes, sim.

—Eu deveria pensar-. — Ele interrompeu bruscamente. Algo estava errado com os cavalos.

—O que é isso?— Anne perguntou.

Ele balançou a cabeça. Ele não podia falar agora. Ele precisava se concentrar. Os cavalos estavam puxando para a direita, o que não fazia sentido. Algo estalou, e os cavalos saíram em alta velocidade, puxando o cabriolé junto com eles.

—Querido Deus. — Daniel respirou. Quando assistiu com horror, ainda lutando para controlar os cavalos, o arreio separou-se do eixo e os cavalos foram para a esquerda.

Sem o transporte.

Anne soltou um grito de terror surpresa quando o cabriolé correu morro abaixo, inclinando descontroladamente em suas duas rodas.

—Incline-se para frente!— Daniel gritou. Se eles pudessem se manter em equilíbrio, poderiam superar o morro até que abrandasse o ritmo. Mais abaixo, na parte de trás, solavancos e sulcos na estrada frequentemente tornavam quase impossível manter suas posições inclinadas para frente.

E então Daniel se lembrou. A meio caminho da colina da estrada tinha uma curva acentuada para a esquerda. Se eles continuassem em frente, eles seriam atirados para baixo do morro, em uma densa floresta.

—Ouça-me. — Disse ele a Anne com urgência. —Quando chegarmos ao fundo do monte, pule para o lado. Com toda a sua força, pule para o lado.

Ela deu um aceno frenético. Seus olhos estavam apavorados, mas ela não estava histérica. Ela faria o que precisava fazer. Assim...

—Agora! — Ele gritou.

Ambos lançaram-se para a esquerda, Anne aterrissou em cima dele. A carruagem levantou-se em uma roda, os seus raios de madeira protestando com um grito horrível com a carga extra.

—Para frente!— Daniel gritou e levantou-se para frente, fazendo com que o carro virasse à esquerda, por pouco não a beira da estrada.

Mas quando virou, a roda da esquerda em contato com o solo passou em algo, e a carruagem tombou para frente, saltando para o ar antes de pousar de volta a roda com uma rachadura revoltante. Daniel rezava por sua vida, e ele pensou que Anne estava fazendo o mesmo, mas quando viu com terror impotente, o cabriolé jogou-a para fora, e a roda... Oh, Deus, a roda! Se a atingisse!

Daniel não parou para pensar. Ele jogou-se para a direita, derrubando o cabriolé antes que pudesse atacar Anne, que estava em algum lugar no chão, em algum lugar à esquerda.

O cabriolé bateu contra a terra, derrapando por vários metros antes de chegar a uma parada na lama. Por um momento, Daniel não pode se mover. Ele tinha levado um soco antes, ele havia caído dos cavalos; inferno, ele foi até mesmo baleado. Mas nunca teve sua respiração tão completamente arrancada de seu corpo, como quando o cabriolé bateu no chão.

Anne. Ele tinha que chegar até ela. Mas ele tinha que respirar primeiro, e seus pulmões pareciam como se tivessem em um espasmo. Finalmente, ainda com falta de ar, ele se arrastou para fora do cabriolé.

—Anne? — Ele tentou gritar, mas tudo o que conseguiu fazer foi bufar seu nome. Suas mãos caíram na lama, e então os joelhos, e depois, usando o lado estraçalhado do cabriolé como apoio, conseguiu cambalear sob os próprios pés.

—Anne? — Ele chamou novamente, desta vez mais alto. — Senhorita Wynter! Não houve resposta. Nenhum som, além da chuva, batendo contra o solo encharcado.

Ainda mal conseguindo ficar de pé, Daniel a procurou freneticamente, girando em círculos enquanto buscava apoio, procurando qualquer sinal de Anne. O que ela estava usando? Marrom. Ela estava de marrom, perfeito para se misturar com a lama.

Ela deveria estar atrás dele. O cabriolé rolou e derrapou por certa distância depois de ter sido jogado para fora. Daniel tentou andar para a parte de trás, com as botas encontrando pouca tração na lama. Ele escorregou perdendo o equilíbrio, e caiu para frente, com as mãos tentando segurar em qualquer coisa que pudesse mantê-lo na posição vertical. No último momento, elas se fecharam ao redor de uma fina tira de couro.

O arreio dos cavalos.

Daniel olhou para o couro em suas mãos. Era destinado a ligar o cavalo no eixo da carruagem. Mas foi cortado. Apenas o fim parecia muito desgastado, como se tivesse sido deixado pendurado, pronto para arrebentar com a menor pressão.

Ramsgate.

Seu corpo encheu-se de raiva e Daniel finalmente encontrou energia para se mover para além do cabriolé quebrado e buscar Anne. Por Deus, se alguma coisa tinha acontecido com ela... Se ela estivesse gravemente ferida...

Ele mataria Lorde Ramsgate. Ele o estriparia com as próprias mãos.

—Anne? — Ele gritou, girando loucamente na lama enquanto procurava por ela. E

então viu uma bota. Correu para frente, tropeçando na chuva até que a viu claramente, caída no chão, metade na estrada, metade na madeira.

—Querido Deus. — Daniel sussurrou, e correu para frente, agarrando o terror em seu coração. —Anne? — Disse ele freneticamente, chegando a seu lado e sentindo o pulso. — Responda-me. Deus me ajude, responda-me agora.

Ela não respondeu, mas o pulso firme era suficiente para lhe dar esperança. Eles estavam apenas cerca de meia milha da Colina Whipple. Ele poderia levá-la. Estava tremendo, e ferido, e, provavelmente, sangrando, mas poderia fazer isso.

Com cuidado, ele levantou-a em seus braços e começou a caminhada traiçoeira para casa. A lama fazia cada passo um ato de equilíbrio, e ele mal podia ver através de seu cabelo, caindo sobre seus olhos por causa da chuva. Mas ele continuou, seu corpo exausto encontrando força através do terror.

E fúria.

Ramsgate iria pagar por isso. Ramsgate pagaria, e talvez Hugh pagasse, também, e por Deus, o mundo inteiro iria pagar se os olhos de Anne não se abrissem novamente.

Um pé em frente ao outro. Isso era o que fazia até a Colina Whipple aparecer. E então finalmente estava em casa, e justo quando seus músculos estavam gritando e tremendo, seus joelhos ameaçaram ceder o fazendo dar três passos para a entrada da frente e chutar a porta com força.

E novamente. E novamente.

E de novo e de novo e de novo até que ouviu passos correndo na direção dele. A porta se abriu e lá estava o mordomo, que soltou um sonoro.

—Meu senhor! — E então, três homens correram para aliviar a carga de Daniel, que caiu no chão, exaurido e aterrorizado.

—Cuide dela. — Ele engasgou. —Mantenha-a aquecida.

—Imediatamente, meu senhor. — O mordomo lhe garantiu. — Mas o senhor...

—Não!— Daniel ordenou. —Cuide dela primeiro.

—Claro, meu senhor. — O mordomo correu para o laçao aterrorizado que estava segurando Anne, alheio aos rios de água escorrendo de seus braços. —Vá!— Ele ordenou. —Vá—! Leve-a para cima, e você. — Ele sacudiu a cabeça em direção a uma empregada que tinha entrado no salão. — Aqueça água para o banho. Agora!

Daniel fechou os olhos, tranquilizado pela onda de atividade que se desdobrava ao redor dele. Ele fez o que precisava fazer. Ele fez tudo o que poderia fazer.

Por agora.

Capítulo 14



Quando finalmente Anne acordou, sua mente lentamente mudou de preto implacável para nuvens cinzentas, a primeira coisa que sentiu foram mãos apertando e cutucando, tentando remover sua roupa.

Ela queria gritar. Tentou, mas sua voz não obedecia. Estava tremendo incontrolavelmente, seus músculos doíam e estavam exaustos, e não tinha certeza de que pudesse abrir a boca, muito menos fazer um som.

Ela já foi encurralada antes, por confiantes jovens que viam uma governanta como uma brincadeira justa, pelo senhor de uma casa que percebia que estava pagando seu salário, de qualquer maneira. Inclusive George Chervils, que definiu sua vida por isso, em primeiro lugar.

Mas ela sempre foi capaz de se defender. Ela tinha força, inteligência, e com George, até uma arma. Agora ela não tinha nenhuma dessas coisas. Não conseguia nem abrir os olhos.

—Não. — Ela gemeu, contorcendo-se e movendo-se no que parecia ser um chão frio de madeira.

—Shhh. — Veio uma voz desconhecida. Era uma mulher, no que Anne encontrou tranquilizador. —Vamos ajudá-la, Senhorita Wynter.

Eles sabiam o seu nome. Anne não conseguia decidir se isso era uma coisa boa ou não.

—Pobrezinha. — Disse a mulher. —Sua pele está como gelo. Nós vamos colocá-la em um banho quente.

Um banho. Um banho soava como o céu. Ela estava tão fria, não se lembrava de ter sentido tanto frio antes. Tudo parecia pesado... seus braços, pernas, até mesmo o seu coração.

—Aqui estamos nós, querida. — Chegou à voz da mulher novamente. —Só me deixe chegar a esses botões.

Anne lutou mais uma vez para abrir os olhos. Era como se alguém tivesse colocado pesos em suas pálpebras, ou estivesse submersa em uma espécie de gosma pegajosa da qual não conseguia escapar.

—Você está segura agora. — Disse a mulher. Sua voz era gentil e ela parecia querer ajudar.

—Onde estou?— Anne sussurrou, ainda tentando forçar os olhos abertos.

—Você está de volta a Colina Whipple. Lorde Winstead a trouxe na chuva.

—Lorde Winstead, ele... — Ela suspirou, e seus olhos finalmente se abriram para revelar um banheiro, muito mais elegante e ornamentado do que aquele para o qual foi atribuída atualmente no berçário. Havia duas empregadas com ela, água para um banho, e outra tentando tirar a roupa encharcada.

—Ele está bem?— Anne perguntou freneticamente. —Lorde Winstead?— Flashes de memória correram para ela. A chuva. Os cavalos se soltando. O som horrível da madeira se quebrando. E então o cabriolé, caindo para frente. E então... nada. Anne não conseguia se lembrar de nada. Eles devem ter caído, por que ela não podia se lembrar?

Meu Deus, o que aconteceu com eles?

—Sua senhoria está bem. — A empregada assegurou. —Exausto como um corpo pode estar, mas não é nada que um pouco de descanso não vá curar. — Seus olhos brilhavam com orgulho quando ela ajustou a posição de Anne para que ela pudesse soltar as mangas de seus braços. —Ele é um herói. Um verdadeiro herói.

Anne esfregou o rosto com a mão.

—Eu não consigo me lembrar do que aconteceu. Alguns pedaços e peças, mas isso é tudo.

—Sua senhoria disse-nos que foram jogados da carruagem. — Disse a criada, chegando a trabalhar na outra manga. —Lady Winstead disse que provavelmente bateu a cabeça.

—Lady Winstead?— Quando ela viu Lady Winstead?

—A mãe de sua senhoria. — Explicou a empregada, interpretando mal a pergunta de Anne. —Ela sabe um pouco sobre lesões e cura. Ela examinou-a ali mesmo no chão do hall de entrada.

—Oh, meu Deus. — Anne não sabia por que isso era tão humilhante, mas era.

—Sua senhoria disse que tem um nódulo, bem aqui. — A empregada tocou sua própria cabeça, um par de centímetros acima da orelha esquerda.

A mão de Anne, ainda esfregando sua testa, mudou-se para cima pelos cabelos. Ela encontrou a contusão instantaneamente.

—Uwe. — Disse ela, afastando os dedos. Ela olhou para a mão. Não havia sangue. Ou talvez houvesse e a chuva tivesse lavado.

—Lady Winstead disse que achava que a senhorita iria querer um pouco de privacidade. —continuou a criada, deslizando o vestido de Anne pelo seu corpo. — Vamos dar-lhe um banho e aquecê-la, depois colocá-la na cama. Ela mandou chamar um médico.

—Oh, tenho certeza que não preciso de um médico. — Disse Anne rapidamente.

Ainda se sentia horrível e dolorida, com frio, e uma explicação para sua dor de cabeça furiosa. Mas eram sintomas temporários, do tipo que instintivamente, sabia precisar só de uma cama macia e sopa quente.

Mas a criada apenas encolheu os ombros.

—Ela já pediu para buscar um, então não acho que tenha muita escolha. Anne assentiu.

—Todo mundo está bem preocupado com a senhorita. Lady Frances estava chorando, e...

—Frances?— Anne interrompeu. —Mas ela nunca chora.

—Ela chorou dessa vez.

—Oh, por favor. — Implorou Anne, de coração partido com preocupação. —Por favor, alguém diga a ela que estou bem.

—Um laçao trará mais água quente em breve. Nós vamos pedir que conte a ela.

—Um laçao?— Anne ofegou, suas mãos, instintivamente, cobrindo sua nudez. Ela ainda estava em sua camisa, mas molhada, era praticamente transparente.

—Não se preocupe. — A empregada disse com uma risada. —Ele deixa na porta. É para Peggy não ter que carregá-la pelas escadas.

Peggy, que estava colocando outro balde de água na banheira, se virou e sorriu.

—Obrigada. — Anne disse calmamente. —Obrigada a ambas.

—Sou Bess. — A empregada disse a ela primeiro. —Você acha que pode se levantar? Só por um minuto? Preciso tirar o vestido por sua cabeça.

Anne assentiu e com a ajuda de Bess se levantou, agarrando-se ao lado da banheira de porcelana como apoio. Uma vez que a camisa saiu, Bess ajudou Anne a entrar na banheira, e ela afundou com gratidão na água. Estava muito quente, mas ela não se importou. Era tão bom.

Ela ficou no banho até que a água ficou morna, em seguida, Bess a ajudou vestir sua camisola de lã, que pegou do quarto de Anne.

—Aqui está. — Disse Bess, levando Anne através do tapete macio para uma bela cama de dossel.

—De quem é este quarto?— Anne perguntou, olhando a atmosfera elegante. Arabescos estavam no teto e as paredes estavam cobertas de damasco, do azul mais delicado ao prateado. Era, de longe, o mais grandioso quarto no qual ela já dormiu.

—O quarto de hóspedes azul. — Disse Bess, afofando os travesseiros. —É um dos melhores em Whipple. À direita no corredor da família.

Família? Anne olhou com surpresa. Bess encolheu os ombros.

—Sua senhoria insistiu.

—Oh. — Disse Anne, imaginando o que o resto de sua família pensava sobre isso.

Bess viu como Anne encostou se na cama, então, perguntou.

—Devo dizer a todos que pode receber visitas? Eu sei que eles querem ver a senhorita.

—Não Lorde Winstead?— Anne perguntou com horror. Certamente elas não lhe permitiriam entrar em seu quarto. Bem, não em seu quarto, mas ainda assim, um quarto. Com ela nele.

—Oh, não. — Tranquilizou-a Bess. —Ele está em sua própria cama, dormindo, eu espero. Não acho que vamos vê-lo por pelo menos um dia. O pobre homem está esgotado. Acho que você pesa um pouco mais molhada do que seca. — Bess riu de sua própria piada, então saiu do quarto.

Menos de um minuto depois, Lady Pleinsworth entrou.

—Oh, minha pobre, pobre menina. — Exclamou ela. —Você nos deu um susto. Mas meus céus, você está muito melhor do que há uma hora.

—Obrigada. — Disse Anne, não muito confortável com tal efusividade por parte de sua patroa. Lady Pleinsworth sempre foi gentil, mas nunca tentou fazer Anne se sentir como um membro da família. Nem tinha esperado isso dela. Ser governanta era mais que uma criada, mas definitivamente não era da família. Sua patroa, a primeira senhora na Ilha de Man a avisou sobre isso. Uma governanta era sempre presa entre acima e abaixo, e seria melhor se acostumar com isso rapidamente.

—Você deveria ter se visto quando seu senhorio lhe trouxe. — Lady Pleinsworth disse ao sentar em uma cadeira ao lado da cama. —Pobre Frances pensou que estivesse morta.

—Oh, não, ela ainda está chateada? Tem alguém...

—Ela está bem. — Disse Lady Pleinsworth com um aceno rápido de sua mão. — Ela insiste, porém, em vê-la por si mesma.

—Isso seria mais agradável. — Disse Anne, tentando reprimir um bocejo. — Gostaria de desfrutar de sua companhia.

—Você vai precisar descansar em primeiro lugar. — Lady Pleinsworth disse com firmeza.

Anne assentiu, afundando um pouco mais em seus travesseiros.

—Eu tenho certeza que você vai querer saber como Lorde Winstead está. — Lady Pleinsworth continuou.

Anne assentiu novamente. Queria saber desesperadamente, mas não se forçou a perguntar.

Lady Pleinsworth se inclinou para frente, e havia algo em sua expressão, Anne não conseguia ler.

—Você deve saber que ele quase entrou em colapso depois de trazê-la para casa.

—Eu sinto muito. — Anne sussurrou.

Mas se Lady Pleinsworth ouviu, não deu nenhuma indicação.

—Na verdade, acho que seria preciso dizer que ele entrou em colapso. Dois lacaios tiveram que ajudá-lo e levá-lo praticamente para o seu quarto. Eu juro que nunca vi algo semelhante.

Anne sentiu as lágrimas ardendo nos olhos.

—Oh, sinto muito. Estou tão, tão triste.

Lady Pleinsworth olhou para ela com uma expressão estranha, quase como se tivesse esquecido que ela estava falando.

—Não há necessidade para isso. Não é sua culpa.

—Eu sei, mas... — Anne balançou a cabeça. Ela não sabia o que dizer. Ela não sabia de nada mais.

—Ainda assim. — Lady Pleinsworth disse com um aceno de mão. —Você deveria ser grata. Ele a carregou por mais de meia milha, sabe. E estava ferido.

—Sou grata. — Anne disse calmamente. —Sim, muito.

—As rédeas foram cortadas. — Lady Pleinsworth disse a ela. —Devo dizer que estou chocada. É inconcebível que a equipagem saia dos estábulos sem reparo. Alguém vai perder a sua posição, tenho certeza.

As rédeas, Anne pensou. Fazia sentido. Tudo aconteceu tão de repente.

—De qualquer forma, dada à gravidade do acidente, devemos ser gratos que nenhum de vocês foi mais gravemente ferido. — Lady Pleinsworth continuou. — Embora me dissessem que querem ver você de perto por causa desse caroço em sua cabeça.

Anne tocou novamente, estremecendo.

—Dói?

—Um pouco. — Admitiu.

Lady Pleinsworth parecia não saber o que fazer com essa informação. Ela moveu-se um pouco em sua cadeira, em seguida, os ombros e então finalmente disse.

— Bem.

Anne tentou sorrir. Era ridículo, mas quase se sentia como se devesse tentar fazer Lady Pleinsworth se sentir melhor. Era, provavelmente, por todos esses anos de serviço, querer agradar seus patrões.

—O médico vai estar aqui em breve. — Lady Pleinsworth finalmente continuou.

— Mas, enquanto isso, vou ter certeza de que alguém diga a lorde Winstead que você despertou. Ele estava muito preocupado com você.

—Obrigada. — Anne começou a dizer, mas, aparentemente, Lady Pleinsworth não.

—É curioso, porém. — Ela disse, apertando os lábios. —Como é que você foi parar em seu cabriolé em primeiro lugar? A última vez que o vi, ele estava aqui na Colina Whipple.

Anne engoliu em seco. Este não era o tipo de conversa que queria ter, mas deveria ter o máximo de cuidado.

—Eu o vi na aldeia. — Disse ela. —Começou a chover e ele se ofereceu para me trazer de volta para Whipple — Ela esperou por um momento, mas Lady Pleinsworth não falou nada, portanto, ela acrescentou. — Eu aceitei.

Lady Pleinsworth levou um momento para considerar sua resposta, em seguida, disse.

— Sim, bem, ele é muito generoso. Embora, veja, você teria feito melhor se andasse. — Ela levantou-se rapidamente e deu um tapinha na cama. —Você tem que descansar agora. Mas não durma. Já me disseram que não é para dormir até que o médico chegue para examiná-la. —Ela franziu o cenho. —Acredito que vou enviar Frances, ela vai mantê-la acordada.

Anne sorriu.

—Talvez ela pudesse ler para mim. Ela não tem praticado a leitura em voz alta há algum tempo, e eu gostaria de ver o seu trabalho nesta dicção.

—Já a professora, eu vejo. — Lady Pleinsworth disse. —Mas isso é o que queremos em uma governanta, não é?

Anne assentiu não muito certa se ela foi elogiada ou lembrada de seu lugar. Lady Pleinsworth caminhou até a porta, em seguida, virou-se.

—Ah, e quanto a isso, não se preocupe com as meninas. Lady Sarah e Lady Honoria estão compartilhando seus deveres enquanto estiver se recuperando. Tenho certeza de que as duas podem trabalhar em um plano de aula.

—Matemática. — Anne disse com um bocejo. —Elas precisam estudar matemática.

—Matemática, então. — Lady Pleinsworth abriu a porta e saiu para o corredor.

—Tente descansar um pouco. Mas não durma.

Anne assentiu e fechou os olhos, mesmo sabendo que não deveria. Ela não achava que fosse dormir, no entanto. Seu corpo estava exausto, mas sua mente estava correndo. Todos disseram que Daniel estava bem, mas ainda estava preocupada, e continuaria até que o visse por si mesma. Não havia nada que pudesse fazer sobre isso agora, quando mal conseguia andar.

E então Frances entrou, pulou na cama ao lado de Anne, e começou a bater em sua orelha. Foi quando Anne percebeu mais tarde, exatamente o que precisava.

O resto do dia passou tranquilamente. Frances ficou até o médico chegar, e disse que Anne deveria ficar acordada até o anoitecer. Em seguida, Elizabeth apareceu, com uma bandeja de bolos e doces, e finalmente, Harriet, que carregava consigo um maço pequeno de papel da sua peça atual, *Henrique VIII e o Unicórnio de Doom*.

—Não estou certa se Frances vai estar satisfeita com um unicórnio do mal. — Disse Anne.

Harriet arqueou a sobrancelha.

—Ela não especificou que deveria ser um unicórnio bom. Anne fez uma careta.

—Você vai ter uma batalha em suas mãos, é tudo que vou dizer sobre o assunto. Harriet encolheu os ombros e disse.

— Vou começar pelo segundo ato. O primeiro está um completo desastre. Tive que rasgá-lo completamente.

—Por causa do unicórnio?

—Não. — Disse Harriet com uma careta. —Escrevi sobre as esposas na ordem errada. É divorciada, decapitada, morta, divorciada, decapitada, viúva.

—Que gracioso.

Harriet lhe olhou, então disse.

— Troquei um dos divórcios por uma decapitação.

—Posso te dar um conselho?— Anne perguntou. Harriet olhou para cima.

—Nunca deixe ninguém te ouvir dizer isso fora do contexto.

Harriet riu em voz alta, em seguida, agitando os papeis, indicou que estava pronta para começar a leitura.

—Ato dois. — leu com um floreio. —E não se preocupe você não deve ficar muito confusa, especialmente agora que nós revimos todos os óbitos das esposas.

Mas antes que Harriet chegasse ao terceiro ato, Lady Pleinsworth entrou no quarto, sua expressão urgente e grave.

—Preciso falar com a Srta. Wynter. — Ela disse a Harriet. —Por favor, deixe-nos.

—Mas nós ainda não...

—*Agora*, Harriet.

Harriet olhou para Anne com um olhar de *o-que-pode-ser-isso*, que Anne não soube responder, ainda mais com Lady Pleinsworth de pé frente a ela, parecendo uma nuvem de tempestade.

Harriet recolheu seus papeis e saiu. Lady Pleinsworth caminhou até a porta, para ter certeza de que Harriet não estava escutando, em seguida, virou-se para Anne e disse.

— As rédeas foram cortadas. Anne ofegou.

—O que?

—As rédeas. Do cabriolé de Lorde Winstead. Foram cortadas.

—Não. Isso é impossível. Por que... — Mas ela sabia o porquê. E sabia quem. George Chervils.

Anne sentiu-se empalidecer. Como ele a encontrou ali? E como ele poderia saber...

A pousada. Ela e Lorde Winstead estiveram lá por pelo menos meia hora. Qualquer um que estivesse observando teria percebido que ela voltaria para casa em seu cabriolé.

Anne aceitou que o tempo não iria diminuir o desejo de George Chervils por

vingança, mas nunca pensou que seria tão irresponsável a ponto de ameaçar a vida de outra pessoa, especialmente alguém da posição de Daniel. Ele era o Conde de Winstead, pelo amor de Deus. A morte de uma governanta muito provavelmente não seria investigada, mas de um conde?

George era insano. Ou, pelo menos mais do que foi antes. Não poderia haver outra explicação.

—Os cavalos voltaram várias horas atrás. — Lady Pleinsworth continuou. — Empregados foram enviados para recuperar o cabriolé, e foi aí que eles viram. Foi um ato claro de sabotagem. Couro desgastado não se encaixa em uma linha mais reta.

—Não. — Disse Anne, tentando entender.

—Não acho que você tenha algum inimigo nefasto em seu passado que se esqueceu de nos dizer a respeito, verdade? — Disse Lady Pleinsworth.

A garganta de Anne ficou seca. Teria que mentir. Não havia outro meio.

Mas Lady Pleinsworth deve ter se envolvido em um pouco de humor negro, porque não esperou por uma resposta.

— É Ramsgate. — Disse ela. — Maldição, o homem perdeu toda a razão.

Anne só a olhava, não tinha certeza se estava aliviada por ter sido poupada do pecado da mentira ou chocada por Lady Pleinsworth ter tão furiosamente amaldiçoado.

E talvez Lady Pleinsworth estivesse certa. Talvez isso não tivesse nada a ver com Anne, e o vilão era de fato o Marquês de Ramsgate. Ele perseguiu Daniel fora do país há três anos, certamente estava tentando assassiná-lo agora. E certamente não se importaria se tirasse a vida de uma governanta no processo.

—Ele prometeu a Daniel que iria deixá-lo em paz. — Lady Pleinsworth disse andando pelo quarto. —Essa é a única razão por ele ter voltado, você sabe. Ele pensou que seria seguro. Lorde Hugh percorreu foi até a Itália para dizer-lhe que seu pai prometeu colocar um fim a toda essa bobagem. —Ela soltou um grunhido frustrado, com as mãos firmemente fechadas dos lados. —Já se passaram três anos. Três anos, ele estava no exílio. Não é o suficiente? Daniel nem mesmo matou seu filho. Ele apenas o feriu.

Anne ficou quieta, não tinha certeza se deveria tomar parte nesta conversa. Mas, então, Lady Pleinsworth se virou e olhou para ela diretamente.

—Suponho que você sabe a história.

—A maior parte, eu acredito.

—Sim, é claro. As meninas devem ter contado. —Ela cruzou os braços, então os descruzou, e ocorreu até Anne que nunca viu sua patroa tão perturbada. Lady Pleinsworth inclinou a cabeça, em seguida, disse. —Não sei como Virginia vai suportar. Quase a matou antes, quando ele deixou o país.

Virginia deveria ser Lady Winstead, a mãe de Daniel. Anne não sabia seu nome.

—Bem. — Disse Lady Pleinsworth, então abruptamente acrescentou. —Suponho que você possa dormir agora. O sol se pôs.

—Obrigada. — Disse Anne. —Por favor, dê... — Mas ela parou por aí.

—Você disse alguma coisa?— Lady Pleinsworth perguntou.

Anne balançou a cabeça. Teria sido inadequado pedir Lady Pleinsworth que desse seus respeitos à Lorde Winstead. Ou se não fosse isso, teria sido imprudente.

Lady Pleinsworth deu um passo em direção à porta, e então parou.

—Senhorita Wynter. — Disse ela.

—Sim?

Lady Pleinsworth virou-se lentamente ao redor.

—Mais uma coisa.

Anne esperou. Lady Pleinsworth não costumava ficar em silêncio no meio da conversa. Isso não era nada bom.

—Não escapou meu conhecimento que meu sobrinho... — Mais uma vez, ela fez uma pausa, possivelmente procurando a combinação correta das palavras.

—Por favor. — Anne deixou escapar, certa de que estava pendurada por um fio.

— Lady Pleinsworth, garanto...

—Não interrompa. — Lady Pleinsworth disse, embora não de maneira grosseira. Ela levantou uma mão, instruindo Anne a esperá-la concluir seus pensamentos. Finalmente, apenas quando Anne tinha certeza que não poderia suportar isso por mais tempo, ela disse. — Lorde Winstead parece gostar muito de você.

Anne esperava que Lady Pleinsworth não esperasse uma resposta.

—Estou certa de seu bom senso, não estou?— Lady Pleinsworth acrescentou.

—Claro, milady.

—Há momentos em que uma mulher deve apresentar uma sensibilidade que os homens não têm. Acredito que este é um desses momentos.

Ela fez uma pausa e olhou para Anne diretamente, indicando que desta vez ela esperava uma resposta. Então, Anne disse.

—Sim, milady. — E rezou para que fosse o suficiente.

—A verdade é, Senhorita Wynter, sei muito pouco sobre você. Os olhos de Anne se arregalaram.

—Suas referências são impecáveis e, claro, o seu comportamento desde que entrou para nossa casa tem sido irrepreensível. Você é uma das melhores governantas que já empreguei.

—Obrigada, minha senhora.

—Mas não sei nada sobre sua família. Não sei quem é seu pai, ou sua mãe, ou que tipo de conexões você pode possuir. Você foi bem educada, o que está muito claro, mas além disso... — Ela levantou as mãos. E então ela olhou diretamente nos olhos de Anne. —Meu sobrinho deve se casar com alguém de posição clara e impecável.

—Percebo que sim. — Anne disse calmamente.

—Ela certamente deve vir de uma família nobre.

Anne engoliu em seco, tentando não deixar qualquer emoção se mostrar em seu rosto.

—Não é estritamente necessário, é claro. É possível que ele possa se casar com uma garota da pequena nobreza. Mas ela teria que ser excepcional. —Lady Pleinsworth deu um passo em direção a ela, e sua cabeça ligeiramente inclinou-se para o lado, como se estivesse tentando ver dentro dela. —Eu gosto de você, Senhorita Wynter. — Ela disse lentamente. — Mas não te conheço. Você entende?

Anne assentiu.

Lady Pleinsworth caminhou até a porta e colocou a mão na maçaneta.

—Suspeito. — Disse ela calmamente. — Que você não quer que eu a conheça. E então partiu, deixando Anne sozinha com seus pensamentos tortuosos.

Não havia má interpretação no significado dos comentários de Lady Pleinsworth. Ela estava avisando-a para ficar longe de Lorde Winstead, ou melhor, para ter certeza de que ele ficasse longe dela. Mas era agridoce. Ela deixou a porta um pouco aberta, insinuando que Anne poderia ser considerada adequada se a conhecesse melhor.

Mas era claro que isso era impossível.

Poderia imaginar? Dizer a Lady Pleinsworth a verdade sobre seu passado?

Bem, a coisa é, não sou virgem.

E meu nome não é realmente Anne Wynter.

Ah, e esfaqueei um homem e agora ele está me caçando loucamente até que eu esteja morta.

Uma risada horrorizada saiu da garganta de Anne. Era um currículo formidável.

—Sou um prêmio. — Disse ela para a escuridão, e então riu um pouco mais. Ou talvez chorasse. Depois de um tempo, era difícil dizer qual era qual.

Capítulo 15



Na manhã seguinte, antes de qualquer membro feminino da sua família colocar um fim ao que Daniel sabia ser comportamento inadequado, ele caminhou pelo corredor e bateu fortemente na porta do quarto de hóspedes azul. Ele já estava vestido para viajar, planejava ir para Londres dentro de uma hora.

Não havia nenhum som de dentro do quarto, então bateu novamente. Desta vez, ouviu um pouco de ruído, seguido de um grogue.

—Entre.

Ele entrou, fechando a porta atrás de si apenas a tempo de ouvir Anne suspirar.

—Milorde!

—Preciso falar com você. — Ele disse de forma sucinta.

Ela assentiu com a cabeça, lutando para puxar suas cobertas até o queixo, o que ele achou francamente ridículo, dado o saco completamente desagradável que ela parecia ter colocado no lugar de uma camisola.

—O que está fazendo aqui?— Ela perguntou, piscando furiosamente. Sem preâmbulos, ele disse.

— Estou saindo para Londres esta manhã. Ela não disse nada.

—Tenho certeza que você já sabe que o arreio foi cortado. Ela assentiu com a cabeça.

—Foi Lorde Ramsgate. — Disse ele. —Um de seus homens. Provavelmente, apenas um quando saí para investigar. O que disseram estar bêbado.

—Você disse que ele causou estragos nos estábulos da pousada. — Ela sussurrou.

—Na verdade. — Disse ele, todos os músculos de seu corpo esforçando-se para manter-se perfeitamente imóvel enquanto falava. Se ele se movesse, se ele baixasse a guarda por um momento, não sabia o que iria acontecer. Ele poderia gritar. Ele poderia bater nas paredes. Tudo o que sabia era que algo furioso estava crescendo dentro de si, e cada vez que pensava no que aconteceu, a fúria se expandia ainda mais, algo dentro dele parecia crepitar. Sua pele ficou muito apertada, e a raiva, a fúria, lutava para se libertar.

Mais quente. Mais sombrio. Espremendo a sua própria alma.

—Lorde Winstead?— Ela disse e ele não podia imaginar que a raiva se mostrou em

seu rosto, porque seus olhos se abriram mais alarmados. E então, ela sussurrou. — Daniel?

Era a primeira vez que ela dizia seu nome.

Ele engoliu em seco, cerrando os dentes enquanto lutava para se controlar.

—Esta não seria a primeira vez que ele tenta me matar. — Ele finalmente disse.

—Mas é a primeira vez que quase matou alguém na tentativa.

Ele a viu de perto. Ela ainda estava segurando as cobertas sob o queixo, seus dedos envoltos sobre a borda. Sua boca se moveu como se quisesse dizer alguma coisa. Ele esperou.

Ela não falou.

Ele permaneceu imóvel, o corpo ereto, com as mãos cruzadas atrás das costas. Havia algo tão insuportavelmente formal no quadro, apesar de Anne estar na cama com o cabelo despenteado, com sono e uma trança única e grossa descansando em seu ombro direito.

Eles não costumam se falar com tal rigidez. Talvez eles devessem tê-lo feito, talvez o tivesse salvado de tal paixão e a teria salvo de estar em sua companhia no dia que Ramsgate escolheu para fazer sua jogada.

Teria sido melhor para ela se eles nunca tivessem se encontrado, claramente.

—O que você vai fazer?— Ela perguntou.

—Quando eu encontrá-lo?

Ela deu um pequeno aceno de cabeça.

—Não sei. Se ele tiver sorte de eu não estrangulá-lo. Ele provavelmente esta por trás do assalto em Londres também. O que todos nós pensávamos que fosse apenas má sorte, ladrões atrás de uma bolsa pesada.

—Poderia ter sido. — Disse ela. —Você não pode saber. Pessoas são roubadas o tempo todo em Londres. É...

—Você o está defendendo?— perguntou incrédulo.

—Não! Claro que não. É só que... Bem... — Ela engoliu, o movimento convulsivo ondulando em sua garganta. Quando ela falou de novo sua voz era muito frágil. —Você não tem todas as informações.

Por um momento, apenas olhou para ela, não confiando em si mesmo para falar.

—Passei os últimos três anos correndo de seus homens na Europa. — Ele finalmente disse. —Você sabia? Não? Bem, corri. E estou cansado disso. Se ele quer se vingar de mim, ele certamente o fará. Três anos da minha vida, roubados. Você tem alguma ideia de como é isso? Ter três anos de sua vida arrancados de você?

Seus lábios se separaram, e por um momento ele pensou que ela poderia realmente dizer que sim. Ela parecia atordoada, quase hipnotizada, e, finalmente, ela disse.

— Sinto muito. Vá em frente.

—Vou falar com o seu filho primeiro. Posso confiar em Lorde Hugh. Ou pelo menos

sempre pensei que pudesse. —Daniel fechou os olhos por um momento e simplesmente respirou, tentando manter o equilíbrio. —Não sei em quem posso confiar mais.

—Você pode. — Ela parou. Engolindo. Ela quase esteve a ponto de dizer que ele poderia confiar nela? Ele olhou para ela de perto, mas ela virou o rosto, fixando os olhos na janela próxima. As cortinas estavam fechadas, mas ela ainda estava olhando para ela como se houvesse algo para ver. —Desejo-lhe a mais segura das viagens. — Ela sussurrou.

—Você está com raiva de mim. — Disse ele. Sua cabeça se virou para encará-lo.

—Não. Não, claro que não. Nunca.

—Você não teria sido ferida se não estivesse comigo. — Ele cortou. Nunca iria se perdoar pelos danos que tinha causado a ela. Precisava que ela soubesse. —É minha culpa que você...

—Não!— Ela gritou e pulou da cama, correndo em direção a ele, mas depois parou abruptamente. —Não, isso não é verdade. Eu, eu, não. — Ela disse tão firmemente que o queixo ergueu-se. —Não é verdade.

Ele olhou para ela. Ela estava quase ao seu alcance. Se ele se inclinasse para frente, se esticasse o braço, poderia pegar sua manga. Poderia puxá-la para ele e juntos derreteriam, ele com ela, ela com ele, até que não soubessem onde terminava um e começava o outro.

—Não é culpa sua. — Disse ela com força silenciosa.

—Sou o homem de quem Ramsgate quer se vingar. —lembrou a ela suavemente.

—Nós não somos. — Ela desviou o olhar, mas não antes que limpasse um dos olhos com as costas da mão. —Não somos responsáveis pelas ações dos outros. — Disse ela. Sua voz tremeu de emoção, e seu olhar não encontrou o dele. — Especialmente as de um louco. — Ela terminou.

—Não. —disse com uma voz estranha no ar suave da manhã. —Mas nós assumimos a responsabilidade por aqueles que nos rodeiam. Harriet, Elizabeth, e Frances. Você não tentaria mantê-las seguras?

—Não. — Ela disse sua testa se unindo. —Isso não é o que eu quis dizer. Você sabe que não.

—Sou responsável por cada pessoa nesta casa. — Ele cortou. —Por você, também, enquanto estiver aqui. E, quando sei que alguém me deseja mal, é minha responsabilidade e obrigação me certificar de que não carrego uma única outra pessoa ao perigo.

Ela olhou para ele com olhos grandes e arregalados e Daniel se perguntou o que ela via. Quem via. As palavras saídas de sua boca não eram familiares. Ele soava como seu pai e, antes dele, seu avô. Era isso o que significava herdar um título antigo, ter vidas confiadas a ele e o sustento de todos os que residiam em suas terras? Ele tornou-se conde tão jovem, e depois foi forçado a deixar a Inglaterra apenas um ano depois.

Isso era o que queria dizer, finalmente percebeu. Isto era o que aquilo significava.

—Não quero vê-la ferida. — Ele disse sua voz tão baixa que quase não ouviu. Ela

fechou os olhos, mas, em seguida, a pele se enrugava em suas têmporas, quase como se ela estivesse com dor.

—Anne. — Disse ele, dando um passo à frente.

Mas ela balançou a cabeça, quase violentamente, e um soluço terrível de asfixia explodiu em sua garganta.

Ele quase se rompeu.

—O que é isso?— Disse ele, atravessando a distância entre eles. Ele colocou as mãos em seus braços, talvez para apoiá-la... talvez para se sustentar. E então ele teve que parar, para simplesmente respirar. A vontade de abraçá-la era esmagadora. Quando ele entrou em seu quarto esta manhã, disse a si mesmo que não iria tocá-la, não iria chegar perto o suficiente para sentir o ar se mover através de sua pele. Mas isto, ele não poderia suportar.

—Não. — Ela disse, o corpo se afastando, mas não o suficiente para fazê-lo pensar que ela queria dizer isso. —Por favor. Vá embora. Basta ir.

—Não até que você diga.

—Não posso. — Ela gritou e então se livrou dele, recuando até que estiveram novamente separados pelo ar frio da manhã. —Não posso dizer o que você quer ouvir. Não posso estar com você e não posso vê-lo novamente. Você entendeu?

Ele não respondeu. Porque ele entendia o que ela estava dizendo. Mesmo que não concordasse com ela.

Ela engoliu e suas mãos cobriram o rosto, esfregando a pele com tal angústia que ele quase estendeu a mão para detê-la.

—Não posso ficar com você. — Ela disse, as palavras saindo com rapidez e tal força que ele perguntou a quem ela estava tentando convencer. —Não sou... a pessoa...

Ela desviou o olhar.

—Não sou uma mulher adequada para você. — Disse ela para a janela. —Não sou do seu nível e não sou...

Ele esperou. Ela ia dizer algo mais. Tinha certeza disso.

Mas quando falou, sua voz mudou, parecia muito consciente. —Você vai me arruinar. — Disse ela. —Você não vai querer, mas vai, e vou perder a minha posição e tudo que me é caro.

Ela olhou-o nos olhos quando disse isso e ele quase se encolheu com o vazio que viu em seu rosto.

—Anne. — Ele disse. —Vou te proteger.

—Não quero sua proteção. — Ela gritou. —Você não entende? Aprendi a cuidar de mim, para me manter. — Ela parou, então, terminou com: —Não posso ser responsável por você também.

—Você não tem que ser. — Respondeu, tentando entender suas palavras. Ela se virou.

—Você não entende.

—Não. — Ele disse duramente. —Não, não entendo. — Como podia? Ela mantinha segredos, segurava-os no peito como tesouros minúsculos, deixando-o implorar por suas lembranças como um cão danado.

—Daniel... — Ela disse suavemente e lá estava de novo. Seu nome, e era como se ele nunca tivesse ouvido antes. Porque quando ela falava, sentia cada som como uma carícia. Cada sílaba pousava em sua pele como um beijo.

—Anne. — Disse ele e nem sequer reconheceu sua voz. Era dura, rouca com a necessidade, com desejo, e... e...

E então, antes que tivesse ideia do que estava fazendo, puxou-a bruscamente em seus braços e a beijou como se ela fosse a água, o ar, a sua própria salvação. Ele precisava dela com um desespero que teria abalado seu núcleo se pensasse sobre isso.

Mas ele não estava pensando. Não agora. Estava cansado de pensar, cansado de se preocupar. Queria apenas sentir. Queria que a paixão dominasse seus sentidos e seus sentidos governassem seu corpo.

Queria que ela o quisesse da mesma forma.

—Anne, Anne. — Ele ofegou, suas mãos puxando freneticamente contra a lã terrível de sua camisola. —O que você faz comigo.

Ela o cortou, não com palavras, mas com seu corpo, pressionando-o contra o seu com uma urgência que combinava com a sua. As mãos dela estavam em sua camisa, rasgando a frente, puxando-a para abrir até que ele sentiu sua pele.

Era mais do que ele podia suportar.

Com um gemido gutural, levantou-a e a carregou até caírem na cama, e, finalmente, ele a teve exatamente onde queria que ela estivesse. Sob ele, com as pernas suavemente embalando-o.

—Quero você. — Disse ele, mesmo pensando que isso dificilmente poderia ter estado em dúvida alguma vez. —Eu quero você agora, em todos os sentidos que um homem pode desejar uma mulher.

Suas palavras eram grosseiras, mas gostava dessa forma. Não era romance, era pura necessidade. Ela quase morreu. Ele poderia morrer no dia seguinte. E se isso acontecesse, se o fim chegasse, e ele não tivesse provado primeiro o paraíso...

Ele quase arrancou a camisola do seu corpo. E então... parou.

Parou para respirar, para simplesmente olhar para ela e deleitar-se com a perfeição de seu corpo glorioso. Seus seios subiam e desciam com cada respiração, e com a mão trêmula segurou um, quase estremecendo com o prazer de apenas um toque simples.

—Você é tão linda. — Ele sussurrou. Ela devia ter ouvido essas palavras antes, milhares de vezes, mas queria que ouvisse *dele*. —Você é tão...

Mas ele não terminou, porque ela era muito mais do que sua beleza. E não havia nenhuma maneira que pudesse dizer tudo isso, de maneira nenhuma poderia colocar em

palavras todas as razões de ter sua respiração acelerada cada vez que a via.

Suas mãos subiram para cobrir a nudez dela, e ela corou, lembrando-o que isso deveria ser novo para ela. Era novo para ele, também. Ele fez amor com mulheres antes, provavelmente mais do que queria admitir, mas esta era a primeira vez... ela era primeira...

Nunca foi assim. Ele não podia explicar a diferença, mas nunca foi assim.

—Beije-me. — Ela sussurrou. — Por favor.

Ele o fez, puxando a camisa sobre a cabeça antes de se colocar em cima de seu corpo, pele a pele, de forma gloriosa. Ele beijou-a profundamente, então beijou seu pescoço, o oco de sua clavícula, e, finalmente, com um prazer que apertou todos os músculos do seu corpo, beijou seu seio. Ela soltou um grito suave e se arqueou debaixo dele, o que ele tomou como um convite para passar para o outro lado, beijando e chupando e beliscando até pensar que poderia perder o controle.

Querido Deus, ela ainda não o tinha tocado. Ele ainda vestia a calça e quase se perdeu. O que ainda não tinha acontecido desde que era um jovem adolescente.

Tinha que entrar nela. Tinha que entrar nela agora. Estava além do desejo. Estava além da necessidade. Era primordial, um desejo que subia de dentro dele, como se sua vida dependesse de fazer amor com esta mulher. Se isso era louco, então ele era louco.

Por ela. Ele era louco por ela e tinha a sensação de que isso nunca iria embora.

—Anne. — Ele gemeu, parando por um momento para tentar ganhar fôlego. Seu rosto tocava de leve a pele macia de sua barriga, e ele inalou o aroma enquanto lutava para recuperar o controle de seu corpo. —Anne, preciso de você. — Ele olhou para cima. —Agora. Você entende?

Ele ficou de joelhos, suas mãos foram para sua calça e então ela disse...

—Não.

Suas mãos se acalmaram. *Não, ela não entendeu? Não, não agora? Ou não, não...*

—Não posso. — Ela sussurrou e puxou o cobertor em uma tentativa desesperada de se cobrir.

Querido Deus, não esse não.

—Sinto muito. — Disse ela com um suspiro agonizante. —Sinto muito. Oh, meu Deus, sinto muito. —Com movimentos frenéticos, ela deu uma guinada da cama, tentando puxar o cobertor junto com ela. Mas Daniel ainda estava imobilizando-a, e ela tropeçou, em seguida, encontrou-se empurrada para trás em direção à cama. Ainda assim, ela segurou, puxando e puxando e uma e outra vez, dizendo. — Sinto muito.

Daniel apenas tentou respirar, grandes goles de ar que ele pensou que aliviaria o que era agora uma ereção dolorosa. Ele estava tão longe que não podia nem pensar direito, muito menos montar uma frase.

—Não deveria ter... — Disse ela, ainda tentando se cobrir com o maldito cobertor. Ela não podia ficar longe do lado da cama, não se quisesse manter-se coberta. Ele poderia

chegar a ela, seus braços eram longos o suficiente. Ele poderia envolver as mãos em seus ombros e puxá-la de volta, tentá-la a voltar a seus braços. Ele poderia fazê-la se contorcer e se contorcer de prazer até que não conseguisse se lembrar de seu próprio nome. Sabia como fazê-lo.

E ainda assim não se moveu. Ele era uma estátua, na cama de dossel, de joelhos, com as mãos segurando a calça.

—Sinto muito. — Disse ela de novo, o que tinha que ser a quinquagésima vez. — Eu sinto muito, eu só... Eu não posso. É a única coisa que eu tenho. Você entende? É a única coisa que eu tenho.

Sua virgindade.

Ele ainda não tinha pensado nisso. Que tipo de homem era ele?

—Sinto muito. — Disse ele, e então ele quase riu do absurdo. Foi uma sinfonia de desculpas, desconfortável e totalmente dissonante.

—Não, não. — Ela se voltou, com a cabeça ainda balançando para frente e para trás. — Não deveria sentir. Eu não deveria ter permitido que você, não deveria ter permitido a mim mesma. Sei bem disso, *sei bem disso*.

Ele também.

Com uma maldição murmurada ele desceu da cama, esquecendo-se que estava prendendo-a no lugar com o cobertor. Ela foi tropeçando e girando, tropeçando em seus próprios pés, até que caiu em uma poltrona perto, envolvendo o cobertor ao redor do corpo como uma toga.

Seria engraçado se não estivesse perto de explodir.

—Sinto muito. — Disse ela novamente.

—Pare de *dizer* isso. — Ele praticamente implorou. Sua voz estava exasperada, cheia de desespero que ela devia ter ouvido, pois ficou com a boca fechada, engolindo nervosa ao vê-lo puxar sua camisa.

—Tenho que partir para Londres, de qualquer maneira. — Disse ele, não que isso o tivesse impedido, se ela não tivesse feito nada.

Ela assentiu com a cabeça.

—Vamos discutir isso mais tarde. — Disse ele firmemente. Ele não tinha ideia do que dizia, mas iriam falar sobre isso. Não agora, com a casa inteira acordando ao seu redor.

A casa inteira. Bom Deus, ele realmente tinha perdido a cabeça. Em sua determinação de honrar e respeitar Anne na noite anterior, ordenou que as criadas a colocassem no quarto de hóspedes, o melhor, na mesma ala, com o resto da família. Qualquer um poderia ter entrado. Sua mãe poderia ter visto. Ou pior, uma de suas primas mais jovens. Ele não podia imaginar o que teriam pensado. Pelo menos sua mãe saberia que ele não estava matando a governanta.

Anne assentiu de novo, mas não olhou para ele. Uma pequena parte dele achava que isso era curioso, mas então outra parte, maior, prontamente esqueceu. Ele estava muito

preocupado com os resultados dolorosos do desejo não satisfeito para pensar sobre o fato de que ela não olhava nos olhos dele quando assentiu.

—Vou procurá-la quando chegar à cidade. — Disse ele.

Ela disse algo, tão baixinho que ele não pode entender as palavras.

—O que?

—Eu disse. — Ela limpou a garganta. Em seguida, fez de novo. —Eu disse que não acho que seja sábio.

Ele olhou para ela.

—Gostaria que eu fingisse visitar minhas primas novamente?

—Não. Eu preferiria. — Ela virou-se, mas viu seus olhos brilharem com angústia, e talvez raiva, e então, finalmente, derrota. Quando olhou para trás, ela encontrou seu olhar diretamente, mas a faísca em sua expressão, o que tantas vezes o levou para ela... Parecia ter sumido.

—Eu preferiria. — Disse ela, com a voz tão cuidadosa que até parecia quase monótona. — Que você não me procurasse de qualquer forma.

Ele cruzou os braços.

—É mesmo?

—Sim.

Ele lutou por um momento, contra si mesmo. Finalmente, perguntou um pouco beligerante.

—Por causa disso?

Seus olhos foram atraídos para seu ombro, onde o cobertor escorregou, revelando um pequeno pedaço de pele rosa, suave na luz da manhã. Era quase uma polegada, mas naquele momento a queria tanto que mal podia falar.

Ele *a* queria.

Ela olhou para ele, seus olhos firmemente fixados em um ponto, em seguida, para baixo em seu ombro nu. Com um pequeno suspiro, puxou o cobertor.

—Eu. — Ela engoliu, talvez convocando sua coragem, então continuou. —Não vou mentir para você e dizer que não queria isso.

—Eu. — Ele cortou irritado. —Você *me* queria. Ela fechou os olhos.

—Sim. — Ela finalmente disse. —Queria você.

Parte dele queria interrompe-la novamente, para lembrá-la de ela ainda o queria, que não era e nunca seria no passado.

—Mas não posso ter você. — Ela disse. —E por isso, *você* não pode *me* ter. E então, para seu espanto completo, ele perguntou.

— E se eu me casar com você?

Anne olhou para ele em choque. Então, olhou para ele com horror, porque ele parecia tão surpreso quanto ela, e ela tinha certeza de que se ele pudesse ter de volta suas palavras, teria sido assim.

Com pressa.

Mas à sua pergunta, ela não poderia pensar nisso como uma proposta no ar, e os dois se olharam imóveis, até que finalmente seus pés pareceram reconhecer que isso não era motivo de risada, e ela pulou, deslizando para trás até que ela conseguiu colocar a poltrona entre eles.

—Você não pode. — Ela deixou escapar.

Com um olhar de *não-me-diga-o-que-fazer*, reagindo ao dito por ela, exigiu

—Por que não?

—Você simplesmente não pode. — Ela disparou de volta, puxando o cobertor, que caiu novamente. —Você deve saber por que. Pelo amor de Deus, você é um conde. Você não pode se casar com uma ninguém. —Especialmente uma ninguém com um nome falso.

—Posso me casar com quem eu bem entender.

Oh, pelo amor de Deus. Agora ele parecia uma criança de três anos de idade que teve seu brinquedo arrebatado. Será que ele não entendia que ela não podia fazer isso? Ele podia se iludir, mas ela nunca seria tão ingênua. Especialmente depois de sua conversa com Lady Pleinsworth na noite anterior.

—Você está sendo tolo. — Disse ela, puxando o condenado cobertor novamente. Querido Deus, era muito pouco querer ser *livre*? —E pouco prático. E, além disso, você não quer se casar comigo, você só quer me levar para a cama.

Ele afastou-se, visivelmente irritado com sua declaração. Mas ele não se contradisse.

Ela soltou um suspiro impaciente. Ela não teve a intenção de insultá-lo, e ele deve ter percebido isso.

—Não acho que seja sua intenção seduzir e abandonar. — Disse ela, porque não importava o quão furiosa ela estivesse, não poderia suportar sua crença de que ela achava que ele fosse um canalha. —Sei que tipo de homem você é e não é. Mas tampouco tinha a intenção de me propor casamento e eu certamente não aceitaria.

Seus olhos se estreitaram, mas não antes que ela visse o brilho perigoso.

—Quando foi que você chegou a conhecer minha mente melhor do que eu?

—Quando você parou de *pensar*. — Ela puxou o cobertor de novo, desta vez com tal violência que a cadeira caiu para frente e quase a derrubou. Anne quase ficou nua.

—Aaargh! — Ela soltou tão frustrada que queria dar um soco em algo. Olhando para cima, viu Daniel ali, apenas observando-a, e quase gritou, estava tão irritada. Por causa dele, por causa de George Chervils, pelo maldito cobertor enredado em suas pernas. — Você pode ir? — Ela estalou. —Agora, antes que alguém entre.

Ele sorriu, mas não era nada parecido com os sorrisos que ela conhecia. Era frio e ele estava zombando, ao vê-lo em seu rosto rasgou seu coração.

—O que aconteceria, então? — Ele murmurou. —Você, vestindo nada além de um cobertor. Eu amarrotado.

—Ninguém insistiria em casamento. — Ela retrucou. —Isso eu posso te dizer. Você iria voltar à sua vida alegre e eu seria expulsa sem uma referência.

Ele olhou para ela com amargura.

—Suponho que você vai dizer que esse era o meu plano. Arruiná-la até que não tivesse escolha a não ser tornar-se minha amante.

—Não. — Ela disse secamente, porque ela não podia mentir para ele, não sobre isso. E então, em uma voz mais suave, ela acrescentou. —Nunca pensaria isso de você.

Ele ficou em silêncio, com os olhos observando-a atentamente. Ele estava sofrendo, ela podia ver isso. Ele não propôs casamento, não realmente, mas ainda assim de alguma forma ela conseguiu rejeitá-lo. E odiava fazê-lo sofrer. Odiou o olhar em seu rosto, a forma rígida de seus braços de lado, e mais do que tudo, odiou que tudo não seria nunca mais o mesmo. Não iriam se falar. Não iriam rir.

Eles não se beijariam.

Por que ela parou? Ela estava em seus braços, pele com pele e o queria. Ela o queria com um fogo que nunca sonhou ser possível. Queria levá-lo para dentro dela e queria amá-lo com seu corpo quando já o amava com o coração.

Ela o amava. Querido Deus.

—Anne?

Ela não respondeu.

A testa de Daniel subiu com preocupação.

—Anne, você está bem? Você ficou pálida.

Não estava bem. Não tinha certeza de que tudo ficaria bem novamente.

—Estou bem. — Disse ela.

—Anne... — Agora ele parecia preocupado e estava caminhando em sua direção, se a tocasse, se a alcançasse, ela perderia sua resolução.

—Não. — Ela praticamente gritou, odiando a forma como a sua voz saiu do fundo de sua garganta. Doía. A palavra feria. Doía o pescoço, e doíam os ouvidos, e lhe doía também.

Mas ela tinha que fazer isso.

—Por favor, não. — Disse ela. —Preciso que você me deixe em paz. Esta... Esta...

— Ela lutou por uma palavra, ela não podia suportar chamá-lo de uma coisa. —Este sentimento entre nós... — Ela finalmente disse. —Nada pode vir dele. Você deve perceber isso. E se você se preocupa mesmo comigo, irá embora.

Mas ele não se moveu.

—Você deve sair agora. — Ela praticamente gritou, e soou como um animal ferido.

Que era como estava, ela supunha.

Durante vários segundos mais ele ficou congelado, e então, finalmente, com uma voz tão baixa, ele disse.

—Estou indo embora, mas não por qualquer um dos motivos que você disse. Estou indo para Londres para resolver a questão com Ramsgate, e depois. — Disse ele com uma força maior. — Vamos conversar.

Silenciosamente, ela balançou a cabeça. Não podia fazer isso de novo. Era muito doloroso ouvi-lo contar histórias sobre finais felizes que nunca seriam para ela.

Ele caminhou até a porta.

—Vamos conversar. — Disse ele novamente.

Não foi até depois que ele a deixou que Anne sussurrou.

— Não. Nós não vamos.

Capítulo 16



Londres

Uma semana mais tarde

Ela estava de volta.

Daniel ouviu de sua irmã, que ouviu de sua mãe, que ouviu diretamente de sua tia.

A cadeia mais eficiente de comunicação que não podia imaginar.

Ele não esperava realmente que os Pleinsworths permanecessem na Colina Whipple por um tempo maior depois que ele os deixou. Ou, talvez, indo ao ponto, não pensou muito sobre o assunto, não até que vários dias se passaram com elas ainda no campo.

Mas como se viu depois, foi provavelmente o melhor para elas (e com elas queria realmente dizer Anne) que ficou fora da cidade. Foi uma semana ocupada e frustrante, e saber da presença da Senhorita Wynter, a pouca distância também era uma distração que ele não podia se permitir.

Ele falou com Hugh. De novo. E Hugh falou com seu pai. De novo. E quando Hugh voltou informando a Daniel que ainda não pensava ter seu pai se envolvido nos recentes ataques, Daniel ficou muito irritado. Hugh fez o que Daniel deveria ter feito semanas antes.

Ele o levou para falar com Lorde Ramsgate diretamente.

E agora Daniel estava completamente perdido, porque ele também não acreditava que Lorde Ramsgate tivesse tentado matá-lo. Talvez ele fosse um tolo e apenas quisesse acreditar que este capítulo horrível de sua vida finalmente tivesse acabado, mas a fúria não esteve nos olhos de Ramsgate. Não como a última vez que se encontraram, logo após Hugh ter sido baleado.

Além disso, havia a ameaça de suicídio de Hugh. Daniel não tinha certeza se seu amigo era brilhante ou louco, mas de qualquer forma, quando ele reiterou sua promessa de se matar se qualquer coisa desagradável acontecesse com Daniel, foi de arrepiar. Lorde Ramsgate ficou visivelmente abalado, mesmo que não fosse a primeira vez que ele ouvisse seu filho fazer a ameaça. Mesmo Daniel se sentiu mal, sendo testemunha de tal promessa profana.

E acreditava. O olhar nos olhos de Hugh... gelado quase inexpressivo enquanto fazia a declaração... Foi aterrorizante.

Tudo isso significava que quando Lorde Ramsgate praticamente cuspiu em Daniel, prometendo que não lhe faria mal nenhum, Daniel acreditou nele.

Isso foi há dois dias, dois dias durante os quais Daniel teve pouco a fazer senão pensar. Sobre quem mais poderia querer vê-lo morto. Sobre o que poderia ter significado quando Anne disse que não poderia ser responsável por ele. Sobre os segredos que estava escondendo, e por que ela disse que ele não tinha todas as informações.

Droga, o que isso queria dizer?

Poderia o ataque ter sido dirigido a *ela*? Não era inconcebível que alguém pudesse ter percebido que ela estaria voltando para casa em seu cabriolé. Eles, certamente, ficaram dentro da pousada tempo suficiente para alguém sabotar o cabriolé.

Ele pensou em voltar ao dia em que ela entrou na loja do Sr. Hoby com os olhos arregalados e aterrorizados. Ela disse que havia alguém que não queria ver.

Quem?

Será que não percebia que ele poderia ajudá-la? Ele pode ter recentemente retornado do exílio, mas tinha posição, e com isso vinha o poder, certamente o suficiente para mantê-la segura. Sim, ele esteve fugindo por três anos, mas foi do marquês de Ramsgate.

Daniel era o Conde de Winstead, havia apenas alguns homens que o superavam. Um punhado de duques, alguns marqueses e os membros da realeza. Certamente Anne não tinha conseguido fazer um inimigo naquela população exaltada.

Mas quando marchou até a casa dos Pleinsworth para exigir uma entrevista, ele foi informado que ela não estava em casa.

E quando repetiu o pedido, na manhã seguinte, foi recebido com a mesma resposta.

Agora, várias horas depois, ele estava de volta, e desta vez sua tia apareceu em pessoa para entregar a recusa.

—Você deve deixar aquela pobre menina sozinha. — Disse ela bruscamente. Daniel não estava no clima para ser chamado atenção por sua tia Charlotte, então cortou e foi direto ao ponto.

—Preciso falar com ela.

—Bem, ela não está aqui.

—Oh, pelo amor de Deus, tia, eu sei que está.

—Plenamente admito que ela estava lá em cima, quando você veio esta manhã. — Lady Pleinsworth disse. —Felizmente, a Senhorita Wynter teve o bom senso de cortar esse flerte, mesmo que você não o tenha. Mas ela não está aqui agora.

—Tia Charlotte... — Alertou.

—Ela não está!— Seu queixo se levantou levemente no ar. —É a tarde livre. Ela sempre sai na sua tarde livre.

—Sempre?

—Até onde eu sei. — Sua tia levantou a mão com impaciência através do ar. — Ela tem recados, e... seja o que for que ela faz.

Seja o que for que ela faz. Que declaração.

—Muito bem. — Disse Daniel com voz cortante. —Vou esperar por ela.

—Oh, não, não vai.

—Você vai me impedir de ficar em sua sala de estar. — Disse ele, dando-lhe um olhar de incredulidade leve.

Ela cruzou os braços.

—Se for preciso.

Ele cruzou os braços.

—Sou seu sobrinho.

—E surpreendentemente, a relação não parece tê-lo impregnado com bom senso.

Ele olhou para ela.

—Isso foi um insulto. — Ela mencionou. — No caso de você ter dificuldade para resolver a questão.

Bom Deus.

—Se você se preocupa com a Senhorita Wynter. — Lady Pleinsworth continuou imperiosamente. — Você vai deixá-la em paz. Ela é uma mulher sensível, e eu a mantenho em seu emprego porque estou totalmente certa de que é você quem a persegue e não o contrário.

—Você falou com ela sobre mim?— Daniel exigiu. —Você a ameaçou?

—Claro que não. — Retrucou a tia, mas ela desviou o olhar por um segundo e Daniel soube que estava mentindo. —Como se eu fosse ameaçá-la. — Continuou ela em um acesso de raiva. — E, além disso, ela não precisa de um interlocutor. Ela sabe como o mundo funciona, mesmo se você não sabe. O que aconteceu na Colina Whipple deve ser esquecido.

—*O que aconteceu?*— Daniel ecoou, o pânico crescendo dentro dele enquanto se perguntava a que, precisamente, sua tia estava se referindo. Será que alguém descobriu sobre sua visita ao quarto de Anne? Não, isso era impossível. Anne teria sido jogada para fora da casa, se tivesse sido esse o caso.

—Seu tempo sozinho com ela. — Lady Pleinsworth esclareceu. —Não pense que não sabia. Por mais que eu gostaria de acreditar que você de repente se interessou por Harriet, Elizabeth e Frances, qualquer idiota poderia ver que você estava ofegante atrás da Senhorita Wynter como um cachorro.

—Outro insulto, suponho. — Ele disse.

Ela apertou os lábios, mas de outra forma ignorou seu comentário.

—Não quero ter que deixá-la ir. — Disse ela. — Mas se você procurá-la, não tenho escolha. E pode ter certeza de que nenhuma família de boa posição iria contratar uma governanta que se associa com um conde.

—Associa?— Ele repetiu, com a voz em algum lugar entre a descrença e nojo. — Não a insulte com a palavra.

Sua tia recuou e olhou-o.

—Não sou *eu* quem a insulta. Na verdade, eu aplaudo a Senhorita Wynter por possuir bom senso, onde você não possui. Fui advertida para não contratar uma mulher tão jovem e atraente como governanta, mas apesar de sua aparência, ela é extremamente inteligente. E as meninas a adoram. Gostaria que a discriminasse por sua beleza?

—Não. — Ele disse, pronto para escalar as paredes com frustração. —E o que diabos têm que a ver com alguma coisa? Eu só quero falar com ela. —Sua voz se elevou, no final, chegando perigosamente perto de um rugido.

Lady Pleinsworth nivelou um olhar a seu rosto.

—Não. — Ela disse.

Daniel quase mordeu a língua para não agarrá-la. A única maneira que sua tia o deixaria ver Anne era se ele dissesse a ela que suspeitava que ela fosse o alvo do ataque na Colina Whipple. Mas qualquer coisa que sugerisse um passado escandaloso a teria demitido imediatamente, e ele não seria a causa de sua perda de emprego.

Finalmente, a sua paciência se desgastou, ele soltou um entre dentes suspiro e disse.

—Eu preciso falar com ela uma vez. Só uma vez. Ela pode ficar em sua sala de estar com a porta entreaberta, mas eu insistiria em privacidade.

Sua tia olhou-o desconfiado.

—Uma vez?

— Uma vez. — Não foi estritamente verdadeiro, ele desejava muito mais do que isso, mas era tudo o que iria pedir.

—Vou pensar sobre isso. — Ela fungou.

—Tia Charlotte!

—Oh, muito bem, apenas uma vez, e só porque eu gosto de acreditar que a sua mãe criou um filho que tem algum senso do certo e errado.

—Oh, pelo amor de...

—Não blasfeme na minha frente. — Alertou. — Ou repensarei minha decisão. Daniel fechou a boca, cerrando os dentes com tanta força que ele esperava virar pó.

—Você pode visitá-la amanhã. — Lady Pleinsworth concedeu. —Às onze horas da manhã. As meninas planejam ir às compras com Sarah e Honoria. Eu preferiria não tê-las em casa enquanto você estiver... — Ela parecia não saber como descrevê-lo, em vez disso balançou a com desagrado no ar.

Ele acenou com a cabeça, em seguida, curvou-se, em seguida, à esquerda.

Mas, como sua tia, não viu Anne, observando-os a partir de uma fresta na porta próxima a sala, ouvindo cada palavra que dizia.

Anne esperou até que Daniel saísse da casa, em seguida, olhou para a carta em suas mãos. Lady Pleinsworth não estava mentindo, ela saiu para executar suas tarefas. Mas voltou pela porta dos fundos, como era seu costume quando as meninas não estavam com ela. Ela estava em seu caminho até o quarto quando percebeu que Daniel estava no hall de entrada. Ela não deveria ter escutado, mas não se conteve. Não foi tanto o que ele disse, só queria ouvir sua voz.

Seria a última vez que o ouviria.

A carta era de sua irmã Charlotte e estava atrasada, como era de se esperar já que Anne não foi recolher sua correspondência desde quando esteve na Colina Whipple. A casa postal onde não esteve desde o dia em que entrou na loja do sapateiro em pânico. Se tivesse esta carta antes de pensar ver George Chervils, não teria se assustado.

Teria ficado apavorada.

De acordo com Charlotte, ele esteve a casa novamente, desta vez quando o Senhor e Senhora Shawcross estavam fora. Ele primeiro tentou convencê-la a revelar o paradeiro de Anne, então esbravejou e gritou até os lacaios aparecerem, preocupados com a segurança de Charlotte. Ele a deixou, mas não até que revelasse que sabia que Anne estava trabalhando como governanta para uma família aristocrática, e que como era primavera, ela estava provavelmente em Londres. Charlotte achava que ele não sabia qual a família para a qual Anne estava trabalhando, senão por que teria gasto tanta energia tentando conseguir a resposta dela? Ainda assim, ficou preocupada e implorou a Anne para tomar cuidado.

Anne amassou a carta em suas mãos, em seguida, olhou para o fogo queimando na lareira. Ela sempre queimava as cartas de Charlotte, depois que as recebia. Era doloroso a cada vez, essas palavras no papel eram a sua única ligação com sua antiga vida, e mais de uma vez se sentou em sua escrivaninha pequena, piscando para conter as lágrimas enquanto ela traçava a letra familiar de Charlotte com o dedo indicador. Mas Anne não tinha ilusões de que tinha privacidade como uma criada e não tinha ideia de como poderia explicar-lhes se fosse descoberta. Desta vez, porém, alegremente jogou o papel no fogo.

Bem, não alegremente. Não tinha certeza de que faria qualquer coisa alegremente, nunca mais. Mas ela aproveitou ao destruí-la, no entanto triste e furiosa pela missão cumprida.

Ela fechou os olhos, mantendo-os bem fechados contra as lágrimas. Ela certamente deixaria as Pleinsworths. E isso a irritava enormemente. Esta foi a melhor posição que já teve. Não estava presa em uma ilha com uma senhora de idade, presa em um círculo interminável de tédio. Ela não tinha que trancar a porta à noite contra um homem bruto, que parecia pensar que deveria educá-la, enquanto seus filhos dormiam. Gostava de estar com os Pleinsworths. Foi o mais próximo que ela já se sentiu de casa, desde ... desde...

Desde que saiu de casa.

Obrigou-se a respirar, então logo enxugou as lágrimas com as costas da mão. Mas então, quando estava prestes a ir para o salão principal e subir as escadas, uma batida soou

na porta. Era, provavelmente, Daniel, ele devia ter esquecido algo.

Ela correu de volta para a sala de estar, puxando a porta até quase se fechar. Ela devia fechar completamente, sabia disso, mas poderia muito bem ser seu último vislumbre dele. Com seu olho na fresta, ela viu como o mordomo atendia a batida. Mas, quando Granby abriu a porta, ela não viu Daniel, mas um homem que nunca viu antes.

Ele era um homem de aparência comum, vestido com roupas que o marcavam como alguém que trabalhava. Não um trabalhador comum, ele estava muito limpo e arrumado para isso. Mas havia algo rude nele, e quando ele falou, seu sotaque tinha a cadência dura do Leste de Londres.

—As entregas estão na parte traseira. — Granby disse imediatamente.

—Não estou aqui para fazer uma entrega. — O homem disse, com um aceno de cabeça. O sotaque podia ser grosseiro, mas seus modos eram educados, e o mordomo não fechou a porta em sua cara.

—O que, então, é o seu negócio?

—Estou à procura de uma mulher que pode viver aqui. Senhorita Annelise Shawcross.

Anne parou de respirar.

—Não há ninguém aqui com esse nome. — Granby, disse secamente. —Se me desculpa.

—Ela pode chamar-se de outra forma. — O homem cortou. —Não sei que nome está usando, mas ela tem o cabelo escuro, olhos azuis, e me disseram que é muito bonita. — Ele encolheu os ombros. —Nunca a vi por mim mesmo. Ela poderia estar trabalhando como uma criada. Mas ela é de pequena nobreza, não se enganem.

Anne corpo ficou tensa. Não havia maneira de Granby não reconhecê-la a partir dessa descrição.

Mas Granby disse.

— Isso não soa como alguém nesta casa. Bom dia, senhor.

O rosto do homem se apertou com determinação, e ele enfiou o pé na porta antes de Granby pode fechá-la.

—Se mudar de ideia, senhor. — Disse ele, segurando a porta. — Aqui está o meu cartão.

Os braços de Granby permaneceram rigidamente de lado.

— Não mudarei de ideia.

—Se é o que você diz. — O homem colocou o cartão de volta no bolso, esperou por mais um momento, e então deixou a casa.

Anne colocou a mão sobre o coração e tentou respirar profunda e silenciosamente. Se tinha alguma dúvida de que o ataque na Colina Whipple era trabalho de George Chervils, foram embora agora. E se ele estivesse disposto a arriscar a vida do Conde de Winstead

para realizar sua vingança, não pensaria duas vezes antes de prejudicar uma das filhas de Pleinsworth.

Anne arruinou sua vida quando se deixou seduzir aos dezesseis anos, mas seria condenada antes que permitisse destruir ninguém. Ela teria que desaparecer. Imediatamente. George sabia onde ela estava, e ele sabia quem ela era.

Mas ela não podia deixar a sala de estar até Granby sair da sala, e ele estava ali, congelado na posição com a mão na maçaneta da porta. Então ele se virou, e quando fez isso... Anne deveria ter se lembrado de fechar a porta. Se fosse Daniel, não teria percebido que a porta do salão estava entreaberta, mas Granby? Era como agitar uma bandeira vermelha na frente de um touro. A porta deveria estar aberta, ou fechada. Mas nunca entreaberta, com uma tira de ar em uma polegada de largura.

E, claro, ele a viu.

Anne não fingir se esconder. Devia-lhe muito, depois do que ele fez por ela. Ela abriu a porta e saiu para o corredor.

Seus olhos se encontraram, e ela esperou, a respiração presa, mas ele só balançou a cabeça e disse.

— Senhorita Wynter.

Ela assentiu com a cabeça em resposta, então fazendo uma reverência pequena de respeito.

—Sr. Granby.

—É um dia bom, não é? Ela engoliu em seco.

—Sim.

—A sua tarde de folga, eu acredito?

—De fato, senhor.

Ele acenou com a cabeça mais uma vez, em seguida, disse, como se nada de extraordinário tivesse ocorrido.

—Continue. Siga em frente.

Não era isso o que ela sempre fazia? Por três anos, na Ilha de Man, nunca vendo uma pessoa de sua idade, exceto o sobrinho da Sra. Summerlin, que gostava de persegui-la ao redor da mesa de jantar. Então, durante nove meses perto de Birmingham, apenas para ser demitida sem uma referência quando a Sra. Barraclough pegou o Sr. Barraclough batendo em sua porta. Então, três anos em Shropshire, que não foram muito ruins. Sua patroa era uma viúva e seus filhos a visitavam frequentemente desde que estavam na universidade. Mas, então, as filhas tiveram a ousadia de crescer, e Anne foi informada de que seus serviços não eram mais necessários.

Mas ela continuou. Ela teve uma segunda carta de referência, o que era o que precisava para ganhar uma posição na casa Pleinsworth. E agora que ela estava indo embora, para continuar novamente.

Embora aonde iria, não tinha ideia.

Capítulo 17



No dia seguinte, Daniel chegou a Pleinsworth, precisamente cinco minutos antes das onze. Ele havia preparado em sua mente uma lista de perguntas que queira fazer para Anne, mas quando o mordomo abriu a porta da casa, foi recebido com um alvoroço considerável. Harriet e Elizabeth estavam gritando uma com a outra no final do corredor, a mãe estava gritando com as duas e, em um banco sem encosto perto da porta da sala de estar, três criadas estavam soluçando.

—O que está acontecendo? — Ele perguntou a Sarah, que estava tentando consolar uma Frances visivelmente perturbada na sala de estar.

Sarah lançou lhe um olhar impaciente.

—É a senhorita Wynter. Ela desapareceu. O coração de Daniel parou.

—O quê? Quando? O que aconteceu?

—Não sei. — Sarah disse. —Não estava a par de suas intenções. — Ela lançou lhe um olhar irritado antes de voltar para Frances, que estava chorando tanto que ela mal podia respirar.

—Ela foi embora antes das aulas desta manhã. — Frances soluçou.

Daniel olhou para sua jovem prima. Os olhos de Frances estavam avermelhados e irritados, suas bochechas estavam manchadas com lágrimas, e seu pequeno corpo tremia incontrolavelmente. Ele a olhou, e percebeu como ela se sentia. Forçando para baixo seu terror, ele se agachou ao lado dela para que pudesse olhá-la nos olhos.

—A que horas vocês começariam as aulas? — Perguntou. Frances engasgou com ar, depois soltou.

—Antes das nove.

Daniel virou furiosamente de volta para Sarah.

—Ela se foi há quase duas horas e ninguém me informou?

—Frances, por favor. — Implorou Sarah. — Você deve tentar parar de chorar. E não... — Ela disse com raiva, levantando a cabeça para enfrentar Daniel. — Ninguém lhe informou. Por que teríamos que fazê-lo?

—Não brinque comigo, Sarah. — Alertou.

—Pareço estar brincando? — Ela retrucou, antes de moderar a sua voz para sua irmã.
—Frances, por favor, querida, tente respirar profundamente.

—Deveria ter me chamado. — Disse Daniel bruscamente. Ele estava perdendo a paciência. Pelo que sabia, o inimigo de Anne, agora estava certo que ela tinha um, a tirou de sua cama. Ele precisava de respostas e não de repreensões hipócritas de Sarah.

—Ela se foi, pelo menos, há noventa minutos. — Ele disse a ela. —Você deveria ter...

—O que?— Sarah cortou. — O que deveríamos ter feito? Desperdiçado nosso tempo valioso avisando? Você, que não têm qualquer ligação ou reclamação em relação a ela? Você, cujas intenções são...

—Vou me casar com ela. — Ele interrompeu.

Frances parou de chorar, o rosto se erguendo na direção de seus olhos brilhantes, com esperança. Até as empregadas, ainda lado a lado de três no banco, ficou em silêncio.

—O que você disse? — Sarah sussurrou.

—Eu a amo. — Disse ele, percebendo a verdade conforme as palavras saiam de seus lábios. —Quero me casar com ela.

—Oh, Daniel. — Frances gritou, deixando Sarah de lado e jogando os braços ao redor dele. —Você tem que encontrá-la. Deve fazer isso!

—O que aconteceu?— Ele perguntou a Sarah, que ainda estava olhando para ele de queixo caído. —Diga-me tudo. Ela deixou um bilhete?

Ela assentiu com a cabeça.

—Mamãe o tem. Ele não fala muito, no entanto. Só que ela estava arrependida, mas tinha que ir.

—Ela disse que me mandou um abraço. — Disse Frances, abafando suas palavras em seu casaco.

Daniel deu um tapinha nas costas dela enquanto olhava firmemente para Sarah.

—Ela deu qualquer indicação de que poderia não tê-las deixado por sua própria vontade?

Sarah olhou boquiaberta.

—Você não acha que alguém a sequestrou?

—Não sei no que pensar. — Admitiu.

—Nada estava fora do lugar no quarto dela. — Sarah disse. —Todos os seus pertences haviam desaparecido, mas nada estava errado. Sua cama estava bem feita.

—Ela sempre faz a sua cama. — Frances fungou.

—Alguém sabe quando ela saiu?— Daniel perguntou. Sarah balançou a cabeça.

—Ela não tomou o café da manhã. Por isso, deve ter sido antes.

Daniel amaldiçoou exasperado, então, cuidadosamente desembaraçou-se das garras

de Frances. Não tinha ideia de como buscaria Anne, não sabia nem por onde começar. Ela havia deixado tão poucas pistas. Seria risível se não estivesse tão aterrorizado. Ele sabia... o que? A cor dos olhos de seus pais? Bem, agora, não era algo que iria ajudá-lo a encontrá-la.

Ele não tinha nada. Absolutamente nada.

—Milorde?

Ele olhou para cima. Era Granby, o mordomo de longa data dos Pleinsworth, e ele parecia estranhamente perturbado.

—Posso ter uma palavra com você, milorde? — Granby perguntou.

—É claro. — Daniel se afastou de Sarah, que estava observando os dois homens com curiosidade e confusão, fazendo sinal para Granby segui-lo para a sala de estar.

—Ouvi milorde conversando com Lady Sarah. — Granby disse desconfortavelmente. —Não tinha a intenção de escutar.

—É claro. — Disse Daniel rapidamente. —Vá em frente.

—O milorde vai... cuidar da Senhorita Wynter?

Daniel considerou o mordomo cuidadosamente, depois assentiu.

—Um homem veio ontem. — Granby disse. —Eu deveria ter dito algo a Lady Pleinsworth, mas não tinha certeza, e não queria contar historinha sobre a senhorita Wynter que poderia acabar não sendo nada. Mas agora parece certo que ela se foi...

—O que aconteceu? — Daniel perguntou imediatamente. O mordomo engoliu nervosamente.

—Um homem chegou perguntando pela senhorita Annelise Shawcross. Mande-o embora imediatamente, dizendo que não havia ninguém aqui com esse nome. Mas ele foi insistente e disse que a Senhorita Shawcross poderia estar usando um nome diferente. Não gostei dele, milorde, posso te dizer isso. Ele era... — Granby balançou a cabeça um pouco, quase como se estivesse tentando desalojar uma lembrança ruim. — Não gostei dele. — Disse ele novamente.

—O que ele disse?

—Ele a descreveu. Esta Senhorita Shawcross. Disse que ela tinha cabelos escuros e olhos azuis, que ela era muito bonita.

—A Senhorita Wynter. — Daniel disse calmamente. Ou melhor, *Annelise Shawcross*. Esse era seu nome verdadeiro? Por que ela mudou?

Granby assentiu.

—É exatamente como eu a descreveria.

—O que disse a ele?— perguntou, tentando manter a urgência de sua voz. Granby estava se sentindo culpado o suficiente por não ter falado sobre isso antes, Daniel conseguia ver isso.

—Disse que não tinha ninguém na residência que correspondesse a essa descrição.

Como eu disse, não gostei de seu aspecto e não colocaria em risco o bem-estar da senhorita Wynter. —Ele fez uma pausa. —Gosto de nossa Senhorita Wynter.

—Eu também. — Daniel disse suavemente.

—É por isso que estou lhe contando. — Granby disse, sua voz finalmente encontrando algo do vigor que geralmente estava imbuído. —Milorde, tem que encontrá-la.

Daniel deu um suspiro longo e instável e olhou para suas mãos. Estavam tremendo. Isso tinha acontecido antes, várias vezes de volta à Itália, quando os homens de Ramsgate se aproximavam. Algo percorria seu corpo, uma espécie de terror no sangue, e que havia levado horas para se sentir normal de novo. Mas isso era pior. Seu estômago se agitou e seus pulmões pareciam apertado, e mais do que tudo, queria vomitar.

Sabia que era o medo. Isto ia além do medo. Ele olhou para Granby.

—Você acha que esse homem a levou?

—Não sei. Mas depois que ele saiu, eu a vi. —Granby se virou e olhou para a direita, e Daniel perguntou se ele estava recriando a cena em sua mente. —Ela estava na sala de estar. — Disse ele. — Bem ali ao lado da porta. Ela ouviu tudo.

—Você tem certeza?— Daniel perguntou.

—Ele estava bem ali. — Granby disse calmamente. —Ela é a mulher que ele procura. E ela sabia que eu sabia.

—O que você disse a ela?

—Acredito que comentei sobre o clima. Ou algo de pouca importância. E então disse-lhe para seguir em frente. —Granby limpou a garganta. —Acredito que ela entendeu que eu não tinha a intenção de delatá-la.

—Tenho certeza que ela entendeu isso. — Daniel disse severamente. —Mas ela pode ter sentido que deveria ir embora, no entanto. — Ele não sabia o quanto Granby sabia sobre o acidente da carruagem em Whipple. Como todo mundo, ele provavelmente pensou que foi um trabalho de Ramsgate. Mas Anne obviamente tinha outra suspeita, e estava claro que quem tinha tentado machucá-la não se importava com outra pessoa ferida também. Anne nunca permitiria colocar uma das meninas Pleinsworth em risco. Ou...

Ou ele. Ele fechou os olhos por um momento. Ela provavelmente pensou que o estava protegendo. Mas se alguma coisa acontecesse com ela...

Nada iria destruí-lo de forma mais completa.

—Vou encontrá-la. — Disse ele a Granby. —Pode ter certeza disso.

Anne esteve sozinha antes. Na verdade, passou a maior parte dos últimos oito anos na solidão. Mas quando se sentou encolhida em sua cama dura na pensão, vestindo seu casaco sobre a camisola para impedir a entrada do frio, percebeu que nunca conheceu a miséria.

Não assim.

Talvez deveria ir para o campo. Era mais limpo. Provavelmente menos perigoso. Mas

Londres era anônimo. As ruas cheias de gente poderiam engoli-la, torná-la invisível.

Mas as ruas também podiam mastigá-la.

Não havia trabalho para uma mulher como ela. Senhoras com seu sotaque não funcionavam como costureiras ou balconistas. Ela andava para cima e para baixo pelas ruas de seu bairro novo, um lugar marginal respeitável que se espremia entre as áreas de classe média e favelas. Ela entrou em todos os estabelecimentos que possuíam plaquinhas oferecendo empregos em suas vitrines e entrou em alguns sem elas. Diziam que não iria durar muito tempo, que suas mãos eram muito moles e seus dentes muito limpos. Os homens riam, e então ofereciam um tipo diferente de trabalho.

Ela não conseguiria uma posição como uma governanta ou dama de companhia sem uma carta de referência, mas as duas recomendações preciosas que ela tinha em sua posse eram para Anne Wynter. E ela não poderia ser mais Anne Wynter.

Ela dobrou as pernas ainda mais apertadas contra si e deixou descansar rosto contra os joelhos, fechando os olhos com força. Ela não queria ver este quarto, não queria ver seus pertences que pareciam poucos em tal lugar minúsculo. Ela não queria ver a noite úmida através da janela, e acima de tudo, não queria se ver.

Ela estava sem nome de novo. E isso doía. Doía como uma faca em seu coração. Era uma coisa terrível, um medo intenso que se assentava sobre ela todas as manhãs, e tudo o que ela poderia fazer era balançar as pernas para o lado da cama e colocar os pés no chão.

Não era como antes, quando sua família a tinha mandado embora de casa. Pelo menos, ela tinha um lugar para ir. Tinha um plano. Não um de sua escolha, mas sabia o que deveria fazer e quando deveria fazê-lo. Agora ela tinha dois vestidos, um casaco, e onze libras, e não havia perspectivas de ir, salvo para a prostituição.

E ela não poderia fazer isso. Meu Deus, não podia. Ela deu-se muito livremente uma vez antes, e não iria cometer o mesmo erro duas vezes. E seria muito, muito cruel ter que se submeter a um estranho quando interrompeu Daniel antes de concluírem a união deles.

Disse não porque... Não tinha certeza. Hábito, possivelmente. Medo. Ela não queria ter um filho ilegítimo, e não queria forçar um homem a um casamento, que de outra forma, não escolheria uma mulher como ela.

Mas acima de tudo, ela precisava agarrar-se. Não ao orgulho, exatamente, a algo mais, algo mais profundo.

Seu coração.

Era a única coisa que ela ainda tinha que era puro e totalmente dela. Ela tinha dado seu corpo para George, mas apesar do que pensou na época, ele nunca teve seu coração. E quando a mão de Daniel foi para abrir sua calça, se preparando para fazer amor com ela, ela soube que se o deixasse, se ela *se deixasse*, ele teria seu coração para sempre.

Mas a piada era sobre ela. Ele já o tinha. Ela foi e fez a coisa mais tola que se pudesse imaginar. Havia se apaixonado por um homem que nunca poderia ter.

Daniel Smythe-Smith, Conde de Winstead, Visconde Streathermore, Barão Touchton de Stoke. Ela não queria pensar nele, mas pensava todas as vezes que fechava os olhos.

Seu sorriso, sua risada, o fogo em seus olhos quando ele olhava para ela.

Ela não achava que a amava, mas sentia que ele deve ter chegado perto. Ele se importava, pelo menos. E talvez se fosse outra pessoa, alguém com um nome e posição, alguém que não tinha um louco tentando matá-la... Talvez, então, quando ele tão estupidamente dissesse.

— E se eu me casar com você? — Ela teria se jogado em seus braços e gritado.

—Sim! Sim! Sim!

Mas ela não tinha uma espécie de “sim” como opção na vida. A sua era uma série de “nãos”. E foi isso que a trouxe a esse momento, estava tão sozinha fisicamente como tinha estado sozinha por tantos anos em espírito.

Seu estômago soltou um gemido alto e suspirou. Anne tinha se esquecido de comprar o jantar antes de voltar para a pensão e, agora, estava morrendo de fome. Ela provavelmente iria ter de usar suas últimas moedas.

Seu estômago roncou novamente, desta vez com raiva, e Anne abruptamente balançou as pernas para o lado da cama.

—*Não.* — disse em voz alta. Embora o que realmente quisesse dizer era sim. Estava com fome, maldição, buscaria algo para comer. Pela primeira vez em sua vida diria sim, mesmo que fosse apenas para um pastel de carne e meio copo de cidra.

Ela olhou para seu vestido, colocou-o cuidadosamente sobre a cadeira. Ela realmente não estava com vontade de vesti-lo. Seu casaco a cobria da cabeça aos pés. Se colocasse os sapatos e as meias e prendesse o cabelo, ninguém jamais saberia que ela estava apenas de camisola.

Ela riu a primeira vez em dias. Que maneira estranha de ser malvada.

Alguns minutos depois, estava na rua, fazendo seu caminho para uma loja de comida pequena pela qual passava todos os dias. Ela nunca entrou, mas o cheiro que saía cada vez que a porta se abria... oh, era celestial. Pastéis Cornish e tortas de carne, rolos quentes e o só Deus sabe o que mais.

Ela sentiu-se quase feliz, percebeu, uma vez que teve as mãos ao redor de sua refeição com pão torrado. O lojista envolveu sua comida em papel, e Anne estava levando-a de volta ao quarto. Alguns hábitos não morriam, ela ainda tinha muito de uma dama para não comer na rua, apesar do resto da humanidade parecer estar fazendo isso ao redor dela. Poderia parar e comprar a cidra em frente a sua pensão, mas quando se voltou para seu quarto, ouviu.

—Você!

Anne continuou andando. As ruas deste bairro eram altas, cheias de tantas vozes, que nunca lhe ocorreu que um vira-lata...

—Você! — Poderia realmente ser dirigido a ela. Mas em seguida, ela ouviu novamente, mais perto.

—Annelise Shawcross.

Ela nem mesmo virou para olhar. Conhecia essa voz, e melhor, a voz sabia seu verdadeiro nome. Ela correu.

Sua ceia preciosa escorregou de seus dedos e ela correu mais rápido do que jamais teria pensado ser capaz. Ela correu pelos cantos, fez seu caminho pela multidão, sem pedir desculpas. Correu até seus pulmões queimarem e sua camisola grudar na pele, mas no final, não foi páreo para o simples grito de George.

—Peguem-na! Por favor! Minha esposa!

Alguém pegou, provavelmente porque ele parecia ser tão grato. Então, quando chegou a seu lado, ele disse para o homem corpulento cujos braços estavam segurando-a.

— Ela não está bem.

—Não sou sua mulher!— Anne gritou, lutando contra o aperto de seu captor. Ela se contorceu e virou, batendo a perna com o quadril, mas ele não se deixou influenciar.

—Não sou sua esposa. — Disse ela, tentando soar razoável e sensata. —Ele é louco. Está correndo atrás de mim durante anos. Não sou a esposa dele, eu juro.

—Venha agora, Annelise. — George disse em uma voz calma. —Você sabe que não é verdade.

—Não. — Ela gritou, resistindo contra os dois homens agora. —Não sou sua mulher!
— Ela gritou novamente. —Ele vai me matar!

Finalmente, o homem que a agarrou por George começou a olhar inseguro.

—Ela diz que não é sua esposa. — Disse ele com uma careta.

—Eu sei. — George disse com um suspiro. —Ela está assim há vários anos. Tivemos um bebê.

—O que?— Anne uivou.

—Natimorto. — George disse para o outro homem. —Ela nunca superou isso.

—Mente!— Anne gritou.

Mas George apenas suspirou e seus olhos se encheram de lágrimas.

—Tenho que aceitar que ela nunca mais vai ser a mulher com quem me casei.

O homem olhou de cara triste para George e para Anne, que estava se contorcendo de raiva e ele deve ter decidido que dos dois, George era provavelmente o mais sensato, por isso a entregou.

—Boa sorte. — Disse ele.

George agradeceu profusamente, então aceitou sua ajuda e seu lenço para amarrar as mãos de Anne. Quando isso foi feito, ele deu-lhe um puxão e tropeçou contra ele, estremeando de repulsa quando seu corpo se pressionou contra o comprimento do dele.

—Oh, Annie. — Disse ele. — É tão bom ver você de novo.

—Você cortou o arreio. — Disse ela, em voz baixa.

—Cortei. — Disse ele com um sorriso orgulhoso. Em seguida, ele franziu a testa.

—Pensei que você ficaria mais gravemente ferida.

—Você poderia ter matado Lorde Winstead!

George apenas encolheu os ombros, e nesse momento ele confirmou todas as suspeitas mais sombrias de Anne. Ele era louco. Total e completamente louco, de verdade. Não poderia haver outra explicação. Nenhuma pessoa sã iria arriscar matar alguém da nobreza a fim de chegar até ela.

—E quanto ao ataque?— Ela exigiu. —Quando nós pensamos que eram apenas ladrões?

George olhou para ela como se ela estivesse falando em línguas.

—O que você está falando?

—Quando Lorde Winstead foi atacado!— Ela praticamente gritou. —Por que você faria uma coisa dessas?

George recuou, o lábio superior se enrolou com condescendência e desprezo.

—Não sei do que você está falando. — Ele zombou. — Mas o seu precioso Lorde Winstead tem inimigos de sua autoria. Ou você não sabe a história sórdida?

—Você não está em condições de falar o nome dele. — Ela sussurrou. Mas ele apenas riu, em seguida, disse.

—Você tem alguma ideia de quanto tempo eu estava esperando por esse momento?

Todo o tempo que ela estava vivendo como um refugio da sociedade.

—Você?— Ele rosnou, agarrando o lenço amarrado e torcendo-as violentamente. Ela cuspiu em seu rosto.

O rosto de George se manchou com raiva, sua pele ficou tão vermelha que as sobrancelhas loiras quase brilhavam em relevo.

—Isso foi um erro. — Ele sussurrou e a puxou furiosamente em direção a um beco escuro. —Bem típico de você escolher um bairro de má reputação. — Ele riu. — Ninguém vai sequer olhar duas vezes quando eu...

Anne começou a gritar.

Mas ninguém lhe ouviu, e de qualquer maneira, ela só fez barulho por um momento. George deu um murro em seu estômago, e ela tropeçou contra uma parede, ofegante.

—Tive oito anos para imaginar este momento. — Disse ele em um murmúrio aterrorizante. —Oito anos para lembrar-me de você toda vez que me olhava no espelho.— Ele pressionou o rosto perto do dela, seus olhos selvagens de raiva. —Dê uma boa olhada no meu rosto, Annelise. Tive oito anos para cicatrizar, mas olhe! *Olhe!*

Anne tentou fugir, mas foi presa com as costas contra uma parede de tijolos, e George a agarrou pelo queixo e foi forçando-a a enfrentar seu rosto arruinado. A cicatriz tinha se curado melhor do que teria pensado, branca agora, em vez de vermelha, mas ainda enrugada, distorcendo sua bochecha em uma bissecção estranha de pele.

—Pensei em me divertir com você primeiro. — Disse ele. — Uma vez que não consegui fazer isso naquele dia, mas não me vejo em um beco sujo. — Seus lábios se torceram monstruoso. —Mesmo eu não pensei que chegaria tão baixo.

—O que quer dizer, com primeiro?— Anne sussurrou.

Mas ela sabia o que queria dizer. Ela sabia. Soube o tempo todo, e quando ele puxou uma faca, ambos sabiam exatamente o que ele planejava fazer com ela.

Anne não gritou. Nem pensou. Não poderia ter dito o que fez, apenas percebeu dez segundos depois que George estava deitado na calçada, enrolado como um feto, incapaz de fazer um som. Anne estava sobre ele por um momento, ofegante, então o chutou forte, exatamente onde ele a golpeou antes, e depois, com as mãos ainda amarradas, correu.

Desta vez, porém, sabia exatamente para onde ir.

Capítulo 18



Às dez da noite, depois de mais um dia de busca infrutífera, Daniel foi para casa. Olhava para a calçada enquanto caminhava, contando seus passos como se de alguma forma puxasse cada pé na frente do outro.

Ele contratou investigadores particulares. Correu pelas ruas, parando em cada casa postal com a descrição de Anne e seus dois nomes. Ele encontrou dois homens que disseram se lembrar de alguém com esta descrição que enviava cartas, mas não se lembrava para onde as enviava. E, finalmente, um disse que enviava para uma senhora chamada Mary Philpott. Uma dama adorável, que uma vez por semana aparecia para saber se tinha recebido alguma carta exceto uma vez... foi há duas semanas? Ele ficou surpreso por não tê-la visto, especialmente porque tinha recebido uma carta na semana anterior e ela quase nunca passava mais de duas semanas sem aparecer.

Duas semanas. Corresponhia com o dia que a Anne entrou correndo na loja do Sr. Hoby parecendo como se tivesse visto um fantasma. Será que ela estava em seu caminho para pegar a carta quando correu desta pessoa misteriosa que não tinha a intenção de ver? Ele a levou para uma casa postal para postar a carta que ela levava em sua bolsa, mas não era uma Mary Philpott que recebia suas cartas.

De qualquer forma, o homem da casa continuou recebendo, ela voltou algumas semanas mais tarde. Terça-feira. Sempre terça-feira.

Daniel franziu o cenho. Ela desapareceu em uma quarta-feira.

Daniel deixou seu nome em todas as casas postais, junto com a promessa de uma recompensa se o notificassem da presença dela. Mas, além disso, ele não sabia o que fazer. Como se supunha que iria encontrar uma mulher em Londres?

E assim, ele apenas andou e andou e andou, constantemente procurando rostos em multidões. Teria sido como a proverbial agulha no palheiro, exceto que era pior. Pelo menos, a agulha estava no palheiro. Pelo o que sabia, Anne deixou a cidade de vez.

Mas estava escuro agora e ele precisava dormir, assim se arrastou de volta para Mayfair, rezando para que sua mãe e sua irmã não estivessem em casa quando chegasse. Elas não tinham perguntado o que ele fazia a cada dia desde o amanhecer até tarde da noite, e ele não contou a elas, mas elas sabiam. E era mais fácil assim, pois não teria que ver a pena em seus rostos.

Finalmente, chegou a sua rua. Estava tranquila e o único som foi o do seu próprio

gemido, quando levantou o pé para o primeiro degrau de pedra na entrada de Winstead. O único som que ouviu, foi alguém sussurrando seu nome.

Ele congelou.

—Anne?

Uma figura saiu das sombras, tremendo na noite.

—Daniel. — Disse ela novamente, e não disse mais nada, ele não ouviu. Ele desceu as escadas em um instante, e ela estava em seus braços, e pela primeira vez em quase uma semana, o mundo ficou firme em seu eixo.

—Anne. — Disse ele, tocando suas costas, os braços, o cabelo dela. —Anne, Anne, Anne. — Parecia a única coisa que conseguia dizer, apenas o nome dela. Ele beijou seu rosto, o topo de sua cabeça. —Onde você...

Ele parou, de repente percebendo que suas mãos estavam amarradas. Com cuidado, com muito cuidado para não aterrorizá-la com a extensão de sua fúria, ele começou a trabalhar com os nós em seus pulsos.

—Quem fez isso com você?— Perguntou ele.

Ela acabou de engolir, nervosa, molhando seus lábios enquanto estendia as mãos.

—Anne...

—Era alguém que eu conhecia. — Ela finalmente disse a ele. —Vou contar mais tarde para você. Só não agora. Não posso, preciso...

—Está tudo bem. —disse suavemente, apertando uma de suas mãos, em seguida, voltou a trabalhar sobre os nós. Eles foram furiosamente amarrados, e ela provavelmente fez pior com suas lutas. —Será apenas um momento. — Disse ele.

—Não sabia mais para onde ir. — Disse ela trêmula.

—Você fez a coisa certa. — Garantiu ele, puxando o pano de seus pulsos e jogando-o de lado. Ela começou a tremer, e até mesmo a respiração dela começou a tremer.

—Não consigo pará-las. — Disse ela, olhando para as mãos trêmulas, como se não as reconhecesse.

—Você vai ficar bem. — Disse ele, cobrindo as mãos com as dele. Ele segurou firme, tentando mantê-la estável. — São apenas seus nervos. A mesma coisa aconteceu comigo.

Ela olhou para ele, seus olhos enormes e questionando.

—Quando os homens de Ramsgate foram atrás de mim na Europa. — Explicou.

—Quando terminava e eu sabia que estava seguro. Algo dentro de mim se soltava, e eu tremia.

—Vai parar, então?

Ele deu um sorriso tranquilizador.

—Eu prometo.

Ela assentiu com a cabeça, naquele momento parecendo tão terrivelmente frágil, fez

tudo o que podia fazer para não envolver seus braços ao redor dela e tentar protegê-la do mundo inteiro. Em vez disso, ele se permitiu colocar o braço em volta dos ombros e conduzi-la em direção a sua casa.

—Vamos para dentro. — Disse ele. Estava tão abalado, com medo, com raiva, mas isso não tinha importância, tinha que levá-la para dentro. Ela precisava de cuidados. Provavelmente precisava de comida. E tudo o mais poderia se resolver depois.

—Podemos ir pela parte de trás. — Ela disse pausadamente. —Não sou, eu não posso...

—Você sempre vai usar a porta da frente. — Disse ele ferozmente.

—Não, não é isso, é... por favor. — Ela implorou. —Estou em tal estado. Não quero que ninguém me veja assim.

Ele pegou a mão dela.

—Eu vejo você. — Ele disse calmamente.

Seus olhos se encontraram, e ele podia jurar que viu desolação.

—Eu sei. — Ela sussurrou. Ele levou a mão aos lábios.

—Eu estava apavorado. — Disse a ela, mostrando sua alma nua. —Não sabia onde encontrá-la.

—Sinto muito. — Disse ela. —Não vou fazer isso de novo.

Mas havia algo em seu pedido de desculpas que o perturbou. Algo muito manso, muito nervoso.

—Tenho que te perguntar uma coisa. — Disse a ela.

—Em breve. — Prometeu. Ele guiou seus passos, então levantou a mão. —Espere um momento. — Ele olhou para dentro da sala, constatou que tudo estava quieto, então fez um gesto para que ela entrasse. —Dessa forma. — Ele sussurrou, e juntos eles silenciosamente correram até as escadas para o seu quarto.

Depois que ele fechou a porta atrás de si, no entanto, encontrou-se perdido. Ele queria saber tudo, quem fez isso com ela? Por que fugia? Quem era ela, realmente? Ele queria respostas e as queria agora.

Ninguém a trataria desta maneira. Não enquanto ele estivesse vivo.

Mas primeiro ela precisava se aquecer, e precisava simplesmente respirar e permitir-se perceber que estava segura. Ele esteve em seu lugar antes. Ele sabia o que era ser executado.

Ele acendeu uma lâmpada e depois outra. Eles precisavam de luz, ambos.

Anne ficou sem jeito perto da janela, esfregando seus pulsos, e pela primeira vez naquela noite, Daniel realmente olhou para ela. Sabia que estava desgrenhada, mas em seu alívio por tê-la finalmente encontrado, não percebeu o quanto. Seu cabelo estava preso de lado, mas pendurado solto no outro, o casaco estava faltando um botão, e havia um machucado no rosto dela que fez seu sangue gelar.

—Anne. — Disse ele, tentando encontrar as palavras para a pergunta que deveria ser feita. —Esta noite... Quem era esse...Fez ele...?

Ele não podia passar a palavra. Sentou-se na parte de trás de sua língua, saboreando como o ácido e raiva.

—Não. — Ela disse, segurando-se com dignidade. —Ele teria feito, mas quando ele me encontrou, eu estava fora, e... — Ela olhou de longe, então, apertando os olhos fechados contra a lembrança. —Ele me disse que... Ele disse que iria...

—Você não tem que dizer nada. — Ele disse rapidamente. Pelo menos não agora, quando estava tão chateada.

Mas ela balançou a cabeça, e seus olhos tinham uma determinação que não podia contradizer. —Eu quero dizer-lhe tudo. — Disse ela.

—Mais tarde. — Ele disse suavemente. —Depois de tomar um banho.

—Não. — Ela disse, sua voz quase estrangulada. —Você tem que me deixar falar. Eu estive fora por horas e tenho coragem.

—Anne, você não precisa de coragem para...

—Meu nome é Annelise Shawcross. — Ela deixou escapar. —E gostaria de ser sua amante. — E então, enquanto ele estava olhando para ela em descrença atordoada, ela acrescentou. —Se você me quiser.

Quase uma hora depois, Daniel estava de pé em sua janela, à espera de Anne para terminar o banho. Ela não queria que ninguém soubesse que estava em casa, então a tinha escondido em um guarda-roupa, enquanto vários homens de pé enchiam a banheira, e agora ela estava presumivelmente ainda imersa nela, esperando o frio do medo deixar seu corpo.

Ela tentou falar com ele sobre sua proposição, insistindo que era sua única opção, mas ele não foi capaz de ouvir. Para ela ter se oferecido de tal forma... Só podia ter feito isso estando completamente sem esperança.

E isso era algo que ele não podia imaginar.

Ele ouviu a porta de seu banheiro se abrir e quando se virou viu-a limpa novamente, com o cabelo molhado penteado longe de seu rosto e caídos sobre seu ombro direito. Ela os torceu alguma forma, não uma trança, mas como um espiral que mantinha os fios em um cabo grosso.

—Daniel?— Ela disse seu nome enquanto olhava pelo quarto, os pés descalços no tapete macio. Ela estava usando seu roupão, o azul meia-noite quase da mesma cor que seus olhos. Ficava enorme nela, caindo quase até os tornozelos, e ela tinha os braços em volta da cintura apenas para mantê-lo no lugar.

Ele pensou que ela nunca pareceu tão bonita.

—Estou aqui. — Disse ele, quando percebeu que ela não o viu de pé junto à janela. Ele tirou o casaco enquanto ela estava tomando banho, sua gravata e botas também. Disse a seu criado que não precisava de assistência, então Daniel tinha deixado as botas na porta, esperando que ele tomasse isso como um convite para levá-las de volta a seus aposentos e

poli-las.

Esta noite não era uma noite para interrupções.

—Eu espero que você não se importe por eu usar o roupão. — Anne disse, abraçando-se com mais força. —Não havia mais nada...

—Claro que não. — Respondeu ele, apontando para nada em particular. —Você pode usar qualquer coisa que quiser.

Ela assentiu com a cabeça, e até mesmo a partir de dez metros de distância, ele a viu engolir nervosamente.

—Ocorreu-me. — Disse ela, com a voz rouca quando falou. — Que você provavelmente já sabia o meu nome.

Ele olhou para ela.

— De Granby. — Ela esclareceu.

—Sim. — Disse ele. —Ele me contou sobre o homem que estava procurando por você. Era tudo que eu tinha para ir em frente quando estava procurando por você.

—Eu imagino que não foi de muita ajuda.

—Não. — Seus lábios se torceram em um sorriso irônico. —Eu achava que fosse Mary Philpott, no entanto.

Seus lábios se separaram com surpresa momentânea.

—Era o nome que eu costumava usar para escrever para a minha irmã Charlotte para que meus pais não percebessem que ela estava se correspondendo comigo. Foi através de suas cartas que eu soube que George ainda estava... — Ela parou. —Estou me adiantando.

As mãos de Daniel se apertaram com o som do nome de outro homem. Quem quer que fosse George, tinha tentado machucá-la. Matá-la. E a vontade de balançar os braços e socar algo era esmagadora. Ele queria encontrar este homem, feri-lo, fazê-lo entender que, se algo acontecesse a Anne novamente, Daniel iria destruí-lo com as próprias mãos.

E ele nunca se considerou um homem violento.

Ele olhou para Anne. Ela ainda estava de pé no centro do quarto, com os braços abraçando seu corpo.

—Meu nome é... Meu nome era Annelise Shawcross. — Disse ela. —Cometi um erro terrível quando tinha dezesseis anos e pago por ele desde então.

—Tudo o que você fez. — Ele começou, mas ela levantou a mão.

—Não sou virgem. — Disse ela, as palavras sem corte no ar.

—Não me importo. — Disse ele, e percebeu que não se importava.

—Deveria.

—Mas não me importo.

Ela sorriu para ele, tristemente, como se estivesse se preparando para perdôá-lo por mudar de ideia.

—O nome dele era George Chervils. — Disse ela. —Lorde George Chervils, agora que seu pai morreu. Cresci em Northumberland, em uma aldeia de tamanho médio, na parte ocidental. Meu pai é um cavalheiro. Tínhamos conforto, mas não éramos particularmente ricos. Ainda assim, éramos respeitados. Convidavam-nos a toda parte, e esperava-se que as minhas irmãs e eu fizéssemos bons casamentos.

Ele acenou com a cabeça. Era uma imagem fácil de imaginar em sua mente.

—Os Chervils são muito ricos, ou pelo menos eram, em comparação com todos os outros. Quando eu olho para isso... — Ela olhou ao redor de seu quarto elegante, com todos os luxos que ele costumava ter. Ele não teve conforto material enquanto estava na Europa, mas não poderia deixar de apreciar essas coisas novamente.

—Eles não tinham esse *status*. — Ela continuou. — Mas para nós, para todos no bairro, eles eram, sem dúvida, a família mais importante que conhecíamos. E George era filho único. Ele era muito bonito, dizia coisas lindas e pensei que o amasse. —Ela encolheu os ombros, impotente e olhou para o teto, como se pedindo perdão por ter sido uma jovem.

—Ele disse que me amava. — Ela sussurrou.

Daniel engoliu em seco e teve a estranha sensação, quase uma premonição do que seria ser pai. Algum dia, se Deus quisesse, ele teria uma filha, e sua filha se pareceria com a mulher em pé na frente dele, e se alguma vez ela olhasse para ele com uma expressão perplexa, sussurrando. —Ele disse que me amava...

Nada menos que assassinato seria uma resposta aceitável.

—Pensei que ele iria se casar comigo. — Disse Anne, trazendo seus pensamentos de volta para o aqui e agora. Ela parecia ter recuperado parte de sua compostura, e sua voz era rápida, quase profissional. —Mas a coisa é, ele nunca disse que faria isso. Nunca mencionou isso. Então, suponho que, de certa forma, a culpa seja minha.

—Não. — Daniel disse ferozmente, porque seja lá o que tivesse acontecido, sabia que não poderia ser culpa dela. Foi muito fácil adivinhar o que tinha acontecido a seguir. O homem rico e bonito, a menina impressionável e jovem... Era um quadro terrível e muito comum.

Ela lhe deu um sorriso agradecido.

—Não quis dizer que me culpo, porque não faço isso. Não mais. Mas eu deveria saber melhor.

—Anne...

—Não. — Ela disse, parando seu protesto. —Eu deveria saber melhor. Ele não mencionou casamento. Nem uma única vez. Achei que ele iria me pedir. Por que... Eu não sei. Apenas achei. Eu vinha de uma boa família. Nunca me ocorreu que ele não fosse querer se casar comigo. E... Oh, isso soa horrível agora, mas a verdade é que eu era jovem, bonita e sabia disso. Meu Deus, isso soa tão bobo agora.

—Não, não. — Daniel disse calmamente. —Todos nós fomos jovens.

—Eu deixei ele me beijar. — Disse ela, em seguida, em silêncio acrescentou. — E

então eu o deixei fazer muito mais.

Daniel manteve-se muito quieto, esperando a onda de ciúme que nunca veio. Ele estava furioso com o homem que tinha tirado vantagem de sua inocência, mas não sentia ciúmes. Não precisava ser seu primeiro, percebeu. Ele simplesmente precisava ser seu último.

O único.

—Você não tem que dizer nada sobre isso. — Disse ele. Ela suspirou.

—Não, eu quero. Não por causa disso. Por causa do que aconteceu em seguida.

—Ela atravessou a sala em uma explosão de energia nervosa e agarrou as costas de uma cadeira. Seus dedos no estofamento deu-lhe algo para olhar, quando ela disse. — Tenho que ser honesta, gostei do que ele fez até um certo ponto, e depois, bem, não foi terrível. Pareceu-me bastante estranho, realmente, e um pouco desconfortável.

Ela olhou para ele, seus olhos encontrando os dele com honestidade impressionante.

—Mas eu gostava do jeito que parecia fazê-lo se sentir. E isso me fez sentir poderosa, e na próxima vez que eu o vi, eu estava totalmente preparada para deixá-lo fazer tudo de novo.

Ela fechou os olhos e Daniel praticamente podia ver a lembrança em seu rosto.

—Foi uma noite tão linda. — Ela sussurrou. — Solstício de Verão, e por isso estava muito claro. Você poderia ter contado as estrelas para sempre.

—O que aconteceu?— Ele perguntou calmamente.

Ela piscou quase como se despertasse de um sonho, e quando falou, foi quase desconcertante.

—Eu descobri que ele tinha proposto casamento a outra pessoa. No dia depois de eu me entregar a ele, para ser exata.

A fúria que vinha crescendo dentro dele começou a crepitar. Ele nunca, nem uma vez na vida, sentiu raiva em nome de outra pessoa. Era isso o que o amor significava? Que a dor de outra pessoa pudesse cortar mais profundamente do que a dele própria?

—Ele tentou fazer seu jogo comigo, de qualquer maneira. — Continuou ela. — Ele disse que eu era... Não consigo me lembrar das palavras exatas, mas ele fez com que me sentisse uma prostituta. E talvez eu tenha sido isso, mas...

—Não. — Disse Daniel fortemente. Ele podia aceitar que ela deveria ter sabido melhor, que ela poderia ter sido mais sensata. Mas nunca permitiria que ela pensasse isso de si mesma. Ele atravessou o quarto, e suas mãos caíram sobre seus ombros. Ela inclinou o rosto na direção dele, seus olhos... aqueles profundos olhos azuis... Ele queria se perder neles. Para sempre.

—Ele se aproveitou de você. — Disse com uma intensidade silenciosa. —Ele deveria ter sido esartejado por...

Uma risada horrorizada saiu de sua boca.

—Oh, querido. — Ela disse, — Apenas espere até ouvir o resto da história. Suas sobrancelhas se levantaram.

—Eu o cortei. — Disse ela, e ele levou um momento para entender o que ela queria dizer. —Ele veio até mim, e eu estava tentando fugir, e acho que eu peguei a primeira coisa que minha mão tocou. Era um abridor de cartas.

Oh, meu Deus.

—Eu estava tentando me defender, e só queria acenar a coisa para ele, mas ele investiu contra mim, e então. — Ela estremeceu, e o sangue sumiu de seu rosto. — Daqui para cá. — Ela sussurrou, deslizando o dedo por seu rosto até o queixo. —Foi horrível. E, claro, não havia como esconder isso. Eu estava arruinada. — Disse ela com um encolher de ombros. —Fui mandada embora de casa, mudei meu nome e cortei todos os laços com a minha família.

—Seus pais permitiram isso?— Daniel perguntou incrédulo.

—Era a única maneira de proteger minhas irmãs. Ninguém teria se casado com elas, se soubessem que eu tinha dormido com George Chervils. Você pode imaginar? Dormir com ele e depois o esfaquear?

—O que eu não posso imaginar. — Ele respondeu. — É uma família mandá-la embora.

—Está tudo bem. — Disse ela, mesmo que ambos soubessem que não estava. — Minha irmã e eu nos correspondemos clandestinamente todo esse tempo, então não estava completamente sozinha.

—As casas postais. — Ele murmurou. Ela sorriu levemente.

— Eu sempre disse a ela onde estava. — Disse ela. —Parecia mais seguro enviar e receber correspondências a partir de um local mais anônimo.

—O que aconteceu esta noite?— Perguntou ele. —Por que você fugiu na semana passada?

—Quando eu saí... — Ela engoliu convulsivamente, virando a cabeça para longe de seus olhos, encontrando algum ponto desconhecido no chão. —Ele estava enfurecido. Queria me levar ao magistrado e me enforcar ou me deportar, algo assim, mas seu pai foi muito severo. Se George fizesse um espetáculo de mim, ele iria perder seu noivado com a Senhorita Beckwith. E ela era filha de um visconde. —Ela adotou uma expressão irônica. —Isso foi uma boa estratégia.

—Será que o casamento aconteceu? Anne assentiu.

—Mas ele nunca deixou sua promessa de vingança. A cicatriz curou-se melhor do que eu poderia ter esperado, mas ele ainda está marcado de forma visível. Ele era muito bonito antes. Eu costumava pensar que ele queria me matar, mas agora...

—O que?— Daniel exigiu quando ela não terminou a frase.

—Ele quer me cortar. — Disse ela, muito baixinho.

Daniel soltou uma maldição. Não importava que ele estivesse na presença de uma

dama. Não havia nenhuma maneira de que ele pudesse parar a linguagem chula que saiu de sua boca.

—Vou matá-lo. — Disse ele.

—Não. — Anne disse. — Não vai. Depois do que aconteceu com Hugh Prentice...

—Ninguém se importaria se eu tirasse Chervils da face da terra. — Ele respondeu. — Não tenho preocupações a esse respeito.

—Você não vai matá-lo. — Disse Anne severamente. —Eu já o feri gravemente.

—Certamente não está arrumando *desculpas* para ele?

—Não. — Ela respondeu, com entusiasmo suficiente. —Mas eu acho que ele pagou por aquilo que fez para mim naquela noite. Ele nunca vai escapar do que eu fiz para ele.

—Com certeza que não. — Respondeu Daniel entre dentes.

—Eu quero que isso *pare*. — Disse ela com firmeza. —Quero viver a minha vida sem ter que olhar por cima do ombro. Mas não quero vingança. Não preciso disso.

Daniel pensou que *ele* poderia precisar, mas soube que era decisão dela de fazer ou não. Levou um momento para acalmar sua ira, mas conseguiu e, finalmente, perguntou.

— Como ele explicou o corte?

Anne parecia aliviada por ele ter mudado de assunto.

—Um acidente de equitação. Charlotte me disse que ninguém acreditou, mas disseram que ele foi lançado por seu cavalo e seu rosto foi cortado pelo ramo de uma árvore. Eu não acho que qualquer pessoa suspeitasse da verdade e pensasse o pior de mim quando eu desaparecesse tão de repente, mas não conseguia imaginar que alguém pensasse que eu fosse esfaqueá-lo no rosto.

Para sua surpresa, Daniel sentiu-se a sorrir.

—Estou feliz que tenha feito isso. Ela olhou para ele com surpresa.

—Você deveria tê-lo cortado em outro lugar.

Seus olhos se arregalaram, e então ela soltou uma risada.

—Chame-me sanguinário. — Ele murmurou. Sua expressão ficou um pouco perversa.

—Você vai ficar feliz em saber que esta noite, quando estava fugindo...

—Oh, me diga que você lhe deu uma joelhada nas bolas. — Ele implorou. —Por favor, por favor, *por favor*, diga-me.

Ela apertou os lábios, tentando não rir de novo.

—Talvez tenha feito isso. Ele puxou-a para perto.

—Forte?

—Não tão forte quando o chutei uma vez que ele estava no chão. Daniel beijou uma de suas mãos, e depois a outra.

—Posso dizer que estou muito orgulhoso de você? Ela corou com prazer.

—E eu estou muito, *muito* orgulhoso de te chamar de minha. — Ele a beijou, levemente. —Mas você nunca vai ser minha amante.

Ela recuou.

—Dan...

Ele parou com um dedo sobre os lábios. — Eu já anunciei que pretendo me casar com você. Você faria de mim um mentiroso?

—Daniel, você não pode!

—Eu posso.

—Não, você...

—Eu *posso*. — Disse ele firmemente. —E eu vou.

Seus olhos procuraram o rosto com movimento frenético.

—Mas George ainda está lá fora. E se ele te machucar...

—Posso cuidar de George Chervils. — a assegurou. — Desde que você possa cuidar de mim.

—Mas...

—Eu amo você. — Disse ele, e sentiu-se como se o mundo inteiro estivesse no seu devido lugar quando disse isso. —Amo você e não posso suportar a ideia de passar um momento sem você. Eu a quero ao meu lado e em minha cama. Quero que você tenha meus filhos e quero que cada pessoa no mundo saiba que você é minha.

—Daniel. — Disse ela, e ele não poderia dizer se ela estava protestando ou concordando. Mas seus olhos se encheram de lágrimas, e ele soube que estava tudo certo.

—Não vou ficar satisfeito com nada menos que tudo. — Ele sussurrou. —Eu temo que você tenha que se casar comigo.

Seu queixo tremeu. Poderia ter sido um aceno de cabeça.

—Eu te amo. — Ela sussurrou. —Eu também te amo.

—E...? —Ele cutucou. Porque ele iria fazê-la dizer isso.

—Sim. — Ela disse. —Se você for corajoso o suficiente para me querer, vou me casar com você.

Ele a puxou contra ele, beijando-a com toda a paixão e medo, e com a emoção que estava segurando dentro dele por uma semana.

—Bravura não tem nada a ver com isso. — Disse ele e quase riu, estava tão extraordinariamente feliz. —É autopreservação.

Sua testa se franziu.

Ele a beijou novamente. Ele não conseguia parar.

—Acredito que morreria sem você. — Ele murmurou.

—Eu acho... — Ela sussurrou, mas não terminou, pelo menos não imediatamente. — Eu acho que antes... com George... Não acho que isso conta. —Ela ergueu o rosto para ele, os olhos brilhando de amor e promessa. —Esta noite vai ser minha primeira vez. Com você.

Capítulo 19



E então, Anne disse uma palavra. Apenas uma.

—Por favor.

Ela não sabia por que dizia isso, certamente não era o resultado de um pensamento racional. Era apenas que havia passado os últimos cinco anos de sua vida lembrando as pessoas que não doía usar os bons costumes e dizer, por favor, para as coisas que queria.

E ela queria isso muito.

—Então. — Daniel murmurou, inclinando a cabeça em um gesto cortês, — Apenas posso dizer obrigado.

Ela sorriu, mas não o sorriso de diversão ou humor. Foi uma coisa completamente diferente, o tipo de sorriso que tomou seu corpo de surpresa, que vacilou nos lábios até que ele encontrou o seu rumo. Era o sorriso de pura felicidade, vindo tão profundamente de dentro que Anne teve que lembrar-se de respirar.

Uma lágrima rolou por seu rosto. Ela estendeu a mão para limpá-la embora os dedos de Daniel a encontrasse primeiro.

—Uma lágrima de felicidade, espero. — Disse ele. Ela assentiu com a cabeça.

Sua mão segurou seu rosto, a ponta de seu polegar roçando levemente sobre a contusão em seu rosto.

—Ele te machucou.

Anne tinha visto a contusão quando olhou para seu reflexo no vidro do banheiro. Não doía muito e não conseguia se lembrar exatamente de como a conseguiu. A luta com George era um borrão, e decidiu que era melhor assim.

Ainda assim, ela sorriu maliciosamente, murmurando.

— Ele parece pior.

Demorou a Daniel um momento, mas então seus olhos brilharam com humor tranquilo.

—É mesmo?

—Oh, sim.

Ele a beijou suavemente atrás de sua orelha, sua respiração quente em sua pele.

—Bem, isso é muito importante.

—Mmm-hmm. — Ela arqueou seu pescoço enquanto seus lábios se moviam lentamente em direção a sua clavícula. —Me disseram uma vez que a parte mais importante de uma luta é ter certeza que seu adversário pareça pior do que você.

—Você tem conselheiros sábios.

Anne conteve o fôlego novamente. Suas mãos se moveram para a seda do roupão, e ela pode sentir o cinto se soltar quando ele desfez o nó.

—Só um. — Ela sussurrou, tentando não perder-se completamente quando sentiu suas mãos deslizar ao longo da pele macia de sua barriga e, em seguida, ao redor de suas costas.

—Só um? — Ele perguntou. As mãos apertando seu traseiro

—Um conselheiro, mas ele... oh, meu! Ele apertou de novo.

—Isso foi ‘oh meu’? — Então ele fez algo totalmente diferente, algo que envolvia apenas um dedo muito mau. —Ou esse?

—Oh, Daniel...

Seus lábios encontraram seu ouvido de novo, e sua voz era quente e rouca em sua pele.

—Antes que a noite acabe, vou fazer você gritar. Ela tinha apenas bom senso suficiente para dizer:

—Não. Você não pode.

Ele levantou-a contra ele, tirando-a do chão e ela não teve escolha, apenas envolveu as pernas ao redor de seu quadril.

—Eu lhe asseguro, eu posso.

—Não, não... Eu não sou...

Seu dedo, que estava desenhando círculos preguiçosos em seu monte, mergulhou um pouco mais.

—Ninguém sabe que estou aqui. — Anne ofegou, agarrando-se desesperadamente em seus ombros. Ele estava se movendo dentro dela agora, lânguido e lento, mas cada toque parecia provocar arrepios de desejo para o centro de seu corpo. —Se acordar alguém...

—Ah, isso é certo. — Ele murmurou, mas ela podia ouvir um sorriso malicioso em sua voz. —Eu suponho que terei que ser prudente e poupar algumas coisas para quando estivermos casados.

Anne não podia sequer imaginar do que ele estava falando, mas suas palavras foram de efeito tão grande enquanto suas mãos giravam que ela mergulhou na paixão.

—Para esta noite. — Disse ele, levando-a para a beirada da cama. —Não tenho

escolha, só assegurar que seja uma boa menina.

—Uma boa menina?— Ela repetiu. Estava apoiada contra a borda de uma cama grande, pecaminosamente vestindo o roupão de um homem que estava aberto para revelar a curva dos seios, e havia um dedo dentro dela, fazendo-a ofegar de prazer.

Não havia nada de bom nela naquele momento. Nada de bom, e tudo de maravilhoso.

—Você acha que pode ficar quieta?— Brincou ele, beijando seu pescoço.

—Eu não sei.

Ele deslizou outro dedo dentro dela.

—E se eu fizer isso?

Ela soltou um gemido, e ele sorriu diabolicamente.

—E assim? — Disse ele com voz rouca, movendo um lado do roupão com o nariz. Ele caiu sobre o ombro, desnudando seu seio, mas só por um segundo antes de sua boca se fechar sobre a ponta.

—Oh!— Ela gemeu um pouco mais alto, e ela ouviu-o rir contra sua pele. —Você é mau. — Disse a ele.

Ele moveu contra ela a sua língua, então olhou como um lobo.

—Nunca disse que não era. — Ele se moveu para o outro seio, o que era impossível, mas estava ainda mais sensível do que o primeiro, e Anne mal percebeu quando o roupão caiu completamente de seu corpo.

Ele olhou para cima novamente.

—Espere até você ver o que mais eu posso fazer.

—Oh, meu Deus. — Ela não podia imaginar o que poderia ser mais perverso do que isso.

Mas então sua boca deslizou para o vale entre os seios, e moveu-se para baixo... para baixo... sobre sua barriga, seu umbigo, para baixo...

—Oh, meu Deus. — Ela suspirou. —Você não pode.

—Não posso?

—Daniel? — Ela não sabia o que estava perguntando a ele, mas antes que percebesse, ele levantou-a, de modo que ficou sentada na beirada da cama, e sua boca estava onde seus dedos estiveram, as coisas que ele estava fazendo com a língua e os lábios, e sua respiração...

Meu Deus, ela iria derreter. Ou explodir. Ela agarrou sua cabeça com tanta força que ele realmente teve que afrouxar seu aperto, e, finalmente, incapaz de se sustentar por mais tempo, ela caiu para trás, sobre o colchão macio, as pernas ainda sobre a cama.

A cabeça de Daniel levantou-se, e ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. Ela viu quando ele se levantou, então suspirou.

— O que você está fazendo comigo?— Porque ele não continuou. Ela sofria por ele,

por algo, por...

—Quando você chegar lá. — Disse ele, puxando a camisa sobre a cabeça. — Vai ser comigo dentro de você.

—Chegar lá?— O que no céu que ele queria dizer, *chegar lá*?

Suas mãos foram para sua calça, e em poucos segundos ele estava nu, e Anne só podia olhar para ele com admiração quando se colocou entre suas pernas. Ele era magnífico, mas com certeza, ele não pensava que iria...

Ele a tocou de novo, suas mãos envolvendo ao redor de suas coxas, puxando-a aberta para recebê-lo.

—Oh, meu Deus. — Ela sussurrou. Ela não achava que já tivesse dito essas palavras tantas vezes nos últimos minutos, mas se houvesse algum momento para louvar ao Senhor, tinha que ser este.

A ponta dele cutucou contra sua abertura, mas ele não avançou. Ao contrário, ele parecia contente apenas por tocá-la, deixando sua masculinidade se esfregar contra sua pele mais sensível, circulando de uma maneira e depois outra. Com cada golpe sentia-se abrir para ele um pouco mais, e então, aparentemente sem pressão, a ponta toda deslizou dentro dela.

Ela agarrou a cama, mal capaz de entender a estranheza da sensação. Era como se ele a rasgasse se empurrasse para frente, e ainda, ao mesmo tempo, ela queria mais. Ela não tinha ideia que poderia ser assim, mas não conseguia parar de pressionar seus quadris contra ele.

—Eu quero tudo de você. — Ela sussurrou, chocando-se com as palavras. — Agora.

Ela ouviu sua respiração acentuadamente, e quando olhou para ele, seus olhos estavam desfocados e fixos de desejo. Ele gemeu seu nome, e, em seguida, empurrou para frente, não tudo, mas o suficiente para que ela mais uma vez sentisse aquela sensação estranha e maravilhosa de ser aberta para ele, de que estava sendo aberta *por* ele.

—Mais. — Disse ela, e não estava implorando. Estava comandando.

—Ainda não. — Ele puxou um pouco, em seguida, empurrou para trás. —Você não está pronta.

—Eu não me importo. — E ela não se importava. Havia uma pressão dentro dela, que a fazia sentir-se gananciosa. Ela queria tudo dele, pulsando dentro dela. Ela queria senti-lo deslizar para dentro dela ao máximo.

Ele moveu-se novamente, e desta vez ela agarrou seus quadris, tentando forçá-lo mais perto dela.

—Eu preciso de você. — Ela gemeu, mas ele lutou contra ela, determinado a levar isso em seu ritmo. Seu rosto estava contorcido com o desejo, porém, Anne sabia que ele queria isso tanto quanto ela. Ele estava se segurando, porque pensava que era o que ela precisava.

Mas ela sabia melhor.

Ele deve ter despertado algo dentro dela, algo ímpio, devasso e feminino em sua alma. Ela não tinha ideia de como sabia o que fazer, ela nem sabia que podia fazer até que aconteceu, suas mãos foram ao seu corpo e agarrou seus seios, empurrando-os, apertando-os, enquanto o via olhar para ela...

Ele olhou para ela com um desejo tão palpável que ela pode sentir isso na pele.

—Faça de novo. — Disse ele com voz rouca, e ela o fez, aumentando-se como um espartilho impertinente, até que ela se viu deliciosamente madura.

—Você gosta disso? — Ela sussurrou, só para provocá-lo.

Ele acenou com a cabeça, sua respiração tão rápida que seus movimentos eram espasmódicos e ásperos. Ele ainda estava se esforçando para ir devagar, e Anne sabia que tinha que levá-lo ao limite. Ele não conseguia parar de olhar as mãos em seus seios, e a necessidade, pura e primitiva em seus olhos a fez sentir-se como uma deusa, poderosa e forte.

Ela lambeu os lábios e deixou as mãos vagar para seus mamilos, pegando cada ponta rosada entre os dedos. A sensação foi incrível, quase tão elétrica como foi quando Daniel a chupou ali. Ela sentiu uma onda de prazer, entre suas pernas, e percebeu com surpresa que ela havia causado isto, com seus próprios dedos perversos. Sua cabeça pendeu para trás, e ela gemeu de desejo.

Daniel também foi pego na onda de necessidade, e ele finalmente empurrou para frente, duro e rápido, até que seus corpos estiveram totalmente unidos.

—Você vai fazer isso de novo. — Ele rosnou. —Toda noite. E eu vou olhar você... — Ele estremeceu de prazer enquanto se movia dentro dela. —Eu vou olhar todas as noites.

Ela sorriu, divertindo-se com seu novo poder, e se perguntou o que mais poderia fazer para deixá-lo fraco de desejo.

—Você é a coisa mais linda que eu já vi. — Disse ele. —Agora mesmo. Esse momento. Mas isso. Isso. —Ele se moveu de novo, gemendo com a sensível fricção. Em seguida, ele plantou as mãos sobre o colchão, em ambos os lados de sua cabeça.

Ele estava tentando manter-se, ainda assim, ela percebeu.

—Isso não é o que eu queria dizer. — Disse ele, cada palavra exigia a sua própria respiração entrecortada.

Ela olhou para ele, em seus olhos, e ela sentia uma de suas mãos tomar a dela, entrelaçando os dedos.

—Eu amo você. — Disse ele. —*Eu te amo.* — E então ele disse isso de novo, e de novo, com a boca, com a sua voz. Com cada movimento de seu corpo, ela sentiu. Era impressionante, incrível, e totalmente humilhante, se sentir tão magnificamente parte de outra pessoa.

Ela apertou sua mão.

—Eu também te amo. — Ela sussurrou. —Você é o primeiro homem... O primeiro homem que eu...

Ela não sabia como dizê-lo. Ela queria que ele soubesse de cada momento de sua vida, cada triunfo e decepção. Acima de tudo, ela queria que ele soubesse que era o primeiro homem no qual confiou completamente, o único homem a conquistar seu coração.

Ele pegou sua mão e levou-a aos lábios. Logo em seguida, no meio do mais erótico movimento, ele beijou os nós dos dedos, delicada e honradamente como um cavaleiro antigo.

—Não chore. — Ele sussurrou.

Ela não tinha percebido que estava chorando.

Ele beijou-lhe as lágrimas, mas quando se inclinou sobre ela, ele se moveu novamente dentro dela, aumentando o fogo turbulento em seu núcleo. Ela acariciou as panturrilhas dele com os pés, levantando seus quadris em um contorcer feminino, e então ele se moveu, e ela se moveu, e algo estava mudando dentro dela, se esticando e apertando até que ela não pode suportar.

—Ooooooh! — Ela soltou um grito quando o mundo explodiu ao redor dela, e ela o agarrou, segurando seus ombros tão forte que ela se levantou da cama.

—Oh, meu Deus. — Ele ofegou. —Oh, meu Deus, oh meu... — Com um impulso final ele gritou, empurrando para frente e, finalmente, derramando-se dentro dela.

Estava feito, Anne pensou sonhadora. Estava feito, e finalmente sua vida estava começando.

Mais tarde naquela noite, Daniel estava deitado de lado, inclinado sobre o cotovelo, com a cabeça apoiada na mão enquanto preguiçosamente brincava com os fios de cabelo solto de Anne. Ela estava dormindo, ou pelo menos ele pensava que estava. Se não, ela estava sendo extremamente indulgente, deixando-o acariciar os cachos macios, maravilhado como a forma da luz das velas cintilava em cada mecha.

Ele não tinha percebido que seu cabelo era tão longo. Quando ela o prendia, com seus pinos e pentes e tudo aquilo que as mulheres usavam, parecia como qualquer outro coque de cabelo. Bem, qualquer outro coque de cabelo quando usado por uma mulher tão linda que fazia seu coração parar.

Mas seu cabelo era glorioso. Ele se derramava sobre os ombros como um manto, ondulando suavemente, e que chegava ao topo de seus seios.

Ele se permitiu um sorriso perverso. Gostava que o cabelo dela não cobrisse seus seios.

—Do que você está rindo? — Ela murmurou, sua voz grossa e preguiçosa pelo sono.

—Você está acordada. — Disse ele.

Ela soltou um gemido enquanto se esticava, e ele alegremente observou o lençol escorregar de seu corpo.

—Oh! —Ela disse, puxando-o de volta.

Ele cobriu a mão dela com a sua, puxando-a para baixo. —Eu gosto de você assim.

— Ele murmurou com a voz rouca.

Ela corou. Estava escuro demais para ele ver o rosa em sua pele, mas seus olhos desceram por um momento, do jeito que sempre fazia quando ela estava envergonhada. E então ele sorriu de novo, porque ele não tinha percebido isso nela.

Ele gostava de saber coisas sobre ela.

—Você não disse por que estava rindo. — Disse ela, puxando o cobertor de volta para cima e colocando-o debaixo do braço.

—Eu estava pensando. — Disse ele. — Que eu gosto que seu cabelo não seja longo o suficiente para cobrir seus seios.

Desta vez ele *viu* seu rubor, mesmo no escuro.

—Você perguntou. — Ele murmurou.

Eles caíram em um silêncio, mas logo Daniel viu as linhas de preocupação começarem a formar na testa de Anne. Ele não ficou surpreso quando ela perguntou, baixinho.

—O que acontece agora?

Ele sabia o que ela estava perguntando, mas não queria responder. Aconchegou-os em sua cama com o dossel fechado ao redor deles, era fácil fingir que o resto do mundo não existia. Mas a manhã chegaria em breve, e com ela, todos os perigos e crueldades que a tinha levado a este ponto.

—Vou fazer uma visita a Lorde George Chervil. — finalmente disse. —Confio que não será difícil de descobrir seu endereço.

—Para onde vou?— Ela sussurrou.

—Você vai ficar aqui. — Daniel disse com firmeza. Ele mal podia acreditar que ela achava que ele ia deixá-la ir a qualquer outro lugar.

—Mas o que você vai dizer a sua família?

—A verdade. — Disse ele. Então, quando seus olhos se arregalaram com choque, ele rapidamente acrescentou. —Nem tudo. Não há necessidade de ninguém saber exatamente onde você dormiu esta noite, mas vou ter que dizer a minha mãe e irmã como você chegou até aqui sem outra muda de roupa. A menos que você possa pensar em uma história razoável.

—Não. — Ela concordou.

—Honoraria pode emprestar-lhe um vestido e com minha mãe aqui como acompanhante, não terá problema você se instalar em um dos nossos quartos de hóspedes.

Por uma fração de segundo ela olhou como se pudesse protestar, ou talvez sugerir um plano alternativo. Mas no final, ela acenou com a cabeça.

—Vou ver uma licença especial logo depois que encontrar Chervil. — Disse Daniel.

—Uma licença especial?— Anne ecoou. —Não são elas terrivelmente extravagantes?

Ele chegou mais perto.

—Você realmente acha que eu vou ser capaz de esperar um período de noivado adequado?

Ela começou a sorrir.

—Você realmente acha que pode esperar?— Acrescentou com voz rouca.

—Você me transformou em uma devassa. — Ela sussurrou. Ele a puxou contra ele.

—Não posso reclamar.

Quando ele a beijou, ouviu-a sussurrar.

— Eu tampouco.

Tudo estaria certo no mundo. Com uma mulher como esta em seus braços, como poderia ser de outra forma?

Capítulo 20



No dia seguinte, depois de conseguir com que Anne se estabelecesse como convidada em sua casa, Daniel buscou lorde George Chervil.

Como esperado, não foi difícil encontrar seu endereço. Ele morava em Marylebone, na residência de seu sogro, não muito longe de Portman. Daniel sabia quem era o Visconde Hanley, na verdade, Daniel esteve em Eton, junto com dois dos filhos de Hanley. A conexão não era muito profunda, mas a família saberia quem ele era. Se Chervil não pensasse com a velocidade adequada, Daniel tinha toda a confiança de que uma conversa com seu sogro, que, sem dúvida, controlava o dinheiro, incluindo a escritura da casa sobre cujos passos Daniel agora estava subindo, iria funcionar.

Dentro de momentos, depois de bater na porta da frente, Daniel foi conduzido a uma sala de estar decorada em tons suaves de verde e ouro. Poucos minutos depois, uma mulher de sua idade entrou, e pode deduzir que fosse Lady Chervil, a filha do visconde a qual George Chervil escolheu para se casar, em vez de Anne.

—Meu senhor. — Lady Chervil disse, oferecendo-lhe uma reverência elegante. Ela era muito bonita, com leves cachos castanhos e claros, pele de pêssego e creme. Ela não podia se comparar a beleza dramática de Anne, mas, poucos podiam. E Daniel fosse, talvez, um pouco tendencioso.

—Lady Chervil. — Disse ele em resposta. Ela pareceu surpresa com sua presença, e mais do que um pouco curiosa. Seu pai era um visconde, por isso ela deveria ser usada para receber visitantes de alto nível, mas, ao mesmo tempo, ele imaginou que se passou algum tempo desde que um conde apareceu em sua própria casa, especialmente se apenas recentemente seu marido houvesse se tornado um baronete.

—Eu vim visitar seu marido. — Daniel disse a ela.

—Temo que ele não esteja em casa agora. — Disse ela. — Há algo com que eu possa ajudá-lo? Surpreende-me que meu marido não mencionasse a ligação entre vocês.

—Nós não fomos formalmente apresentados. — Explicou Daniel. Parecia não haver razão para fingir o contrário; Chervil entenderia quando voltasse para casa e sua esposa mencionasse que o Conde de Winstead foi visitá-lo.

—Oh, sinto muito. — Disse ela, não que houvesse qualquer coisa pela qual se desculpar. Mas ela parecia ser o tipo de mulher que dizia eu sinto muito, sempre que não sabia mais o que dizer. — Posso ajudá-lo em algo? Oh, sinto muito, já perguntei isso, não

foi? —Ela apontou para uma área de estar. —Gostaria de se sentar? Posso pedir chá imediatamente.

—Não, obrigado. — Disse Daniel. Foi um esforço manter seus modos educados, mas sabia que esta mulher não tinha qualquer culpa pelo que aconteceu com Anne. Provavelmente nunca ouviu falar dela.

Ele limpou a garganta.

—Você sabe quando seu marido é esperado de volta?

—Acho que não irá demorar muito tempo. — Respondeu ela. —Você gostaria de esperar?

Não muito, mas Daniel não viu outra alternativa, por isso ele agradeceu e sentou-se. O chá foi levado, e a conversa continuou, intercalada com pausas longas e olhares indisfarçáveis no relógio. Ele tentou se distrair pensando em Anne, e no que ela devia estar fazendo naquele exato momento.

Enquanto ele estava tomando chá, ela estaria olhando as roupas emprestadas por Honoria.

Enquanto estava tocando seus dedos impacientemente contra o joelho, ela estaria sentada com sua mãe, que tinha para seu grande orgulho e alívio, nem piscado quando ele anunciou que planejava se casar com a Senhorita Wynter, e oh, a propósito, ela iria ficar na casa Winstead como hóspede, já que ela não poderia continuar como governanta para os Pleinsworths.

—Lorde Winstead?

Ele olhou para cima. Lady Chervil tinha a cabeça inclinada para o lado e estava piscando em expectativa. Ela claramente lhe fez uma pergunta que não tinha ouvido. Felizmente, ela era o tipo de mulher em que as boas maneiras haviam sido enraizada desde o nascimento, e por isso ela não chamou sua atenção a seu lapso, só disse (e, presumivelmente, repetiu).

— Deve estar muito animado com o casamento de sua irmã. — No seu olhar em branco, ela acrescentou. — Eu li sobre isso no jornal, e, claro, participei dos encantadores musicais de sua família, quando estive em minha temporada.

Daniel perguntou se isso significava que ela não estava mais recebendo convites. Ele esperava que sim. O pensamento de George Chervil sentado em sua casa fez a sua pele rastejar.

Ele limpou a garganta, tentando manter sua expressão agradável.

—Sim, muito. Lorde Chatteris tem sido um grande amigo desde a infância.

—Como é agradável para você, então, que ele agora seja seu irmão.

Ela sorriu, e Daniel foi atingido por uma pequena seta de inquietação. Lady Chervil parecia ser uma mulher agradável, alguém com quem sua irmã ou Anne poderiam fazer amizade se não fosse o fato de estar casada com Lorde George. Ela era inocente de tudo, e estava casada com um canalha, que ele queria derrubar completamente.

—Ele está na minha casa agora. — Daniel disse, tentando amenizar sua inquietude, oferecendo uma conversa um pouco mais charmosa. —Acredito que ele foi arrastado para ajudar a planejar o casamento.

—Oh, que adorável.

Ele deu-lhe um aceno de cabeça, usando a oportunidade de jogar o jogo *do que-deveria-Anne-Estar-Fazendo-Agora?* Esperava que ela estivesse com o resto de sua família, oferecendo sua opinião sobre o lavanda-azul e azul-lavanda e flores e laço e tudo o mais que fosse necessário para uma festa de família.

Ela merecia uma família. Depois de oito anos, merecia se sentir como se pertencesse.

Daniel olhou para o relógio novamente, tentando ser um pouco mais discreto. Ele estava ali há uma hora e meia. Certamente Lady Chervil estava ficando inquieta. Ninguém permanecia em uma sala de estar por uma hora e meia, à espera de que alguém voltasse para casa. Ambos sabiam que o decoro exigia que oferecesse seu cartão e partisse.

Mas Daniel não se mexeu. Lady Chervil sorriu sem jeito.

—Na verdade, não acho que Lorde George tenha ido tão longe. Não posso imaginar o que o mantém.

—Para onde ele foi?— Daniel perguntou. Era uma pergunta intrusiva, mas depois de noventa minutos de conversa, já não parecia importunar.

—Acredito que ele visita um médico. — Disse Lady Chervil. —Para sua cicatriz, você sabe. — Ela olhou para cima. —Oh, você disse que não foram apresentados. Ele tem... —Ela apontou para o rosto com uma expressão triste. —Ele tem uma cicatriz. Foi um acidente de cavalo, pouco antes de nos casarmos. Acho que o faz parecer arrojado, mas ele está sempre tentando minimizar.

Inquietantemente algo começou a turvar na boca do estômago de Daniel.

—Ele foi ver um médico. — Questionou.

—Bem, acho que sim. — Lady Chervil respondeu. —Quando ele saiu esta manhã, disse que iria ver alguém sobre sua cicatriz. Pensei que fosse um médico. Quem mais poderia ver?

Anne.

Daniel levantou-se tão rapidamente que quase derrubou o bule sobre a mesa.

—Lorde Winstead? — Lady Chervil perguntou, sua voz em alarme. Ela levantou-se também, correndo atrás dele enquanto ele caminhava para a porta. —Há algo de errado?

—Desculpe-me. — Disse ele. Ele não tinha tempo para delicadezas. Ele já sentou ali por noventa minutos, e só Deus sabia o que estava planejando Chervil.

Ou já tivesse feito.

—Posso ajudá-lo em alguma forma? — Ela perguntou, correndo atrás dele até a porta da frente. —Talvez possa transmitir uma mensagem para o meu marido?

Daniel virou.

—Sim. — Disse ele e não reconheceu sua própria voz. Terror o deixou instável; a raiva estava forte. —Você pode dizer a ele que, se ele tocar em um fio de cabelo da minha noiva, vou pessoalmente encontrá-lo e tirar seu fígado através de sua boca.

Lady Chervil ficou muito pálida.

—Você entendeu? Ela assentiu insegura.

Daniel olhou para ela. Ela estava apavorada, mas não era nada comparado ao que Anne estaria sentindo se estivesse agora nas garras de George Chervil. Ele deu mais um passo em direção à porta, e então parou.

—Só mais uma coisa. — Disse ele. —Se ele chegar em casa hoje à noite vivo, eu sugiro que tenha uma conversa com ele sobre o seu futuro aqui na Inglaterra. Pode achar a vida mais confortável em outro continente. Bom dia, Senhora Chervil.

—Bom dia. — Disse ela. Então, desmaiou.

—Anne!— Daniel gritou enquanto corria para a sala da frente de Casa Winstead.

—Anne!

Poole, o mordomo de longa data da Casa Winstead, materializou-se como que do nada.

—Onde está à senhorita Wynter?— Daniel perguntou, lutando para respirar. Seu carro parou no trânsito e ele correu os últimos minutos da viagem, rasgando as ruas como um louco. Foi uma maravilha ele não ter sido atropelado por um carro.

Sua mãe saiu da sala, seguida por Honoria e Marcus.

—O que está acontecendo?— Perguntou ela. —Daniel, o que na terra...

—Onde está à senhorita Wynter?— Ele ofegou.

—Ela saiu. — Disse sua mãe.

—Ela saiu? —Por que diabos ela faria isso? Sabia que era para permanecer em casa até que ele voltasse.

—Bem, isso foi o que entendi. — Lady Winstead olhou para o mordomo em busca de ajuda. —Não estava aqui.

—A Senhorita Wynter recebeu um visitante. — Disse Poole. —Lorde George Chervil. Ela saiu com ele há uma hora. Talvez duas.

Daniel se virou para ele com horror.

—O que?

—Ela não parecia se importar com sua visita. — Poole começou.

—Bem, então por que diabos ela iria...

—Ele estava com Lady Frances. Daniel parou de respirar.

—Daniel?— Sua mãe disse com preocupação crescente. —O que está acontecendo?

—Lady Frances?— Daniel repetiu, ainda olhando para Poole.

—Quem é Lorde George Chervil?— Honoria perguntou. Ela olhou para Marcus, mas ele balançou a cabeça.

—Ela estava em sua carruagem. — Disse Poole a Daniel.

—Frances? Poole assentiu.

—E a Senhorita Wynter disse algo sobre isso?

—Não sei milorde. — O mordomo disse. —Ela não confia em mim. Mas ela saiu para a calçada com ele e entrou na carruagem. Pareceu entrar por vontade própria.

—Droga! — Amaldiçoou Daniel.

—Daniel. — Disse Marcus, sua voz uma rocha sólida e estável em uma sala que estava girando. —O que está acontecendo?

Daniel contou à sua mãe sobre o passado de Anne naquela manhã, agora contaria todo o resto.

O sangue sumiu do rosto de Lady Winstead, e quando agarrou a mão de Daniel, sentiu como se houvesse uma garra em pânico.

—Temos de ir dizer a Charlotte. — Disse ela, mal conseguindo falar.

Daniel balançou a cabeça lentamente, tentando pensar. Como tinha chegado Chervil a Frances? E onde iria ele...

—Daniel!— Sua mãe quase gritou. —Temos de dizer a Charlotte agora! Esse louco tem a sua filha!

Daniel puxou a atenção. —Sim. — Disse ele. —Sim.

—Vou também. — Disse Marcus. Ele se virou para Honoria. —Você vai ficar? Alguém tem que permanecer aqui no caso da senhorita Wynter voltar.

Honoria assentiu.

—Vamos. — Disse Daniel. Eles correram para fora da casa, Lady Winstead sequer se preocupou em vestir um casaco. A carruagem que Daniel havia abandonado cinco minutos antes, tinha chegado, e por isso ele colocou a mãe para dentro com Marcus e saiu a pé. Era apenas um quarto de milha, e se as estradas ainda estivessem cheias pelo tráfego, poderia chegar a casa Pleinsworth mais rápido a pé.

Ele chegou momentos à frente da carruagem, respirando com dificuldade, quando correu até Pleinsworth. Bateu a aldrava três vezes e foi estendendo a mão para a quarta quando Granby abriu a porta, ficando rapidamente de lado, quando Daniel praticamente caiu dentro da sala.

—Frances. — Ele engasgou.

—Ela não está aqui. — Granby disse a ele.

—Eu sei. Você sabe onde?

—Charlotte!— a mãe de Daniel chamou, puxando a saia bem acima de seus tornozelos enquanto subia os degraus. Ela se virou para Granby com olhos selvagens.

—Onde está Charlotte?

Granby apontou para a parte de trás da casa.

—Acredito que ela está vendo sua correspondência. No...

—Estou bem aqui. — Lady Pleinsworth disse, correndo para fora da sala. — Meu Deus, o que está acontecendo? Virgínia, você parece...

—É Frances. — Daniel disse severamente. —Achamos que ela pode ter sido raptada.

—O que?— Lady Pleinsworth olhou para ele, e depois para sua mãe, e, finalmente, para Marcus, que estava de pé silenciosamente na porta. —Não, isso não pode ser. — Ela disse, parecendo muito mais confusa do que preocupada. —Ela apenas... — Ela virou-se para Granby. —Ela não estava passeando com a babá Flandres?

—Elas ainda não voltaram, milady.

—Mas, certamente, não saíram para causar preocupação. A babá Flandres não se move muito rápido, por isso vai levar algum tempo para chegar da volta ao parque.

Daniel trocou um olhar sombrio com Marcus antes de dizer a Granby.

—Alguém precisa conferir isso. O mordomo assentiu.

—Tia Charlotte. — Daniel começou, e então relatou os acontecimentos da tarde. Ele deu-lhe apenas uma brevíssima história sobre Anne; haveria tempo para isso depois. Mas não demorou muito para contar a ela o suficiente para que seu rosto ficasse pálido.

—Este homem... — Ela disse, sua voz tremendo de terror. —Este louco... Você acha que ele tem Frances?

—Anne nunca teria ido com ele de outra forma.

—Oh, pelos céus. — Lady Pleinsworth balançou e ficou instável em seus pés. Daniel rapidamente ajudou-a a sentar-se em uma cadeira. —O que vamos fazer? — Ela perguntou a ele. —Como podemos encontrá-los?

—Vou voltar a casa de Chervil. — Ele disse. —É a única...

—Frances!— Lady Pleinsworth gritou.

Daniel se virou a tempo de ver Frances entrando na sala e atirando-se nos braços de sua mãe. Ela estava empoeirada e suja, seu vestido estava rasgado. Mas não parecia ter sido ferida, pelo menos não deliberadamente.

—Oh, minha querida. — Lady Pleinsworth soluçava, segurando Frances com mãos frenéticas. —O que aconteceu? Oh, meu Deus, você foi ferida? —Ela tocou os braços e os ombros, e então, finalmente, cobriu o rosto pequeno com beijos.

—Tia Charlotte?— Daniel disse, tentando manter a urgência de sua voz. —Sinto muito, mas eu realmente preciso falar com Frances.

Lady Pleinsworth virou-se para ele com olhos furiosos, protegendo sua filha com seu corpo.

—Não agora. — Ela rosnou. —Ela passou por um susto. Ela precisa tomar banho e

comer, e...

—Ela é minha única esperança.

—Ela é uma criança!

—E Anne pode morrer!— Ele quase gritou.

A sala ficou em silêncio, e por trás de sua tia, Daniel ouviu a voz de Frances.

—Ele tem a senhorita Wynter.

—Frances. — Disse ele, pegando suas mãos e puxando-a para um banco. —Por favor, você precisa me contar tudo. O que aconteceu?

Frances tomou algumas respirações profundas e olhou para sua mãe, que lhe deu um aceno de aprovação concisa.

—Eu estava no parque. — Ela disse. — E a babá adormeceu no banco. Ela faz isso quase todos os dias. —Ela olhou de volta para a mãe. —Sinto muito, mamãe. Eu deveria ter dito, mas ela está ficando tão velha e está cansada, acho que é um longo caminho para ela, andar no parque.

—Está tudo bem, Frances. — Daniel disse, tentando manter a urgência de sua voz. — Basta dizer-nos o que aconteceu a seguir.

—Eu não estava prestando atenção. Estava jogando um dos meus jogos de unicórnio. — Explicou ela e olhou para Daniel, pensando que ele iria entender. — Galopei bastante longe de onde a babá estava. — Ela virou-se para sua mãe, sua expressão sincera. —Mas ela ainda teria sido capaz de me ver. Se ela estivesse acordada.

—E depois?— Daniel insistiu.

Frances olhou para ele com a expressão confusa.

—Eu não sei. Eu olhei para cima, ela foi embora. Não sei o que aconteceu. Chamei por ela várias vezes, e então fui até a lagoa onde ela gosta de alimentar os patos, mas ela não estava lá, e então...

Ela começou a tremer incontrolavelmente.

—Isso é o suficiente. — Disse Lady Pleinsworth, mas Daniel lançou lhe um olhar suplicante. Ele sabia o que isso fazia com Frances, mas tinha que ser feito. E, certamente, sua tia iria perceber que Frances ficaria muito pior se Anne fosse morta.

—O que aconteceu depois?— Daniel perguntou gentilmente. Frances engoliu convulsivamente e abraçou seu pequeno corpo.

—Alguém me agarrou. E ele colocou algo em minha boca com gosto horrível, e a próxima coisa que eu vi foi que estava em um carro.

Daniel trocou um olhar preocupado com sua mãe. Próximo a ela, Lady Pleinsworth tinha começado a chorar silenciosamente.

—Foi provavelmente láudano. — Disse ele à Frances. —Foi muito, muito errado alguém forçá-lo em você, mas não vai te machucar.

Ela assentiu com a cabeça.

—Eu me senti engraçada, mas não estou agora.

—Quando você viu a Senhorita Wynter?

—Nós fomos para sua casa. Eu queria sair, mas o homem. —Ela olhou para Daniel como se só naquele momento se lembrasse de algo muito importante. —Ele tinha uma cicatriz. Uma realmente grande. No seu lado direito do rosto.

—Eu sei. — Ele disse suavemente.

Ela olhou para ele com os olhos enormes, curiosos, mas não questionou.

—Eu não conseguia sair do carro. — Disse ela. —Ele disse que iria prejudicar a Senhorita Wynter se eu sáísse. E fez seu motorista me vigiar, ele não parecia muito agradável.

Daniel ignorou sua raiva. Tinha que haver um lugar especial no inferno para pessoas que machucavam crianças. Mas ele conseguiu manter a calma quando disse.

—E então a Senhorita Wynter saiu? Frances concordou.

—Ela estava muito zangada.

—Tenho certeza que ela estava.

—Ela gritou com ele, e ele gritou com ela, e eu não entendi muito do que eles estavam falando, exceto que ela estava muito, muito brava com ele por me ter no carro.

—Ela estava tentando protegê-la. — Disse Daniel.

—Eu sei. — Frances disse suavemente. —Mas... Eu acho... Acho que ela poderia ter sido a responsável por causar sua cicatriz. —Ela olhou para a mãe com uma expressão torturada. —Não acho que a Senhorita Wynter teria feito algo assim, mas ele continuou a falar sobre isso e estava tão zangado com ela.

—Foi há muito tempo atrás. — Disse Daniel. —A Senhorita Wynter se defendeu.

—Por quê?— Frances sussurrou.

—Não importa. — Disse ele firmemente. —O que importa é o que aconteceu hoje, e o que podemos fazer para salvá-la. Você foi muito corajosa. Como conseguiu ir embora?

—A Senhorita Wynter me empurrou do carro.

—O que?— Lady Pleinsworth gritou, mas Lady Winstead a conteve quando ela tentou correr para frente.

—Ele não estava indo muito rápido. — Disse Frances à sua mãe. —Só doeu um pouco quando eu bati no chão. A Senhorita Wynter sussurrou-me para me enrolar como uma bola antes de bater no chão.

—Oh, meu Deus. — Lady Pleinsworth soluçou. —Oh, meu bebê.

—Estou bem, mamãe. — Disse Frances, e Daniel ficou surpreso com sua resistência. Ela foi sequestrada e em seguida, jogada de um carro, e agora estava confortando a mãe. —Eu acho que a Senhorita Wynter escolheu o local para fazer isso, porque eu não estava

muito longe de casa.

—Onde?— Daniel perguntou com urgência. —Onde você estava exatamente? Frances piscou.

—Em Crescent Park. No final.

Lady Pleinsworth ofegou em meio às lágrimas.

—Você veio toda a distância sozinha?

—Não é muito, mamãe.

—Mas é todo o caminho por Marylebone!— Lady Pleinsworth virou-se para Lady Winstead. —Ela percorreu todo o caminho por Marylebone sozinha. É apenas uma criança!

—Frances. — Daniel pediu urgência. —Tenho que perguntar. Você tem alguma ideia de onde Lorde George possa ter levado a Senhorita Wynter?

Frances balançou a cabeça, e seus lábios tremeram.

—Não estava prestando atenção. Estava com muito medo e na maioria das vezes, eles estavam gritando um com o outro, e então ele bateu na Senhorita Wynter.

Daniel teve que se esforçar para respirar.

—E então eu fiquei ainda mais chateada, mas ele disse. — Frances ergueu os olhos rapidamente, os olhos arregalados de excitação. —Lembro-me de uma coisa. Ele mencionou a Heath.

—Hampstead^[8]. — Disse Daniel.

—Sim, acho que sim. Ele não disse, especificamente, mas nós estávamos caminhando nessa direção, não estávamos?

—Se estavam em Crescent Park, sim.

—Ele também disse algo sobre arranjar um quarto.

—Um quarto?— Daniel ecoou. Frances assentiu vigorosamente.

Marcus, que esteve em silêncio durante todo o interrogatório, limpou a garganta.

—Ele pode estar levando-a para uma estalagem.

Daniel olhou para ele, deu um aceno de cabeça, em seguida, virou-se para sua prima mais nova.

—Frances, você acha que pode reconhecer o carro?

—Eu posso. — Disse ela, com os olhos arregalados. —Realmente posso fazer isso.

—Oh, não!— Lady Pleinsworth trovejou. —Ela não vai com você para procurar um louco.

—Eu não tenho outra escolha. — Daniel disse a ela.

—Mamãe, eu quero ajudar. — Frances implorou. —Por favor, eu amo a Senhorita Wynter.

—Eu também. — Daniel disse suavemente.

—Eu vou com você. — Disse Marcus, e Daniel lançou lhe um olhar de gratidão profunda.

—Não! — Lady Pleinsworth protestou. — Isso é loucura. O que você acha que vai fazer? Deixo-a ir com você como se fosse passear em algum lugar? Sinto muito, não posso permitir.

—Ele pode levar escoltas. — A mãe de Daniel interrompeu. Lady Pleinsworth se virou para ela em choque.

—Virgínia?

—Eu sou uma mãe, também. — Lady Winstead disse. — E se acontecer alguma coisa com a Senhorita Wynter... — Sua voz caiu para um sussurro. — Meu filho vai se romper.

—Você quer que eu troque minha filha pelo seu?

—Não! — Lady Winstead pegou as duas mãos de sua cunhada ferozmente na sua. — Nunca faria isso. Você sabe disso, Charlotte. Mas se fizermos isso corretamente, não acho que Frances vá estar em perigo.

—Não. — Disse Lady Pleinsworth. — Não, não posso concordar. Não vou arriscar a vida da minha filha.

—Ela não vai deixar o carro. — Disse Daniel. — Você pode vir também. E então... viu-o em seu rosto... Ela estava começando a ceder.

Ele pegou a mão dela.

—Por favor, tia Charlotte.

Ela engoliu em seco, a garganta segurando um soluço. E então, finalmente, concordou.

Daniel quase caiu de alívio. Ele não tinha encontrado Anne ainda, mas Frances era sua única esperança, e se sua tia a proibisse de acompanhá-lo a Hampstead, tudo estaria perdido.

—Não há tempo a perder. — Disse Daniel. Ele virou-se para sua tia. — Há espaço para quatro em minha carruagem. Quão rápido você pode conseguir uma preparada para partir? Vamos precisar de assentos para cinco no retorno.

—Não. — Disse a tia. — Vamos levar nossa carruagem. Ela acomoda seis, mas o mais importante, vai apoiar as escoltas. Não vou permitir que você deixe minha filha chegar perto desse louco sem guardas armados no carro.

—Como quiser. — Disse Daniel. Ele não podia discutir. Se ele tivesse uma filha, seria tão ferozmente protetor.

Sua tia virou-se para um dos lacaios que era testemunha de toda a cena.

—Traga a carruagem imediatamente.

—Sim, milady. — Disse ele, antes de correr.

—Agora haverá espaço para mim. — Lady Winstead anunciou. Daniel olhou para a mãe.

—A senhora vem também?

—Minha futura nora está em perigo. Gostaria de me ter em outro lugar?

—Tudo bem. — Daniel concordou, porque não havia muito sentido em discutir. Se era seguro o suficiente para Frances, era certamente suficientemente seguro para sua mãe. Ainda...

—Você não vai entrar. — Disse ele severamente.

—Eu não sonharia com isso. Eu tenho habilidades, mas elas não incluem uma luta de armas com um louco. Tenho certeza de que só iria ficar no caminho.

Quando eles correram para fora para esperar o transporte, no entanto, uma carruagem virou a esquina da praça em rápida velocidade. Foi apenas devido à habilidade do motorista Hugh Prentice que Daniel percebeu, com choque, que não tombou.

—O que diabos?— Daniel avançou e tomou as rédeas que Hugh desajeitadamente abaixou.

—Seu mordomo me disse que você estava aqui. — Disse Hugh. —Estava procurando por você todos os dias.

—Ele foi lá em casa mais cedo. — Disse sua mãe. —Antes de a Senhorita Wynter sumir. Ela alegou não saber onde você foi.

—O que está acontecendo?— Daniel perguntou a Hugh. Seu amigo, cujo rosto era normalmente uma máscara de emoção, estava apertado com preocupação.

Hugh lhe entregou um pedaço de papel.

—Eu recebi isso.

Daniel rapidamente leu à missiva. A caligrafia era limpa e arrumada, com uma masculinidade angular nas letras. Temos um inimigo em comum, leu, em seguida, deu instruções de como deixar uma resposta em uma casa postal em Marylebone.

—Chervil. — Daniel disse baixinho.

—Então você sabe quem escreveu isso?— Hugh perguntou.

Daniel concordou. George Chervil provavelmente não sabia que Hugh e ele não eram, e nunca foram inimigos. Mas havia fofocas suficientes que poderiam levar alguém a chegar a essa conclusão.

Ele rapidamente relatou os acontecimentos do dia a Hugh, que olhou para o transporte Pleinsworth e disse.

— Você tem espaço para mais um.

—Não é necessário. — Disse Daniel.

—Eu vou. — Afirmou Hugh. —Posso não ser capaz de brigar, mas tenho uma excelente pontaria.

Com isso, tanto Daniel como Marcus giraram a cabeça para ele, incrédulos.

—Quando estou sóbrio. — Hugh esclareceu, tendo a graça de corar. Um pouco. Daniel duvidava que suas bochechas fossem mais vermelhas do que isso.

—Então eu vou. — Hugh acrescentou, obviamente, sentindo a necessidade de deixar isso claro.

—Entre. — Disse Daniel, balançando a cabeça em direção ao carro. Ele ficou surpreso por Hugh não ter notado.

—Vamos colocar Lady Frances no colo de sua mãe, a caminho de casa para dar espaço para a Senhorita Wynter. — Hugh disse.

Sem importar, Hugh avisou.

—Vamos. — Disse Marcus. As senhoras já estavam no carro, e Marcus tinha um pé no degrau.

Era um grupo estranho de resgate, mas como o cocheiro fugiu, quatro lacaios armados serviam como escoltas, Daniel não podia deixar de pensar em como sua família era maravilhosa. A única coisa que poderia fazer melhor seria Anne, a seu lado, e com o seu nome.

Ele só podia rezar para que eles chegassem a Hampstead a tempo.

Capítulo 21



Anne tinha em sua vida conhecido momentos de terror. Quando esfaqueou George e percebeu o que tinha feito, ficou paralisada. Quando a carruagem de Daniel correu solta e sentiu-se voar pelo ar, depois jogada no chão, também foi terrível. Mas nada, nada, se comparava ao momento em que percebeu que os cavalos que puxavam a carruagem de George Chervil, tinham desacelerado, fazendo-a se inclinar para Frances e sussurrar.

— Pronta para fuga? — E então, antes que ela tivesse a chance de adivinhar, abriu a porta do carro e empurrou Frances para fora, gritando para ela se enrolar em uma bola quando batesse no chão.

Ela teve apenas um segundo para se certificar de que Frances ficou de pé, antes de George a puxar de volta para o carro e dar-lhe um tapa no rosto.

—Não pense que você pode me enfrentar. — Ele sussurrou.

—Sua guerra é comigo. — Ela cuspiu. — Não com a criança. Ele encolheu os ombros.

—Não a teria machucado.

Anne não estava tão certa disso. Agora George estava tão obcecado em arruinar Anne que não podia ver passar as próximas horas. Mas, eventualmente, uma vez que a raiva em seu sangue esfriasse, iria perceber que Frances poderia identificá-lo. E enquanto ele pudesse pensar que poderia fugir, ferindo ou até mesmo matando Anne, sabia que o sequestro da filha de um conde não seria tratado tão levemente.

—Onde você está me levando?— Anne perguntou. Suas sobrancelhas se levantaram.

—Será que isso importa?

Seus dedos apertaram o assento do carro.

—Você não vai conseguir acabar com isso, você sabe. — Disse ela. —Lorde Winstead terá sua cabeça.

—O seu novo protetor?— Ele zombou. —Ele não será capaz de provar nada.

—Bem, tem... — Ela parou antes de lembrar que Frances poderia facilmente reconhecer seu rosto. A cicatriz cuidava disso.

Mas George imediatamente suspeitou de uma frase inacabada.

—O que tem?— Ele exigiu.

—Tem a mim.

Seus lábios torcidos em um arremedo de um sorriso cruel.

—Tem você?

Os olhos dela se arregalaram de horror.

—Bem, agora tem. — Ele murmurou. —Mais tarde, não mais.

Então planejava matá-la. Anne supôs que não deveria se surpreender.

—Mas não se preocupe. — Acrescentou George, quase casualmente. —Não vai ser rápido.

—Você é louco. — Anne sussurrou.

Ele a agarrou, seus dedos segurando o tecido de seu corpete e puxando-a até que eles estivessem quase nariz com nariz.

—Se estou. — Ele sussurrou. — É por sua causa.

—Você trouxe isso para si mesmo. — Disse ela novamente.

—Ah, é mesmo?— Ele cuspiu, jogando-a contra a parede do fundo do carro. — Eu fiz isso. — Ele fez um gesto sarcástico no rosto. —Eu peguei uma faca e cortei-me, criando um monstro.

—Sim. — Ela gritou. —Você fez! Você era um monstro antes que eu o tocasse. Eu estava apenas tentando me defender.

Ele bufou com desdém.

—Você já abriu suas pernas para mim. Você não consegue dizer não, depois de ter feito isso uma vez.

Ela olhou para ele.

—Você realmente acredita nisso?

—Você gostou da primeira vez.

—Pensei que você me amava! Ele encolheu os ombros.

—Essa é a sua estupidez, não a minha. — Mas então ele virou-se bruscamente, considerando-a com uma expressão que se aproximou da alegria. —Oh, meu... — Disse ele, sorrindo com o pior tipo de alegria malvada. —Você fez isso de novo, não é? Você deixou Winstead ter você. Tsc, tsc, tsc. Oh, Annie, você não aprendeu nada?

—Ele me pediu para casar com ele. — Disse ela, apertando os olhos. George explodiu em gargalhadas.

—E você acreditou?

—Eu disse que sim.

—Tenho certeza que sim.

Anne tentou respirar fundo, mas seus dentes estavam cerrados tão fortemente que balançou quando tentou soltar o ar. Ela estava assim... maldição... zangada. Foi-se o medo, a apreensão, a vergonha. Tudo o que ela sentia era o sangue ferver com fúria. Este homem havia roubado oito anos de sua vida. Ele a deixou com medo e a fez ficar sozinha. Ele tinha tomado à inocência de seu corpo e havia esmagado a inocência de seu espírito. Mas desta vez, ele não iria ganhar.

Ela estava finalmente feliz. Não tinha garantias, mas estava feliz. Ela amava Daniel e por algum milagre ele a amava. Em um futuro próximo, ela via o nascer do sol em tons encantadores de rosa e laranja, realmente podia se ver com Daniel, ouvir as risadas das crianças. Ela não abandonaria isso. Quaisquer que fossem seus pecados, ela já tinha pago por eles.

—George Chervil. — Disse ela, com a voz estranhamente calma. —Você é uma praga na humanidade.

Ele olhou para ela com curiosidade, depois encolheu os ombros, voltando-se para a janela.

—Para onde vamos?— Ela perguntou de novo.

—Não tão longe.

Anne olhou pela janela. Eles estavam se movendo muito mais rápido agora do que quando empurrou Frances do carro. Não reconhecia a área, mas pensava que iam para o norte. Ou, pelo menos, na maior parte rumo ao Norte. Deixaram para trás há muito tempo Regent Park, e, embora nunca tivesse levado as meninas lá, sabia que estava localizado ao norte de Marylebone.

O carro manteve seu ritmo acelerado, reduzindo apenas o suficiente nos cruzamentos para Anne ler alguns dos sinais sobre as lojas. Kentish Town, um deles dizia. Tinha ouvido falar. Era uma vila nos arredores de Londres. George disse que não iriam longe, e talvez isso fosse verdade. Mas, ainda assim, Anne não achava que houvesse alguma maneira de alguém encontrá-la antes que George tentasse executar seu plano. Não achava que ele diria qualquer coisa na frente de Frances que pudesse indicar onde estavam indo, e em qualquer caso, a pobre criança certamente estaria bem mal quando chegasse em casa.

Se Anne quisesse se salvar, ela teria que fazer isso sozinha.

—É hora de ser uma heroína. — Ela sussurrou.

—O que foi isso?— George disse em uma voz entediada.

—Nada. — Mas por dentro, seu cérebro estava girando. Como ela faria isso? Haveria qualquer sentido de planejamento, ou será que ela precisaria esperar e ver como os acontecimentos iriam se desdobrar? Era difícil saber como poderia escapar sem primeiro reconhecer o terreno.

George se virou para ela com desconfiança.

—Nem pense em olhar procurando por algo. — Ele disse.

Ela o ignorou. Quais eram suas fraquezas? Era vaidoso, como ela poderia usar isso a seu favor?

—O que você está pensando?— Ele exigiu.

Ela sorriu secretamente. Ele não gostava de ser ignorado, o que, também, poderia ser útil.

—Por que você está rindo?— Ele gritou.

Ela se virou, sua expressão cuidadosamente construída para parecer como se ela tivesse acabado de ouvi-lo.

—Sinto muito, você disse alguma coisa? Seus olhos se estreitaram.

—O que você está fazendo?

—O que estou fazendo? Estou sentada em um carro que está me sequestrando. O que você está fazendo?

Um músculo em sua bochecha boa começou a se contorcer.

—Não fale comigo nesse tom de voz.

Ela encolheu os ombros, acompanhando o movimento com um rolar de desprezo de seus olhos. Ele odiava isso.

—Você está planejando alguma coisa. — Acusou.

Ela encolheu os ombros novamente, decidindo que com George, qualquer coisa que tivesse funcionado uma vez, iria funcionar ainda melhor agora.

Estava certa. Seu rosto ficou manchado com raiva, sua cicatriz um contraste branco afiado em sua pele. Era horrível olhar, mas ainda assim, não conseguia desviar os olhos.

George a pegou olhando e ficou ainda mais agitado.

—O que você está planejando?— Ele exigiu, sua mão tremendo de fúria quando apontou para ela com o dedo indicador.

—Nada. — Disse honestamente. Nada específico, pelo menos. Agora tudo o que estava fazendo era colocá-lo no limite. E estava funcionando muito bem.

Ele não estava acostumado que as mulheres o tratasse com desdém, percebeu. Quando ela o conheceu, as moças o bajulavam e se penduravam em cada palavra sua. Ela não sabia que tipo de atenção ele chamava agora, mas a verdade era que, não era feio quando não estava com o rosto vermelho de raiva, mesmo com sua cicatriz. Algumas mulheres teriam pena dele, mas outras provavelmente o achariam bonito e até mesmo misterioso, com o que parecia ser uma ferida de guerra valente.

Mas desdém? Ele não gostaria, especialmente dela.

—Você está sorrindo de novo. — Ele acusou.

—Não estou. — Ela mentiu, sua voz serena.

—Não tente me atravessar. — Ele se enfureceu, cutucando seu ombro novamente com o dedo. —Você não pode vencer.

Ela encolheu os ombros.

—O que está errado com você?— Ele rugiu.

—Nada. — Disse ela, porque agora percebeu que nada iria enfurecê-lo mais do que o seu comportamento calmo. Ele queria que se encolhesse de medo. Queria vê-la tremer e ouvi-la implorar.

Então, em vez disso, ela se afastou dele, mantendo os olhos firmemente na janela.

—Olhe para mim. — George ordenou.

Ela esperou por um momento, e então disse.

—Não.

Sua voz tornou-se um grunhido.

—Olhe para mim.

—Não.

—Olhe para mim. — Ele gritou.

Desta vez, ela olhou. Sua voz tinha chegado a um passo da instabilidade, e ela percebeu que já estava tenso em seus ombros, pronto para um golpe. Olhou para ele sem falar.

—Você não pode me vencer. — Ele rosnou.

—Vou tentar. — Disse Anne suavemente. Porque não iria desistir sem lutar. E se ele conseguisse destruí-la, então, como Deus de testemunha, o levaria junto com ela também.

A carruagem de Pleinsworth acelerou ao longo da estrada de Hampstead, seis pessoas na carruagem em alta velocidade muitas vezes não eram vistos na rota. Se eles pareciam fora do lugar, uma carruagem grande e opulenta a uma velocidade vertiginosa com escolta armada, Daniel não se importava. Podiam chamar a atenção, mas não de Chervil, que tinha, pelo menos, uma hora à frente deles, se estivesse indo realmente para uma pousada em Hampstead. Assim já estaria lá, no interior e, portanto, pouco provável seria vê-los na rua.

A menos que o quarto fosse para a rua...

Daniel soltou um suspiro. Ele teria que cruzar essa ponte se precisasse. Poderia tirar Anne rápida e furtivamente, e dado o que ela lhe disse sobre Chervil, optava pela velocidade.

—Nós vamos encontrá-la. — Disse Marcus em uma voz calma.

Daniel olhou para cima. Marcus não irradiava arrogância, mas, nunca irradiava. Marcus era confiável e bastante confiante, logo em seguida, seus olhos demonstraram uma firmeza que Daniel achou reconfortante. Daniel assentiu e se virou para a janela. Ao lado dele, sua tia estava mantendo um fluxo constante de conversas nervosas enquanto apertava a mão de Frances. Frances estava dizendo.

—Não vejo isso. Não vejo a carruagem ainda. — Apesar de Daniel mais de uma vez lhe dizer que eles ainda não haviam chegado a Hampstead.

—Tem certeza que você vai ser capaz de reconhecer a carruagem?— Lady Pleinsworth perguntou a Frances com dúvida. —Uma se parece muito com outras para

mim. A menos que haja uma crista...

—Ela tem uma barra engraçada. — Disse Frances. —Sei disso.

—O que quer dizer, uma barra engraçada?— Daniel perguntou.

—Não sei. — Disse com um encolher de ombros. —Não acho que sirva para alguma coisa. É apenas decoração. Mas é cheia de ouro e redemoinhos. —Ela fez um movimento com a mão, e trouxe à mente o cabelo de Anne na noite anterior, quando ela tinha torcido seus cabelos molhados em uma trança grossa.

—Na verdade. — Disse Frances. — Lembra um chifre de unicórnio. Daniel sentiu-se sorrir e se virou para sua tia.

—Ela vai reconhecer o carro.

Eles aceleraram e passaram por várias aldeias periféricas de Londres, chegando finalmente à pitoresca vila de Hampstead. Ao longe, Daniel podia ver o verde selvagem de uma pousada famosa. Era uma enorme extensão de terra, deixando os parques de Londres envergonhados.

—Como você quer fazer isso?— Hugh perguntou. —Seria melhor ir a pé.

—Não!— Lady Pleinsworth virou-se para ele com hostilidade visível. —Frances não ficará fora do carro.

—Vamos subir a rua. — Disse Daniel. —Todo mundo deve olhar para estalagens e casas públicas, qualquer lugar onde Chervil possa ter arranjado um quarto. Frances, você busca pela carruagem. Se não encontrar nada, vamos começar com as pistas menores.

Hampstead parecia ter um número notável de pousadas. Eles passaram pelo Rei William IV, à esquerda, uma casa com telhado de colmo, à direita, e então o Holly Bush, à esquerda novamente, mas mesmo quando Marcus saltou para olhar em volta e para qualquer coisa parecida com um unicórnio, o transporte que Frances descreveu, não encontraram nada. Só para ter certeza, Marcus e Daniel entraram em cada uma das pousadas e perguntou se não tinham visto ninguém parecido com Anne e George Chervil, mas ninguém viu.

E, dada à descrição que Frances lhe deu sobre a cicatriz de Chervil, Daniel pensou que ele teria sido notado. E lembrado.

Daniel pulou de volta para o carro, que estava esperando na rua, atraindo um pouco de atenção das pessoas da cidade. Marcus já havia retornado e ele e Hugh estavam falando alguma coisa em tom enérgico, mas ao mesmo tempo tranquilo.

—Nada?— Marcus perguntou, olhando para cima.

—Nada. — Daniel confirmou.

—Há outra hospedaria. — Hugh disse. —É dentro do mato, na estrada dos espanhóis. Estive lá antes. —Ele fez uma pausa. —É mais remoto.

—Vamos. — Daniel disse severamente. Era possível que eles tivessem perdido uma pousada perto da rua principal, mas poderiam sempre voltar. E Frances disse que Chervil tinha especificamente mencionado Heath.

Chegaram cinco minutos mais tarde na pousada dos espanhóis, que ficava praticamente dentro do campo, seus tijolos pintados de branco e persianas elegantes no meio do deserto.

Frances apontou-lhe o braço e começou a gritar.

Anne logo descobriu por que George tinha escolhido este hotel particularmente. Estava em uma estrada que atravessava Hampstead e por mais que não fosse a única construção na estrada, era consideravelmente a mais isolada do que os estabelecimentos no centro da vila. O que significava que, se ele tivesse programado corretamente (o que fez), poderia arrastá-la para fora da carruagem por uma porta lateral até seu quarto, sem que ninguém percebesse. Ele teria ajuda, é claro, de seu motorista, que a vigiava enquanto George entrava para pegar a chave.

—Não confio em você para manter sua boca fechada. — George rosnou quando empurrava uma mordaca na boca dela. Anne pensou que ele não poderia pedir ao estaleiro sua chave enquanto fazia se acompanhar por uma mulher que tinha um trapo velho fedorento na boca. Sem mencionar as mãos amarradas atrás das costas.

George parecia ansioso para que ela conhecesse todos seus planos, e assim ele manteve um monólogo arrogante quando conseguiu espaço a seu gosto.

—Tenho esse quarto por uma semana. — Disse, empurrando uma cadeira na frente da porta. —Não era suposto encontrá-la na rua ontem à noite, sem minha carruagem.

Anne olhou para ele horrorizada de seu lugar no chão. Ele a culparia por isso?

—No entanto, outra coisa que conseguiu arruinar para mim. — Ele murmurou. Aparentemente, era assim.

—Mas não importa. — Ele disse. —Deu tudo certo no final. Eu encontrei você na casa de seu amante, como esperava encontrar.

Anne viu quando ele olhou ao redor do quarto, procurando por outra coisa para bloquear a porta. Não havia muito, a não ser que ele movesse a mão.

—Quantos você teve depois que te conheci? — Ele perguntou, virando-se lentamente ao redor.

Anne balançou a cabeça. O que ele estava falando?

—Oh, você vai me dizer. — Ele estalou, e caminhou para frente e arrancou a mordaca de sua boca. —Quantos amantes?

Por cerca de um segundo Anne considerou gritar. Mas George estava segurando uma faca, trancou a porta e colocou uma cadeira na frente dela. Se alguém estivesse por perto, e se essa pessoa a salvasse, George ainda seria capaz de cortá-la antes que a ajudasse.

—Quantos?— George exigia.

—Nenhum. — Disse Anne automaticamente. Parecia incrível que ela pudesse esquecer sua noite com Daniel, quando confrontada com essa questão, mas o que chegou a sua mente primeiro foram todos esses anos de solidão, de não ter nenhum amigo, muito menos um amante.

—Ah, acho que Lorde Winstead teria algo mais a dizer sobre isso. — George zombou. —A menos... — Sua boca deslizou em um sorriso desagradavelmente alegre.

—Você está me dizendo que ele não pode fazer nada?

Era muito tentador dar a George um catálogo de todas as maneiras que Daniel o superou, mas em vez disso Anne apenas disse.

— Ele é meu noivo. George riu.

—Sim, então você acredita. Bom Deus, o homem tem a minha admiração. Que truque. E ninguém vai considerar sua palavra sobre a situação. —Ele fez uma pausa, parecendo quase melancólico. —Deve ser conveniente ser um conde. Eu não poderia ter conseguido. —Ele iluminou. —Ainda assim, como resulta ser, nem sequer tive que perguntar. Tudo o que fiz foi dizer ‘Eu te amo’, e você não só acreditou em mim, mas pensou que isso significava que me casaria com você.

Ele olhou para ela e estalou a língua.

—Garota tola.

—Não vou discordar de você nesse ponto.

A cabeça inclinou-se e ele olhou-a com aprovação.

— Oh não, estamos mais sábios agora que amadurecemos.

Nesse momento, Anne percebeu que tinha que continuar falando com George. Atrasar seu ataque, dar-lhe tempo. Sem mencionar que quando George falava, geralmente era ostentoso, e quando ficava assim, ele se distraía.

—Tive tempo para aprender com os meus erros. — Disse ela, dando um rápido olhar para a janela quando ele caminhou até o guarda-roupa para tirar algo. Quão alto estavam? Se ela pulasse, poderia sobreviver?

Ele se virou, aparentemente, não encontrando o que estava procurando, e cruzou os braços.

—Bem, isso é bom de ouvir.

Anne piscou surpresa. Ele estava sobre ela com uma expressão que era quase paternal.

—Você tem filhos?— Ela deixou escapar. Sua expressão se transformou em gelo.

—Não.

E assim, Anne soube. Ele nunca consumou seu casamento. Ele era impotente? E se assim fosse, ele a culparia por isso?

Ela deu-lhe um aceno de cabeça. Que pergunta estúpida. É claro que a culpava por isso. E querido Deus, ela finalmente compreendeu a extensão de sua raiva. Não era apenas seu rosto, em seus olhos, ela tinha o tripudiado.

—Por que você está balançando a cabeça?— George exigiu.

—Eu não estou. — Respondeu ela, então percebeu que ela estava balançando a

cabeça de novo. —Ou eu não queria. É apenas uma coisa que eu faço quando estou pensando.

Seus olhos se estreitaram.

—No que você está pensando?

—Em você. — Disse muito sinceramente.

—Sério?— Por um momento ele pareceu satisfeito, mas isso rapidamente deu lugar à desconfiança. —Por quê?

—Bem, você é a única pessoa no quarto. Faz sentido eu pensar em você. Ele deu um passo na direção dela.

—No que você estava pensando?

Como na terra podia não ter percebido quão egoísta ele era? Ela tinha apenas dezesseis anos, mas com certeza, tinha mais sentido do que isso.

—No que você estava pensando?— Ele persistiu quando ela não respondeu imediatamente.

Ela considerou como responder a isso. Certamente não poderia dizer-lhe que estava ponderando sua impotência, assim em vez disso disse.

— A cicatriz não é tão terrível quanto acho que você pensa que é. Ele bufou e se voltou para o que fosse que estivesse fazendo.

—Você só está dizendo isso para alcançar meu lado bom.

—Diria isso para alcançar seu lado bom. — Admitiu, esticando o pescoço para dar uma olhada melhor em suas atividades. Ele parecia estar reorganizando tudo novamente, o que parecia sem sentido, pois não havia muito no lugar para reorganizar.

—Mas como costuma acontecer. — Anne continuou. —Acho que é verdade. Você não é tão bonito quanto era quando jovem, mas um homem não quer ser bonito, não é?

—Talvez não, mas não conheço uma alma que queira isso. — George fez um gesto sarcástico, a mão varrendo para baixo da orelha ao queixo.

—Eu sinto muito ter te machucado, você sabe. — Disse Anne, e para sua grande surpresa, percebeu que queria dizer isso. —Não me entristeço por ter me defendido, me entristeço por ter ferido você no processo. Se tivesse me deixado sair, nada disso teria acontecido.

—Ah, então agora a culpa é minha?

Ela fechou a boca. Não deveria ter dito aquilo, e não iria agravar seu erro ao dizer o que queria dizer, o que era bom em si.

Ele esperou por uma resposta e quando não conseguiu uma, murmurou.

— Nós vamos ter que mudar isso.

Oh meu Deus, ele queria mover a cama.

Mas era enorme, um móvel pesado, e não era algo que ele pudesse mover por conta

própria. Depois de um minuto de empurrões, grunhidos e uma boa dose de maldição, virou-se para Anne e retrucou.

—Ajude-me, pelo amor de Deus.

Seus lábios se separaram em descrença.

—Minhas mãos estão amarradas. — Ela lembrou.

George amaldiçoou novamente, em seguida, caminhou e puxou-a para seus pés.

—Você não precisa de suas mãos. Apenas fique contra a cama e empurre. Anne não podia fazer nada além de olhar.

—Assim. — Ele disse, apoiando as costas contra o lado da cama. Ele plantou os pés no tapete puído, em seguida, usou o seu peso para empurrar contra ela. A grande cama caiu para frente, a cerca de uma polegada.

—Você realmente acha que eu vou fazer isso?

—Eu acho que ainda tenho a faca. Anne revirou os olhos e se aproximou.

—Realmente não acho que isso vá funcionar. — Disse ela por cima do ombro. — Minhas mãos estão no caminho.

Ele olhou para baixo, onde suas mãos estavam amarradas, ainda atrás das costas.

—Oh, droga. — Ele murmurou. —Venha aqui.

Ela estava ali, mas Anne achou melhor manter essa piada para si.

—Não tente nada. — Alertou a ela, e com um puxão, sentiu-o cortar a corda que amarrava suas mãos, cortando a base de seu polegar no processo.

—Ai!— Ela gritou, levando a mão à boca.

—Oh, isso dói, não é?— George murmurou, seus olhos se abriram com sede de sangue.

—Não mais. — Disse ela rapidamente. —Vamos mover a cama?

Ele riu para si mesmo e assumiu a posição. Então, enquanto Anne se preparava para fingir empurrar a cama contra a porta com toda a força, George de repente se endireitou.

—Devo cortar você primeiro?— Ele perguntou em voz alta. —Ou me divertir um pouco?

Anne olhou para frente de sua calça. Ela não se conteve. Ele era impotente? Ela não via qualquer evidência de uma ereção.

—Ah, então é isso que você quer fazer. — Ele cantou. Ele agarrou a mão dela e puxou-a para ele, forçando-a a senti-lo através do tecido. —Algumas coisas nunca mudam.

Anne não tentou soltar-se quando ele esfregou a mão esquerda dela em sua virilha. Mesmo com suas roupas, era doente, mas era muito melhor do que ter o rosto cortado.

George começou a gemer de prazer, e depois, para horror de Anne, ela sentiu algo começar a... acontecer.

—Oh, Deus. — George gemeu. —Oh, isso parece tão bom. Faz tanto tempo. Nossa, tanto...

Anne prendeu a respiração ao vê-lo. Seus olhos estavam fechados e ele parecia quase em transe. Ela olhou para sua mão segurando a faca. Era sua imaginação, ou ele não estava segurando-a com tanta força? Se ela agarrasse... Ela poderia agarrá-la?

Anne cerrou os dentes. Ela deixou os dedos se mexer um pouco, e então, assim que George soltou um gemido mais profundo de prazer, ela fez sua jogada.

Capítulo 22



—É essa!— Frances gritou. Seu braço fino projetando-se para frente descontroladamente. —Esse é o carro. Tenho certeza disso.

Daniel torceu o corpo para seguir a direção de Frances. Com certeza, um carro pequeno, mas bem feito, estava estacionado perto da pousada. Era preto como o padrão, com uma barra de ouro decorativo. Daniel nunca tinha visto nada parecido com isso antes, mas podia ver exatamente por que Frances disse que a fez lembrar-se de um chifre de unicórnio. Se fosse cortado no comprimento correto, faria uma adição maravilhosa a um traje.

—Vamos permanecer na carruagem. — Lady Winstead reafirmou quando Daniel se virou para as senhoras para emitir instruções.

Daniel deu-lhe um aceno de cabeça, e os três homens pularam. —Vocês guardarão este transporte com suas vidas. — Disse ele para as escoltas e então rapidamente entrou na estalagem.

Marcus estava bem atrás dele, e Hugh entrou no momento em que Daniel terminou de questionar o gerente. Sim, viu um homem com uma cicatriz. Arranjou um quarto ali por uma semana, mas não o usava todas as noites. Chegou há uma hora, mas não havia nenhuma mulher com ele.

Daniel jogou uma coroa em cima do balcão.

—Qual é o seu quarto?

Os olhos do homem se arregalaram.

—Número quatro, vossa senhoria. —colocou a mão sobre a coroa e deslizou ao longo do balcão para a borda até que pudesse pegá-la e limpou a garganta. —Eu poderia ter uma chave reserva.

—Poderia?

—Sim.

Daniel soltou outra coroa. O homem entregou a chave.

—Espere. — Disse Hugh. —Existe alguma outra entrada para o quarto?

—Não. Apenas a janela.

—Quão longe ela é do chão?

As sobranceiras do homem se levantaram.

—Muito alto para se esgueirar, a menos que suba na árvore de carvalho. Hugh imediatamente virou-se para Daniel e Marcus.

—Vou fazer isso. — Disse Marcus e saiu pela porta.

—Provavelmente será desnecessário. — Disse Hugh enquanto seguia Daniel pelas escadas. — Mas prefiro não arriscar.

Daniel não iria discutir. Especialmente não com Hugh, que reparava em tudo e não esquecia nada.

Quando chegaram à porta do quarto quatro no final do corredor, Daniel imediatamente apontou a arma para frente, mas Hugh colocou uma mão no seu ombro.

—Ouça primeiro. — aconselhou.

—Você nunca esteve apaixonado, não é?— Daniel disse e antes que Hugh pudesse responder, virou a chave na fechadura e chutou a porta, enviando uma cadeira pelo quarto.

—Anne! — Gritou antes mesmo de vê-la.

Mas se ela gritou seu nome, foi perdido em um grito de surpresa quando a cadeira atingiu-lhe nos joelhos a fazendo voar com a mão procurando loucamente algo que saiu do seu alcance.

Uma faca.

Daniel se lançou por ela. Anne se lançou por ela. George Chervil, que vinha fazendo uma dança desesperada com Anne, jogou seu peso de um pé a outro enquanto levantava as mãos para agarrar a faca, mergulhando no chão por ela.

Na verdade, todos foram atrás da faca, exceto Hugh, que, despercebido a todos, estava de pé na porta com uma pistola apontada para Chervil, parecendo quase entediado.

—Não faria isso se fosse você. — Disse Hugh, mas George agarrou a faca mesmo assim, e depois pulou em cima de Anne, que ainda estava no chão, depois de ter perdido a corrida para a arma por meros centímetros.

—Atire em mim e ela morre. — Disse George, segurando a lâmina perigosamente perto da garganta de Anne.

Daniel, que, instintivamente, correu para frente, derrapou até parar. Ele colocou sua arma no chão e então recuou.

—Afastese. — Disse George, segurando a faca como um martelo. —Faça isso! Daniel concordou com a cabeça, segurando as mãos no alto enquanto recuava mais um passo. Anne estava deitada de barriga para baixo no chão, e George estava em cima dela, uma mão no punho de sua faca, a outra agarrando seu cabelo. —Não precisa feri-la, Chervil. — Daniel advertiu. —Você não quer fazer isso.

—Ah, mas é aí que você se engana. Quero muito fazer isso. —Ele bateu a lâmina levemente contra a bochecha de Anne.

O estômago de Daniel se contorceu.

Mas George não tinha tirado sangue. Parecia estar se divertindo em seu momento de poder, e puxou mais forte o cabelo de Anne, puxando sua cabeça para cima no que parecia ser uma posição dolorosamente desconfortável.

—Você vai morrer. — Prometeu Daniel a ele. George encolheu os ombros.

—Então ela também.

—E sua mulher?

George olhou para ele bruscamente.

—Falei com ela nesta manhã. — Disse Daniel, mantendo seu olhar firme no rosto de George. Queria desesperadamente olhar para Anne, para encontrar seus olhos. Ele poderia dizer que a amava sem palavras. Ela saberia, só tinha que olhar para ela.

Mas não se atrevia. Enquanto ele estava olhando para George Chervil e George Chervil olhando para ele. E não para Anne. Ou para a faca.

—O que você disse para minha esposa?— George chiou, mas uma centelha de inquietação passou por seu rosto.

—Ela parece uma mulher adorável. — Disse Daniel. —O que vai acontecer com ela, eu me pergunto, se você morrer aqui, em uma pousada, nas mãos de dois condes e filho de um marquês?

A cabeça de George levantou-se quando ele se virou para Hugh, apenas em seguida, percebendo onde estava.

—Mas você o odeia. — Disse ele. —Ele atirou em você. Hugh apenas encolheu os ombros.

George empalideceu, começou a dizer algo, apenas para interromper.

— Dois condes?

—Há outro. — Disse Daniel. —Apenas para o caso de precisar.

George começou a respirar forte, seus olhos correndo de Daniel para Hugh, e, ocasionalmente, para Anne. Daniel podia ver que ele estava começando a transpirar. Ele atingiu seu limite e esse era um lugar perigoso para se estar, sempre.

Para todos.

—Lady Chervil será arruinada. — Disse Daniel. —Lançada fora da sociedade. Até o pai dela não vai ser capaz de salvá-la.

George começou a tremer. Daniel finalmente se permitiu roubar um olhar de Anne. Ela estava respirando com dificuldade, claramente assustada, e ainda, quando seus olhos se encontraram...

Eu te amo.

Era como se ela tivesse dito em voz alta.

—O mundo não é para mulheres que foram expulsas de suas casas. — Daniel disse

suavemente. —Basta perguntar a Anne.

George estava começando a vacilar, Daniel podia ver isso em seus olhos.

—Se você deixá-la ir. — Ele prometeu. — Você vai viver.

Ele viveria, mas não em qualquer lugar nas Ilhas Britânicas. Daniel iria garantir isso.

—E minha esposa?

—Vou deixar todas as explicações para você.

A cabeça de George se contraiu, como se o colarinho tivesse ficado muito apertado. Seus olhos estavam piscando furiosamente, e depois, por um momento, ele os apertou e...

—Ele atirou em mim! Oh, meu Deus, ele atirou em mim!

A cabeça de Daniel se virou quando percebeu que Hugh havia disparado a arma.

—Você está louco?— Ele estalou e correu para tirar Anne de George, que agora estava rolando no chão, uivando de dor enquanto segurava a mão sangrando.

Hugh mancou pelo quarto e olhou para George.

—É apenas um ferimento. — Disse friamente.

—Anne, Anne. — Daniel disse com voz rouca. O tempo todo que ela esteve no cativeiro com George Chervil, ele segurou todo seu terror. Ele ficou em linha reta, os músculos tensos, mas agora, agora que ela estava segura...

—Eu pensei que fosse perdê-la. — Engasgou, segurando-a tão perto como podia. Enterrou o rosto na curva de seu ombro, e para a sua mortificação, percebeu que o vestido dela estava encharcado com suas lágrimas. —Não sabia, não acho que soubesse.

—Não teria atirado nela, a propósito. — Hugh disse, caminhando até a janela. George gritou quando ele acidentalmente pisou em sua mão.

—Você é um louco maldito. — Disse Daniel, sua indignação cortando através de suas lágrimas.

—Ou. — Hugh disse claramente. — Nunca estive apaixonado. — Ele olhou para Anne. —Isso me deixa ainda mais lúcido. — Ele apontou para sua arma. —E com melhor vista também.

—Do que ele está falando?— Anne sussurrou.

—Raramente sei. — Admitiu Daniel.

—Tenho que deixar entrar Chatteris. — Hugh disse, assobiando enquanto abria a janela.

—Ele é louco. — Disse Daniel, afastando-se o suficiente de Anne para passar as mãos pelo rosto dela. Ela parecia tão bela e preciosa, e viva. —Ele é totalmente louco.

Seus lábios tremeram em um sorriso.

—Mas eficaz.

Daniel sentiu algo começar em seu ventre. Risadas. Querido Deus, talvez eles

estivessem todos loucos.

—Precisa de uma mão?— Hugh perguntou, e ambos se voltaram para a janela.

—É Lorde Chatteris em uma *árvore*?— Anne perguntou.

—O que em nome de Deus está acontecendo?— Marcus exigiu, assim que entrou no quarto. —Eu ouvi tiro.

—Hugh atirou nele. — Disse Daniel, sacudindo a cabeça para Chervil, que estava tentando se arrastar até a porta. Marcus imediatamente caminhou e bloqueou seu caminho. —Enquanto ele estava segurando Anne.

—Eu não ouvi você dizer obrigado ainda. — Disse Hugh, olhando pela janela sem uma razão que Daniel pudesse entender.

—Obrigada. — Disse Anne. Hugh virou-se e deu-lhe um sorriso brilhante.

—Bem, agora. — Disse ele sem jeito e Daniel teve que sorrir. O ar se alterava quando Anne estava na sala.

—O que vamos fazer com ele?— Marcus perguntou, sempre com as questões práticas na mão. Ele se abaixou e pegou algo do chão e se agachou ao lado de George.

—Ai!— George uivou.

—Amarre suas mãos. — Marcus confirmou e olhou para Anne. —Estou assumindo que isto foi o que ele usou para amarrar as suas?

Ela assentiu com a cabeça.

—Isso dói!

—Nem recebeu realmente um tiro. — Disse Marcus. Sem compaixão alguma. Ele olhou para Daniel. —Nós temos que descobrir o que fazer com ele.

—Você prometeu que não iria me matar. — George lamentou.

—Prometi que não iria matá-lo se você a soltasse. — Lembrou Daniel.

—O que eu fiz.

—Depois que eu atirei em você. — Hugh respondeu.

—Ele não vale a pena matar. — Disse Marcus, apertando a corda. —Haverá perguntas.

Daniel concordou, grato pela cabeça de seu amigo. Ainda assim, não estava pronto para permitir que Chervil abandonasse seu medo. Com um beijo rápido no topo da cabeça de Anne, Daniel levantou-se.

—Posso? — Disse a Hugh, estendendo sua mão.

—Eu a recarreguei. — Hugh disse, entregando-lhe sua arma.

—Sabia que faria isso. — Daniel murmurou e caminhou até George.

—Você disse que não iria me matar!— George gritou.

—Não vou. —Afirmou Daniel. —Não hoje, pelo menos. Mas se você chegar perto da

Colina Whipple novamente, vou te matar.

George acenou furiosamente.

—Na verdade. — Continuou Daniel, descendo e pegando a faca que Hugh tinha chutado para ele. — Se você estiver em qualquer lugar perto de Londres, vou te matar.

—Mas eu vivo em Londres!

—Você não vive mais. Marcus limpou a garganta.

—Tenho que dizer que não o quero perto de Cambridgeshire.

Daniel olhou para seu amigo, deu-lhe um aceno de cabeça, em seguida, virou-se para Chervil. —Se você chegar perto de Cambridgeshire, *ele* vai te matar.

—Se eu pudesse fazer uma sugestão. — Hugh disse suavemente. —Talvez seja mais fácil para todos os envolvidos se estender a proibição a toda as Ilhas Britânicas.

—O que?— George chorou. —Você não pode.

—Ou nós poderíamos matá-lo. — Disse Hugh. Ele olhou para Daniel. —Você poderia oferecer a ele conselhos sobre a vida na Itália, não poderia?

—Mas não sei italiano. — George choramingou.

—Você vai aprender. — Hugh agarrou.

Daniel olhou para a faca em suas mãos. Estava perigosamente afiada. E esteve a uma polegada de distância da garganta de Anne.

—Austrália. — Disse ele firmemente.

—Certo. — Disse Marcus, levantando George. —Vamos cuidar dele?

—Por favor.

—Vamos levar seu carro. — Disse Hugh. E então deu um raro sorriso. —Aquele com o chifre de unicórnio.

—O unicórnio... — Anne repetiu em confusão e se virou para Daniel. —Frances?

—Ela salvou o dia.

—Então ela está ilesa? Eu tive que empurrá-la do carro e eu...

—Ela está bem. — Assegurou Daniel, parando por um momento para olhar Hugh e Marcus despedirem-se e arrastarem Chervil. —Um pouco suja, e eu acho que minha tia pode ter perdido cinco anos de vida, mas ela está bem, uma vez que ver você. — Mas ele não pode terminar. Anne começou a chorar.

Daniel imediatamente ajoelhou-se a seu lado, puxando-a para perto.

—Está tudo bem. — Ele murmurou. —Tudo vai ficar bem. Anne balançou a cabeça.

—Não, não vai. — Ela olhou para cima, os olhos brilhando de amor. —Vai ficar muito melhor.

—Eu amo você. — Disse. Ele tinha uma sensação de que diria isso com frequência. Para o resto de sua vida.

—Eu também te amo.

Ele pegou sua mão e levou-a aos lábios.

—Quer se casar comigo?

—Eu já disse que sim. — Disse ela com um sorriso curioso.

—Eu sei. Mas eu queria perguntar de novo.

—Então aceito de novo.

Ele a puxou para perto, a necessidade de senti-la em seus braços.

—Nós provavelmente deveríamos descer. Todo mundo está preocupado. Ela assentiu com a cabeça, o rosto encostado levemente contra seu peito.

—Minha mãe está no carro, minha tia...

—Sua mãe?— Anne gritou, afastando-se. —Oh, Meu Deus, o que ela deve pensar de mim?

—Que é surpreendente, adorável, e que vai dar a ela muitos netos se ela for boa para você.

Anne sorriu maliciosamente.

—Se *ela* for boa para mim?

—Bem, não é preciso dizer que eu vou ser muito bom para você.

—Quantas crianças você imagina? Daniel sentiu sua alma crescer.

—Um bocado, imagino.

—Teremos que ser mais diligentes.

Ele tentou manter uma expressão séria.

—Sou um sujeito muito trabalhador.

—É uma das razões pelas quais amo você. — Ela tocou seu rosto. —Uma das muitas razões.

—Muitas, hein?— Ele sorriu. Não, já estava sorrindo. Mas talvez agora ele estivesse sorrindo um pouco mais. —Centenas?

—Milhares. — Ela confirmou.

—Poderia solicitar que enumerasse todas.

—Agora?

E quem disse que as mulheres eram as únicas que gostavam de receber elogios? Ele estava mais do que feliz em sentar e a ouvir dizer coisas lindas sobre ele.

—Talvez apenas as cinco primeiras. — Ele disse.

—Bem... — Ela fez uma pausa. E fez uma pausa.

Ele deu-lhe um olhar seco.

—É realmente muito difícil chegar a cinco?

Seus olhos estavam tão abertos e inocentes que ele quase acreditou quando ela disse.

—Oh, não, é apenas um desafio escolher as minhas partes favoritas.

—Ao acaso, então. — Ele sugeriu.

—Muito bem. — Sua boca contorceu-se de lado como ela pensava. — Seu sorriso. Adoro o seu sorriso.

—Adoro o seu sorriso também!

—Você tem um adorável senso de humor.

—Você também!

Ela deu-lhe um olhar severo.

—Não evitar se você possui todas as boas razões. — Disse ele.

—Você não *tocar* um instrumento musical. Ele olhou para ela sem entender.

—Como o resto de sua família. — Explicou. — Eu só não sei se eu poderia suportar ter que ouvir você praticar.

Ele se inclinou para frente com uma inclinação de cabeça.

—O que faz você pensar que eu não toco um instrumento?

—Você não toca!— Ela suspirou e ele quase pensou que ela poderia estar pronta para reconsiderar seu pedido de casamento.

—Não toco. — Ele confirmou. —O que não quer dizer que não tenha tomado lições.

Ela olhou para ele interrogativamente.

—Os meninos da família não são obrigados a continuar as aulas uma vez que saem para a escola. A menos que eles mostrem talento excepcional.

—Algum mostrou talento excepcional?

—Nenhum. — Disse ele alegremente. Ele se levantou e estendeu a mão. Era hora de ir para casa.

—Eu não lhe dei as duas últimas razões. — Ela disse, deixando que ele a ajudasse a se levantar.

—Oh, você pode me dizer mais tarde. —Disse ele. —Nós temos muito tempo.

—Mas só pensei em mais uma.

Ele virou-se com uma sobrancelha interrogativa.

—Você diz isso como se fosse um grande esforço.

—Na verdade é mais um momento. — Disse ela.

—Um momento?

Ela assentiu com a cabeça, seguindo-o para fora da porta para o corredor.

—Na noite em que nos conhecemos. Estava preparada para deixá-lo, você sabe.

—Machucado e sangrando?— Ele tentou um ar de indignação, mas pensou que seu sorriso arruinava o efeito.

—Eu perderia meu emprego se fosse pega com você e fiquei presa naquele armário só Deus sabe quanto tempo. Eu realmente não tinha tempo para ajudar a curar suas feridas.

—Mas você ajudou.

—Sim. — Disse ela.

—Por causa do meu sorriso encantador e adorável senso de humor?

—Não. — Ela disse claramente. —Foi por causa de sua irmã.

—Honoraria?— Ele perguntou surpreso.

—Você estava a defendendo. — Disse ela com um encolher de ombros impotente. — Como eu poderia abandonar um homem que defendia a sua irmã?

Para vergonha de Daniel, seu rosto ficou quente.

—Bem, alguém tinha que fazer isso. — Ele murmurou.

Na metade da escada, Anne exclamou.

— Oh, pensei em outra! Quando estávamos ensaiando com Harriet. Você *teria* sido o javali se ela tivesse pedido.

—Não, não teria.

Ela bateu em seu braço.

—Sim, teria!

—Muito bem, teria sido. — Ele mentiu. Ela olhou para ele astutamente.

—Você acha que está dizendo isso só para me acalmar, mas eu sei que você teria sido o javali.

Meu Deus era como se fossem um velho casal já.

—Oh, pensei em outra!

Ele olhou para ela, os olhos brilhantes, tão cheios de amor, esperança e promessa.

—Duas, na verdade. — Disse ela.

Ele sorriu. Não conseguia pensar em milhares.

Epílogo



Outro ano, outro musical Smythe-Smith...

—Acho que Daisy poderia dar um passo para a direita. — Daniel murmurou no ouvido de sua esposa. —Sarah parece como se pudesse morder a cabeça dela.

Anne lançou um olhar nervoso para Sarah, que, tendo utilizado a única desculpa possível no ano anterior, estava de volta no palco, ao piano...

Assassinando as notas.

Anne só podia deduzir que ela decidiu ser preferível a fúria miséria abjeta. Só Deus saberia se o piano iria sobreviver a esse encontro.

Pior era Harriet, que foi recrutada naquele ano para substituir Honoria, que, como a nova Lady Chatteris, já não tinha que se apresentar.

Casamento ou morte. Essas eram as opções de fuga, Sarah severamente disse a Anne no dia anterior, quando Anne parou para ver como os ensaios estavam acontecendo.

A morte de quem, Anne não tinha certeza. Quando Anne chegou, Sarah tinha de alguma forma pego o arco de violino de Harriet e estava brandindo-o como uma espada. Daisy estava gritando, Iris estava murmurando e Harriet ofegava de prazer ao pensar que poderia escrever uma peça no futuro com todas estas atividades.

—Por que Harriet fala sozinha? — Daniel perguntou, sua voz sussurrada trazendo Anne de volta para o aqui e agora.

—Ela não sabe ler as músicas.

—O que?

Várias pessoas olharam, incluindo Daisy, cujo brilho só poderia ser descrito como homicida.

—O que? — Daniel repetiu, agora mais calmo.

—Ela não sabe ler música. — Anne sussurrou de volta, mantendo os olhos educadamente sobre o concerto. —Ela me disse que nunca foi capaz de aprender. Ela tem Honoria para escrever as notas e então as memoriza. —Ela olhou para Harriet, que estava falando as notas de forma tão clara que mesmo os convidados na fila de trás, certamente percebiam que ela falava, ou melhor, tentava.

—Por que não podia simplesmente ler as letras que Honoria escreveu para ela?

—Eu não sei. — Admitiu Anne. Ela sorriu encorajando Harriet, que sorriu de volta.

Ah, Harriet. Realmente tinha que amá-la. E Anne amava, ainda mais agora que era um membro da família. Ela adorava ser as Smythe-Smith. Ela adorava o barulho e o fluxo constante das primas em sua sala de estar, e como adoravelmente todas trataram a sua irmã Charlotte, quando ela apareceu para uma visita no início da primavera.

Mas acima de tudo, ela adorava ser uma Smythe-Smith que *não* tinha que se apresentar no musical. Porque ao contrário do resto do público, que gemia e reclamava, Anne podia ouvir claramente ao seu redor, ela sabia a verdade.

Era muito, muito pior estar no palco do que nos bancos. Embora...

—Não consigo perder todo o carinho que sinto pela apresentação. — sussurrou para Daniel.

—Sério?— Ele estremeceu quando Harriet fez algo indescritível com seu violino.

—Porque não consigo perder todo o carinho que sinto por minha audição.

—Mas sem o musical, nunca nos conheceríamos. — ela o lembrou.

—Ah, acho que eu teria encontrado você.

—Mas não em uma noite como esta.

—Não. — Ele sorriu e pegou a mão dela. Era incrivelmente terno e não era o que os casais deveriam fazer em público, mas Anne não se importava. Ela entrelaçou os dedos através dos dele e sorriu. E já não importava que Sarah estivesse batendo nas teclas do piano ou que Harriet estivesse recitando suas notas tão alto que a primeira fila da plateia podia ouvi-la falar.

Ela tinha Daniel e estava segurando sua mão. Isso era realmente tudo o que importava.

A Série – Quarteto Smythe-Smith

Livro 1 – Assim Como o Céu



Honorina Smythe-Smith é parte do famoso quarteto musical Smythe-Smith, embora não se engane e saiba que o dito quarteto carece sequer do menor sentido musical e tem esperanças postas que esta seja a última vez que se submeta a semelhante humilhação. Esta será sua temporada e com um pouco de sorte conseguirá um marido.

Durante um jantar, põe seus olhos em Gregory Bridgerton, um dos mais jovens da família Bridgerton. Sabe que não está apaixonada, mas ele parece uma opção mais que válida.

Marcus Holroyd é o melhor amigo do irmão de Honorina, Daniel, que vive exilado na Itália. Ele prometeu olhar por ela e leva suas responsabilidades muito seriamente. Odeia Londres e durante toda a temporada, permaneceu vigilante e intermediou quando acreditava que o pretendente não era o adequado.

Honorina e Marcus compartilham uma amizade, pouco atípica, fruto dos anos que se conhecem e que o torna parte da família. Entretanto, um desafortunado acidente faz que ambos repensem sua relação e encontrem a maneira de confrontar o que surge entre eles, se tiverem coragem suficiente.

HONORINA SMYTHE-SMITH

- a) É verdadeiramente uma má violinista.
- b) Ainda se incomoda de que a chamassem de Percevejo quando era uma menina.
- c) NÃO está apaixonada pelo melhor amigo de seu irmão mais velho.
- d) Todas as alternativas anteriores.

MARCUS HOLROYD

- a) É o Conde de Chatteris.
- b) É infelizmente propenso a torcer um tornozelo.

- c) NÃO está apaixonado pela irmã mais nova de seu melhor amigo.
- d) Todas as alternativas anteriores.

JUNTOS ELES:

- a) Comem enormes porções de bolo de chocolate.
- b) Sobrevivem a uma febre mortal e a pior noite musical do mundo.
- c) Apaixonam-se desesperadamente.

Livro 2 – Uma Noite Como Esta



ANNE WYNTER PODE NÃO SER QUEM ELA DIZ QUE É...

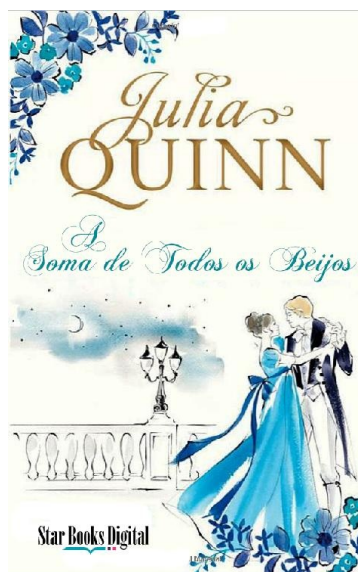
Mas ela está se saindo muito bem como governanta de três bem nascidas jovens damas. Seu trabalho pode ser um desafio; em uma única semana ela se encontra escondida em um armário cheio de tubas, brincando de rainha má em um jogo que poderia ser uma tragédia (ou poderia ser uma comédia, ninguém sabe), e com tendência a ferir o oh-tão-arrojado Conde de Winstead. Depois de anos se esquivando de avanços indesejados, ele é o primeiro homem que verdadeiramente a tenta, e está ficando cada vez mais difícil se lembrar de que uma governanta não tem nada que flertar com um nobre.

DANIEL SMYTHE-SMITH PODE ESTAR EM PERIGO MORTAL...

Mas isso não vai impedir o jovem conde de se apaixonar. E enquanto ele espia uma mulher misteriosa no musical anual de sua família, ele promete persegui-la, mesmo que isso signifique passar seus dias com um menino de dez anos de idade que pensa que ela é um unicórnio.

Porém, Daniel tem um inimigo, aquele que jurou vê-lo morto. E quando Anne fica em perigo, nada irá detê-lo até que garanta o seu final feliz.

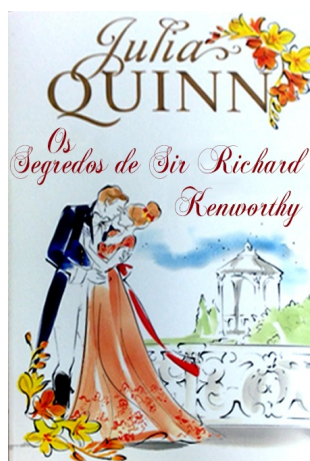
Livro 3 - A Soma de Todos os Beijos



Sarah Pleinsworth não consegue perdoar Hugh Prentice pelo duelo que travou há três anos e que quase destruiu sua família, resultando na fuga de seu primo e deixando o próprio Hugh com uma perna gravemente ferida.

Tudo bem que Hugh não podia tolerar as maneiras dramáticas de Sarah. Mas quando os dois são forçados a passar uma semana juntos, acham que os beijos inesperados e a paixão mútua, poderiam fazê-los mudar de ideia...

Livro 4 – Os Segredos de Sir Richard Kenworthy (Não Traduzido)



Sir Richard Kenworthy tem menos de um mês para encontrar uma noiva. Ele sabe que não pode ser muito exigente, mas quando vê Iris Smythe-Smith que se esconde atrás de seu violoncelo no musical infame de sua família, ele acha que poderia ser a noiva perfeita. Ela é o tipo de garota que você não percebe até a segunda ou terceira olhada, mas há algo sobre ela, algo fervendo sob a superfície, e ele sabe que ela é a única.

Iris Smythe-Smith está acostumado a ser subestimada. Com seu cabelo claro e tranquilo, sagacidade tende a misturar-se, e ela gosta desse jeito. Richard Kenworthy exige por isso, quando ela é introduzida, ela é suspeita. Ele flerta, ele encanta, ele dá a cada impressão de um homem se apaixonar, mas ela não consegue acreditar que é tudo verdade. Quando sua proposta de casamento transforma-se em uma posição comprometedoramente forçada o problema, ela não pode deixar de pensar que ele está escondendo alguma coisa. Mesmo que seu coração lhe diz para dizer sim.

A Autora



Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 8 milhões de exemplares vendidos, sendo 3,5 milhões da série Os Bridgertons. É formada pelas universidades Harvard e Radcliffe. Seus livros já entraram na lista de mais vendidos do The New York Times e foram traduzidos para 26 idiomas. Foi a autora mais jovem a entrar para o Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos, e atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

[Star Books Digital](http://starbooksdigital.blogspot.com.br)



[\[1\]](#) Adeus em italiano.

[\[2\]](#) Bom dia em italiano.

[\[3\]](#) Significa creme do creme em francês, que se refere o que há de melhor da nobreza inglesa.

[\[4\]](#) Punch e Judy é um tradicional e popular fantoche show com o Sr. Punch e sua esposa, Judy. O desempenho é composto de uma sequência de cenas curtas, cada uma representando uma interação entre dois personagens. Ela é frequentemente associada com a tradicional cultura costeira Inglesa.

[\[5\]](#) Ela esta se referindo á Torre de Pisa (que fica na cidade italiana de Pisa) e parece que vai cair por ser inclinada.

[\[6\]](#) Rotten Row é uma faixa ampla correndo para 1.384 metros ao longo do lado sul de Hyde Park , em Londres.

[\[7\]](#) Instrumento de madeira longo e pesado. Possui um som tão grave que pode parecer um tanto desfocado e sujo, porém, nas mãos dos melhores músicos, produz um som como o de órgão junto à orquestra.

[\[8\]](#) Cidade que também é conhecida pelo nome de “Heath”

Table of Contents

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

[A Série - Quarteto Smythe-Smith](#)

[A Autora](#)

[Star Books Digital](#)